O Sol é Para Todos



Harper Lee

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

O Sol é Para Todos



Harper Lee



Título original: *To Kill a Mockingbird*
©1960 by **Harper Lee** (1926-)

Dedicado ao Sr. Lee e a Alice,

em consideração pelo Amor e Afeto

Suponho que os advogados já foram, um dia, crianças.

__Charles Lamb

Parte um



I

QUANDO ESTAVA PRESTES a completar treze anos, o meu irmão Jem fraturou gravemente o braço na região do cotovelo. Quando se recuperou, os seus receios de nunca mais poder voltar a jogar futebol foram postos de lado tão depressa quanto se esqueceu da sua lesão. Porém, o seu braço esquerdo ficara um tanto ou quanto mais curto do que o direito; quando estava parado, de pé, ou caminhando, a palma da sua mão ficava perpendicular ao corpo, com o polegar paralelo à coxa. Mas isso não o incomodava, desde que conseguisse fazer passes e lançamentos.

Passados os anos suficientes para que os pudéssemos reviver com algum distanciamento, falávamos de vez em quando dos acontecimentos que tinham dado origem ao acidente. Eu continuo a achar que foram os Ewells que começaram tudo, mas o Jem, que era quatro anos mais velho do que eu, disse que tudo começou muito tempo antes. De fato, disse que tudo começara naquele Verão em que o Dill apareceu por estas bandas, da primeira vez que ele sugeriu que tentássemos obrigar o Boo Radley a sair e casa.

Aí eu lhe disse que se quiséssemos ter uma visão mais ampla da questão, então teríamos de recuar até à época do presidente Andrew Jackson. Se o general Jackson não tivesse decidido expulsar a tribo Creek dos seus territórios rio acima, o Simon Finch jamais teria vindo parar o Alabama. E então, onde é que nós estaríamos neste momento? Como já éramos demasiado crescidos para recorrermos aos punhos para resolver uma discussão, decidimos consultar o Atticus. E o nosso pai disse que ambos tínhamos razão.

Como Sulistas, era motivo de vergonha para alguns membros da família não termos conhecimento de qualquer familiar nosso que tivesse estado envolvido numa das facções da batalha de Hastings.

Sendo assim, apenas nos restava Simon Finch, um boticário negociante de peles da Cornualha, cuja piedade só era excedida pela sua usura. Na Inglaterra, Simon sentira-se deveras irritado ante a perseguição movida a quem se proclamava Metodista pelos seus irmãos mais liberais, e como Simon se considerava um Metodista, tratou de atravessar o Atlântico rumo a Filadélfia, daí para a Jamaica, daí para Mobile, até chegar a Saint Stephens. Consciente da censura de John Wesley sobre o uso excessivo de papo estéril na compra e na venda, Simon fez fortuna com a prática da medicina, mas sentia-se muito infeliz

nesta sua busca ante o medo de cair na tentação de exercer o seu ofício, não pela Glória de Deus, mas pela futilidade do ouro e pelo luxo e ostentação do vestuário. Deste modo, Simon, ignorando por completo a avaliação formal do seu professor sobre a posse de bens humanos, acabou por comprar três escravos e, com a sua ajuda, construiu uma propriedade nas margens do rio Alabama, uns 70 km acima de Saint Stephens. Só voltou mais uma vez a Saint Stephens, desta feita para arranjar uma mulher e com ela estabelecer uma linhagem em que predominavam apenas moças. Simon viveu até uma idade considerável e morreu rico.

Era costume os homens da família permanecerem na propriedade de Simon, chamada Fazenda Finch, ganhando a vida com o algodão. O local era auto-suficiente: modesto em comparação com aqueles que o rodeavam, embora a Fazenda produzisse tudo o que é essencial à vida, exceto gelo, farinha de trigo e artigos de vestuário, que eram fornecidos pelos barcos provenientes de Mobile.

Simon teria certamente acompanhado com fúria impotente os distúrbios entre o Norte e o Sul, dado que este conflito despojou os seus descendentes de tudo o que tinham, exceto a sua terra.

No entanto, a tradição de viver da terra manteve-se inabalável até o século XX, altura em que o meu pai, Atticus Finch, foi para Montgomery estudar Direito e o seu irmão mais novo para Boston, estudar Medicina. A irmã deles, Alexandra, foi a única Finch que permaneceu na Fazenda: casou com um homem taciturno, que passava a maior parte do seu tempo deitado junto ao rio numa rede, imaginando se as suas redes de pesca estariam cheias ou não.

Quando o meu pai concluiu a sua licenciatura, regressou a Maycomb e começou a exercer advocacia. Maycomb, que se situava aproximadamente 30 km a leste da Fazenda Finch, era a sede de condado de Maycomb County. O gabinete de Atticus no tribunal continha pouco mais que um cabide para chapéus, um escarrador, um tabuleiro de damas e um Código Civil do Alabama novinho em folha. Os seus dois primeiros clientes foram as duas últimas pessoas a ser enforcadas na cadeia de Maycomb County. Atticus tinha procurado convencê-los a aceitar a generosidade estadual, permitindo-lhes declararem-se culpados de homicídio em segundo grau e escapar com vida, só que eles eram Haverfords, apelido este que, em Maycomb County, era sinônimo de estupidez. Os Haverfords haviam assassinado o mais importante ferreiro de Maycomb num mal-entendido alegadamente proveniente da má ferragem de uma égua. Só que foram imprudentes ao ponto de cometerem o crime na presença de três testemunhas e, mesmo assim, insistiam que «o-fato-de-o-filho-da-mãe-ter-atirado-neles» era por si só um bom argumento de defesa para qualquer um. Teimavam em alegar que estavam INOCENTES de homicídio em primeiro grau,

por isso ao Atticus nada mais restava fazer pelos seus clientes do que estar presente na sua última e derradeira viagem, uma ocasião que teria, porventura, despertado o seu profundo desgosto pela prática do direito criminal.

Ao longo dos seus primeiros cinco anos em Maycomb, Atticus exerceu acima de tudo Economia; depois, durante os anos subsequentes, decidiu investir os seus rendimentos na educação do irmão.

John Hale Finch era dez anos mais novo que o meu pai e decidiu optar pela Medicina num momento em que o algodão não estava rendendo; porém, só depois de dar uma mãozinha ao tio Jack é que Atticus começou a tirar um lucro razoável da advocacia. Nascido e criado em Maycomb, gostava de lá, conhecia a sua gente, eles conheciam-no e, devido à prole de Simon Finch, Atticus era parente de sangue ou por casamento de quase todas as famílias da cidade.

Maycomb era uma cidade velha, mas quando a conheci era uma cidade velha e cansada. Com o tempo chuvoso as ruas transformavam-se em lodo avermelhado; mato crescia nas calçadas e o velho tribunal vergava-se sobre a praça. Seja como for, naquela época o tempo era bem mais quente: qualquer cão preto penava num dia de Verão; perante o calor sufocante, as mulas escanzeladas aparelhadas às carroças modelo Hoover sacudiam as moscas à sombra dos carvalhos existentes na praça. Lá pelas nove da manhã os colarinhos bem engomados dos homens já perdiam a goma. As senhoras tomavam banho antes do meio-dia, depois da *siesta* das três e ao anoitecer eram como biscoitos de manteiga cobertos com gotículas de suor e pó de talco perfumado.

Naqueles tempos as pessoas deslocavam-se lentamente. Perambulavam pela praça, ora entrando, ora saindo das lojas à sua volta, ocupando o tempo com quase tudo. O dia tinha vinte e quatro horas, mas parecia ser bem mais longo. Não havia pressa, porque não havia nenhum local para onde ir, nada para comprar e nenhum dinheiro com que comprar, nada para ver além dos limites de Maycomb County. Mas, para alguns, eram tempos de vago otimismo: isto porque alguém dissera recentemente que Maycomb County nada tinha a temer, exceto o próprio medo.

Vivíamos na principal rua residencial da cidade: o Atticus, o Jem e eu, mais a Calpurnia, a nossa cozinheira. Eu e o Jem achávamos o nosso pai razoável: ele brincava conosco, lia para nós e nos tratava com um distanciamento cortês.

Pelo contrário, a Calpurnia já era uma outra história. Era toda ângulos e ossos; era míope; estrábica; a sua mão era grande como uma trave e duas vezes mais dura. Estava constantemente me mandando sair da cozinha, me perguntando por que é que não me comportava tão bem como o Jem, quando ela sabia perfeitamente que ele era o mais velho e, além disso, tinha sempre a mania de me chamar para casa nos piores momentos. As nossas guerras eram épicas e

unilaterais. Ela vencia sempre, principalmente porque o Atticus tomava sempre o seu partido. Estava conosco desde que o Jem tinha nascido e eu sentia a despótica presença dela desde quando me lembrava de mim.

Eu tinha dois anos quando a nossa mãe morreu, por isso nunca senti a sua ausência. Era uma Graham de Montgomery. O Atticus conheceu-a quando foi eleito pela primeira vez para a comissão legislativa do estado. Ele era um homem de meia-idade, enquanto ela era quinze anos mais nova. Jem era o fruto do seu primeiro ano de casamento; quatro anos mais tarde eu nasci e dois anos depois a nossa mãe morreu de um súbito ataque cardíaco. Disseram que era hereditário. Não senti a falta dela, mas penso que o Jem sentiu, e bastante. Ele se lembrava perfeitamente dela e às vezes, no meio de um jogo, começava a dar suspiros e, em seguida, saía e ia jogar sozinho atrás da garagem. Mal ele começava assim, eu já sabia que não o devia importunar.

Quando eu tinha quase seis anos e o Jem uns dez, as fronteiras do nosso Verão (mas sempre ao alcance do grito da Calpurnia) limitavam-se à casa da Sra. Henry Lafayette Dubose, duas portas ao norte, e à Casa dos Radley, três portas ao sul. Nunca nos tínhamos atrevido a ultrapassá-las. A Casa dos Radley era habitada por uma entidade desconhecida cuja descrição era suficiente para nos fazer andar bem comportados dias a fio; quanto a Sra. Dubose, ela era um verdadeiro inferno.

Foi nesse Verão que conhecemos o Dill.

Certa (manhã, bem cedinho, quando estávamos começando as nossas brincadeiras no pátio dos fundos, eu e o Jem ouvimos alguma coisa na horta da Srta. Rachel Haverford. Dirigimo-nos à cerca de arame para ver se do outro lado já havia algum cachorrinho (a terrier da Srta. Rachel estava prenhe), mas em vez disso encontramos uma pessoa sentada olhando para nós. Sentado, ele não era muito maior do que as couves. Ficamos olhando para ele até que ele disse:

— Olá!

— Olá pá ti tam’em — disse o Jem educadamente.

— Chamo-me Charles Barker Harris — disse ele. — E sei ler.

— Sim, e daí? — retrucou o Jem.

— Pensei que gostariam de saber que sei ler. Se quiserem qu’eu leia qualquer coisa, é só dizer...

— Quantos anos tem — perguntou o Jem — quatro e meio?

— Tou quase fazendo sete.

— Então e daí? — disse o Jem, fazendo um sinal com o polegar na minha direção.

— A Scout ali lê desde que nasceu e ainda nem sequer vai na escola.

Para quem vai fazer sete anos me parece muito pequeno.

— Sou pequeno, mas já tenho alguma idade — respondeu ele.

O Jem puxou o cabelo para trás para ver melhor.

— Por que é que não vem conosco, Charles Barker Harris? — perguntou. — Meu Deus, mas que nome!

— É tão esquisito com'o teu. A minha tia Rachel diz que o teu nome é Jeremy Atticus Finch.

O Jem franziu a sobrancelha.

— Eu pelo menos tenho tamanho suficiente para o meu nome! — disse. — O teu nome é maior que 'ocê. P'ra mais dum metro.

— Os meus amigos chamam-me Dill — disse o Dill, tentando passar por baixo da cerca.

— Seria melhor 'ce passar por cima e não por baixo — eu disse. — Donde é que 'ocê vem?

O Dill era de Meridian, Mississipi, e estava passando o Verão com a sua tia, a Srta. Rachel, e a partir de agora viria passar todos os Verões em Maycomb. A sua família era originalmente oriunda de Maycomb County. A mãe dele trabalhava para um fotógrafo em Meridian e tinha enviado uma fotografia de Dill para um concurso de beleza infantil e ganho cinco dólares. Depois, deu o dinheiro ao Dill, que, à custa dele, foi ao cinema vinte vezes.

— Nós aqui não temos cinema, exceto às vezes quando alguns filmes bíblicos passam no tribunal — referiu o Jem. — Já viu alguma coisa legal?

O Dill já tinha visto o *Drácula*, uma revelação que fez com que o Jem começasse a vê-lo com um pouco mais de respeito.

— Conte p'ra nós! — pediu-lhe.

O Dill era um bocado estranho. Usava uns calções azuis de linho abotoados até à camisa, o cabelo era branco como a neve e colado à cabeça como a penugem de um pintinho; era um ano mais velho do que eu, mas eu era mais alta do que ele. À medida que ia nos contando aquela história antiga, os seus olhos ora clareavam, ora escureciam; o seu riso era instantâneo e feliz e tinha por hábito puxar para trás uma mecha de cabelo que tinha bem no centro da testa.

Quando o Dill reduziu o *Drácula* a cinzas, e o Jem disse que o relato parecia melhor do que o livro, perguntei ao Dill onde estava o pai dele:

— Ainda não disse palavra alguma sobre ele.

— Não tenho pai.

— Morreu?

— Não...

— Então se não morreu, tem pai, não tem?

O Dill corou e o Jem mandou-me fechar a boca, um sinal óbvio de que o Dill tinha passado no teste e sido aceite. Daí em diante o Verão passou num

contentamento rotineiro. Por contentamento rotineiro entendíamos: melhorar a nossa casa da árvore, suspensa no pátio entre duas gigantescas cerejeiras, preocuparmo-nos com coisas insignificantes, percorrer a nossa lista de dramatizações baseadas nos trabalhos de Oliver Optic, Victor Appleton e Edgar Rice Burroughs.

Nesta matéria tínhamos sorte em ter o Dill. Era ele que agora desempenhava as personagens que antes me eram atribuídas — o macaco de *Tarzan*, o Sr. Crabtree de *The Rover Boys*, o Sr. Damon de *Tom Swift*.

Foi assim que ficamos conhecendo o Dill como uma espécie de Merlin em miniatura, cuja imaginação fervilhava de planos excêntricos, estranhos desejos e bizarras fantasias.

No entanto, no final de Agosto, o nosso repertório estava gasto de tantas e incontáveis representações e foi aí que o Dill nos deu a ideia de tentarmos despertar o Boo Radley.

Dill estava fascinado pela Casa dos Radley. Apesar dos nossos avisos e explicações, atraía-o como a Lua atrai a água, só que não o atraía além do poste de eletricidade da esquina, algo que se podia considerar como a margem de segurança para o portão dos Radley. E ali ficava ele, abraçado ao poste gordo, olhando e imaginando.

A Casa dos Radley erguia-se numa curva apertada perto da nossa casa. Caminhando para sul, via-se a sua varanda; a calçada contornava-a e estendia-se ao longo do terreno. Esta casa térrea fora outrora branca e tivera uma vasta varanda frontal com portadas verdes. Mas há muito que tinha escurecido até se transformar naquele tom cinzento-escuro que a envolvia. As telhas apodrecidas pela chuva debruçavam-se sobre as calhas da varanda; os carvalhos impediam a entrada do sol. Os restos de uma cerca para prender os animais guardavam, meio ébrios, o pátio da frente — a chamada «sala de visitas»[1] que nunca recebia ninguém — onde cresciam em abundância sorgos bravos e perpétuas.

Dentro da casa vivia um fantasma malévolo. As pessoas diziam que existia, embora eu e o Jem nunca o tivéssemos visto. Diziam que saía nas noites em que a lua estava baixa e punha-se a espreitar às janelas. Quando, de um momento para o outro, as azaleias de alguém congelavam, era sinal de que ele tinha estado respirando ali perto. Todos os pequenos crimes furtivos cometidos em Maycomb eram obra dele. Certo dia a cidade acordou aterrorizada por uma série de mórbidos acontecimentos noturnos: as galinhas e os animais domésticos tinham aparecido mutilados; apesar de o acusado ser o Addie «Tonto», que mais tarde acabaria por se afogar em *Barker's Eddy*, verdade é que as pessoas continuavam olhando para a Casa dos Radley, renitentes em abandonar as suas suspeitas iniciais.

Era certo e sabido que um negro jamais se atreveria a passar perto da Casa dos Radley durante a noite; atravessaria para a outra calçada e começaria a assobiar à medida que ia caminhando. As instalações da escola de Maycomb eram contíguas aos fundos do terreno dos Radley; as enormes nogueiras do quintal dos Radley deixavam cair os seus frutos no pátio da escola, mas as crianças não tocavam nas nozes: as nozes dos Radleys matam, dizia-se. Uma bola de beisebol que fosse parar ao pátio dos Radley era considerada uma bola perdida e ninguém fazia mais perguntas.

A miséria daquela casa começara muito antes de eu e o Jem termos nascido. Os Radleys, gente bem-vista em qualquer parte da cidade, guardavam para si próprios uma das predileções mais imperdoáveis de Maycomb. Em vez de irem à igreja, que era o principal divertimento de Maycomb, rezavam em casa. A Sra. Radley raramente atravessava a rua para ir tomar o seu cafezinho no meio da manhã com as vizinhas, se é que alguma vez o fez, e verdade é que também nunca se juntou a qualquer círculo missionário de caridade. Diariamente, lá pelas onze e meia da manhã, o Sr. Radley ia à cidade e voltava ao meio-dia em ponto, por vezes carregando um saco castanho de papel, que a vizinhança considerava como sendo as compras da mercearia. Nunca soube como é que o velho Sr. Radley ganhava a vida — o Jem disse que ele «comprava algodão», uma forma gentil de dizer que ele não fazia nada — mas verdade é que o Sr. Radley e a mulher viviam ali com os dois filhos desde sempre.

As portadas e as portas da casa dos Radley eram fechadas aos domingos, outra coisa deveras estranha face aos costumes de Maycomb: fechar as portas só podia significar uma de duas coisas, doença ou tempo frio. De entre todos os dias, o domingo era o dia das visitas formais vespertinas: as senhoras usavam espartilhos, os homens usavam casaco, as crianças usavam sapatos. Porém, subir os degraus da frente da casa dos Radley e dizer «Viva!» num domingo à tarde, foi coisa que os vizinhos nunca fizeram. A Casa dos Radley nem sequer tinha portas de rede. Uma vez perguntei ao Atticus se alguma vez tinha tido e ele respondeu-me que sim, mas muito antes de eu nascer.

Segundo a lenda do bairro, quando o filho mais novo dos Radley era adolescente, tornou-se amigo de alguns Cunninghams de Old Sarum, uma enorme e destabilizadora tribo domiciliada na parte norte do país, e decidiram formar a coisa mais parecida com uma gangue, que até então se tinha visto em Maycomb. Faziam pouco, mas o suficiente para andarem nas bocas de todo o mundo e serem avisados publicamente em três sermões diferentes: os seus tempos de ócio eram ocupados em volta da barbearia; aos domingos iam de ônibus até Abottsville para ver uns filmes; frequentavam os bailes do Dew-Drop Inn & Fishing Camp, o salão de jogos do condado junto ao rio; tentavam

produzir uísque ilegal. Ninguém em Maycomb tinha coragem suficiente para dizer ao Sr. Radley que o seu filho andava com más companhias.

Certa noite, num súbito ataque de «euforia etílica», os rapazes deram umas voltas na praça num calhambeque «emprestado», resistiram à tentativa de prisão do antigo oficial de justiça de Maycomb, o Sr. Conner, e trancaram-no nos anexos do tribunal. A cidade decidiu que devia de ser tomada alguma medida; o Sr. Conner disse que conhecia todos e cada um dos rapazes, e estava certo e determinado a não os deixar escapar impunes por tais ações. Assim sendo, os rapazes foram levados a presença do juiz do Tribunal de Família sob a acusação de conduta desordeira, de perturbação da paz, insultos e agressões, uso abusivo e profano de linguagem na presença e ao alcance de uma pessoa do sexo feminino. O juiz perguntou ao Sr. Conner o porquê de ter incluído a última queixa; o Sr. Conner comentou que eles tinham praguejado tão alto que, de certeza, todas as mulheres de Maycomb os tinham ouvido. O juiz decidiu mandar os rapazes para um reformatório, local para onde os rapazes eram às vezes enviados, somente porque lá tinham um teto e comida: não era nenhuma prisão, nem nenhuma vergonha. Só que o Sr. Radley não partilhava desta opinião. Se o juiz libertasse o Arthur, o Sr. Radley se encarregaria de o manter livre de apuros. O juiz, sabendo que o Sr. Radley era um homem de palavra, libertou-o de boa vontade.

Os outros rapazes permaneceram no reformatório e receberam a melhor educação que aquele estado tinha para oferecer ao nível do secundário; um deles até conseguiu continuar os estudos na escola de engenharia de Auburn. E foi assim que as portas da Casa dos Radley se fecharam nos dias de semana e aos domingos também.

E durante quinze anos ninguém tornou a ver o filho do Sr. Radley.

Foi então que chegou o dia, um pouco turvo na memória do Jem, em que o Boo Radley foi visto e ouvido por várias pessoas, menos o meu irmão. Ele me disse que o Atticus nunca falava muito sobre os Radley: quando o Jem lhe colocava alguma questão sobre eles, o Atticus apenas lhe respondia para ele se meter na sua vida e deixar a dos Radleys em paz, uma vez que eles tinham esse direito; mas quando tudo aquilo aconteceu, o Jem disse que aí, o Atticus abanou a cabeça e disse, «Uhmm, uhmm».

Deste modo, o Jem acabou por receber a maior parte da informação através da Srta. Stephanie Crawford, a rabugenta aqui do bairro, que jurava saber de tudo. Segundo a Srta. Stephanie, o Boo estava sentado na sala de estar recortando alguns artigos do *The Maycomb Tribune* para colar no seu álbum de recordações. O seu pai entrou na sala. Quando Sr. Radley ia passando, o Boo espetou a tesoura na perna dele, arrancou-a, limpou-a nas suas calças e lá ficou terminando os seus recortes.

A Sra. Radley saiu para a rua correndo e gritando que o Arthur estava matando a todos, mas quando o xerife chegou, o Boo continuava lá sentado na sala de estar fazendo recortes do Tribune. Tinha, naquela altura, trinta e três anos.

A Srta. Stephanie disse que o velho Sr. Radley afirmou que nenhum Radley ia para um asilo, quando sugeriram que uma temporada em Tuscaloosa podia ajudar o Boo. O Boo não era maluco, mas apenas um pouco instável. O Sr. Radley admitiu que ele deveria ser enclausurado, embora tenha insistido que o Boo não poderia ser acusado de nada: ele não era um criminoso. Como o xerife não teve coragem para o colocar na prisão ao lado dos negros, o Boo acabou por ser fechado no porão do tribunal.

A transição do Boo do porão para a casa não estava lá muito nítida na memória do Jem. A Srta. Crawford contou que alguns membros do conselho municipal disseram ao Sr. Radley que se ele não levasse o Boo de volta, ele acabaria por morrer do bolor da umidade.

E além disso o Boo não poderia viver para sempre às custas do condado.

Ninguém sabia que forma de intimidação o Sr. Radley tinha empregue sobre o Boo para o manter longe da vista da cidade, mas o Jem estava convencido de que, na maior parte das vezes, o Sr. Radley o mantinha acorrentado à cama. O Atticus disse que não, que não era esse tipo de coisa e que havia outras formas de transformar as pessoas em fantasmas.

A minha memória despertou quando vi o Sr. Radley abrir ocasionalmente a porta da frente, aproximar-se da varanda e regar as suas canas-da-índia. Era um homem magro e escorrido com olhos incolores, de tal forma incolores, que não refletiam a luz. Tinha os malares afiados e a boca larga, revelando o lábio superior fino e o lábio inferior mais cheio. A Srta. Stephanie Crawford disse que ele era tão rígido e inflexível, que tomava a palavra de Deus como a sua única lei, e nós acreditávamos nela, porque a postura do Sr. Radley era, de fato, de antes quebrar que torcer.

Ele nunca nos dirigiu a palavra. Quando nos cruzávamos na rua, nós olhávamos para o chão e dizíamos, «Bom-dia, senhor», e como forma de resposta ele tossia. O filho mais velho do Sr. Radley vivia em Pensacola; só vinha pra casa no Natal, e era uma das poucas pessoas que nós vimos entrar ou sair daquele lugar. As pessoas diziam que a casa tinha morrido a partir do dia em que Sr. Radley levou o Arthur para lá.

Mas houve um dia em que o Atticus nos avisou que nos castigaria se fizéssemos barulho no pátio e instruiu a Calpurnia para nos castigar na sua ausência, caso fizéssemos o mínimo ruído.

O Sr. Radley estava morrendo.

Porém, a sua hora ainda demorou algum tempo pra chegar. A estrada que dava para o terreno dos Radley estava bloqueada em ambas as extremidades por barreiras, os passeios foram cobertos de palha e o trânsito foi desviado para a rua dos fundos. Sempre que os Radleys o chamavam, o Dr. Reynolds estacionava o carro em frente da nossa casa e ia a pé até à casa deles. Durante dias, eu e o Jem andamos a nos arrastar silenciosamente pelo pátio. Por fim, os bloqueios de estrada foram retirados e, da nossa varanda da frente, assistimos à última viagem do Sr. Radley, frente à nossa casa.

— Ali vai o homem mais ruim a quem algum dia Deus concedeu a dádiva da vida — murmurou Calpurnia e cuspiu meditativamente para o pátio. Olhamos para ela com um ar surpreendido, porque a Calpurnia raramente fazia comentários sobre pessoas brancas.

Todo o bairro estava convencido de que quando o Sr. Radley fosse enterrado o Boo seria libertado, só que algo mais ainda estava por acontecer: o irmão mais velho do Boo regressou de Pensacola para ocupar o lugar do Sr. Radley. A única diferença entre ele o Sr. Radley era a idade. O Jem disse que o Sr. Nathan Radley também «comprava algodão». No entanto, o Sr. Nathan nos respondia quando lhe dávamos os bons-dias e, às vezes, víamos ele chegando da cidade com um jornal na mão.

Quanto mais contávamos ao Dill sobre os Radleys, mais ele queria saber, mais tempo passava abraçado ao poste de iluminação na esquina e mais desperta ficava a sua imaginação.

— Só gostaria de saber o que é que ele faz ali — murmurava. — Parece que acabou de espreitar pela porta.

O Jem respondeu:

— Ele sai, mas só quando está escuro como breu. A Srta. Stephanie Crawford disse c'uma vez acordou a meio da noitinha e viu-o olhando pra' ela p'la janela... disse c'a cabeça dele era com' uma caveira olhando pra' ela. Ó Dill, 'ocê nunca acordou no meio da noite com os barulhos dele? Ele caminha assim...

O Jem começou a arrastar os pés pelo cascalho.

— Porqu' é c' acha que a Srta. Rachel tranca tudo bem trancadinho à noite? Eu já vi as pegadas dele no nosso pátio dos fundos e uma noite ouvi-o arranhando a porta de rede de lá de trás, mas quando o Atticus foi lá, já tinha desaparecido e pronto.

— Com'e qu' é ele, será? — questionou o Dill.

O Jem fez uma descrição razoável do Boo: a avaliar pelas pegadas, ele teria aí um metro e oitenta e cinco, comia esquilos crus e todos os gatos que pudesse apanhar, e era por isso que tinha as mãos manchadas de sangue — se comermos um animal cru, nunca conseguiremos tirar o sangue das mãos. Apresentava uma

profunda cicatriz ao longo da face; e tinha uns dentes amarelos e podres; os olhos esbugalhados, e ainda por cima babava-se a maior parte do tempo.

— Vamos tentar fazê-lo vir aqui p'ra fora! — exclamou o Dill. — Eu gostaria de ver com' é qu' ele é.

O Jim disse que se algum dia o Dill quisesse morrer bastava ir bater na porta dos Radley.

A nossa primeira investida aconteceu porque o Dill decidiu apostar o *The Gray Ghost* contra os dois *Tom Swifts* do Jem, em como ele não conseguiria ir além do portão da Casa dos Radley. Em toda a sua vida, o Jem nunca tinha recusado um desafio.

O Jem ficou a matutar naquilo durante três dias. Penso que prezava mais a honra do que a cabeça, porque o Dill acabou por convencê-lo facilmente:

— Medroso! — disse ele, logo no primeiro dia.

— Não tou com medo, apenas respeito, entende? — respondeu o Jem.

No dia seguinte, o Dill voltou à carga:

— 'Ocê 'té tem medo de pôr o dedão do pé no pátio da frente.

O Jem afirmou que não, que passava todos os dias na frente da Casa dos Radley quando ia para a escola.

— Semp' correndo, correndo — interferiu.

Mas ao terceiro dia o Dill o pegou, quando contou ao Jem que as pessoas de Meridian com certeza não eram tão medrosas como as de Maycomb e que nunca tinha visto gente tão assustada como as de Maycomb.

Isto foi o suficiente para fazer com que o Jem corresse até à esquina, onde parou e se encostou no poste de eletricidade, observando o portão que pendia, desconcertante, sobre a sua dobradiça improvisada.

— Escuta isso, 'spero qu' saiba qu' ele inda nos mata um a um, Dill Harris. — disse o Jem, quando nos juntamos a ele. — E depois não me venha com desculpas, quando ele te arrancar os olhos fora. Não s'esqueça, 'ocê é quem começou.

— Ainda 'tá com medinho — murmurou pacientemente o Dill.

O Jem queria que o Dill entendesse de uma vez por todas que ele não estava com medo de nada:

— Só não consigo arranjar uma maneira de o fazer vir aqui fora sem que nos apanhe.

Além disso, o Jem ainda tinha de pensar na sua irmãzinha.

Mal ele disse aquilo, eu percebi de que estava com medo.

O Jem também pensou na sua mana daquela vez em que o desafiei a saltar do telhado da casa — Se eu morrer, o que vai ser de ti? — perguntou-me então.

Em seguida saltou, aterrizou ileso e o seu sentido de responsabilidade

abandonou-o até ser confrontado agora com a Casa dos Radley.

— Não me diga que vai fugir de um desafio? — perguntou o Dill. — É que se vai, então...

— Dill, temos de pensar nestas coisas — disse o Jem. — Deixa-me pensar um minuto... é que isto é como se tentássemos tirar uma tartaruga da sua carapaça...

— E então com' é que se faz isso? — perguntou o Dill.

— Acende um fósforo por baixo dela.

Avisei o Jem que se ele ateasse fogo à casa dos Radley, eu ia fazer logo queixa dele ao Atticus.

O Dill disse que acender um fósforo por baixo de uma tartaruga era uma maldade.

— Não é maldade, apenas a convence... não é como se a pusesse p'ra assar na fogueira — respondeu o Jem.

— E 'ocê com' é que sabe que não a machuca?

— As tartarugas não sentem dor, ó estúpido! — disse o Jem.

— E 'ocê, por acaso já foi alguma tartaruga em outra vida, hã?

— Caramba, Dill! Agora me deixa pensar... imaginemos que consigamos perturbá-lo...

O Jem parou para pensar tanto tempo que o Dill propôs um acordo razoável:

— Olhe aqui, eu não digo a ninguém que 'ocê fugiu de um desafio e troco contigo o *The Gray Ghost*, se for lá 'cima tocar na casa.

O rosto de Jem iluminou-se.

— Tocar na casa, só isso?

O Dill abanou com a cabeça.

— Tem certeza qu'é só isso? Depois não me venha dizer uma coisa diferente quando eu voltar.

— Sim, é só isso — disse o Dill. — Se acontecer de ele te ver no pátio, ele vai vir disparado correndo atrás de ti e depois eu e a Scout saltamos pá' cima dele e depois vamos agarrá-lo até conseguirmos dizer pra ele que não lhe queremos fazer mal nenhum.

Dobramos a esquina, Atravessamos a rua que passava na frente da Casa dos Radley e paramos em frente ao portão.

— Então? Vai lá! — disse o Dill. — Eu e a Scout estamos atrás de ti.

— 'Tou indo — disse o Jem. — Não me apresse, tá.

Dirigiu-se até à esquina do terreno e depois voltou, estudando o espaço envolvente, como se estivesse decidindo sobre como efetuar a entrada da melhor forma. Franziu a sobrancelha e coçou a cabeça.

Foi então que eu sorri para ele.

Daí o Jem empurrou o portão e correu até à parede lateral da casa, bateu-lhe com a palma da mão e voltou correndo para o nosso lado, não esperando nem sequer para ver se a sua demanda fora bem sucedida. Eu e o Dill fugimos logo atrás dele. Quando já estávamos na segurança da nossa varanda e sem fôlego, nos viramos para trás.

A velha casa estava na mesma, lânguida e doente, mas quando olhamos para o fundo da rua, parecia que tínhamos visto uma porta do interior se movendo. *Flic*. Um movimento repentino.

Um pequeno movimento, quase invisível, e a casa caiu novamente em sossego.

II

O Dill deixou-nos no início de setembro e voltou para Meridian. Vimos ele partir no ônibus das cinco e senti imensamente a falta dele até perceber que a escola começava na semana seguinte. Confesso que nunca desejei tanto uma coisa na minha vida. Durante o Inverno ia para a casa da árvore e punha-me a olhar para o recreio da escola, espiando as multidões de crianças através do telescópio bifocal que o Jem tinha me dado, tentando aprender os seus jogos, seguindo o casaco vermelho do Jem, aos círculos, fugindo às cegas, no fundo partilhando secretamente as suas infelicidades e as suas mais pequenas vitórias. E ansiava por estar junto deles.

O Jem foi condescendente ao ponto de me levar à escola no primeiro dia, uma tarefa que, normalmente, cabia a um dos pais, mas o Atticus disse que o Jem iria ficar encantado com a oportunidade de poder me mostrar onde era a minha sala. Aqui para mim, acho que esta pequena transação envolveu algum dinheiro, porque quando dobramos a esquina da Casa dos Radley ouvi um tilintar nada habitual nos bolsos do Jem. Quando nos aproximamos da calçada perto do recreio da escola, o Jem teve o cuidado de me explicar que eu não o devia incomodar durante as horas de escola, não devia me aproximar dele para lhe pedir que encenasse um capítulo do Tarzan e os Homens-Formiga, não devia embaraçá-lo com referências à sua vida privada, nem segui-lo durante os intervalos ou na hora de almoço. Eu devia era andar com os do primeiro ano e ele com os do quinto. Resumindo, devia deixá-lo em paz.

— Isso quer dizer que não podemos brincar mais? — perguntei.

— Faremos como costumamos sempre fazer em casa — disse-me, — mas sabe... na escola é diferente.

E verdade é que era. Antes da primeira manhã chegar ao fim, a Srta. Caroline Fisher, a nossa professora, arrastou-me até à frente da sala, deu-me uma reguada na palma da mão e depois fez-me ficar de pé no canto até ao meio-dia.

A Srta. Caroline não tinha mais que vinte e um anos. Tinha o cabelo ruivo claro, faces cor-de-rosa e usava um batom avermelhado.

Também usava saltos altos e um vestido com riscas vermelhas e brancas. Na verdade, parecia que cheirava como uma bala de hortelã-com-pimenta. Estava hospedada do outro lado da rua, um pouco mais abaixo de nossa casa, no quarto da frente do primeiro andar da Srta. Maudie Atkinson. E quando nos foi apresentada pela Srta. Maudie, o Jem andou com a cabeça nas nuvens durante

dias.

A Srta. Caroline escreveu o nome no quadro e disse:

— Aqui diz que me chamo a Srta. Caroline Fisher. Venho do Alabama do Norte, de Winston County. — A turma murmurou apreensivamente, não fosse ela aplicar toda a vasta panóplia de peculiaridades inerentes àquela região. (Quando o Alabama se separou da União a 11 de Janeiro de 1861, Winston County separou-se do Alabama e é óbvio que todas as crianças de Maycomb County tinham perfeito conhecimento disso.) O Alabama do Norte estava repleto de negócios ligados ao álcool, grandes tubarões da indústria e finanças, empresas metalúrgicas, Republicanos, professores e outras pessoas sem qualquer passado.

A Srta. Caroline começou o dia lendo-nos uma história sobre gatos. Os gatos tinham longas conversas uns com os outros, usavam roupas pequenas e engraçadas e viviam numa casa quentinha por baixo de um fogão de cozinha. Na altura em que a Dona Gata telefonou para a mercearia para encomendar um rato coberto de chocolate, a turma escangalhou-se de riso como um balde cheio de minhocas.

A Srta. Caroline parecia desconhecer por completo que aquele grupo de alunos maltrapilhos do primeiro ano, de camisas de sarja e saias feitas de sacos de farinha, muitos dos quais já colhiam algodão e alimentavam os porcos desde que aprenderam a andar, era imune à leitura imaginativa. Então ela chegou ao fim da história e disse:

— Minha nossa, não foi bonito?

Depois foi ao quadro, escreveu o alfabeto em enormes letras maiúsculas quadradas, virou-se para a turma e perguntou:

— Alguém sabe o que é isto?

É claro que todo mundo sabia; a maior parte dos alunos do primeiro ano era repetente.

Suponho que ela me escolheu porque sabia o meu nome; à medida que eu lia o alfabeto ia aparecendo uma tênue ruga entre as sobrancelhas e, depois de me obrigar a ler grande parte *d'O Meu Primeiro Livro de Leitura* e as cotações do mercado da bolsa do *The Mobile Register* em voz alta, descobriu que eu sabia ler e olhou para mim com enorme desgosto. A Srta. Caroline me disse para eu pedir ao meu pai para ele parar de me ensinar, porque isso interferia com a minha leitura.

— Ensinar-me? — respondi eu, surpreendida. — Ele não me ensinou nada, Srta. Caroline. O Atticus não tem tempo pá' me ensinar nada. — Acrescentei, enquanto a Srta. Caroline sorria e abanava a cabeça. — Porque ele à noite tá tão cansado que só se senta p'ra ler na sala de estar.

— Se ele não te ensinou, então quem foi? — perguntou afavelmente a Srta.

Caroline. — Alguém deve ter sido. você não nasceu lendo o *The Mobile Register.*

— O Jem diz que sim. Ele leu num livro qu'eu era uma Bullfinch em vez duma Finch. E ele diz que o meu nome verdadeiro é Jean Louise Bullfinch, que fui trocada quando nasceu e que sou mesmo uma...

Aparentemente a Srta. Caroline pensou que eu estava mentindo.

— Então, vá lá, não vamos nos deixar levar pela nossa imaginação, querida — disse ela. — Agora vai dizer ao teu pai para ele não te ensinar mais. O melhor é começar lendo com uma mente limpa. Diga-lhe que eu tomo conta da situação a partir de agora e que vou tentar corrigir o erro...

— Senhora Professora?

— O teu pai não sabe ensinar. Agora pode se sentar.

Murmurei um pedido de desculpas e fiquei meditando sobre o crime que tinha cometido. Nunca quis aprender deliberadamente a ler, mas verdade é que, de alguma forma, tinha andado a chafurdar ilicitamente nos jornais diários. Durante as intermináveis horas da missa — será que foi nessa altura que aprendi? Não me lembro de não conseguir ler os cânticos religiosos. Mas agora, que tinha sido obrigada a refletir naquilo, encarava a leitura como algo que tinha aparecido inconscientemente na minha vida, tal como aprender a colocar o cinto do meu uniforme sem olhar para as presilhas, ou dando dois laços nos atacadores. Não me recordo de quando é que as linhas acima do dedo do Atticus se transformaram em palavras, mas lembro-me perfeitamente de ficar a observá-las, noite após noite, ouvindo as notícias do dia, os Decretos aguardando a sua passagem a Leis, os diários de Lorenzo Dow[2] — tudo o que, por mero acaso, o Atticus estivesse lendo quando eu me arrastava para o colo dele antes de me deitar. Só comecei a gostar de ler quando finalmente perdi o medo de abdicar de tudo aquilo. Respirar também não é algo que se faz por gosto.

Sabia que tinha aborrecido a Srta. Caroline, por isso fiquei sozinha olhando para a janela até no intervalo, altura em que o Jem me resgatou do bando dos alunos do primeiro ano que estavam no recreio.

Perguntou-me como é que eu estava. E eu contei-lhe.

— Se não fosse obrigada a ficar, já tinha ido embora há muito tempo! Sabe Jem, o raio daquela professora diz que o Atticus tem me ensinado a ler e quer que ele pare...

— Não se preocupe, Scout — confrontou-me o Jem. — A nossa professora disse que a Srta. Caroline está introduzindo um novo método de ensino. Que aprendeu na faculdade. Daqui a pouco tempo vai ser assim em todos os anos. Acho que dessa maneira não precisamos estudar muito pelos livros... é 'ssim, se 'ocê quiser estudar as vacas, vai ordenhar uma e pronto, entende?

— Tudo bem, Jem. Mas eu não quero estudar vacas, eu...

— É claro que quer. Tem que saber de vacas, porque elas fazem parte da vida de Maycomb County.

Contentei-me em perguntar ao Jem se ele tinha perdido o juízo.

— Ó minha cabeça dura, só ’tou tentando te explicar a nova maneira de ensinar a primeira classe. Chama-se Sistema Decimal Dewey[3].

Se antes nunca tinha questionado as afirmações do Jem, também não era agora que ia começar. O Sistema Decimal Dewey consistia, em parte, na Srta. Caroline acenar-nos com cartões onde estava escrito «o», «gato», «rato», «homem» e «vaca». Não era possível fazermos qualquer comentário e a turma recebia estas revelações impressionistas em absoluto silêncio. Estava aborrecida, por isso comecei a escrever uma carta ao Dill. A Srta. Caroline me pegou escrevendo e me disse para eu pedir ao meu pai para parar de me ensinar.

— Além do mais — disse ela — nós no primeiro ano não escrevemos, desenhamos as letras. Só se aprende a escrever no terceiro ano.

A culpada disto era a Calpurnia. Acho que essa era a sua técnica preferida para evitar que eu a chateasse nos dias de chuva. Ela me dava uma tarefa de escrita que consistia em rabiscar o alfabeto no topo de uma tabuinha para depois eu copiar um capítulo inteiro da Bíblia por baixo. Se eu reproduzisse satisfatoriamente a sua caligrafia, ela recompensava-me com uma enorme sanduíche de manteiga e açúcar. Nos ensinamentos de Calpurnia não havia lugar para sentimentalismos: Eu muito raramente lhe agradava e ela raramente me recompensava.

— Quem vai almoçar em casa levante a mão — perguntou a Srta. Caroline, perturbando aquele meu novo ressentimento para com a Calpurnia.

As crianças da cidade assim o fizeram e ela olhou-os um a um.

— Quem traz almoço de casa para almoçar aqui, favor colocá-lo em cima da sua carteira.

Latas de melaço começaram a aparecer vindas do nada e o teto parecia dançar com o reflexo da luz metálica. A Srta. Caroline começou a percorrer as filas para cima e para baixo, indagando e metendo o nariz nas lancheiras, abanando a cabeça afirmativamente se o conteúdo lhe agradava e franzindo a sobrancelha aos outros em sinal de reprovação. Parou na carteira do Walter Cunningham.

— Onde é que está o teu? — perguntou.

A cor da face do Walter Cunningham dizia a toda a turma do primeiro ano que ele tinha lombriga. Por outro lado, a ausência de sapatos dizia-nos como a tinha apanhado. As pessoas apanhavam lombrigas quando iam descalças para os celeiros ou às tocas dos ouriços. Se o Walter tivesse sapatos certamente que os teria usado no primeiro dia de escola e só os largaria no meio do Inverno. Mas

ele tinha uma camisa limpa e um macacão lindamente remendado.

— Se esqueceu do almoço hoje? — perguntou a Srta. Caroline.

O Walter olhou pra frente. Reparei num músculo mexendo no seu queixo escanzelado.

— Se esqueceu do almoço hoje, foi? — perguntou a Srta. Caroline.

O queixo do Walter voltou a contorcer-se.

— Si' stôra[4]... — murmurou ele finalmente.

A Srta. Caroline dirigiu-se à sua escrivaninha e abriu a carteira.

— Aqui tem vinte e cinco centavos — disse ela ao Walter. — Vai e come na feira da cidade hoje. Pode me pagar amanhã.

O Walter abanou com a cabeça.

— Obrigado mas não —, retrucou ele arrastando suavemente a voz.

A impaciência instalou-se no tom de voz da Srta. Caroline:

— Toma aqui Walter, vem buscá-lo.

O Walter tornou a abanar com a cabeça.

Quando o Walter abanou a cabeça pela terceira vez, alguém sussurrou:

— Vai lá Scout, diz pra ela!

Eu virei para trás e vi a maior parte das crianças da cidade e a delegação inteira do ônibus com os olhos fixos em mim. Eu e a Srta. Caroline apenas tínhamos conversado por duas vezes e eles já estavam olhando para mim com a inocente certeza de que a familiaridade gera entendimento.

Decidi interferir graciosamente a favor do Walter:

— Uhm... Srta. Caroline?

— Sim, Jean Louise?

— Srta. Caroline, ele é um Cunningham.

Voltei a me sentar.

— Como, Jean Louise?

Pensava que tinha sido suficientemente explícita. Era perfeitamente claro para nós: o Walter estava sentado mentindo com todos os dentes que tinha. Ele não tinha se esquecido do almoço; ele não tinha era almoço nenhum! E não teria almoço hoje, nem amanhã, nem no dia seguinte. Provavelmente, nunca na vida tinha visto três moedas de vinte e cinco centavos juntas!

Voltei a tentar:

— Srta. Caroline, o Walter é um dos Cunninghams.

— Perdão, Jean Louise?

— Não faz mal, professora, mais cedo ou mais tarde vai ficar conhecendo todas as pessoas aqui da terra. Os Cunninghams nunca aceitam nada que não possam pagar — do cesto do ofertório na igreja ou dos vales de compras. Nunca roubaram nada de ninguém e só vivem com aquilo que têm. Não têm muito, mas

dá pá' viver.

O meu conhecimento particular da tribo dos Cunninghams diga-se, na verdade, um dos seus ramos — foi adquirido através dos acontecimentos do Inverno passado. O pai do Walter era um dos clientes do Atticus. Uma noite, após uma conversa sombria na nossa sala de estar sobre o morgadio, antes mesmo de sair, o Sr. Cunningham disse «Não sei quando é que lhe vou poder pagar, Dr. Finch.»

— Walter, que essa seja a menor das tuas preocupações — respondeu o Atticus.

Quando perguntei ao Jem o que era um «morgadio», e o Jem o descreveu como uma forma de se estar entalado, perguntei ao Atticus se algum dia o Sr. Cunningham ia nos pagar.

— Não em dinheiro — respondeu o Atticus —, mas ele vai pagar antes do ano acabar. Vai ver.

E vimos. Certa manhã eu e o Jem encontramos um monte de lenha para o fogão no nosso pátio dos fundos. Uns dias mais tarde, apareceu um saco cheio de nozes nas escadas lá de trás. Juntamente com o Natal veio um grande cesto de salsaparrilha e azevinho.

Na Primavera seguinte, quando encontramos um saco cheio de cebolas, o Atticus disse ao Sr. Cunningham que ele já tinha mais do que pago sua dívida.

— Por que é que ele te paga assim? — perguntei.

— Porque é a única forma que ele tem de me pagar. Ele não tem dinheiro.

— Atticus, somos pobres?

O Atticus abanou com a cabeça.

— De fato somos.

Jem franziu o nariz.

— Somos tão pobres como os Cunninghams?

— Nem tanto. Os Cunninghams são gente do campo, lavradores e a Depressão atingiu-os em cheio.

O Atticus disse que os profissionais liberais eram pobres, porque os lavradores também eram pobres. E como Maycomb County era uma terra de lavradores, era complicado para os médicos, dentistas e advogados serem pagos em dinheiro vivo. O problema das sucessões hereditárias era apenas uma das muitas aflições do Sr. Cunningham. Os hectares que não tinham sido abrangidos pelo morgadio foram completamente hipotecados e a pequena soma de dinheiro proveniente da sua exploração ia toda direitinha para os juros. Se o Sr. Cunningham mantivesse a boca calada, podia conseguir um emprego através da WPA[5], mas a sua terra seria arruinada se ele a abandonasse. Por isso, estava disposto a passar fome para manter o seu quinhão e tomaria a decisão que muito

bem entendesse.

O Atticus disse que o Sr. Cunningham, pertencia a uma geração de homens duros.

Como os Cunninghams não tinham dinheiro para pagar um advogado, pagaram simplesmente com o que tinham.

— Sabia — disse o Atticus — que o Dr. Reynolds trabalha da mesma forma? A algumas pessoas, por ajudar num parto, ele costuma cobrar um saco grande de batatas. Agora Srta. Scout, se me der um pouco da sua atenção, explico-lhe o que é um morgadio. É que às vezes as definições do Jem podem ser muito pouco exatas.

Se eu pudesse explicar estas coisas a Srta. Caroline, teria poupado a mim própria alguns inconvenientes e a sua subsequente mortificação, mas verdade é que estava muito além da minha capacidade de explicar as coisas tão bem como o Atticus.

Por isso, disse:

— 'Tá envergonhando ele, Srta. Caroline. O Walter não tem uma moeda de vinte e cinco centavos em casa para lhe dar e além disso a senhora não precisa de lenha para o fogão.

A Srta. Caroline ficou impávida e serena, depois agarrou-me pelo colarinho e puxou-me até à sua escrivaninha.

— Jean Louise, já estou farta de te aturar esta manhã! — disse ela. — Está entrando com o pé errado em todos os sentidos, minha querida... Estenda a mão.

Eu pensava que ela ia cuspir nela, porque em Maycomb esta era a única razão pela qual se estendiam as mãos: tratava-se de um método de selar contratos verbais que, ao longo dos tempos, foi ganhando alguma legitimidade. Confusa, tentando saber qual o bom negócio que teríamos feito, olhei para a turma em busca de uma resposta, mas eles me responderam com um olhar intrigado.

A Srta. Caroline pegou na régua, me deu meia dúzia de reguadas rápidas e me disse para ir para o canto e ficar lá de pé. Uma sonora tempestade de riso irrompeu pela sala quando finalmente a turma percebeu que a Srta. Caroline tinha acabado de me castigar.

Quando a Srta. Caroline os ameaçou com um destino semelhante ao meu explodiram de novo, ficando sóbrios apenas quando pressentiram a sombra da Srta. Blount pairando sobre eles. Natural de Maycomb e ainda ignorante quanto aos mistérios insondáveis do Sistema Decimal, a Srta. Blount apareceu na porta, de mãos nas cinturas, mostrando toda a sua autoridade:

— Se ouço mais algum barulho, o mínimo que seja, vindo desta sala faço da vossa vida um inferno. Srta. Caroline, o sexto ano não consegue se concentrar nas pirâmides com todo este furdúncio!

A minha estadia no canto foi breve. Salva pela campainha, a Srta. Caroline observou a turma saindo em fila para o almoço.

Como fui a última a sair, vi-a se afundando na cadeira e colocando a cabeça entre os braços. Se a sua conduta para comigo tivesse sido mais amigável, teria tido pena dela. Ela era amorosa.

III

CONFESSO QUE PEGAR o Walter Cunningham no recreio me deu algum prazer, mas no momento em que estava esfregando o nariz dele na terra, apareceu o Jem e disse para eu parar.

— ’Ocê é maior qu’ele! — gritou.

— Ele tem quase a tua idade! — disse eu. — Me fez passar vergonha!

— Scout, larga ele.

— Porquê?

— Ele não tinha almoço — comecei, e expliquei a razão da minha interferência nas questões dietéticas do Walter.

O Walter tinha se levantado e escutava calmamente a nossa conversa. Tinha os punhos semicerrados, como se estivesse à espera de uma investida de algum de nós. Bati violentamente com os pés no chão para o enxotar, mas o Jem estendeu a mão e me fez parar. Examinou o Walter com um ar inquiridor.

— O teu pai é o Sr. Cunningham de Old Sarum? — perguntou ele e o Walter acenou com a cabeça.

O Walter tinha o aspecto de quem crescera sendo alimentado só com comida de peixe: os seus olhos, tão azuis como os do Dill Harris, estavam raiados de vermelho e úmidos. A sua cara não tinha qualquer cor, exceto a ponta do nariz, que era de um rosa viscoso. Agarrou as alças do seu macacão, mexendo nervosamente nos ganchos de metal.

Subitamente, o Jem disse-lhe com um sorriso nos lábios.

— Ande, vamos almoçar lá a casa, Walter — sugeriu. — A gente ficaria contente se ’ocê fosse.

A cara do Walter iluminou-se, mas logo de seguida ficou sombria.

O Jem disse:

— O nosso pai é amigo do teu. A Scout aqui é que tem um parafuso a menos. Ela não vai mais luta contigo.

— Se fosse ’ocê, não ’taria tão certo disso — afirmei. A livre dispensa da minha promessa por parte do Jem me irritou, mas sentia que estava perdendo alguns dos preciosos minutos da minha hora de almoço.

— Pronto Walter, não vou pular outa vez pá’ cima de ti.

— Gosta de feijões de manteiga? A nossa Cal é uma ótima cozinheira.

O Walter permaneceu no seu lugar, mordiscando o lábio. Então o Jem e eu

desistimos, mas quando estávamos chegando perto da Casa dos Radley ouvimos o Walter chamando:

— Hei, tudo bem, eu vou!

Quando o Walter nos alcançou, o Jem estabeleceu uma conversa agradável com ele.

— Ali vive uma criatura — começou ele cordialmente, apontando para a casa dos Radley. — Já ouviu falar dele alguma vez, Walter?

— Acho que sim — respondeu o Walter. — Quase morri no primeiro ano em que vim pr'à escola e comi as nozes de lá. A gente diz que ele bota veneno e depois as joga p'ro lado da escola.

O Jem parecia não ter medo do Boo Radley, agora que eu e o Walter íamos ao lado dele. Na verdade, até começou a se gabar:

— Uma vez eu cheguei a ir até ao pé da casa — disse ele para o Walter.

— Quem já foi lá uma vez não precisa de continuar correndo sempre que passa por ela — disse eu para as nuvens.

— E quem é que corre, ó Senhorita Espertalhona?

— 'Ocê, quando tá sozinho!

Quando chegamos aos degraus da entrada da nossa casa, o Walter já tinha se esquecido que era um Cunningham. O Jem correu para a cozinha e disse à Calpurnia para pôr mais um prato na mesa, porque tínhamos companhia. O Atticus cumprimentou o Walter e deu início a uma discussão sobre colheitas, que nem eu, nem o Jem conseguíamos entender.

— O motivo porque não consigo passar do primeiro ano, Sr. Finch, é que todas as Primaveras tenho qu'ajudar o pai na colheita, mas agora já há outro lá em casa que tem tamanho suficiente para trabalhar no campo.

— E pagaram um saco de batatas por ele, foi? — perguntei-lhe, mas o Atticus abanou a cabeça negativamente na minha direção.

Enquanto o Walter ia acumulando comida no prato, ele e o Atticus falavam como dois homens, para meu espanto e do Jem.

O Atticus estava expondo alguns problemas de agricultura quando o Walter interrompeu para perguntar se tínhamos melaço em casa.

O Atticus chamou a Calpurnia, que voltou com o jarro do melaço.

Ficou à espera enquanto o Walter se servia. O Walter encharcou generosamente os legumes e a carne com o melaço. Provavelmente também o teria colocado no copo de leite, se eu não lhe perguntasse que raio é que estava fazendo.

A travessa de prata tilintou quando ele colocou o jarro sobre a mesa.

Ele rapidamente pôs as mãos no colo e baixou a cabeça.

O Atticus voltou a fazer novamente o sinal com a cabeça para mim.

— Mas ele afogou o almoço dele em melaço! — protestei. — Encharcou-o completamente...

Foi então que a Calpurnia exigiu a minha presença na cozinha.

Ela estava furiosa, e quando estava furiosa, a sua gramática tornava-se errática. Mas quando estava tranquila, a sua gramática era tão boa como a de qualquer habitante de Maycomb. O Atticus dizia que a Calpurnia era mais instruída do que a maior parte das pessoas de cor.

Quando ela me olhou com aquele olhar estrábico, as pequenas linhas em volta dos seus olhos ficaram mais carregadas.

— Hás pessoa' que num come como nós — sussurrou ela violentamente — mas você num tem o direito de os deixar ficar mal à mesa quando são diferente. 'Quele moço é seu convidado e se quiser até pode comer a toalha, entendeu?

— Ele não é convidado, Cal, é só um Cunningham...

— Cale já essa boca! Seja lá quem ele for! Quem põe os pés nesta casa é seu convidado e eu que num a apanhe fazendo reparos às suas maneira como se a menina fosse perfeita! Vossemecês até podem ser melhores qu'os Cunninghams, ma num vale a pena 'tar a envergonhá-lo assim. Se não se consegue portar bem na mesa, então bem pode vir comer aqui p'ra cozinha!

A Calpurnia mandou-me de volta para a sala de jantar pela porta giratória com uma palmada vigorosa.

Levantei o meu prato e acabei de almoçar na cozinha, mas confesso que até estava agradecida por ter sido poupada da humilhação de os voltar a enfrentar. Prometi a mim mesma que a Calpurnia não esperaria pelo retorno. Mais cedo ou mais tarde ia me vingar: um destes dias, quando ela não estivesse vendo, eu ia fugir e me afogar em *Barker's Eddy*. E aí é que ela ia se arrepender. Além do mais, pensei, hoje ela já tinha me posto em xeque: tinha me ensinado a escrever e a culpa era toda dela.

— Calada aí! — ameaçou ela.

O Jem e o Walter foram para a escola na minha frente: o fato de ter ficado para trás para contar ao Atticus as injustiças da Calpurnia valeu-me um *sprint* solitário pela Casa dos Radley.

— De qualquer forma, ela gosta mais do Jem que de mim — concluí e sugeri ao Atticus que não demorasse muito a despachá-la.

— Já reparou que o Jem não se preocupa tanto com ela como você? — disse o Atticus com um tom de voz impiedoso. — Por sinal não tenho a menor intenção de me livrar dela, nem agora, nem nunca. Não conseguiríamos passar um único dia sem a Cal. Já pensou nisso? Já pensou no quanto ela faz por ti? Você tem de respeitar ela por isso, ouviu? "

Voltei para a escola com um firme ódio da Calpurnia em mente, até que um grito súbito abalou os meus ressentimentos. Levantei os olhos e vi que a Srta. Caroline estava parada no meio da sala, com uma expressão de horror estampada na cara. Ao que parece já estava suficientemente recomposta do choque da manhã para conseguir vingar na sua profissão.

— Está vivo! — gritou.

A população masculina correu em bloco em seu auxílio. Meu Deus, pensei, mas ela está assustada com um rato. O pequenino Chuck Little, cuja paciência com todos os seres vivos era extraordinária, disse:

— P'a qu' lado foi, Srta. Caroline? Diga-nos p'a donde foi, rápido! D.C. — virou-se para um rapaz atrás dele — D.C., fecha a porta p'ro apanharmos. Depressa, stôra, p'ra onde foi?

A Srta. Caroline começou a apontar com o dedo tremendo, não para o chão, nem para a escrivaninha, mas para um indivíduo rústico e imundo que eu não conhecia. O pequeno Chuck contraiu a cara e disse delicadamente:

— Quer dizer ele, stôra? Si' senhora, ele está vivo. Ele assustou a senhora, foi?

A Srta. Caroline disse em desespero:

— Eu ia passando quando ele rastejou do cabelo dele... rastejou do cabelo dele...

O pequeno Chuck fez um sorriso de orelha a orelha.

— Não há razão p'ra tê medo de um piolho, stôra. Nunca tinha visto um? Não tenha mais medo, volte p'ra sua escrivaninha e ensine-nos mais umas coisinhas.

O pequeno Chuck Little era outro membro da população que não fazia a mínima ideia de quem é que lhe daria a próxima refeição, mas era um cavalheiro nato. Colocou a mão debaixo do cotovelo da Srta. Caroline e, apoiando-a, conduziu-a até à frente da sala.

— Agora, não se aflija mais, stôra — sossegou-a. — Não é preciso ter medo de um piolho. Eu vou buscar pr'ocê um copo d'água fresquinha.

O portador do piolho não mostrou o mais pequeno interesse pelo tumulto que tinha causado. Começou a procurar acima da sua testa, no couro cabeludo e, tendo localizado o seu hóspede, esmagou-o com o polegar e o indicador.

A Srta. Caroline assistiu ao processo com um misto de fascínio e horror. O pequeno Chuck trouxe água num copo de papel e ela bebeu-a agradecida. Por fim conseguiu falar.

— Como é que se chama, filho? — perguntou ela delicadamente.

O rapaz pestanejou.

— Quem, eu?

A Srta. Caroline acenou com a cabeça.

— Burris Ewell.

A Srta. Caroline inspecionou o seu livro de ponto.

— Tenho aqui um Ewell, mas não tenho o primeiro nome... se importa de o soletrar para mim?

— Num sei. Em casa me chamam Burris.

— Bem, Burris — disse a Srta. Caroline —, acho que é melhor te dispensar pelo resto da tarde. Quero que vá para casa e lave o cabelo.

Na da sua escrivaninha pegou um livro grosso, desfolhou-o e leu durante um bom tempo.

— É um bom remédio caseiro... Burris, quero que vá para casa e lave o cabelo com sabão de soda. Depois de o lavar, trate o teu couro cabeludo com querosene.

— P'ra quê, ó possôra?

— Para eliminar os... os piolhos. Sabe Burris, as outras crianças podem apanhá-los e você não ia querer isso, ia?

O rapaz manteve-se imóvel. Ele era o ser humano mais imundo que eu já tinha visto. O seu pescoço era cinzento-escuro, as palmas das mãos estavam enferrujadas e as unhas das mãos eram negras como a noite. Ele pôs-se a observar Srta. Caroline através de um ínfimo espaço limpo na sua cara, do tamanho de um punho. Ninguém tinha reparado nele, provavelmente porque eu e a Srta. Caroline tínhamos sido o centro das atenções durante toda a manhã.

— Mais uma coisa Burris — pediu a Srta. Caroline — por favor, tome um banho antes de voltar amanhã.

O rapaz riu insolentemente.

— Ouça aqui, a possôra num tá me mandando p'ra casa. É qu'eu 'tava memo pa me pôr porta fora — já tenho que chegue p'ra este ano.

A Srta. Caroline pareceu ficar um pouco confusa.

— O que é que quer dizer com isso?

O rapaz não respondeu. Em vez disso, fez-lhe uma expressão de desprezo.

Um dos alunos mais velhos da turma respondeu-lhe:

— Ele é um dos Ewells, stôra — e eu me questionei se esta explicação seria tão infrutífera como a minha. Mas Srta. Caroline parecia estar disposta a ouvir.

— A escola está cheia deles. Vêm no primeiro dia de todos os anos e depois não vêm mais. A senhora da secretaria consegue trazê-los pra cá porque os ameaça com o xerife, mas ela está pensando em desistir de o fazer. Ela admite que o faz só p'ra cumprir a lei e p'ra que os seus nomes fiquem inscritos no primeiro dia. A professora deve é marcar-lhe falta durante o resto do ano...

— Mas, e os pais dele? — perguntou a Srta. Caroline com verdadeira preocupação.

— Ele não tem mãe — foi a resposta —, e o pai também não é lá boa peça.

O Burris Ewell sentia-se lisonjeado com aquele recital.

— Há três anos qu'eu venho p'ra cá no primeiro dia d'aulas do primeiro ano — disse ele expansivamente. — C'um pouquinho de sorte vão ver qu'este ano eles in té me deixam passar p'ro segundo...

A Srta. Caroline ordenou:

— Sente-se Burris, por favor — só que mal acabou de o dizer vi logo que ela cometera um grave erro. A condescendência do rapaz rapidamente se transformou em raiva.

— Ora vem cá e me obrigue, o possôra.

O pequeno Chuck Little levantou-se.

— Deixe-o ir, stôra — disse. — Ele tem mau feitio, muito mau feitio mesmo. É possível que ele arme confusão e aqui há gente muito pequena.

Ele era um dos mais pequenos, mas quando o Burris Ewell se virou para ele, o Chuck Little meteu logo a mão direita no bolso.

— Vou te dar uma porrada, Burris — ameaçou. — Olha que te arrebento num piscar de olhos. Vai já é p'ra casa.

O Burris parecia estar com medo de uma criança com metade da sua altura, a Srta. Caroline se aproveitou da sua indecisão:

— Burris, vai para casa. Se não eu chamo o diretor — atirou.

— De qualquer forma, tenho de fazer uma ocorrência disto.

O rapaz soltou um urro e arrastou-se preguiçosamente para a porta.

Quando já estava a uma distância segura, virou-se e gritou:

— Olhe, ocorrrencie então e eu quero mais é que se lixe! Num vai ser uma cabra duma professora de nariz empinado que vai mandar em mim! Você num me vai obrigar a ir p'ra lado nenhum, possôra. Lembre-se disso, você num me vai obrigar a ir p'ra lado nenhum! — Esperou até ter a certeza de que ela estava chorando e, em seguida, arrastou-se para fora do prédio.

Pouco tempo depois estávamos todos reunidos em volta da escrivaninha dela tentando arranjar várias formas de a confortar. Que sim, que ele era mesmo mau de todo... do mais reles... que não tinha sido chamada para ensinar gente assim... e que as maneiras de Maycomb não eram assim, Srta. Caroline, não mesmo... e agora não fique assustada, professora. Srta. Caroline, porque é que não nos lê uma história? Aquela do gato de hoje de manhã, parecia ser engraçada...

A Srta. Caroline sorriu, assoou o nariz e disse:

— Obrigada, queridos — depois dispersou-nos, abriu um livro e distraiu o primeiro ano com uma longa narrativa sobre um sapo que vivia num castelo.

Naquele dia, quando passei pela quarta vez frente à Casa dos Radley — duas vezes a todo gás — a minha disposição era tão sombria como aquela casa. Se o

resto do ano letivo fosse tão carregado de drama como o primeiro dia, até era capaz de ser mais ou menos divertido, mas a perspectiva de passar nove meses reprimindo a leitura e a escrita me faziam pensar em fugir.

Ao fim da tarde a maior parte dos meus planos de viagem já estava completa; quando eu e o Jem fizemos uma corrida até a calçada para irmos falar com o Atticus, que vinha do trabalho, não dei moleza. Tínhamos por hábito correr de encontro ao Atticus assim que o víamos lá ao longe dobrando a esquina do posto dos correios. O Atticus parecia que tinha se esquecido da minha querela da hora de almoço; estava cheio de perguntas em relação à escola. As minhas respostas eram monossilábicas e ele não me pressionou.

Acho que a Calpurnia percebeu que o meu dia tinha sido mau: isto porque me deixou vê-la enquanto preparava o jantar.

— Feche os olhos e abra a boca, qu' eu lhe dou uma surpresa — anunciou.

Era raro ela fazer bolinho de carne, dizia que não tinha tempo, mas estando nós dois na escola, o dia de hoje tinha sido fácil.

E ela sabia que eu adorava bolinho de carne.

— Hoje, senti a sua falta — disse ela. — As casa ficou tão vazia que antes das duas horas tive de ligar o rádio.

— Porquê? Eu e o Jem só estamos dentro de casa quando tá chovendo.

— Eu sei — disse ela —, mas um de vocês está sempre ao meu alcance. Nem sei bem quanto tempo passo chamando pela menina durante o dia. Bem — disse ela levantando-se da cadeira da cozinha — acho que o tempo necessário para terminar uma travessa de bolinhos de carne. Agora vá cuidar da sua vida e deixa eu pôr o jantar na mesa.

A Calpurnia abaixou-se e me deu um beijo. Eu saí correndo, pensando no que tinha dado nela. Ela quis fazer as pazes comigo, foi isso. Como tinha sido sempre muito severa comigo, pelo menos tinha percebido o erro que estava cometendo, estava arrependida só que era teimosa demais para o admitir. Sentia-me esgotada por causa de todas as confusões daquele dia.

Depois do jantar, o Atticus sentou-se com o jornal na mão e me chamou:

— Está preparada para ler, Scout? — Deus enviou-me mais do que eu podia suportar e por isso fugi para a varanda da frente.

O Atticus foi atrás de mim.

— Está acontecendo alguma coisa, Scout?

Disse ao Atticus que não me sentia lá muito bem e que estava pensando em não ir mais à escola, se ele não se importasse.

O Atticus sentou-se no balanço e cruzou as pernas. Os seus dedos viajaram até o bolso do relógio; ele disse que aquela era a única maneira de conseguir pensar. Esperou num silêncio cúmplice e amigo, enquanto eu tentava reforçar a

minha posição:

— ’Ocê nunca foi na escola e se deu bem, por isso eu também vou ficar em casa. Pode me ensinar como o avô te ensinou, a ti e ao tio Jack.

— Não, não posso — disse o Atticus. — Tenho de ganhar a vida.

Além disso, me mandariam para a prisão se eu te deixasse ficar em casa. Sendo assim, esta noite tome uma dose de magnésia e amanhã escola.

— Afinal, acho que já estou me sentindo melhor.

— Bem que eu percebi. Agora, qual é o problema?

Tintim por tintim, comecei a lhe contar as desventuras do dia.

— ...e ela disse que ’ocê me ensinou tudo mal, por isso não podemos ler mais, nunca mais. Por favor não me mande mais para lá, por favor pai.

O Atticus levantou-se e caminhou até à frente da varanda.

Quando completou o exame à glicínia trepadeira voltou de novo para junto de mim.

— Em primeiro lugar — começou — Scout, você tem de conseguir aprender uma coisa bastante simples, assim verá que se dará melhor com todo o tipo de pessoas. Nunca conseguirá compreender totalmente uma pessoa se não ver as coisas do seu ponto de vista...

— Mas, pai?

— ...se não for capaz de se colocar na pele dessa pessoa e aí permanecer bastante tempo.

O Atticus me disse que hoje eu tinha aprendido muitas coisas e que a própria Srta. Caroline também. Em primeiro lugar, ela tinha aprendido que não se devia emprestar nada a um Cunningham, mas que se eu e o Walter nos puséssemos na pele dela iriamos entender que ela tinha cometido um erro lógico. Não podíamos esperar que ela aprendesse tudo sobre Maycomb num só dia e não podíamos responsabilizá-la, porque ela não sabia.

— Mas é que assim ela já vai começar a me marcar — queixei-me. — Eu não sabia que não devia ter lido para ela e ela me culpou por isso... Atticus, eu não tenho de ir para a escola, né?!

Mal conseguia me conter para lhe dizer uma coisa.

— O Burris Ewell, lembra-se? — Ele só vai para a escola no primeiro dia. A senhora da secretaria pensa que cumpriu a lei quando apontou o nome dele no livro de ponto...

— Você não pode fazer isso, Scout — disse o Atticus. — Às vezes, em casos especiais, é preciso contornar um pouquinho a lei. No teu caso, a lei permanece inflexível. Sendo assim, tem de ir para a escola.

— Não vejo porque tenho de ir, quando ele não vai.

— Então ouça com atenção.

O Atticus disse que os Ewells eram a vergonha de Maycomb já há três gerações. Desde quando ele se se lembrava, nunca nenhum deles tinha tido um dia honesto de trabalho na vida. Disse-me ainda que num dos próximos Natais, quando fosse se desfazer do pinheiro, me mostraria onde é que eles viviam. Eram pessoas, mas viviam como animais.

— Eles podem ir para a escola quando quiserem, isto quando mostrarem o mais pequeno interesse em querer uma educação — afirmou o Atticus. — Há formas de os obrigar a ficar na escola, mas é uma loucura forçar pessoas como os Ewells a se adaptarem a um novo ambiente...

— Se eu não fosse para a escola amanhã, 'ocê me obrigaria.

— Bem, vamos colocar as coisas da seguinte forma — disse o Atticus secamente. — Você, Srta. Scout Finch, é uma cidadã comum. E tem de obedecer à lei.

Ele me contou que os Ewells eram membros de uma sociedade exclusiva apenas composta por Ewells. E, em determinadas circunstâncias, o cidadão comum permitia-lhes judicialmente certos privilégios, apenas pelo simples método de fecharem os olhos a algumas das atividades dos Ewells. Primeiro ponto, eles não tinham de ir para a escola. Segundo ponto, o senhor Bob Ewell, o pai do Burris, estava autorizado a caçar e a manter presos animais fora da época de caça.

— Mas, Atticus, isso é mau — contrapus. Em Maycomb County, caçar fora de época era, aos olhos da lei, considerado um pequeno delito mas, aos olhos da população, era punível com a pena capital.

— É contra a lei, sim senhor — disse o meu pai — e é muito mau, mas quando um homem gasta seu salário em *uísque*, os filhos choram com fome. Não conheço nenhum proprietário de terras daqui das redondezas que impeça o pai daquelas crianças de colocar a mão em qualquer peça de caça que lhe apareça pela frente.

— Mas o Sr. Ewell não devia fazer isso...

— Claro que não, mas ele nunca vai mudar. Agora, vai continuar a não gostar dos filhos dele?

— Não senhor — murmurei e aproveitei para adiantar o meu último argumento: — Mas se continuar a ir para a escola, nunca mais vamos poder ler...

— Isso está mesmo te incomodando, não está?

— Sim, pai.

Quando o Atticus olhou para mim reparei naquela expressão dele que me fazia sempre ficar na expectativa.

— Sabe o que é um compromisso? — perguntou.

— Contornar a lei?

— Não, é chegar a um acordo através de concessões mútuas. Funciona da seguinte forma — explicou. — Se aceitar a necessidade de ir à escola, continuamos lendo todas as noites, como sempre lemos. De acordo?

— Sim, senhor!

— Vamos considerá-lo selado sem recorrer às formalidades habituais — sugeriu o Atticus, quando me viu preparada para cuspir na mão.

Quando abri a porta de rede da frente o Atticus disse:

— A propósito, Scout, é melhor não comentar nada na escola sobre o nosso acordo.

— Porquê?

— Receio que as nossas atividades sejam recebidas com grande desaprovação por parte das autoridades competentes.

Eu e o Jem estávamos habituados à linguagem jurídica do meu pai e, além disso, autorizados a interrompê-lo de forma a obtermos uma tradução, quando o que ele dizia estava além do nosso entendimento.

— O quê, pai?

— Eu nunca andei na escola — confessou —, mas tenho a sensação de que se dissesse a Srta. Caroline que lemos todas as noites ela viria atrás de mim e eu não a quero atrás de mim, entende?

Naquele fim de tarde, o Atticus captou as nossas atenções, lendo seriamente colunas sobre um homem que permanecera sentado num pau de bandeira sem qualquer razão aparente, o que foi motivo suficiente para que o Jem passasse a tarde do sábado seguinte isolado na casa da árvore. Esteve lá sentado desde o café da tarde até ao pôr do Sol e teria passado lá a noite se o Atticus não lhe tivesse cortado as fontes de abastecimento. Eu passei a maior parte do dia para cima e para baixo, dando-lhe recados, abastecendo-o de literatura, comida e água, além de levando-lhe cobertores para ele passar a noite, quando o Atticus disse que se eu não lhe prestasse atenção ele acabaria descendo. E assim foi.

IV

O RESTO DOS MEUS DIAS de escola não foi lá muito mais promissor do que o primeiro. Em boa verdade, fazia tudo parte de um Projeto interminável que, lentamente, foi se transformando numa Unidade, e na qual o estado do Alabama gastou quilômetros e quilômetros de papel celofane, cartolina e lápis de cera, nos seus bem-intencionados, mas infrutíferos esforços para me ensinar Dinâmica de Grupo. Aquilo a que o Jem chamara Sistema Decimal Dewey acabou por estar implantado em toda a escola no final do meu primeiro ano, pelo que não tive hipótese de o comparar com outras técnicas de ensino. Só me restava olhar à minha volta: o Atticus e o meu tio, que fizeram a sua escolaridade em casa, sabiam tudo — pelo menos, o que um não sabia, sabia o outro. Além disso, não pude deixar de reparar que o meu pai servia há anos na comissão legislativa do estado, eleito sempre sem qualquer oposição, alheio aos ajustes que os meus professores achavam essenciais ao desenvolvimento da Boa Cidadania. O Jem, produto híbrido de uma educação meio Decimal e meio moderna e, ao mesmo tempo, estupidificava e era repressiva para o aluno com as suas tradicionais orelhas de burro, parecia trabalhar eficazmente sozinho ou em grupo, mas diga-se de passagem que o Jem não era lá o melhor exemplo: não havia sistema pedagógico inventado pelo homem que conseguisse impedi-lo de chegar aos livros. Quanto a mim, eu nada sabia, a não ser a informação que ia conseguindo reunir da revista *Times* e tudo a que pudesse colocar a mão lá em casa. Porém, à medida que ia sendo triturada impiedosamente pelo sistema escolar de Maycomb County, não podia deixar de ter a impressão de que estavam me escondendo alguma coisa. Independentemente do que soubesse ou não, jamais poderia acreditar que aqueles doze anos de tédio ininterrupto eram tudo o que o estado tinha em mente para mim.

Durante o ano, e dado que saía trinta minutos mais cedo do que o Jem, que tinha de ficar até às três, passava correndo em frente à Casa dos Radley, o mais depressa que podia, só parando quando alcançava a segurança da nossa varanda. Uma tarde, numa dessas corridas, houve alguma coisa que me chamou a atenção. De tal maneira que respirei fundo, dei uma longa olhada em volta, e voltei.

Em cada uma das extremidades do terreno dos Radleys erguiam-se dois carvalhos americanos verdes; as suas raízes estendiam-se até à estrada, nela criando até uma pequena lomba. Algo numa das árvores despertou o meu

interesse.

Havia um pedaço de papel alumínio enfiado num buraco na casca do carvalho, um pouco acima do nível dos meus olhos, fazendo-me sinal, brilhando sob a luz daquele Sol de fim da tarde. Fiquei na ponta dos pés, rapidamente olhei em volta mais uma vez, meti a mão no buraco e tirei duas lâminas de chiclete sem os respectivos papéis de embrulho.

O meu primeiro impulso foi metê-las na boca o mais rápido possível, mas depois lembrei-me onde estava. Corri para casa e fiquei admirando o meu saque na varanda. O chiclete parecia fresco. Cheirei-o e cheirava bem. Depois lambi-o e esperei um pouco. O que não mata engorda, pensei, e meti-o boca a dentro num abrir e fechar de olhos: *Wrigley's Double Mint.*

Quando o Jem chegou em casa me perguntou onde é que tinha arranjado tamanho tesouro. Eu lhe disse que o tinha encontrado.

— Preste atenção, não coma qualquer coisa que encontre, Scout.

— Mas isto não 'tava no chão, 'tava numa árvore.

O Jem resmungou qualquer coisa.

— Bem, 'tava — sosseguei-o. — 'Tava enfiado numa daquelas árvores lá, sabe, aquelas que ficam no caminho que dá p'rá escola.

— Cospe já isso. Já!

E eu cuspi. De qualquer modo, também já estava ficando sem sabor.

— 'Tive mastigando-a toda a tarde e ainda não morri, e nem sequer 'tou doente.

O Jem bateu com o pé no chão.

— 'Ocê não sabe que naquele local nem sequer devia tocar nas árvores? Vai morrer se isso acontecer!

— E 'ocê já tocou na casa uma vez!

— Isso foi diferente! Vai lavar a boca... imediatamente, ouviu?

— Não vou nada, porque assim tiro o gosto da minha boca.

— Se não for, eu vou reclamar de ti pra Calpurnia!

Preferi não arriscar um desentendimento com a Calpurnia, por isso obedeci ao Jem. Por alguma razão, o meu primeiro ano de escola tinha provocado uma enorme mudança no nosso relacionamento: a tirania, injustiça e intromissão da Calpurnia na minha vida tinham esmorecido e dado origem a uns ternos murmúrios de desaprovação geral. Por mim, às vezes tentava evitar grandes apuros, só para não a provocar.

O Verão estava chegando; eu e o Jem o aguardávamos com grande impaciência. O Verão era a nossa estação preferida: significava dormir na rede da varanda, ou quem sabe, tentar dormir na casa da árvore; o Verão era sinônimo

de tudo de bom para comer; era uma paleta com milhares de cores numa paisagem queimada pelo sol; mas acima de tudo, o Verão era o Dill.

No último dia de escola a direção deixou a gente sair mais cedo e eu e o Jem fomos juntos para casa.

— Aposto que o Dill vem amanhã — comecei.

— Provavelmente só depois de amanhã — retorquiu o Jem.

— No Mississipi só deixam sair de férias um dia mais tarde.

Assim que chegamos aos carvalhos da Casa dos Radley ergui o meu dedo para apontar pela centésima vez para o buraco onde tinha encontrado o chiclete, tentando convencer o Jem de que o tinha encontrado ali. Foi então que dei por mim que estava apontando para outra folha de papel alumínio.

— Estou vendo, Scout! Estou vendo...

O Jem olhou ao seu redor, esticou o braço e, cautelosamente, meteu no bolso um pequeno pacote reluzente. Corremos para casa e, na varanda da frente, pusemo-nos a observar uma pequena caixa feita a partir de diversos retalhos de folhas de papel alumínio tirado de embalagens de chiclete. Era o gênero de caixa onde vêm as alianças de casamento, de veludo púrpura com uma pequena fechadura. Subitamente, o Jem abriu a minúscula fechadura. Dentro da caixa estavam duas moedas polidas e gastas, uma por cima da outra.

O Jem as examinou.

— Efígies de índio — concluiu. — Mil novecentos e seis, e olha Scout, uma delas é de mil e novecentos. Que legal, são mesmo antigas.

— Mil e novecentos — repeti. — Diga-me...

— Cale-se um minuto, estou pensando.

— Jem, você acha que há alguém escondido naquela casa?

— Na, além de nós não passa muita gente por ali, a não ser que sejam adultos...

— Oh, os adultos não têm esconderijos. Acha qu’ devemos guardá-las, Jem?

— Não sei mesmo o que fazer, Scout. Pra quem é qu’íamos devolver? Tenho a certeza que ninguém passa ali por perto... O Cecil vai pela rua dos fundos e dá a volta na cidade para chegar na casa.

O Cecil Jacobs, que vivia ao fundo da nossa rua, parede-meia com os correios, percorria mais de um quilômetro por dia para evitar a Casa dos Radley e a velha Sra. Henry Lafayette Dubose.

A Sra. Dubose vivia duas portas acima de nós; a opinião do bairro era unânime: a Sra. Dubose era a velha mais cruel que alguma vez tinha vivido na face da terra. O Jem não passava na porta dela sem ter o Atticus por perto.

— Qu’e qu’acha que fazemos então, Jem?

Até que provem em contrário, achado não é roubado. Colher uma camélia de

vez em quando, beber um jato de leite morninho diretamente da vaca da Srta. Maudie Atkinson num dia quente de Verão, apanharmos uvas moscatel da videira de alguém, tudo isso fazia parte da nossa cultura étnica, mas com dinheiro era diferente.

— Digo uma coisa — disse o Jem. — Vamos guardá-las até a escola começar e depois perguntamos s'elas pertencem a alguém.

Talvez pertençam a algumas das crianças do ônibus — vai que ele estava muito ocupado e se esqueceu delas quando saiu da escola.

— Elas pertencem a alguém — disso eu —, tenho certeza absoluta.

Está vendo como elas foram polidas? Foram preservadas.

— OK, mas por que é que alguém havia de querer desperdiçar chiclete desta forma? 'Ocê sabe que não dura muito tempo.

— Não sei, Scout. Mas estas moedas são importantes para alguém...

— Como assim, Jem...?

— Bem, efígies de índio... significa, portanto, que elas vêm dos índios. Têm magia de verdade, traz boa sorte mesmo. Não é como comermos galinha frita quando menos estamos esperando, mas coisas bem mais sérias, como uma vida longa e saúde e passar nos testes semestrais... isso sim, tem muito valor para algumas pessoas.

Olha, vou colocar elas no meu baú.

Antes de o Jem ir para o quarto, ficou olhando bastante tempo para a Casa dos Radley. Parecia estar pensando de novo.

Dois dias depois chegou o Dill com grande pompa e circunstância: tinha vindo sozinho no comboio desde Meridian até Maycomb Junction (um título de cortesia já que Maycomb Junction situava-se em Abbot County), onde era esperado pela Srta. Rachel e pelo único táxi de Maycomb; tinha jantado no vagão-restaurante, tinha visto dois gêmeos siameses, unidos um ao outro, saírem do comboio em Bay St. Louis e continuou a contar as suas histórias apesar das nossas ameaças. Tinha abandonado aqueles abomináveis calções azuis abotoados até ao pescoço e agora usava calças curtas com um cinto; tinha engordado um pouco, mas não tinha crescido muito, e disse que tinha visto o pai. O pai do Dill era mais alto do que o nosso, tinha barba preta (pontiaguda), e era presidente das Ferrovias L & N.

— Até dei uma mãozinha pro maquinista durante algum tempo — exclamou o Dill, gabando-se.

— Ai sim, e eu sou o Papai Noel, Dill. Cala essa boca — disse o Jem. — O que é que vamos brincar hoje?

— De Tom, de Sam e de Dick — disse o Dill. — Vamos para o pátio da frente.

Dill preferia os Rover Boys, porque eram três papéis de respeito.

Estava claramente farto de ser o nosso homem dos papéis secundários.

— Oh, já ’tou farta desses — respondi. Estava farta de fazer o Tom Rover, que no meio do filme perde subitamente a memória e desaparece do argumento até ao final da história, altura em que é encontrado no Alasca.

— Inventa um para nós, Jem — sugeri eu.

— Já ’tou farto de inventar.

Vejam só, os nossos primeiros dias de liberdade e já estávamos entediados. Por este andar já imaginava o que é que nos traria o resto do Verão.

Caminhamos até ao pátio da frente, onde o Dill fixou o olhar no fundo da rua, mais precisamente para a fachada lúgubre da Casa dos Radley.

— Isso me cheira a morte — disse. — Cheira mesmo, estou falando sério — continuou, quando eu lhe disse pra ficar quieto.

— Então quer dizer é qu’ ’ocê consegue cheirar quando alguém ’stá p’ra morrer?

— Não, o qu’ quero dizer é qu’ consigo cheirar as p’ssoas e dizer-lhes se vão morrer. Foi uma velha que me ensinou.

O Dill se inclinou e me cheirou.

— Jean... Louise... Finch, vai morrer dentro de três dias.

— Dill, se não ficar quieto, te bato nessas bochechas. Agora ’tou falando sério...

— Calem-se! — retorquiu o Jem — estão agindo como se acreditassem em Suga-vida.

— E ’ocê age como se não acreditasse — atirei.

— O que é um Suga-vidas? — perguntou o Dill.

— Nunca caminhou à noite numa estrada deserta e passou por um local quente? — perguntou o Jem ao Dill. — Um Suga-vida é alguém qu’ não consegue ir p’ro Céu e que fica apenas vagando pelas estradas desertas e se ’ocê tiver o azar de cruzar com ele, então quando morrer transforma-se num, e depois passa a andar à noite sugando a respiração das pessoas...

— Como é que podemos evitar cruzar com um?

— Não pode — ameaçou o Jem. — Eles às vezes estendem-se ao longo da estrada toda, mas se tiver de passar por um tem de dizer, «Anjo-Luz, vida na morte, sai do meu caminho, não me leve a sorte». Isso evita que eles te peguem...

— Não acredite numa única palavra do qu’ ele está dizendo, Dill — sosseguei-o. — A Calpurnia diz que isso é conversa de negros.

O Jem olhou para mim com um olhar de reprovação sombriamente carregado, mas disse:

— Bem, vamos brincar ou não?

— Vamos rolar no pneu — sugeri.

O Jem suspirou.

— Já sabe que sou grande demais.

— Pode empurrar.

Corri para o nosso pátio dos fundos e tirei um velho pneu de automóvel debaixo da casa. Pus-me a saltitar com ele no chão até chegar ao pátio da frente.

— Ótimo! — exclamei.

O Dill disse que tinha de ser ele o primeiro porque acabara de chegar.

Foi o Jem que decidiu, concedendo-me o primeiro empurrão mas, em compensação, algum tempo extra para o Dill. Me dobrei e me enrolei dentro do pneu.

Só quando aquilo aconteceu é que percebi que o Jem tinha ficado ofendido por eu o ter contrariado naquela historieta dos Suga-vida e só estava pacientemente à espera para se vingar. E assim fez, empurrando-me pela calçada abaixo com toda a força que tinha no corpo. De repente, chão, céu e casas fundiram-se numa paleta louca, os meus ouvidos latejavam, me estava sufocando. Nem sequer podia pôr as mãos de fora para parar já que elas estavam presas entre o meu peito e os joelhos. Só me restava esperar que o Jem nos parasse, a mim e ao pneu, ou que uma lombada na calçada o fizesse. Ouvia-o atrás de mim, correndo e gritando.

O pneu saltou no cascalho, atravessou a estrada, bateu contra uma barreira e me fez saltar como uma rolha para o pavimento.

Tonta e enjoada, fiquei deitada no cimento e abanei a cabeça, com os ouvidos tapados, até começar a ouvir a voz do Jem:

— Sai daí, Scout, anda logo!

Levantei a cabeça e fiquei parada olhando para os degraus da Casa dos Radley bem à minha frente. Congelei de medo.

— Anda Scout, não fique ai deitada — gritava o Jem. — Se levanta, não consegue?

Me levantei, tremendo à medida que descongelava.

— ’Bora, traz o pneu! — berrou o Jem. — Trague-o contigo! ’Tá doida ou quê?

Quando me recompus, corri para eles o mais depressa que os meus joelhos trémulos me deixavam.

— Por que é que não trouxe o pneu? — gritou o Jem.

— Olha, e por que é que ’ocê não vai buscar? — gritei eu.

O Jem ficou em silêncio.

— Vai lá, não está muito p’ra lá do portão da entrada. Até já tocou uma vez

na casa, lembra-se?

O Jem olhou para mim furioso, mas como não podia recusar, correu pela calçada abaixo, caminhou silenciosamente até ao portão e depois entrou como uma flecha e tirou o pneu.

— ’Tá vendo? — vangloriava-se o Jem triunfante. — Não tem nada pra se preocupar. Te juro Scout, às vezes você se comporta como uma menininha que até dói.

Ele não sabia da missa a metade, mas eu decidi mantê-lo na ignorância.

A Calpurnia apareceu na porta da frente e gritou.

— Hora da limonada! ’Bora saindo já desse sol ’ntes que sejam queimados vivos!

A limonada no meio da manhã era um ritual de Verão. A Calpurnia colocou um jarro e três copos na varanda e foi cuidar da sua vida.

Não estava lá muito preocupada pelo fato de não ter caído nas boas graças do Jem. A limonada ia repor a sua boa disposição.

O Jem bebeu de um só trago o seu segundo copo cheio de limonada e bateu no peito.

— Já sei a que vamos brincar — anunciou. — Uma coisa nova, uma coisa bem diferente.

— O quê? — perguntou o Dill.

— De Boo Radley.

As vezes, a mente do Jem era transparente: tinha inventado uma maneira de me fazer compreender que ele não tinha medo dos Radleys sob qualquer forma ou feitio, ou seja, para contrastar a minha covardia com o seu heroísmo destemido.

— De Boo Radley? Mas como? — voltou a perguntar o Dill.

O Jem respondeu:

— Scout, ’ocê pode ser a Sra. Radley...

— Eu é que sei se sou ou não. Não acho que...

— O que foi? — disse o Dill. — Inda ’tás com medo?

— Olha que ele pode sempre sair à noite enquanto estivermos dormindo... — adverti.

Mas o Jem pronunciou em tom sibilante:

— Scout, com’e qu’ele vai saber o que ’tamos fazendo? Além disso, acho que ele já não está ali. Há anos qu’ele morreu, só que eles o meteram pela chaminé acima.

O Dill disse:

— Jem, ’ocê e eu podemos brincar, e a Scout, se está com medo, fica vendo.

Eu tinha praticamente a certeza que o Boo Radley estava dentro daquela casa,

mas não podia provar, e achei melhor manter a minha boca calada ou seria acusada de acreditar em Suga-vida, um fenômeno a que, durante o dia, estava perfeitamente imune.

O Jem distribuiu os papéis: eu era a Sra. Radley e tudo o que tinha de fazer era sair e varrer a varanda. O Dill fazia o velho Sr. Radley: ele andava para trás e para a frente na calçada e tossia quando o Jem lhe dirigia a palavra. É claro que o Jem fazia o Boo: meteu-se debaixo dos degraus da frente e, de vez em quando, gritava e gemia.

À medida que o Verão avançava, também o nosso jogo progredia. Fomos polindo-o e aperfeiçoando-o, acrescentamos-lhe algum diálogo e enredo, até o transformarmos numa pequena peça que ia sofrendo alterações todos os dias.

O Dill era o vilão dos vilões: conseguia interpretar qualquer papel que lhe fosse destinado e, se a encomenda assim o exigisse, até conseguia parecer alto. Era tão bom como o seu pior desempenho; e o seu pior desempenho era mais o gênero gótico. Eu ia relutantemente interpretando algumas senhoras que, aqui e ali, entravam na peça. Nunca achei que era tão divertido como fazer o Tarzan, pelo que, durante aquele Verão, brinquei com extrema ansiedade, apesar de o Jem me assegurar que o Boo Radley estava morto e nada podia me pegar, estando ele e a Calpurnia em casa de dia e o Atticus à noite.

O Jem era um herói nato.

Tratava-se de uma pequena história melodramática, composta por partes e pedacinhos de intriga e lendas do nosso bairro: a Sra. Radley era uma mulher linda até ter casado com o Sr. Radley e ter perdido todo o dinheiro. Também perdeu grande parte dos seus dentes, cabelo e ainda o dedo indicador direito. (Contribuição do Dill: O Boo tinha-o mordido, numa noite em que não encontrou quaisquer gatos e esquilos para comer.); a maior parte do tempo sentava-se na sala e chorava, enquanto o Boo ia desbastando lentamente toda a mobília da casa.

Nós três éramos as crianças que se metiam sempre em apuros; eu era o juiz do tribunal de menores, para variar; o Dill levava o Jem, prendendo-o debaixo dos degraus, onde lhe batia, picando-o com a vassoura. O Jem ia aparecendo sempre que necessário, sob a forma de xerife, um rapaz qualquer da cidade e da Srta. Stephanie Crawford, que tinha mais a dizer sobre os Radleys do que qualquer outra habitante de Maycomb.

Quando chegava a altura de interpretar a grande cena do Boo, o Jem esgueirava-se para dentro de casa, roubava a tesoura da gaveta da máquina de costura quando a Calpurnia não estivesse vendo e depois sentava-se no balanço cortando jornais. Então o Dill passaria por ele, tossia para o Jem e ele fingia que desferia um golpe na perna do Dill. Do local onde eu estava parecia bem real.

Sempre que o Sr. Nathan Radley passava por nós na sua ida diária à cidade, permanecíamos quietos e em silêncio até ele estar longe da nossa vista e depois ficávamos pensando o que é que ele nos faria se descobrisse. Interrompíamos as nossas atividades quando algum dos nossos vizinhos aparecia, e uma vez vi mesmo a Srta. Maudie Atkinson, parada no outro lado da rua olhando para nós, com a tesoura de poda meio no ar.

Certo dia estávamos tão ocupados interpretando o Capítulo XXV, Livro II de *A Família de um Homem Só*, que não vimos o Atticus parado na calçada olhando para nós, batendo no joelho com uma revista enrolada. O Sol indicava meio-dia.

— Do que é que estão brincando? — perguntou.

— De nada — disse o Jem.

A resposta evasiva do Jem me fez perceber que o nosso jogo era um segredo, por isso me mantive em silêncio.

— Então que é que está fazendo com essa tesoura? Por que é que está rasgando esse jornal? E se for o de hoje lhe dou uma sova.

— Nada.

— Nada, o quê? — perguntou o Atticus.

— Nada, pai.

— Me de imediatamente essa tesoura — ordenou o Atticus.

— Isso não é coisa para se brincar... Por acaso isso tem alguma coisa que ver com os Radleys?

— Não, senhor — disse o Jem, corando.

— Espero bem que não — disse ele secamente e entrou em casa.

— Je-m...

— Fica quieta! Ele foi para a sala, ainda pode nos ouvir.

Em segurança no quintal, o Dill perguntou ao Jem se podíamos continuar brincando.

— Não sei. O Atticus não disse que não podíamos...

— Jem — adiantei —, de qualquer forma eu acho que ele sabe.

— Não, não sabe. E se soubesse dizia.

Eu não tinha a certeza, mas entretanto o Jem disse-me que eu estava sendo uma menina, que as meninas estavam sempre imaginando coisas, que era por isso que as outras pessoas as detestavam e que se eu começasse a me comportar como uma, então podia sair e procurar alguém com quem brincar.

— Tudo bem, então continua — disse-lhe eu. — E depois vai ver.

A chegada do Atticus foi a segunda razão para eu querer desistir do jogo. A primeira surgiu logo naquele dia em que fui rolando até o pátio da Casa dos Radley. No meio de todas aquelas sacudidas na cabeça, repressão das náuseas e os gritos do Jem, a verdade é que tinha ouvido outro som, tão baixo que não

podia tê-lo ouvido da calçada. Havia alguém rindo de dentro da casa.

V

TAL COMO EU PREVIRA, a minha persistência acabou por levar a melhor sobre o Jem e, para meu alívio, abandonamos aquele jogo por uns tempos. Contudo, ele continuava a insistir que o Atticus não tinha dito que não podíamos, logo podíamos; e mesmo se o Atticus dissesse que não podíamos, então o Jem já tinha pensado numa forma de lhe dar a volta: iria pura e simplesmente mudar o nome das personagens e, dessa forma, não podíamos ser acusados de estar brincando fosse do que fosse.

O Dill estava plenamente de acordo com este plano de ação.

A verdade é que estava se tornando numa espécie de adversário, concordando com tudo o que o Jem dizia. No início do Verão tinha me pedido em casamento, mas depois rapidamente se esqueceu da proposta. Tinha me escolhido, me marcou como sua propriedade, disse que eu era a mulher que amaria para toda a vida e depois me ignorou. Dei-lhe duas sovas, mas de nada adiantou, já que só fez aproximá-lo ainda mais do Jem. Passavam dias a fio na casa da árvore fazendo planos e combinações, só chamando por mim quando precisavam de um terceiro. Quanto a mim, decidi me manter algum tempos à distância dos seus imprudentes esquemas e, sob pena de voltar a ser chamada de «menina», passei a maior parte dos restantes crepúsculos daquele Verão sentada com a Srta. Maudie Atkinson na sua varanda da frente.

Eu e o Jem sempre gostamos de correr livremente pelo pátio da Srta. Maudie, desde que nos mantivéssemos afastados das suas azaleias. No entanto, a nossa relação com ela estava tudo menos claramente definida. Até o Jem e o Dill me excluírem dos seus planos, ela não passava de mais uma senhora do bairro, embora, convenhamos, uma presença relativamente benigna.

O nosso acordo tácito com a Srta. Maudie consistia em poder brincar no relvado dela, comer as suas uvas verdes desde que não saltássemos na videira e explorar o seu vasto quintal dos fundos, termos tão generosos que raramente falávamos com ela, preocupados que estávamos em preservar o delicado equilíbrio do nosso relacionamento.

Porém, com o seu comportamento, o Jem e o Dill fizeram-me aproximar dela.

A Srta. Maudie detestava a sua casa: o tempo passado dentro de portas era tempo perdido. Era viúva e parecia um verdadeiro camaleão, tal a forma como, ora trabalhava nos seus canteiros de flores com um velho chapéu de palha e um

macacão de homem, ora surgia na varanda, destilando sobre a rua a sua magistral beleza, depois do banho das cinco.

Ela adorava tudo o que crescesse na terra de Deus, até ervas daninhas. Apenas com uma exceção. Se ela encontrasse uma simples erva daninha no quintal então era certo e sabido que estávamos perante uma reconstituição da Segunda Batalha do Marne: debruçava-se sobre ela com um pulverizador e submetia-a a várias vaporizações de uma substância venenosa a partir do caule. Ela dizia que esta substância era tão poderosa que podia matar a todos se não saíssemos da frente.

— Por que é que não a arranca logo? — perguntei-lhe, depois de testemunhar uma prolongada investida contra uma folha que não teria mais do que três centímetros de altura.

— Arrancá-la, pequena, arrancá-la? — apanhou a erva moribunda e esmagou-a com o polegar. Dela saíram uns grãos microscópicos. — Sabe, uma só folha de erva-noz pode destruir um quintal inteiro. Repare. Quando chega o Outono, isto seca e o vento espalha tudo por Maycomb County! — A expressão no rosto da Srta. Maudie fazia crer que tal acontecimento era igual a uma das pragas do Velho Testamento.

O seu discurso era vivo para um habitante de Maycomb. Tratava-nos pelos nossos nomes próprios e quando sorria, revelava dois pequenos ganchos de ouro presos nos dentes caninos. Mal reparei neles, desejei logo, um dia, ter uns iguais, e ela disse «Repara».

Então, através de um movimento com a língua, tirava a dentadura, um gesto de cordialidade que acabou por cimentar a nossa amizade.

A benevolência da Srta. Maudie se estendia ao Jem e ao Dill, sempre que eles faziam uma pausa nas suas asneiras: então colhíamos os benefícios de um talento que a Srta. Maudie tinha, até então, mantido em segredo. Ela fazia os melhores bolos aqui do bairro. Mal foi admitida no seio da nossa confiança, e sempre que se dedicava à doceria, costumava fazer um bolo grande e três pequenos e, no fim, o seu chamamento ecoava por toda a rua:

— Jem Finch, Scout Finch, Charles Baker Harris, venham aqui!

E a nossa prontidão era sempre recompensada.

No Verão, os crepúsculos do fim de tarde eram longos e sossegados. Várias eram as vezes em que eu e a Srta. Maudie nos sentávamos silenciosamente na sua varanda e ficávamos observando o céu mudando de amarelo para cor-de-rosa, à medida que o Sol se punha, vendo os bandos de andorinhas a sobrevoar o bairro e desaparecerem por trás dos telhados da escola.

— Srta. Maudie — comecei, num fim de tarde — acha que o Boo Radley ainda tá vivo?

— O nome dele é Arthur e ainda está vivo, sim — respondeu ela.

Estava se balançando lentamente na sua grande cadeira de madeira de carvalho.

— Sente o cheiro das minhas mimosas? Esta noite até parece a respiração de um anjo.

— Sim, senhora. E com'e que sabe?

— Sei o quê, querida?

— Que o Bo... que o Sr. Arthur 'tá vivo?

— Mas que pergunta tão mórbida. Mas também acho que é um assunto mórbido. Eu sei que está vivo, Jean Louise, porque ainda não vi ninguém levando ele para o cemitério.

— Talvez ele tenha morrido e o tenham enfiado pela chaminé acima.

— Onde é que buscou tal ideia?

— Foi o que o Jem disse que achava que eles tinham feito.

— Tss-tss. Cada dia que passa está mais parecido com o Jack Finch.

A Srta. Maudie conhecia o tio Jack Finch, irmão do Atticus, desde os tempos de criança. Eram praticamente da mesma idade, tinham crescido juntos na Fazenda Finch. A Srta. Maudie era filha de um latifundiário vizinho, o Dr. Frank Buford. O Dr. Buford era médico e vivia obcecado por tudo o que crescesse no chão, por isso nunca enriqueceu. O tio Jack Finch limitava a sua paixão por agricultura a uns vasos de janela em Nashville e acabou ficando rico.

Nós víamos o tio Jack todos os Natais, e todos os Natais ele gritava para o outro lado da rua pedindo a Srta. Maudie em casamento. E a Srta. Maudie respondia, gritando, «Fala um pouquinho mais alto, Jack Finch, para ver se te ouvem nos Correios, porque eu não consigo te ouvir!» Eu e o Jem achávamos que esta era uma forma um pouco estranha de pedir a mão de uma senhora em casamento, mas o tio Jack também era um bocado estranho.

Ele disse que estava tentando cair no gosto da Srta. Maudie, que já o fazia infrutiferamente há quarenta anos, que ele era a última pessoa no mundo com quem Srta. Maudie pensava em casar, mas a primeira em que pensava para incomodar, e por isso, a melhor forma de se defender dela era a chamada ofensa espirituosa. Para nós, aquilo tudo era claro como água.

— O Arthur Radley apenas permanece dentro de casa, só isso — disse a Srta. Maudie. — 'Ocê também não ficaria dentro de casa se não quiser sair?

— Sim, senhora, mas eu quero sair. Por que é qu'ele não quer?

A Srta. Maudie semicerrou os olhos.

— Conhece essa história tão bem como eu.

— Mas nunca ouvi a razão. Nunca ninguém me explicou.

A Srta. Maudie voltou a colocar a dentadura.

— Sabia que o velho Sr. Radley era um Batista lava-pés dos sete costados?...

— Isso é o que a senhora é, certo?

— Não sou assim tão devota, minha filha. Sou apenas uma Batista.

— Vocês não acreditam todos na cerimônia do lava-pés?

— Acreditamos. Em casa, na banheira.

— Mas nós não podemos comungar com vocês todos...

Aparentemente decidindo que era mais fácil definir o batistismo primitivo do que a comunhão fechada, a Srta. Maudie afirmou:

— Os lava-pés acreditam que tudo o que dá prazer é pecado.

Sabia que um destes sábados houve alguns que saíram da mata e vieram p'rá aqui me dizer que eu e as minhas flores íamos para o Inferno?

— As suas flores também?

— Sim, senhora. E que vão arder juntamente comigo. Achavam que eu passava tempo demais desfrutando da Natureza que Deus nos deu e não dentro de casa lendo a Bíblia.

A minha confiança nos sermões do púlpito diminuiu com a visão da Srta. Maudie ardendo para sempre nos vários infernos Protestantes.

Era verdade que ela tinha uma língua afiada e não andava pelo bairro propriamente fazendo boas ações, como fazia a Srta. Stephanie Crawford. Mas enquanto ninguém que tivesse um pouco de tino confiava na Srta. Stephanie, eu e o Jem tínhamos uma confiança quase inabalável na Srta. Maudie. Nunca tinha feito reclamações de nós, nunca nos tinha perseguido e não estava minimamente interessada na nossa vida privada. Era nossa amiga. Por isso não compreendíamos como é que uma criatura tão atinada podia viver com o perigo do eterno tormento.

— Mas isso não está certo, Srta. Maudie. A senhora é a melhor pessoa que conheço.

A Srta. Maudie sorriu.

— Obrigado, minha cara amiga. O problema, é que os lava-pés pensam que as mulheres por si só já são um pecado. Sabe, eles levam a Bíblia ao pé da letra.

— É por isso qu'o Sr. Arthur fica em casa? P'ra se manter afastado das mulheres?

— Não faço a mínima ideia.

— P'ra mim isso não faz sentido. O que me parece é que se o Sr. Arthur quisesse ir para o Céu, podia ao menos vir à varanda.

O Atticus diz que Deus quer que a gente ame as pessoas tanto quanto nos amamos a nós próprios...

A Srta. Maudie parou de se balançar e o seu tom de voz endureceu.

— É muito nova para entender — disse ela — mas por vezes a Bíblia na mão de um homem é pior do que uma garrafa de uísque nas mãos do... olha, do teu

pai!

Eu fiquei em estado de choque.

— O Atticus não bebe uísque — disse. — Nunca bebeu uma gota em toda a sua vida... desculpe, bebeu. Disse que uma vez bebeu um gole e não gostou.

A Srta. Maudie riu.

— Não estava falando do teu pai — retorquiu. — O que eu queria dizer era, se o Atticus Finch bebesse até cair, seria bem provável que não seria tão severo como alguns homens são naturalmente. Só que há alguns tipos de homem que... que estão tão ocupados preocupando-se com o próximo mundo, que nunca aprendem a viver neste, e pode bem olhar para esta rua que verá os resultados.

— Acha que é verdade, todas essas coisas que se dizem por aí do Bo... Do Sr. Arthur?

— Que coisas?

Contei pra ela.

— Olha, isso são três quartos de conversa de gente de cor e um quarto da Stephanie Crawford — disse a Srta. Maudie num tom taciturno.

— Uma vez a Stephanie Crawford até me contou que acordou no meio da noite e o encontrou olhando para ela através da janela.

E então eu perguntei o que tinha feito, «Stephanie, chegou para lá na cama e deu espaço para ele se deitar?» E isso fez ela ficar quieta por algum tempo.

Tenho certeza que sim. A voz da Srta. Maudie era suficiente para calar quem quer que fosse.

— Não, querida — disse ela —, aquela é uma casa triste. Lembro-me de quando o Arthur Radley era criança. Dirigia-se sempre a mim educadamente, independentemente do que as pessoas digam agora. Falava o mais delicadamente comigo que sabia.

— Acha que ele é doido?

A Srta. Maudie abanou com a cabeça.

— Se não era, agora deve estar. Nós nunca sabemos aquilo que acontece às pessoas. O que se passa dentro das portas e janelas fechadas, os segredos...

— O Atticus nunca fez nada pra mim e ao Jem dentro de casa que não fizesse no pátio — anunciei, sentindo que era meu dever defender o meu pai.

— Minha querida filha, estava só dando um exemplo, nem sequer estava pensando no teu pai, mas agora que estou, te digo uma coisa: Atticus Finch é uma e a mesma pessoa, seja em casa ou na rua.

— Quer levar um pouquinho de bolo fresco para casa?

— Eu adoraria.

Na manhã seguinte, quando acordei, fui encontrar o Jem e o Dill no quintal embrenhados numa conversa profunda. Quando me juntei a eles disseram-me

para ir embora, como de costume.

— Não vou e não vou. Este quintal é tão teu como meu, Jem Finch. Tenho tanto direito de brincar aqui como ’ocê.

Depois de se reunirem num breve concílio, o Jem e o Dill abordaram-me:

— Se ficar, tem de fazer o que te mandarmos — avisou o Dill.

— Sim senhor — ironizei. — Olha, olha quem ficou todo mandão de repente?

— Se não disser que vai fazer o que nós queremos, não te contamos nada — continuou o Dill.

— Tá se comportando como se tivesse crescido 10 cm durante a noite! Tá bem, o que é?

O Jem disse placidamente:

— Vamos entregar um bilhete ao Boo Radley.

— Mas como?

Procurava lutar contra o terror que, automaticamente, começava a apoderar-se de mim. Eu não tinha problemas em ouvir a Srta. Maudie falando disso... era velha e estava confortavelmente sentada na sua varanda. Mas para nós era diferente.

O Jem ia simplesmente colocar o bilhete na ponta de uma vara de pescar e enfiá-la pelas persianas. Se aparecesse alguém, o Dill tocava a sineta.

O Dill ergueu a mão direita. Reparei que segurava a sineta de jantar de prata da minha mãe.

— Vou dar a volta na casa — disse o Jem. — Ontem, do outro lado da rua, vimos que há uma persiana solta. Em último caso, acho que talvez consiga prendê-lo no peitoril da janela.

— Jem...

— Agora que já tá metida nisto e não consegue sair, tem de ficar, ouviu ó medrosa!

— Tá bem, tá bem, mas não quero ver. Jem, alguém estava...

— Vai sim senhor, vai vigiar a retaguarda do terreno e o Dill a frente da casa e a rua, e se vier alguém ele toca a sineta. Entendido?

— Tudo bem. E o que vai escrever?

O Dill disse:

— Ora bem, ’tamos lhe dizendo educadamente p’ra vir aqui fora um pouco e falar p’ra gente o que faz lá dentro... dizemos que não lhe faremos mal e que lhe compraremos um sorvete.

— Vocês ’tão mas é malucos de todo, ele vai nos matar!

O Dill continuou:

— A ideia é minha. Achei que se ele viesse aqui fora e desse dois dedos de conversa conosco podia se sentir-se melhor.

— Como é que sabe que ele não se sente bem?

— Com’e que ’ocê se sentia se tivesse sido enclausurada durante cem anos só com gatos p’ra comer? Aposto que ele tem uma barba até aqui...

— Como a do teu pai?

— Ele não tem barba, ele... — o Dill parou, como se estivesse tentando se lembrar.

— Ah! Ah! Te peguei! — exclamei. — Você disse antes que quando saiu do comboio o teu querido paizinho tinha uma barba preta...

— Só p’ro teu conhecimento ele a cortou no Verão passado! Sim, e tenho uma carta p’ra provar isso... e ele também me mandou dois dólares, ouviu!

— Continue... aposto que até te mandou um uniforme da polícia montada! Que afinal nunca apareceu, hem? Ande, continue a inventar, meu querido...

O Dill Harris conseguia contar as maiores mentiras que já tinha ouvido. Entre as quais, que tinha voado num avião-correio dezessete vezes, tinha visitado a Nova Escócia, tinha visto um elefante e o seu avô era o brigadeiro-general Joe Wheeler que, inclusivamente, lhe tinha deixado a sua espada.

— Calem-se os dois! — disse o Jem. O Jem correu apressadamente para debaixo da casa e saiu com uma vara de bambu.

— Acham que isto é suficientemente comprido para chegar da calçada até lá?

— Quem é suficientemente corajoso p’ra ir lá e tocar na casa, não precisa usar uma vara de pescar — disse eu. — Por que é que não se deita embaixo do parapeito da porta da frente?

— Isto... é... diferente — defendeu-se o Jem. — Quantas vezes que preciso te dizer isso?

O Dill tirou um pedaço de papel do bolso e deu-o ao Jem.

Caminhamos os três cautelosamente até junto da velha casa. O Dill permaneceu junto do poste de eletricidade mesmo em frente ao terreno, enquanto eu e o Jem nos esgueiramos pela calçada paralela a um dos lados da casa. Eu fui andando na frente do Jem e parei num local onde pudesse ter uma visão da esquina.

— Costa livre — disse eu. — Não se vê vivalma.

O Jem olhou para o outro lado da calçada para o Dill, que lhe fez sinal com a cabeça.

O Jem prendeu o bilhete na ponta da vara de pescar, estendeu-a através do quintal e pressionou-a contra a janela que tinha escolhido.

Faltavam alguns centímetros pra vara e o Jem inclinou-se o mais que podia. Estava há tanto tempo vendo-o fazer aqueles malabarismos que abandonei o meu posto e decidi ir falar com ele.

— Não o consigo tirar da vara — murmurou —, ou se conseguir tirar não

consigo fazer com que fique lá. Volta p’ra trás p’ro teu lugar, Scout.

Voltei e, da esquina, observei a rua vazia. De vez em quando olhava para o Jem, que estava pacientemente tentando colocar o bilhete no peitoril da janela. O vento estava sempre derrubando-o no chão e o Jem sempre pegando-o e amassando-o, a ponto que comecei a pensar que se o Boo Radley chegasse a recebê-lo, jamais conseguiria ler. Estava vigiando a rua quando, de súbito, a sineta de jantar tocou.

Me levantei e virei, à espera de encarar o Boo Radley com as suas presas sangrentas; mas, em vez disso, vi o Dill tocando a sineta com toda a força ao lado do Atticus.

O Jem parecia tão apavorado que nem sequer tive coragem de lhe dizer que já o tinha avisado. Ele veio pro nosso lado penosamente, arrastando a vara atrás de si pela calçada.

Foi então que o Atticus disse:

— Para de tocar a sineta.

O Dill prendeu o badalo da sineta; naquele silêncio que se seguiu desejei que a tivesse continuado tocando. O Atticus empurrou o chapéu para trás na cabeça e colocou as mãos nas cinturas.

— Jem — repreendeu —, mas o que é que você estava fazendo?

— Nada, senhor.

— Não é essa a resposta que deve me dar. Me diga.

— Eu estava... Estávamos só tentando dar uma coisinha ao Sr. Radley.

— E o que é que queriam lhe dar?

— Só uma carta.

— Deixa-me vê-la.

O Jem mostrou um pedaço de papel imundo. O Atticus pegou nele e tentou lê-lo.

— Por que é que vocês querem que o Sr. Radley saia?

O Dill respondeu:

— Achamos que podia gostar de nós... — e secou as lágrimas quando o Atticus olhou para ele.

— Filho — disse, virando-se para o Jem. — Vou te dizer uma coisa e não vou repetir de novo: pare de atormentar o homem. E isto também serve para vocês dois.

O que o Sr. Radley fazia era problema dele. Se quisesse sair, ele o faria.

Se queria ficar dentro de sua própria casa, tinha todo o direito de permanecer dentro de casa longe da atenção de crianças inquisitivas, que era um termo suave para classificar alguém como nós. Será que nós também iríamos gostar se, de repente, o Atticus começasse a intrometer-se nas nossas vidas, sem bater à porta

quando estávamos nos nossos quartos à noitinha? No fundo, era isso que estávamos fazendo com o Sr. Radley. O que o Sr. Radley fazia podia-nos parecer peculiar, mas para ele não. Além disso, será que nunca nos tinha ocorrido que a forma mais civilizada de comunicar com outro ser humano era pela porta da frente e não pela janela do lado? Por fim, doravante estávamos proibidos de nos aproximarmos daquela casa a não ser que fôssemos convidados, proibidos de brincar de qualquer jogo idiota que ele nos tivesse visto jogando, e ainda de fazer troça de alguém daquela rua ou daquela cidade...

— Nós não ’távamos fazendo troça dele, nós não ’távamos rindo dele — defendeu-se o Jem —, apenas ’távamos...

— Com que então era isso que estavam fazendo, não era?

— fazendo troça dele?

— Não — disse o Atticus. — Conseguiram trazer a história da vida dele para a praça pública para edificação de todo o nosso bairro.

O Jem sentiu-se ligeiramente ofendido.

— Eu não disse que estávamos fazendo isso, eu não disse isso!

O Atticus sorriu secamente.

— Acabou de me dizer — ripostou. — Parem imediatamente com este absurdo, todos vocês.

O Jem ficou boquiaberto.

— Você quer ser advogado, não quer? — A boca do nosso pai estava suspeitamente cerrada, como se num esforço para conter algo.

O Jem decidiu que não fazia sentido continuar a discutir e permaneceu em silêncio.

Quando o Atticus entrou em casa para ir buscar uma pasta que tinha se esquecido de levar para o trabalho naquela manhã, o Jem percebeu que tinha sido apanhado pelo truque de advogado mais antigo que existia. Esperou a uma distância respeitável dos degraus da frente e viu o Atticus saindo de casa, dirigindo-se para a cidade.

Quando o Atticus já não podia ouvir, o Jem gritou:

— Olha, eu pensava que queria ser advogado, mas agora já não tenho tanta certeza!

VI

«Podem» respondeu o nosso pai, quando o Jem lhe perguntou se podíamos ir até casa da Srta. Rachel e sentarmo-nos no lago dos peixes com o Dill, já que esta era a sua última noite em Maycomb.

— Digam-lhe adeus por mim e que o esperamos novamente aqui no próximo Verão.

Saltamos o pequeno muro que separava o quintal da Srta. Rachel da entrada da nossa garagem. O Jem assobiou imitando uma codorniz e o Dill respondeu na escuridão.

— Não está ventando — disse o Jem. — E olhe lá.

Apontou para o leste. Por detrás das nogueiras da Srta. Maudie erguia-se uma Lua gigantesca.

— Parece qu'inda isso faz ficar mais quente — concluiu.

— Tem uma cruz lá esta noite? — perguntou o Dill, sem olhar para cima. Estava fazendo um cigarro a partir de fumo de corda e jornal.

— Não, só a senhora. Não acenda isso, Dill, que vai pestiar este lado da cidade.

Em Maycomb dizia-se que havia uma senhora na Lua. E que estava sentada na penteadeira escovando o cabelo.

— Vamos sentir a tua falta moleque — admiti. — Não acha que é melhor irmos dar uma olhadela no Sr. Avery?

O Sr. Avery morava do outro lado da rua frente à casa da Sra. Henry Lafayette Dubose. Além de ajudar no recolhimento da oferenda da missa aos domingos, o Sr. Avery ficava sentado na varanda todas as noites até às nove horas e espirrava muito. Uma noite tivemos o privilégio de assistir a uma das suas demonstrações, que nos pareceu mesmo a última, dado que nunca mais a repetiu quando o estávamos observando.

Certa noite eu e o Jem íamos saindo de casa da Srta. Rachel quando o Dill nos interpelou:

— Céus, olhem p'rá lá — apontou para o outro lado da rua.

À primeira vista não víamos nada a não ser uma varanda coberta de videiras, mas um olhar mais atento revelou um arco de água que descia por entre as folhas e que ia cair no círculo de luz amarela do candeeiro lá da rua, daí até alguns cinco metros de distância.

O Jem disse que o Sr. Avery tinha má pontaria, que devia beber quatro litros por dia, e então o concurso que se seguiu para determinar as distâncias relativas e seu respectivo valor só me fizeram sentir de novo à parte, dado que não tinha nenhum talento nesta área.

O Dill espreguiçou-se, soltou um bocejo e disse descontraidamente ao mesmo tempo:

— Já sei, vamos dar um passeio.

Aquilo pareceu-me um pouco suspeito. Em Maycomb ninguém saía só para dar um passeio.

— Onde, Dill?

O Dill apontou para sul com a cabeça.

Depois, foi a vez do Jem falar.

— Tudo bem!

Quando eu protestei, ele acrescentou com brandura:

— ’Ocê não precisa de vir conosco, minha santinha.

— Você não tem para onde ir. Lembra-se...

O Jem não era pessoa de aprender com os erros do passado: parecia que a única lição que tinha tirado do Atticus era um aprofundamento na arte do interrogatório.

— Scout, a gente não vai fazer nada, só vamos até o poste de eletricidade e voltamos.

Caminhamos em silêncio pela calçada, ouvindo as cadeiras de balanço rangendo nas varandas, sob o peso da vizinhança, escutando os suaves murmúrios noturnos dos adultos da nossa rua. Por um momento conseguimos até ouvir Srta. Stephanie Crawford rindo.

— Bom, então como é que é? — perguntou o Dill.

— Tudo bem — respondeu o Jem. — Por que é que não volta p’ra casa, Scout?

— O que é que vocês estão armando?

O Dill e o Jem iam apenas espreitar pela tal janela com a persiana solta para ver se conseguiam ver o Boo Radley e se eu não quisesse ir com eles devia era ir direitinha para casa e manter a minha matraca calada, e ponto final.

— Mas por alma de quem é que vocês vão esperar até ficar de noite?

Porque à noite ninguém os conseguia ver, porque o Atticus ia estar tão embrenhado num livro que nem perceberia o Juízo Final, porque se o Boo Radley os matasse eles faltariam na escola e não nas férias e porque era mais fácil ver para dentro de uma casa sombria à noite do que na luz do dia. Era assim tão difícil de perceber?

— Jem, por favor...

— Scout, pela última vez, cala essa matraca ou vai para casa... Meu Deus, cada dia que passa está mais menininha!

Ao ouvir aquilo, não tive outra alternativa senão juntar-me a eles. Pensamos que era melhor passarmos por baixo da cerca de arame nos fundos do terreno dos Radleys já que, dessa forma, havia menos possibilidades de nos descobrirem. A cerca rodeava um grande jardim e um pequeno anexo para guardar lenha.

O Jem levantou o arame inferior e ajudou o Dill a passar por baixo. Eu fui logo a seguir e segurei no arame para o Jem passar.

Passou rapidamente.

— Nem um pio — sussurrou o Dill. — Aconteça o que acontecer, não se metam no meio das couves senão acordam os mortos!

Lembrando-me disto, acho que passei dando um passo por minuto. Só apressei o passo quando vi o Jem a acenar lá longe à luz da lua. Chegamos ao portão que separava o jardim do quintal dos fundos. O Jem tocou-lhe. O portão rangeu.

— Cospe-lhe — murmurou o Dill.

— Se meteu num beco sem saída, Jem — disse eu baixinho.

Agora não conseguiremos sair daqui tão facilmente quanto isso.

— Chiu! Cospe-lhe, Scout.

Cuspimos até ficarmos secos e o Jem abriu lentamente o portão, levantando-o para o lado e encostando-o à cerca. Estávamos no quintal dos fundos.

Confesso que os fundos da Casa dos Radley eram menos acolhedores do que a frente; havia uma varanda em ruínas em toda a largura da casa; havia duas portas e duas janelas escuras entre as portas.

Em vez de uma coluna, uma trave grosseira dois por quatro suportava uma das extremidades do telhado. Num dos cantos da varanda estava um velho fogão modelo Benjamin Franklin; por cima dele, o espelho de um cabide de chapéus refletia a luz da lua e brilhava com uma intensidade lúgubre.

— Ai, ai — disse o Jem cuidadosamente, levantando o pé.

— Qu’é que foi?

— Galinhas — sussurrou.

A obrigação de nos desviarmos do desconhecido foi confirmada quando, à nossa frente, o Dill, murmurando, soletrou M-e-u-D-e-u-s. Esgueiramos silenciosamente bem rente à casa até chegarmos à janela com a persiana solta. O peitoril era várias vezes mais alto do que o Jem.

— Eu te dou uma mão para subir — murmurou para o Dill.

— Espera aí.

O Jem agarrou no seu pulso esquerdo e no meu pulso direito, eu agarrei no meu pulso esquerdo e no direito dele e o Dill sentou-se na nossa cadeirinha.

Levantamos ele e assim conseguiu alcançar o peitoril da janela.

— Rápido — sussurrou o Jem — Já não aguentamos muito mais.

O Dill tocou no meu ombro e o abaixamos.

— O qu'é qu'viu?

— Nada. Cortinas. Há uma pequena luz.

— Vamos é sair daqui — sussurrou o Jem. — É melhor darmos a volta e voltar para trás. — E calou! — avisou-me, perante a minha intenção de protestar.

— Vamos tentar pela janela de trás.

— Dill, não — disse eu.

O Dill parou e deixou o Jem ir à frente. Mal o Jem colocou o pé no primeiro degrau, o degrau rangeu. Ele parou, e depois foi experimentando passo a passo. O degrau não fez barulho. O Jem saltou dois degraus, colocou um pé na varanda, subiu e hesitou por longos momentos. Voltou a ganhar balanço e saltou, se abaixando em seguida. Rastejou até à janela, levantou a cabeça e espreitou lá para dentro.

E foi então que eu vi um vulto. Era a sombra de um homem com um chapéu. A princípio pensei que fosse uma árvore, mas não havia vento e os ramos das árvores não caminham. A varanda dos fundos estava inundada pela luz da lua, e o vulto, nítido e recortado como uma sombra chinesa, atravessou a varanda em direção ao Jem.

Logo depois foi a vez de o Dill o ver. De imediato, tapou a cara com as mãos.

Quando a sombra passou pelo Jem, este viu-a. Então, cobriu a cabeça com os braços e ficou rígido como uma pedra.

O vulto parou a um metro do Jem. Levantou um dos braços, depois baixou-o e ficou imóvel. Então virou as costas, voltou a passar pelo Jem, caminhou ao longo da varanda e dobrou a esquina, percorrendo o mesmo caminho que o tinha trazido até ali.

O Jem saltou da varanda e correu desenfreado até nós. Abriu violentamente o portão, empurrou a mim e ao Dill e nos seguiu por entre duas filas de hortaliças. No meio do caminho tropecei, no preciso momento em que um disparo de uma espingarda estremeceu o bairro.

O Dill e o Jem mergulharam atrás de mim. A respiração do Jem vinha aos soluços.

— Rápido, próximo à beira do pátio da escola!... Anda, Scout!

O Jem levantou o arame; eu e o Dill rolamos por baixo e, quando já estávamos a meio caminho do abrigo do carvalho solitário do Pátio da escola, sentimos que o Jem não estava conosco. Voltamos para trás correndo e vimos que ele se debatia com o arame, tentando tirar as calças para se soltar. Depois, correu para o carvalho de cuecas.

Em segurança atrás do tronco, o entorpecimento tomou conta de nós, só que a cabeça do Jem não parava:

— Temos qu' ir p'ra casa, senão eles vão dar p'la nossa falta.

Atravessamos o pátio da escola correndo, rastejamos por baixo da cerca até ao *Deer's Pasture*, nos fundos da nossa casa, trepamos a cerca do fundo e chegamos nos degraus de trás sem mesmo o Jem nos deixar fazer uma pausa para descansar.

Quando recuperamos o fôlego, caminhamos os três o mais despreocupadamente possível até ao pátio da frente. Olhamos para o fim da rua e vimos um círculo de vizinhos junto ao portão dos Radleys.

— É melhor irmos lá abaixo — disse o Jem. — Vão achar estranho se não formos.

O Sr. Nathan Radley estava de pé do lado de dentro do portão com uma espingarda aberta debaixo do braço. O Atticus estava ao lado da Srta. Maudie a Srta. Stephanie Crawford. A Srta. Rachel o Sr. Avery estavam junto deles. Nenhum deles deu por nós. Paramos ao lado da Srta. Maudie, que olhou ao redor.

— Onde é que vocês estavam, não ouviram o estrondo?

— O que é que aconteceu? — perguntou o Jem.

— O Sr. Radley disparou contra um negro na horta.

— Ah. E acertou ele?

— Não — disse a Srta. Stephanie. — Disparou para o ar. Acho que ele ficou branco como a cal. Por isso, se alguém vir um negro branco, é ele. E diga que tem o outro cartucho à espera de ouvir o próximo barulho que venha daquele quintal, e que da próxima vez não vai disparar para o ar, seja cão, negro, ou... Jem Finch!

— Senhora? — perguntou o Jem.

Atticus se pronunciou:

— Onde é que estão as tuas calças, filho?

— Calças, pai?

— Sim, calças.

Não havia nada a fazer. Ali de cuecas, aos olhos de Deus e de todo mundo. Soltei um suspiro.

— Ummm... Sr. Finch?

À luz daquele candeeiro conseguia ver o Dill a engendrar uma mentira: arregalou os olhos e a sua cara de querubim ficou ainda mais bolachuda.

— O que é que foi Dill? — perguntou o Atticus.

— Umm... fui eu que ganhei — disse ele, vagamente.

— Ganhou? Como?

O Dill coçou a nuca com a mão. Depois levou-a à frente e começou a coçar a testa.

— Estávamos jogando *strip poker* lá no laguinho — disse ele.

Eu e o Jem relaxamos. Os vizinhos pareciam satisfeitos: ficaram todos de orelhas arrebitadas. Mas afinal o que era o *strip poker*?

Mas não tivemos oportunidade de descobrir já que a Srta. Rachel disparou como a sirene dos bombeiros:

— Deus Nosso Senhor nos acuda, Dill Harris! jogando na minha piscina? Eu é que te dou o *strip poker!*

O Atticus salvou o Dill de um desmembramento iminente.

— Um momento, Srta. Rachel — interrompeu. — Não sabia que eles faziam isso. E estavam todos jogando cartas, era?

O Jem completou a manobra de diversão do Dill com os olhos fechados:

— Não senhor, só com fósforos.

Admirei o meu irmão. Os fósforos eram perigosos, mas as cartas eram fatais.

— Jem, Scout — disse o Atticus —, não quero ouvir falar em *poker* seja de que forma for. E você, vai buscar as tuas calças no Dill, Jem. Resolvam seus problemas.

— Não se preocupe, Dill — disse o Jem, enquanto subíamos a calçada — que ela não vai te fazer mal. Ele vai convencê-la. Aquilo é que foi um raciocínio rápido, minucioso. Ouça... ’tá ouvindo?

Paramos e ouvimos a voz do Atticus lá no fundo:

— ...não estavam falando sério... todos eles passam por isso, Srta. Rachel...

O Dill sentia-se reconfortado, mas eu e o Jem não. É que havia ainda o problema de o Jem de manhã não ter calças para vestir.

— Eu te dou umas minhas — disse o Dill, assim que chegamos aos degraus da casa da Srta. Rachel. O Jem disse que nunca iria caber nelas, mas agradeceu assim mesmo.

Nos despedimos e o Dill entrou em casa. É óbvio que se lembrou que estávamos noivos e então voltou para trás e me beijou rapidamente, escondido do Jem.

— Escrevam, ’tá bem? — gritou, quando nos afastamos.

Mesmo que o Jem tivesse as calças em segurança com ele, de qualquer forma não teríamos dormido muito naquela noite. Todos os sons noturnos que ouvia da minha rede na varanda dos fundos eram triplicados; qualquer raspar de pés no cascalho era o Boo Radley à procura de vingança, qualquer negro que passasse na rua rindo era o Boo Radley à solta atrás de nós; os insetos que batiam na rede eram os dedos loucos do Boo Radley desfazendo o arame em pedaços; as

cerejeiras pairavam sobre mim como espíritos malignos. Deixei-me ficar meio dormindo, meio acordada até que ouvi o Jem murmurar.

— Então, já chegou o João Pestana?

— Tá maluco?

— Chiu. A luz do Atticus já está apagada.

Sob a luz pálida do luar vi o Jem pôr os pés no chão.

— Vou procurar delas — afirmou.

Fiquei de pé.

— Não pode. Eu não deixo.

Enfiou a camisa, meio atabalhoado.

— Tenho d'ir.

— Se for, acordo o Atticus.

— E se fizer, acabo contigo.

Agarrei seu braço e puxei-o para o meu lado na cama. Tentei convencê-lo.

— O Sr. Nathan vai descobri-las de manhãzinha cedo, Jem. Ele sabe qu'as perdeu. E quando ele as mostrar ao Atticus ele vai ficar furioso, é isso que vai acontecer. Volta p'rá cama.

— Já sei disso — disse o Jem. — É por isso que vou buscar.

Comecei a me sentir mal. Voltar àquele local sozinha... lembrei-me da Srta. Stephanie: O Sr. Nathan tinha o outro cartucho à espera do próximo ruído que escutasse, fosse negro, cão... o Jem sabia-o melhor do que eu.

Senti-me desesperada:

— Olha Jem, não vale a pena. Uma surra dói, mas acaba passando. Assim vai levar um tiro, Jem. Por favor...

Ele assoprou pacientemente.

— Eu... é assim, Scout — murmurou. — Que eu me lembre o Atticus nunca me bateu. E quero que continue sempre assim.

Esta era uma mera conjectura. Até parecia que o Atticus nos ameaçava todos os dias.

— O que 'ocê quer dizer é qu'ele nunca t'apanhou fazendo asneiras.

— Talvez, mas... só quero manter as coisas dessa forma, Scout.

Não devíamos ter feito aquilo esta noite, Scout.

Acho que foi naquele preciso momento que eu e o Jem começamos nos a afastar. Por vezes não o compreendia, mas verdade é que os meus períodos de confusão estavam prestes a acabar. Só que este estava fora do meu alcance.

— Por favor — supliquei —, pensa nisso ao menos um pouquinho... imagina, você, sozinho, ali naquele local...

— Cala a boca!

— Não é como se ele nunca mais falasse com você de novo ou algo assim ...

Olha, vou acordá-lo Jem, juro que vou...

O Jem agarrou na gola do meu pijama e e puxou com força.

— Então eu vou contigo... — eu me engasguei.

— Não, não vai, só ia fazer barulho.

Não havia nada a fazer. Destranquei a porta dos fundos e segurei nela enquanto ele descia os degraus silenciosamente. Deviam ser duas da manhã. A Lua estava pondo-se e as sombras gradeadas iam desaparecendo, fundindo-se lentamente com o nada indistinto.

Via-se a calda da camisa branca do Jem balançando como um pequeno fantasma, dançando para escapar à manhã vindoura. Soprava uma leve brisa que arrefecia o suor que escorria pelo meu corpo.

Foi pelos fundos, pelo Pasto do Deer, atravessando o pátio da escola e contornando a cerca, isto é, penso eu... pelo menos era por ali que iria. Decerto ia demorar algum tempo, por isso ainda não era momento de me preocupar. Fiquei à espera, até que essa hora chegasse e ouvisse a espingarda do Sr. Radley. Depois, pareceu-me ouvir o ranger da cerca dos fundos. Era a minha imaginação falando por mim.

Mais tarde ouvi o Atticus tossir. Segurei a respiração. Às vezes, quando no meio da noite fazíamos uma peregrinação ao banheiro descobríamos ele lendo. Ele dizia que acordava muitas vezes no meio da noite, via como nós estávamos, lia um pouquinho e voltava a dormir. Fiquei esperando que a luz se acendesse, esforçando os olhos para vê-la inundar o corredor. Manteve-se apagada e eu voltei a respirar.

Os insetos noturnos já tinham se retirado, mas as cerejas maduras batiam no telhado quando o vento soprava e a escuridão desoladora era ainda mais sublinhada pelo latir de cães lá ao longe.

Mas eis que ele aparece, vindo na minha direção. A sua camisa branca balançava sobre a cerca dos fundos e ia lentamente ficando maior. Subiu os degraus traseiros, trancou a porta atrás de si e sentou-se no seu beliche. Mudo e quieto, mostrou-me as suas calças. Deitou-se e, durante algum tempo, ouvi o seu beliche tremendo. Pouco depois parou. E não o ouvi tremer de novo.

VII

O JEM ANDOU MUDO e tristonho durante uma semana. Tal como o Atticus tinha me dito uma vez, tentei colocar-me na pele do Jem e andar dentro dela durante um dia: se tivesse ido sozinha à Casa dos Radley às duas da manhã, bem que podiam marcar o meu funeral para o dia seguinte. Por isso, deixei o Jem em paz e tentei não o importunar.

Recomeçaram as aulas. O segundo ano era tão mau como o primeiro, só que ainda um pouco pior... ainda nos bombardeavam com cartões e não nos deixavam ler nem escrever. Os progressos da Srta. Caroline, na sala do lado, podiam ser avaliados pelo volume e frequência da galhofa; contudo, a turminha de costume tinha chumbado de novo no primeiro ano e sempre davam uma ajudinha para manter a ordem. A única coisa boa do segundo ano era que agora tinha de ficar na escola até à hora em que o Jem saía, pelo que normalmente regressávamos juntos pra casa lá pelas três da tarde.

Certa tarde, quando atravessávamos o pátio da escola em direção a casa, o Jem, de repente, disse:

— Há uma coisa que não te contei.

Como esta era a sua primeira frase completa em três dias, encorajei-o:

— Sobre o quê?

— Sobre aquela noite.

— Mas você nunca me contou nada sobre aquela noite — retorqui.

O Jem esquivou-se das minhas palavras como de mosquitos esvoaçantes. Ficou silencioso durante algum tempo e depois disse:

— Quando fui buscar as minhas calças... quando tentei tirá-las, ficaram todas emaranhadas no arame, por isso tive que me livrar delas. Quando voltei... — o Jem respirou fundo. — Quando voltei, elas estavam dobradas em cima da cerca... como se estivessem à minha espera.

— Em cima...

— E outra coisa ainda... — Jem baixou o tom de voz. — Eu te mostro quando chegarmos a casa. Foram costuradas. Não como se fosse uma mulher que as costurou, mas como se alguém estivesse aprendendo. Todas tortas. É como se alguém... soubesse que ’ocê ia voltar para buscar.

O Jem estremeceu.

— Como se alguém estivesse lendo o meu pensamento... como se alguém

conseguisse adivinhar o que eu ia fazer. Ora ninguém pode adivinhar o que vou fazer a não ser que me conheça, não é, Scout?

A pergunta do Jem era um apelo. Tentei sossegá-lo:

— Ninguém pode adivinhar o que vai fazer mesmo que viva em casa contigo, e às vezes nem eu mesma sei.

Passávamos agora pela nossa árvore. No seu buraco no tronco repousava um novelo de lã cinzenta.

— Não pegue nele, Jem — disse eu. — Este é o esconderijo de alguém.

— Não acho, Scout.

— É, sim senhor. Alguém como o Walter Cunningham que vem aqui todos os intervalos e esconde aqui as suas coisas... e depois nós tiramos. Me escuta, deixa isso e vamos esperar uns dias.

Se ainda estiver aqui, então vamo' levá-lo, tá bem?

— Tá bem, pensando bem tem razão — disse o Jem. — Deve ser o esconderijo d'algum moleque... que esconde as suas coisas dos adultos.

Já viu que é só no tempo de aulas que encontramos as coisas.

— É — disse eu — mas ta'mem nunca passamos aqui no Verão.

Fomos para casa. Na manhã seguinte o novelo estava onde o tínhamos deixado. Como no terceiro dia ainda estava lá, o Jem meteu-o ao bolso. Desse momento em diante, acordamos que tudo o que estivesse naquele buraco no tronco da árvore seria nossa propriedade.

O segundo ano era sombrio, mas o Jem garantiu-me que quanto mais eu crescesse, melhor seria a escola, que ele tinha começado da mesma forma que eu e só quando se chegava ao sexto ano é que se aprendia alguma coisa que valesse. O sexto ano parecia agradar-lhe desde o início: passou por um breve Período Egípcio que me confundia... andava sempre tentando caminhar com os pés chatos, colocando um braço à frente e outro atrás das costas, com um pé atrás do outro. Dizia que os egípcios andavam daquela forma; eu lhe respondi que se eles andassem assim não entendia bem como é que tinham conseguido fazer alguma coisa bem, mas o Jem disse que eles já tinham feito mais do que algum dia os americanos iam ser capazes de fazer, que tinham inventado o papel higiênico e o embalsamamento perpétuo e perguntou-me onde é que estaríamos hoje se não tivessem inventado isso. O Atticus me disse que se eu apagasse os adjetivos, acabaria descobrindo os fatos.

As estações do ano no Sul do Alabama não estão claramente definidas; o Verão muda para o Outono e a este, por vezes, nunca se segue o Inverno, mas sim uma Primavera das antigas que se funde de novo com o Verão. Aquele Outono foi longo, raramente frio o suficiente para se usar casaco. Numa amena tarde de Outono eu e o Jem estávamos percorrendo a nossa órbita quando o

nosso buraco no tronco da árvore nos fez parar de novo. Desta vez havia uma coisa branca lá dentro.

O Jem deixou-me fazer as honras: de lá de dentro tirei duas pequenas imagens esculpidas em sabão. Uma era a figura de um rapaz, a outra usava um vestido grosseiro.

Antes mesmo de me lembrar que essa coisa que chamam *voodoo* não existe, dei um grito e as atirei no chão.

O Jem as pegou.

— Qu'e qu'se passa contigo? — gritou. Esfregou as figuras para lhes tirar o pó avermelhado. — São legais — disse ele. — Nunca vi nada assim tão legal.

Mostrou para nós. Eram miniaturas quase perfeitas de duas crianças.

O rapaz tinha uns calções e tinha sido feito um sulco no sabão em forma de madeixa que lhe cobria as sobrancelhas. Depois olhei para o Jem. Uma madeixa de cabelo castanho caía-lhe quase até à face.

Nunca tinha reparado nela antes.

O Jem desviou o olhar da boneca e fixou-o em mim. A boneca usava uma franja no cabelo. E eu também.

— Estes, somos nós — concluiu.

— E quem é que fez, sabe?

— Quem é que nós conhecemos daqui que esculpe? — perguntou ele.

— O Sr. Avery.

— O Sr. Avery não faz destas coisas. Não me refiro a entalhar madeira.

Em média, o Sr. Avery desfazia uma tora de lenha por semana; afiava-o até ficar como um palito e depois chupava-o.

— Ainda tem o ex-namorado da Srta. Stephanie Crawford — lembrei-me.

— Esse esculpe, sim senhora, mas vive no campo. E desde quando é que ele poderia ter prestado atenção na gente?

— Talvez ele fique sentado na varanda olhando para nós em vez de olhar para Srta. Stephanie. Se eu fosse ele, eu faria isso.

O Jem ficou tanto tempo esperando e olhando para mim que lhe perguntei o que estava acontecendo, mas apenas obtive um «Nada, Scout» como resposta. Quando chegamos em casa, o Jem colocou os bonecos no baú dele.

Menos de uma semana depois encontramos um pacote inteiro de chiclete, da qual gostamos muito. O fato de que tudo na Casa dos Radley era veneno varreu-se por completo da memória do Jem.

Na semana seguinte o buraco no tronco presenteou-nos com uma velha medalha enferrujada. O Jem mostrou-a ao Atticus, que disse tratar-se de uma medalha de soletração e que, muito antes antes de nós nascermos, as escolas de Maycomb County organizavam concursos de soletração onde atribuíam

medalhas aos vencedores.

O Atticus disse que alguém a devia ter perdido e perguntou se nós tínhamos tentado saber de quem era. O Jem deu-me um coice quando eu ia contar onde a tínhamos encontrado. Depois, perguntou ao Atticus se ele se lembrava de alguém que tivesse ganho uma e ele respondeu que não.

Mas o nosso maior prêmio surgiu quatro dias depois. Tratava-se de um relógio de bolso que não funcionava, com uma corrente e um canivete de alumínio.

— Acha que é ouro branco, Jem?

— Não sei. Vou mostrar ao Atticus.

O Atticus disse que provavelmente deviam valer dez dólares, o canivete, a corrente e o resto, se fossem novos.

— Trocou isto com alguma criança da escola? — perguntou.

— Oh, não senhor! — então o Jem mostrou o relógio do avô que o Atticus o deixava usar, uma vez por semana, se ele tivesse cuidado.

Nos dias em que andava com o relógio, o Jem parecia que caminhava sobre ovos.

— Atticus, se não se importar, prefiro andar com este. Talvez consiga consertar.

Quando o novo relógio destronou o do avô, e a mania de andar com ele se tornou num fardo, o Jem nunca mais sentiu a necessidade de verificar as horas de cinco em cinco minutos.

Tinha feito um bom trabalho, só tinham sobrado uma mola e duas pequenas peças, mas o relógio não funcionava.

— Oh — suspirou — nunca mais vai trabalhar. Scout?...

— Hum?

— Você acha que devemos escrever uma carta a quem quer que seja que nos anda deixando estas coisas?

— Era capaz de ser simpático, Jem, podíamos agradecer... Mas o que está acontecendo contigo?

O Jem estava tapando os ouvidos e abanando a cabeça de um lado para o outro.

— Não tô entendo, não entendo mesmo... não sei porquê, Scout... — Olhou em direção à sala de estar. — A minha vontade era de ir contar tudo ao Atticus... não, acho melhor não.

— Eu conto tudo por ’ocê.

— Não, não faça isso, Scout. Scout?

— O quêêê?

Ele tinha estado à beira de me contar alguma coisa durante toda a noite. O seu

rosto iluminava-se, inclinava-se para mim, mas depois mudava de ideia. E mudou outra vez.

— Oh, nada.

— Vem aqui, vamos escrever uma carta. — Tirei um bloco de folhas e um lápis debaixo do nariz dele...

— 'Tá bem. Caro Senhor...

— Como é que sabe que é um homem? Aposto que é a Srta. Maudie... já tenho esse palpite há muito tempo.

— Ah, ah, a Srta. Maudie não consegue mascar chiclete...

— o Jem soltou uma risada.

— Sabe, ela de vez em quando gosta de ser toda bem falante.

Uma vez perguntei-lhe se queria um chiclete e ela me agradeceu, dizendo que não, que... «o chiclete colava-lhe o maxilar e isso constituía um impedimento à sua plena articulação do discurso» — disse o Jem cuidadosamente.

— Isso soa bem, não soa?

— Sim, ela de vez em quando diz umas coisas bem bonitas.

De qualquer forma, ela nunca teria um relógio e uma corrente.

— Caro Senhor — recomeçou o Jem. — Agradecemos o... não, agradecemos tudo o que tem colocado na árvore para nós.

Atenciosamente, Jeremy Atticus Finch.

— Ele não vai saber quem é, se assinar dessa forma, Jem.

O Jem apagou o nome dele e escreveu, «Jem Finch». Eu assinei «Jean Louise Finch (Scout)», por baixo. O Jem colocou o bilhete dentro de um envelope.

Na manhã seguinte, no caminho para a escola, ele correu na minha frente e parou na árvore. Estava virado para mim quando olhou para cima e, de súbito, começou a ficar branco como a cal.

— Scout!

Eu corri para junto dele.

Alguém tinha tapado o nosso buraco da árvore com cimento.

— Scout, agora não comece a chorar... não chore, não se preocupe... — e lá foi resmungando o caminho todo para a escola.

Quando voltamos para casa, o Jem engoliu a comida sem mastigar, correu para a varanda e parou nos degraus. Eu segui ele.

— Ele ainda não passou — disse ele.

No dia seguinte o Jem repetiu a vigília e acabou por ser recompensado.

— Passou bem, Sr. Nathan? — disse ele.

— Bom-dia Jem, Scout — respondeu o Sr. Radley quando estava passando.

— Sr. Radley — disse o Jem.

O Sr. Radley voltou-se.

— Sr. Radley, uhm... por acaso colocou cimento naquela árvore lá em baixo?

— Sim — respondeu. — Tapei o buraco.

— Por que é que o senhor fez isso?

— A árvore está morrendo. Costumamos tapá-las com cimento quando estão doentes. ’ocê já devia saber disso, Jem.

O Jem não tocou mais no assunto até ao fim da tarde. Quando passamos pela nossa árvore deu-lhe uma pancadinha meditativa no cimento e aí permaneceu, absorto, durante uns tempos. Parecia estar ficando de mau humor, por isso mantive a distância.

Como era hábito, fomos encontrar com o Atticus quando ele regressava do trabalho, ao fim da tarde. Quando chegamos à nossa porta, o Jem disse:

— Atticus, olhe para aquela árvore lá, pai.

— Que árvore, filho?

— Aquela na esquina do terreno dos Radleys, no caminho da escola.

— Sim?

— Aquela árvore está morrendo?

— Não filho, não acho. Olha para as folhas, estão todas verdes e cheias, não têm quaisquer manchas castanhas...

— Nem sequer tá doente?

— Aquela árvore está tão saudável como você, Jem. Porquê?

— Sr. Nathan Radley disse que estava morrendo.

— Talvez esteja. Com certeza que o Sr. Radley entende muito mais de árvores do que nós.

O Atticus deixou-nos na varanda. O Jem encostou-se em um pilar, coçando os ombros.

— Tá com coceira, Jem? — perguntei o mais educadamente que pude. Ele não respondeu.

— Anda para dentro, Jem — disse eu.

— Daqui a pouco.

E ficou para ali até ao anoitecer e eu à espera dele. Quando entramos em casa reparei que ele tinha chorado; a cara estava suja naqueles pontos mais óbvios, mas achei estranho não ter ouvido.

VIII

NAQUELE ANO, POR RAZÕES insondáveis que estavam além da compreensão dos mais experientes profetas de Maycomb County, o Outono transformou-se efetivamente em Inverno. Segundo o Atticus, tivemos as duas semanas mais frias desde 1885. O Sr. Avery aproveitou para dizer que estava escrito na Pedra de Roseta que quando as crianças desobedeciam aos pais, fumavam ou guerreavam umas contra as outras, as estações do ano mudavam: por isso, eu e o Jem carregávamos o fardo da culpa por havermos contribuído para tais aberrações da natureza, tendo causado, portanto, tristeza nos nossos vizinhos e desconforto em nós próprios.

A velha Sra. Radley morreu naquele Inverno, mas a sua morte não levantou muita poeira — o bairro raramente a via, exceto quando regava as suas canas cidreira. Eu e o Jem decidimos que o Boo finalmente a tinha apanhado, mas, para nossa decepção, quando o Atticus voltou da Casa dos Radley contou-nos que ela tinha morrido de causas naturais.

— Pergunte! — sussurrou o Jem.

— Pergunte ’ocê. É mais velho.

— É por isso que quem tem que perguntar é ’ocê.

— Atticus — comecei —, viu o Sr. Arthur?

O Atticus desviou com severidade os olhos do jornal e olhou para mim:

— Não, não vi.

Jem poupou-me de mais perguntas. Disse que o Atticus ainda estava sensível em relação a nós e aos Radleys e que não valia a pena ficar fazendo-lhe quaisquer perguntas. O Jem tinha a noção de que o Atticus sabia que as nossas atividades naquela noite do Verão passado não tinham estado estritamente confinadas ao *strip poker*. Mas, como não tinha uma base concreta para aquela ideia, dizia que era apenas um palpite.

Na manhã seguinte, ao acordar, olhei para a janela e quase morri de susto. Os meus gritos fizeram o Atticus sair do banheiro ainda com a barba meia por fazer.

— Atticus, é o fim do mundo! Por favor, faz alguma coisa...

Arrastei-o até à janela e apontei.

— Não é nada — disse ele. — Está apenas nevando.

O Jem perguntou ao Atticus se aquilo dava pra conservar.

Ele também nunca tinha visto neve, mas sabia o que era. O Atticus disse que

não sabia muito mais sobre neve do que o Jem.

— Penso, contudo, que se é assim tão líquida, acabará por se transformar em chuva.

O telefone tocou e o Atticus deixou o café da manhã no meio para o ir atender.

— Era a Eula May — disse ele, quando voltou. — E passo a citar, «Como já não nevava em Maycomb County desde 1885, hoje não haverá escola».

Eula May era a telefonista chefe de Maycomb. Estava encarregada de fazer os anúncios públicos, convites para casamento, ativar a sirene de incêndio e fornecer instruções para primeiros socorros quando o Dr. Reynolds estava ausente.

Quando finalmente o Atticus nos chamou à atenção e nos obrigou a olhar para o prato em vez de olhar para a janela, o Jem perguntou:

— Como é que se faz um boneco de neve?

— Não faço a mínima ideia — respondeu o Atticus. — Eu não quero desapontá-los, mas duvido que haja neve suficiente para fazer um boneco de neve.

A Calpurnia entrou e disse que achava que a neve ia continuar caindo. Quando corremos para o quintal dos fundos, vimos que estava coberto por uma fina camada de neve quase líquida.

— Não devíamos andar em cima dela — disse o Jem. — Repare, todos os passos que damos estão estragando-a.

Olhei para trás para as minhas pegadas ainda frescas no chão.

O Jem disse que se esperássemos que nevasse mais, com um pouquinho de esforço podíamos fazer um boneco de neve. Pus a língua de fora e apanhei um floco de neve. Queimava.

— Jem, ’tá quente!

— Não, não está. Está é tão fria que até queima. Scout, não a coma agora, ’ocê só vai desperdiçar. Deixe-a cair no chão.

— Mas eu quero andar em cima dela!

— Tenho uma ideia. Podíamos ir a pé até casa da Srta. Maudie.

O Jem saltitou até o pátio da frente. Eu segui as suas pegadas.

Quando estávamos na calçada em frente da casa da Srta. Maudie fomos interpelados pelo Sr. Avery. Tinha a face rosada e uma enorme barriga por baixo do cinto.

— ’Tão vendo o que fizeram? — confrontou-nos. — Já num nevava em Maycomb desd’ Appomattox. São crianças más como vocês que fazem com c’as estações mudem.

Imaginava se o Sr. Avery sabia com quanta esperança tínhamos aguardado, no

Verão passado, que ele repetisse a sua performance e pensei que, se a nossa recompensa era aquilo, se não estávamos fazendo um pecado. Não era preciso pensar bastante para saber onde é que o Sr. Avery reunia as suas estatísticas meteorológicas: elas vinham diretamente da Pedra de Roseta.

— Jem Finch, o Jem Finch!

— A Srta. Maudie ’tá te chamando, Jem.

— Fiquem no meio do pátio. Por baixo da varanda há algumas flores enterradas debaixo da neve. Não pisem nelas!

— Sim, senhora! — respondeu o Jem. — É lindo, não é Srta. Maudie?

— Lindo, *pero no mucho!* Se esta noite continuar nevando assim as minhas azaleias vão morrer!

O velho chapéu de palha da Srta. Maudie brilhava com os cristais de neve. Ela estava dobrada sobre alguns pequenos arbustos, embrulhando-os em sacos de serapilheira. O Jem perguntou-lhe por que é que estava fazendo aquilo.

— Para os manter quentes — respondeu.

— Como é possível manter as flores quentes? Elas não andam.

— Não posso responder a essa pergunta, Jem Finch. Tudo o que sei é que se esta noite nevar estas plantas vão congelar, por isso estou cobrindo-as. Entendeu?

— Sim, senhora. Srta. Maudie?

— Sim, caro senhor?

— Pode nos emprestar alguma da sua neve, a mim e à Scout?

— Façam favor, levem-na toda! Debaixo da casa tem um cesto velho para os pêssegos, levem-na aí.

Depois, a Srta. Maudie franziu a sobrancelha, desconfiada:

— Jem Finch, o que é que está pensando fazer com a minha neve?

— Vai ver — respondeu o Jem e carregamos tanta neve quanto podíamos do pátio da Srta. Maudie para o nosso. Uma operação líquida...

— O que é que vamos fazer, Jem? — perguntei eu.

— Verá — respondeu.

— Agora pega o cesto e traz toda a neve que puder do quintal dos fundos aqui para a frente. Atenção, siga sempre as tuas pegadas — ordenou-me.

— Vamos fazer um bebê de neve, Jem?

— Não, vamos fazer um boneco de neve de verdade. E agora mãos à obra.

O Jem correu para o quintal dos fundos, pegou na enxada do jardim e começou a escavar rapidamente por trás da pilha de lenha, apartando as minhocas que encontrava. Entrou em casa, voltou com o cesto da roupa suja, encheu-o com terra e foi para o pátio.

Quando tínhamos cinco cestos cheios de terra e dois de neve, o Jem disse que

estávamos prontos para começar.

— Não acha qu'isto é um pouquinho imundo? — perguntei.

— Agora parece uma sujeira, mas depois não — respondeu.

O Jem pegou numa mão cheia de terra, juntou-a até fazer um monte e juntou outra e mais outra até construir um tronco.

— Jem, nunca ouvi falar num boneco de neve negro — disse eu.

— Não vai ficar negro por muito tempo — retorquiu.

Pegou em alguns galhos do pessegueiro do quintal dos fundos, trançou-os e dobrou-os até se tornarem ossos para serem cobertos de terra.

— Pareca a Srta. Stephanie Crawford com as mãos nas cinturas. — comentei. — Gorduchinha no meio e com uns braços pequeninhos.

— Eu vou fazê-los maiores.

O Jem borrifou água para o boneco de lama e acrescentou mais terra. Por um momento pareceu pensativo, depois moldou uma grande barriga abaixo da linha da cintura. Olhou de relance para mim e os seus olhos cintilavam.

— O Sr. Avery é mesmo parecido com um boneco de neve, não é?

Pegou em alguma neve e começou a revestir o boneco. Só me deixou cobrir as costas, guardando as partes visíveis para ele. Aos poucos o Sr. Avery foi ficando branco.

Usando tocos de madeira para os olhos, nariz, boca e alguns botões, o Jem conseguiu fazer com que o Sr. Avery ficasse com um ar zangado. Uma tora de lenha de fogão completou a figura. O Jem deu um passo atrás e observou a sua criação.

— 'Tá muito bom, Jem — elogiei. — Só lhe falta falar.

— 'Tá legal, não está? — disse ele timidamente.

Mal podíamos esperar que o Atticus chegasse em casa para o jantar, por isso telefonamos pra ele e dissemos que tínhamos uma grande surpresa para ele. Pareceu surpreendido quando viu que praticamente todo o nosso quintal dos fundos tinha mudado para o pátio da frente, mas disse que tínhamos feito um trabalho digno de nota.

— Confesso que não sabia como é que o ia fazer, filho — virou-se para o Jem — mas a partir de agora nunca mais me preocupo com o teu futuro, porque tem sempre alguma coisa em mente.

O Jem corou até às orelhas com os elogios do Atticus, mas levantou logo a cabeça quando viu que o Atticus recuava. O Atticus pôs-se a olhar de soslaio para o boneco durante algum tempo. Sorriu e depois soltou uma gargalhada.

— Filho, não sei te dizer o que vai ser quando for grande... engenheiro, advogado ou fotógrafo. Acabou de perpetrar aqui um pequeno ato de difamação. Temos de disfarçar este companheiro.

O Atticus sugeriu que emagrecêssemos um pouco a parte da frente do boneco, trocássemos o pau de lenha por uma vassoura e lhe colocássemos um avental.

O Jem explicou que se fizéssemos, o boneco de neve acabaria por ficar lamacento e assim deixaria de ser um boneco de neve.

— Não me interessa o que vai fazer, desde que faça alguma coisa — disse o Atticus. — Não pode andar por aí fazendo caricaturas dos vizinhos.

— Não é uma caricatura — defendeu-se o Jem. — É apenas parecido com ele.

— O Sr. Avery pode não pensar da mesma forma.

— Já sei! — disse o Jem. Atravessou a rua correndo, desapareceu no quintal dos fundos da Srta. Maudie e voltou triunfante. Enfiou o chapéu de palha dela na cabeça do boneco e meteu-lhe a tesoura de poda debaixo do braço. O Atticus disse que assim estava bem.

A Srta. Maudie abriu a porta da frente e veio à varanda. Olhou para nós do outro lado da rua. Subitamente, esboçou um sorriso.

— Jem Finch — chamou. — Seu diabinho, devolve-me já o meu chapéu!

O Jem olhou para o Atticus, que abanou a cabeça.

— Ela está brincando — sossegou. — Ela está verdadeiramente impressionada com a tua... obra de arte.

O Atticus caminhou até na calçada da Srta. Maudie, local onde teve início uma conversa pontuada por muitos gestos. A única frase que consegui perceber foi «...ergueram um verdadeiro hermafrodita naquele pátio! Jamais será capaz de educá-los, Atticus!»

Durante a tarde parou de nevar, a temperatura baixou e, ao anoitecer, as piores previsões do Sr. Avery concretizaram-se: a Calpurnia manteve todas as lareiras da casa acesas, mas nós ainda sentíamos um imenso frio. Naquela noite, quando o Atticus regressou pra casa, disse que o frio tinha vindo para ficar e perguntou se a Calpurnia queria ficar pra dormir em nossa casa. A Calpurnia olhou para o pé-direito alto e para as enormes janelas e disse que se sentiria mais quente e aconchegada na casa dela. Então o Atticus foi levá-la pra casa de carro.

Antes de adormecer o Atticus colocou mais carvão na braseira do meu quarto. Disse que o termômetro marcava nove graus negativos, que era a noite mais fria de que tinha memória e que, lá fora, o boneco de neve estava congelado.

Alguns minutos mais tarde, pareceu-me, fui acordada por alguém me sacudindo. O sobretudo do Atticus estava estendido sobre mim.

— Já é de manhã?

— Levante-se amor.

O Atticus estava segurando o meu roupão de banho e um casaco.

— Veste primeiro o roupão — indicou.

O Jem estava ao lado do Atticus, despenteado e caindo de sono.

Uma mão segurava o sobretudo junto ao pescoço e a outra estava metida no bolso. Parecia estranhamente obeso.

— Depressa, querida — disse o Atticus. — Aqui estão seus sapatos e as meias.

Meia estúpida, calcei-os.

— Já é de manhã?

— Não, mas já passa da uma da manhã... Vai.

Por fim percebi de que havia algo de errado.

— O que está acontecendo?

Naquela altura era desnecessário alguém me explicar. Tal como os pássaros sabem para onde ir quando chove, eu sabia quando acontecia algo de mal na nossa rua. Assustada, ouvia lá fora um inquietante roçar de roupas e o barulho abafado de gente em correria nervosa.

— Onde é?

— Na casa da Srta. Maudie, querida — respondeu o Atticus com brandura.

Da nossa porta da frente víamos as labaredas irrompendo pelas janelas da sala de jantar da Srta. Maudie. E, como que a confirmar a nossa visão, a sirene dos bombeiros da cidade fez-se ouvir estridentemente até ao topo da escala e depois manteve-se nesse tom, em altos berros.

— Vai passar, não vai? — gemeu o Jem.

— Espero que sim — disse o Atticus. — Agora ouçam, os dois. Desçam a rua e fiquem em frente à Casa dos Radley. E mantenham-se fora do caminho, estão ouvindo? Vejam para que lado o vento está soprando, está bem?

— Ahm — disse o Jem. — Atticus, acha que devemos começar a retirar a mobília?

— Ainda não, filho. Faz o que te digo. Vão logo. Toma conta da Scout, ouviu? Não tire os olhos dela.

Com um empurrão, o Atticus nos direcionou para o portão da frente da Casa dos Radley.

Ficamos vendo a rua repleta de homens e carros enquanto o fogo devorava silenciosamente a casa da Srta. Maudie.

— Mas por que é que eles não se apressam, por que é que eles não vem rápido... — murmurava o Jem.

Depois vimos porquê. O velho caminhão dos bombeiros, morto de frio, estava sendo empurrado desde a cidade por uma multidão de homens. Quando os homens ligaram a sua mangueira a uma hidrante, a mangueira arrebentou e a água espalhou-se, inundando o pavimento.

— Ai meu Deus, Jem.

O Jem colocou o braço à minha volta.

— Calma, Scout — disse ele. — Ainda não é hora para preocupações.

Eu te digo quando for.

Os homens de Maycomb, uns mais vestidos, outros menos, mudaram a mobília da Srta. Maudie de dentro de casa para o pátio do outro lado da rua. Vi o Atticus carregando a pesada cadeira de balanço da Srta. Maudie e pensei como era sensato da parte dele salvar o objeto que lhe era mais valioso.

Às vezes ouvíamos gritos. Depois, apareceu a cara do Sr. Avery numa das janelas do primeiro andar.

Atirou um colchão para a rua pela janela e começou a atirar a mobília até os homens gritarem:

— Sai daí, Dick! As escadas estão quase destruídas! Saia daí, Sr. Avery!

O Sr. Avery se preparava para sair pela janela.

— Scout, ele está encurralado... — sussurrou o Jem. — Ai meu Deus...

O Sr. Avery estava entalado na janela. Enterrei a minha cabeça debaixo do braço do Jem e só voltei a olhar quando o Jem gritou:

— Ele se soltou, Scout! Ele ’tá bem!

Olhei para cima e vi o Sr. Avery atravessando a varanda do primeiro andar. Passou as pernas por cima do corrimão e preparava-se para descer um pilar quando escorregou. Caiu com um grito e acertou em cheio na cerca viva da Srta. Maudie.

De súbito, reparei que os homens se afastavam da casa da Srta. Maudie e que estavam agora descendo rua abaixo na nossa direção. Já não carregavam mobília. O fogo consumia o segundo andar e começava agora a abrir caminho para o telhado: os caixilhos das janelas eram molduras pretas contrastando com um centro laranja vivo.

— Jem, parece uma abóbora...

— Scout, olha!

Rolos de fumaça saíam da nossa casa e da da Srta. Rachel como o nevoeiro sai das margens de um rio, e os homens tentavam tudo para aproximar as mangueiras. Atrás de nós, o carro dos bombeiros de Abottsville apitou a sirene ao desfazer a curva, parando à frente da nossa casa.

— Aquele livro... — disse eu.

— O quê? — perguntou o Jem.

— Aquele livro do Tom Swift, não é meu, é do Dill...

— Não se preocupe, Scout, ainda não está na hora de se preocupar — disse o Jem. E depois apontou.

— Olhe pr’á lá.

O Atticus estava parado, mãos nos bolsos do sobretudo, juntamente com um

grupo de vizinhos. Parecia que estava assistindo a um jogo de futebol. A Srta. Maudie estava ao lado dele.

— ’Tá vendo, ele ainda não está preocupado — disse o Jem.

— Mas por qu’e qu’ele não ’stá no telhado duma das casas?

— É muito velho, pode quebrar o pescoço.

— ‘Ocê acha que o devemos obrigar a tirar as nossas coisas de lá de dentro?

— Não vamos incomodar, ele decerto saberá quando for a hora certa — reafirmou o Jem.

O caminhão dos bombeiros de Abbottsville começou a bombear água para a nossa casa; no telhado, um homem ia apontando para os locais onde era mais necessário. Vi o nosso Morfrodita Perfeito ficando preto e desmoronando; o chapéu de palha da Srta. Maudie permanecia por cima do monte. Só não conseguia ver a sua tesoura de poda. Com o calor que estava entre a nossa casa, a da Srta. Rachel e a da Srta. Maudie, os homens há muito que tinham despido os casacos e os roupões. Trabalhavam de pijama ou com as camisas de noite metidas dentro das calças, mas aos poucos fui percebendo que estava literalmente me congelando naquele local.

O Jem tentava me manter quente, mas o braço dele não chegava.

Libertei-me dele e pus as mãos nos ombros. Se dançasse um pouquinho, era capaz de sentir os pés.

Surgiu outra viatura dos bombeiros e parou em frente da casa da Srta. Stephanie Crawford. Como não havia hidrante para outra mangueira, os homens tentaram molhar a casa dela com extintores.

O telhado de zinco da Srta. Maudie ia conseguindo controlar as chamas. Rugindo, a casa desmoronou; o fogo espalhou-se por todo o lado, seguido por um tumulto de homens armados de cobertores que, do topo das casas adjacentes, tentavam apagar fagulhas e pedaços de madeira ardendo.

O amanhecer despontou antes mesmo que os homens começassem a ir embora, primeiro um a um, depois em grupo. Empurraram o caminhão dos bombeiros de Maycomb de volta até à cidade, o caminhão de Abbottsville partiu e só o terceiro ficou. No dia seguinte, descobrimos que tinha vindo de *Clark’s Ferry*, a quase cem quilômetros de distância.

Eu e o Jem atravessamos a rua. A Srta. Maudie estava parada olhando para o buraco negro fumegante no seu terreno e o Atticus nos fez sinal com a cabeça alertando-nos de que ela não queria falar. Levou-nos para casa, abraçado a nós, como que nos aconchegando face àquela rua gelada. Disse que a Srta. Maudie iria ficar na casa da Srta. Stephanie durante algum tempo.

— Alguém quer chocolate quente? — perguntou. Estremeci quando o Atticus acendeu o fogão da cozinha.

Enquanto bebíamos o nosso cacau, reparei que o Atticus estava olhando para mim, primeiro com curiosidade, depois com severidade.

— Pensei que eu tinha dito para ficarem quietos — começou.

— Porquê, mas nós ficamos. Sério que ficamos...

— Então de quem é esse cobertor?

— Cobertor?

— Sim, senhora, cobertor. Não é nosso.

Olhei para baixo e reparei que estava embrulhada num cobertor de lã castanho que me cobria os ombros, à moda índia, tipo *squaw.*

— Atticus, não sei, mas pai... eu...

Olhei para o Jem à espera de uma resposta, mas o Jem ainda estava mais atônito do que eu. Ele disse que não sabia como tinha ido parar ali, pois tínhamos feito exatamente o que o Atticus tinha dito, mantendo-nos em frente do portão da Casa dos Radley longe de todos, sem nos mexermos um milímetro — o Jem calou-se.

— O Sr. Nathan estava no incêndio — balbuciou. — Eu vi, eu vi, estava puxando aquele colchão — eu juro, Atticus...

— Tudo bem, filho — o Atticus esboçou um sorriso. — De qualquer forma, parece que Maycomb em peso esteve aqui fora esta noite.

Jem, acho que há algum papel de embrulho na despensa. Vai buscá-lo para começarmos a...

— Por favor Atticus, não!

O Jem parecia que endoidecera de vez. Começou a contar a torto e a direito todos os nossos segredos com total indiferença à minha segurança, se não também à dele, não deixando escapar nada, o buraco da árvore, as calças, tudo, tudo.

— ...O Sr. Nathan pôs cimento naquela árvore, Atticus, e fê-lo p’ra nos impedir de encontrar as coisas. — Eu acho qu’ele é doido, tal como dizem, mas Atticus, eu juro por Deus qu’ele nunca nos fez mal, nunca nos fez mal, e naquela noite ele podia ter cortado a minha garganta de orelha a orelha, mas em vez disso tentou remendar as minhas calças... ele nunca nos fez mal, Atticus...

O Atticus interrompeu-o, dizendo «Pronto, calma, filho», tão gentilmente que eu fiquei bastante animada. Era óbvio que não tinha percebido uma palavra do que o Jem tinha dito, por isso apenas disse:

— Tem razão. É melhor guardarmos isto e o cobertor para nós.

Talvez um dia a Scout possa lhe agradecer por tê-la coberto.

— Agradecer a quem? — perguntei.

— Ao Boo Radley. Estava tão distraída olhando para o incêndio que não reparei quando ele colocou o cobertor nas minhas costas.

Senti o meu estômago embrulhando e quase vomitei quando o Jem agarrou no cobertor e se aproximou de mim.

— Ele escapou da casa... deu uma volta... e voltou a correu para dentro, assim, num piscar de olhos!

O Atticus disse secamente:

— Espero que isto não sirva de inspiração para futuras proezas, Jeremy.

O Jem começou a zombar:

— Não vou lhe fazer nada — só que eu bem via aquela centelha, sinal de novas aventuras, no seu olhar.

— Imagina só, Scout — disse ele — se tivesse se virado, tinha lhe visto.

A Calpurnia acordou-nos ao meio-dia. O Atticus disse que naquele dia não precisávamos de ir para a escola, já que não se aprendia nada sem uma boa noite de sono. A Calpurnia disse para tentarmos limpar o pátio da frente.

O chapéu de palha da Srta. Maudie estava suspenso sobre uma fina camada de gelo, como uma mosca no mel e tivemos de escavar no meio da sujeira para encontrar a tesoura de poda. Fomos encontrá-la no quintal dos fundos olhando para as azaleias geladas e carbonizadas.

— Viemos devolver-lhe as suas coisas, Srta. Maudie — disse o Jem.

— Lamentamos muito.

A Srta. Maudie olhou em volta e a sombra do seu velho sorriso voltou a encher o seu rosto.

— Sempre quis ter uma casa mais pequena, Jem Finch. Assim teria mais terreno. Viu, agora tenho mais espaço para as minhas azaleias!

— Não ’stá sofrendo, a Srta. Maudie? — perguntei eu, surpreendida.

O Atticus tinha me dito que aquela casa era praticamente tudo o que ela tinha.

— Sofrendo, querida? Porquê? Detestava aquele estábulo. Pensei em tacar-lhe fogo umas cem vezes, mas acho que assim ia parar na cadeia.

— Mas...

— Não se preocupe comigo, Jean Louise Finch. Há formas de se fazer as coisas que ainda não conhece. Agora vou construir uma casa mais pequena e arranjar um par de hóspedes... e, se Deus quiser, terei o melhor quintal de todo o Alabama. E quando eu começar aqueles Bellingraths vão ficar roídos de inveja.

Eu e o Jem nos olhamos discretamente:

— Como é que o fogo se ateou, a Srta. Maudie? — perguntou ele.

— Não sei, Jem. Provavelmente devido à fuligem na chaminé da cozinha. Na noite passada deixei o fogão aceso para aquecer umas plantas que tinha nos vasos... Ouvi dizer que teve uma companhia inesperada a noite passada, Jean Louise.

— Como é que sabe?

— Foi o Atticus que me contou, esta manhã, a caminho da cidade. Olha, vou ser sincera, gostaria de ter estado contigo. E teria tido a esperteza suficiente para olhar para trás.

A Srta. Maudie deixou-me intrigada. Tinha perdido a maior parte dos seus bens, o seu amado quintal estava arruinado e, mesmo assim, mantinha aquele interesse vivo e cordial pelos nossos assuntos.

Eu acho que ela se percebeu da minha perplexidade. E disse:

— A única coisa que me preocupou na noite passada foi o perigo e o sobressalto causados. Podia ter destruído o bairro todo. O Sr. Avery ainda vai ficar de cama uma semana —, está todo chamuscado, coitado.

É muito velho para fazer coisas como aquela e eu bem que o avisei. Quando melhorar das mãos e quando a Srta. Stephanie Crawford não estiver olhando, vou lhe fazer um bolo recheado com frutas cristalizadas. Aquela Stephanie já anda atrás da minha receita há trinta anos e se ela pensa que eu agora vou lhe dar só por ficar na casa dela, está muito enganada.

Pensei que, mesmo que a Srta. Maudie cedesse e lhe desse, ela nunca o conseguiria fazer. Certo dia, a Srta. Maudie tinha me deixado assistir: entre outras coisas, a receita exigia uma grande xícara de açúcar.

O dia estava calmo e tranquilo. O ar estava tão frio e cristalino que ouvíamos o barulho do carrilhão do relógio do tribunal, a chocalhar e a ranger, antes de dar as horas. O nariz da Srta. Maudie tinha uma cor nunca antes vista por mim e me perguntava porquê.

— Estou aqui fora desde as seis da manhã — respondeu ela.

— A esta hora já devia estar congelada. — Ergueu as mãos. Uma rede de minúsculas linhas cruzava-lhe as palmas das mãos, castanhas e sujas de terra e de sangue seco.

— Estragou-as todas — disse o Jem. — Por que não arranja um criado preto?

Não havia qualquer nota de sacrifício na sua voz quando, mais tarde, acrescentou:

— Ou então, eu e a Scout, nós podemos ajudá-la.

A Srta. Maudie respondeu:

— Obrigado, amigo, mas o teu trabalho é lá. — E apontou para o nosso quintal.

— ’Tá se referindo ao morfrodita? — perguntei eu. — Sabe o que mais, a gente despacha aquilo num instante!

A Srta. Maudie ficou olhando para mim, mexendo os lábios silenciosamente. De repente, levou as mãos à cabeça e começou a rir. Quando a deixamos, ainda estava rindo.

O Jem disse que não sabia bem o que se passava com ela — mas que aquela

era mesmo a Srta. Maudie.

IX

— Retire já o que disse, rapaz!

Esta ordem, dada por mim ao Cecil Jacobs, marcava o início de tempos um tanto ou quanto conturbados, tanto para mim, como para o Jem. Cerrei os punhos e estava pronta para atacar. O Atticus já tinha prometido que me castigaria se soubesse que eu tinha andado brigando; já era bem crescidinha para coisas tão infantis, e quanto mais cedo aprendesse a me controlar, melhor seria para todos. Mas depressa me esqueci de tudo isso.

A culpa foi toda do Cecil Jacobs. Tinha andado dizendo no recreio da escola que o paizinho da Scout Finch defendia os pretos.

Eu neguei, mas depois até contei ao Jem.

— O qu'e qu'ele q'ria dizer com aquilo? — perguntei.

— Nada — disse o Jem. — Pergunta ao Atticus, ele te explica.

— Defende pretos, Atticus? — perguntei-lhe eu nessa mesma tarde.

— Claro que sim. Não diga preto, Scout. É feio.

— Mas'e o qu'todo mundo diz na escola.

— Então, a partir de agora passa a ser todo mundo, menos uma pessoa...

— Mas então, se não quer que cresça falando desta maneira, por que é que me manda p'rá escola?

O meu pai olhou para mim de forma indulgente. Via que estava obviamente se divertindo. Apesar do nosso compromisso, a minha campanha para evitar a escola tinha continuado aqui e ali, desde a minha primeira dose de aula: o início de Setembro último tinha trazido consigo depressões, tonturas e leves queixas gástricas. Cheguei ao ponto de pagar uma moeda só para ter o privilégio de esfregar a minha cabeça contra a do filho da cozinheira, a Srta. Rachel, que sofria de tremendas impigens. Não adiantou.

Só que agora havia outra coisa que me incomodava.

— Todos os advogados defendem pre... negros, Atticus?

— Claro que sim, Scout.

— Então, por que é que o Cecil diz que 'ocê defende preto? É que ele deu a entender que faz alguma coisa fora do comum.

O Atticus suspirou:

— Neste momento estou defendendo um negro... chama-se Tom Robinson. Vive naquela pequena casa que fica além da lixeira da cidade. É membro da

igreja da Calpurnia e a Cal conhece bem a família dele. Diz que são gente honesta. Scout, ainda não tem idade para compreender determinadas coisas, mas correm alguns rumores na cidade sobre este caso e dizem que eu não devia fazer muito para defender este homem. É um caso peculiar... só será julgado na audiência de Verão. O juiz John Taylor foi suficientemente simpático para nos conceder um adiamento...

— Se não o devia estar defendendo, então por que é que o faz?

— Por muitas e variadas razões — respondeu o Atticus. — A ideia é que, se não o defendesse, não poderia andar de cabeça erguida na cidade, não poderia representar este condado na comissão legislativa, nem sequer poderia dar ordens a ti e ao Jem.

— Quer dizer que se não defendesse aquele homem, eu e o Jem não tínhamos de nos ralar mais?

— Correto.

— Porquê?

— Porque nunca mais eu podia dizer para me obedecerem.

Scout, devido à natureza do seu trabalho, ao longo da sua vida um advogado tem sempre um caso que o afeta a nível pessoal. Penso que este é o meu. Com certeza vai ouvir algumas coisas desagradáveis na escola, mas me faça um grande favor: mantenha a cabeça levantada e os punhos em baixo. Não ligue pro que te digam e, sobretudo, não deixe que eles te irritem. Tenta, para variar, lutar com a cabeça... Verá que é uma boa solução, embora custe a aprender.

— Atticus, vai ganhar o caso?

— Não, querida.

— Então, mas porque...

— Porque fomos derrotados há cem anos, não significa que agora não possamos tentar ganhar — disse o Atticus.

— Parece mesmo o primo Ike Finch — disse eu. O primo Ike Finch era o único sobrevivente de Maycomb County da guerra da Secessão. Usava uma barba tipo general Hood na qual depositava extremo orgulho. Pelo menos uma vez por ano, eu e o Jem íamos visitá-lo e eu tinha de lhe dar um beijo. Era horrível. Depois, eu e o Jem ficávamos ouvindo respeitosamente ele e o Atticus revivendo a guerra.

— Te digo uma coisa, Atticus — dizia o primo Ike — o que nos derrotou foi o Compromisso do Missouri, mas se pudesse voltar atrás repetia passo a passo o que fiz e desta vez haveríamos de os vencer... agora em 1864 quando apareceu o Stonewall Jackson... desculpe crianças. Nessa altura o velho Blue Light estava no céu, Deus dê descanso à sua alma...

— Vem aqui, Scout — disse o Atticus. Subi para o colo dele e aninhei-me,

encaixando a cabeça debaixo do queixo dele. Ele pôs os braços à minha volta e começou a embalar-me suavemente.

— Só que desta vez é diferente — disse ele. — Desta vez não estamos lutando contra os ianques, estamos é lutando contra os nossos amigos. Mas lembre-se de uma coisa, por mais complicadas que as coisas se tornem, eles continuam sendo nossos amigos e esta continua a ser a nossa casa.

Com este pensamento em mente, no dia seguinte decidi enfrentar o Cecil Jacobs no pátio da escola:

— Então, vai retirar o que disse, rapaz?

— Ora me obrigue! — gritou ele. — Os meus pais disseram qu'o teu era uma vergonha e c'aquele preto devia ser era enforcado no depósito da água!

Preguei-lhe um soco, mas depois me lembrei do que o Atticus tinha dito, baixei os punhos e lhe virei as costas, escutando-o aos gritos:

— A Scout é uma grande co... varde! — Foi a primeira vez que desisti de uma luta.

De certo modo, se tivesse lutado com o Cecil estaria desiludindo o Atticus. O Atticus raramente pedia pra mim ou ao Jem para fazermos alguma coisa por ele. Acho que por ele, aguentava ser chamada de covarde. Sentia-me extremamente nobre por me ter lembrado e assim permaneci durante três semanas. Depois veio o Natal e foi então que a bomba explodiu.

Eu o Jem víamos o Natal com sentimentos antagônicos. O seu lado bom era a árvore e o tio Jack Finch. Todas as vésperas de Natal, lá íamos nós buscar o tio Jack na Maycomb Junction e ele passava uma semana conosco.

O reverso da medalha era caracterizado pelos traços intransigentes da tia Alexandra e do Francis.

Penso que também devo incluir o tio Jimmy, o marido da tia Alexandra, mas como ele nunca na vida me tinha dirigido a palavra exceto uma vez para dizer, «Sai de cima da cerca», não via razão para o incluir. Nem tão pouco à tia Alexandra. Há muito tempo atrás, num acesso de pura amizade, a minha querida titi e o tio Jimmy produziram um filho, deram o seu nome de Henry, que saiu de casa, tão rápido quanto lhe foi humanamente possível, casou e, por sua vez, acabou por gerar o Francis.

Todos os Natais, o Henry e a sua esposa deizxavam o Francis nos avós para depois partirem em busca dos seus próprios prazeres.

Não havia nostalgia suficiente que levasse o Atticus a nos deixar passar o dia de Natal em casa. Desde que me lembro, passávamos todos os Natais na Fazenda Finch. O fato de a tia ser uma boa cozinheira compensava o fato de ser obrigada a passar um feriado religioso com o Francis Hancock. Era um ano mais velho do

que eu e, regra geral, eu fazia tudo para o evitar: gostava de tudo o que eu desaprovava e detestava as minhas engenhosas brincadeiras.

A tia Alexandra era irmã do Atticus, mas quando o Jem me contou histórias sobre trocas e confusões entre irmãos, decidi logo que ela devia ter sido trocada no nascimento e que talvez os meus avós tivessem recebido uma Crawford em vez de uma Finch. Se alguma vez tivesse acolhido aquelas noções místicas sobre montanhas que tanto parecem obcecar os advogados e os juízes, então a tia Alexandra seria comparável ao Monte Everest: ao longo da minha infância, ela foi sempre fria e distante e, no entanto, imperturbavelmente presente.

Quando o tio Jack saltou do comboio na véspera de Natal, tivemos de esperar que o bagageiro lhe entregasse dois grandes embrulhos. Eu e o Jem achávamos sempre uma piada quando o tio Jack dava um beijo na cara do Atticus; eram os únicos dois homens que alguma vez vi se beijando. O tio Jack dava um aperto de mão do Jem e me pegava no colo, lançando-me bem alto no ar; a bem dizer, não o suficientemente alto: é que o tio Jack era um palmo mais baixo do que o Atticus; o caçula da família, era mais novo do que a tia Alexandra. Ele e a nossa tia eram parecidos, mas o tio Jack era bem mais favorecido em termos de cara: raramente nos notávamos o seu queixo e nariz afiados.

Era dos poucos homens de ciência que não me amedrontavam, muito provavelmente porque nunca se comportava como um médico. Quando desempenhava um pequeno serviço a mim ou ao Jem, como retirar uma farpa de um pé, dizia-nos exatamente o que estava fazendo, dava-nos sempre uma estimativa de quanto ia doer e que uso iria dar a alguma pinça que utilizasse. Certo Natal eu andava fugindo pelos cantos, às voltas com uma farpa espetada no pé, não deixando que ninguém chegasse perto de mim. Quando o tio Jack me pegou, pôs-me logo a rir, me contando uma história de um padre que detestava tanto ir à igreja que ficava parado todos os dias no portão da frente de sua casa, enfiado na sua batina, fumando *narguilé* e pregando sermões de cinco minutos aos transeuntes que desejassem algum conforto espiritual. Interrompi-o só para lhe pedir que me avisasse quando ia arrancar, mas nessa altura ele já segurava uma farpa ensanguentada num par de pinças e disse que a tinha extraído enquanto eu ria e que, no fundo, aquilo era o que vulgarmente se chamava «relatividade».

— O que é que está dentro daquelas caixas? — perguntei-lhe, apontando para uns pacotes finos e compridos que o bagageiro lhe tinha dado.

— Não tem nada com isso — respondeu.

O Jem disse:

— Como vai a Rose Aylmer?

A Rose Aylmer era a gata do tio Jack. Era uma bela mulher de cor amarela e o

tio Jack disse que era uma das poucas mulheres que conseguia suportar permanentemente. Meteu a mão no bolso e tirou algumas fotografias. Ficamos admirando-as.

— Está mais gorda — disse eu.

— Também acho que sim. Come todos os restos, orelhas e dedos que lhe trago do hospital.

— O raio dessa história é mesmo de partir o coco! — disse eu.

— O quê?

O Atticus interrompeu:

— Não lhe preste atenção, Jack. Só está te pondo à prova. A Cal diz que ela anda praguejando há uma semana.

O tio Jack levantou as sobrancelhas e não disse nada. A minha teoria obscura era que, além da atração inata por aquelas palavras, se o Atticus descobrisse que eu as tinha aprendido na escola, talvez me proibisse de ir para lá.

Mas naquela noite, no jantar, quando lhe pedi para ele me passar por favor o raio do fiambre, o tio Jack apontou para mim.

— Depois falamos, minha menina — ameaçou.

Quando acabamos de jantar, o tio Jack foi para a sala de estar e sentou-se. Bateu nas coxas para eu me sentar no colo dele.

Gostava do seu cheiro: era como uma garrafa de álcool, só que misturada com alguma coisa agradavelmente doce. Puxou as minhas mexas para trás e olhou para mim.

— Está se parecendo mais com o Atticus do que com a tua mãe — disse ele. — E também anda meio que desbocada.

— Acho que já não sou nenhum neném...

— Agora gosta de falar palavras como «raio» e «diabo», não é?

Reconheci que sim.

— Pois eu não gosto mesmo — disse o tio Jack — a não ser que haja extrema provocação ligada a elas. Olha, vou ficar aqui uma semana e não quero ouvir esse gênero de palavras enquanto estiver aqui, está bem? Ainda vai se meter em apuros se continuar falando assim, Scout. Você quer crescer e ser uma senhora, não quer?

Eu respondi que não por isso.

— Claro que quer. Anda, agora vamos fazer a árvore.

Ficamos decorando a árvore até à hora de ir dormir e nessa noite sonhei com dois enormes presentes destinados pra mim e pro Jem. Na manhã seguinte, eu o Jem, fomos direitinhos à procura deles: eram do Atticus, que tinha escrito ao tio Jack para as trazer para nós e correspondiam exatamente àquilo que nós tínhamos pedido.

— Não a aponte pra dentro de casa — advertiu o Atticus, quando o Jem apontou a espingarda para um quadro na parede.

— Tem de os ensinar disparando — disse o tio Jack.

— Essa é a tua função — disse o Atticus. — Limitei-me a adiar o inevitável.

O Atticus teve de fazer uso da sua voz de tribunal para nos obrigar a nos afastar da árvore. Não permitiu que levássemos as nossas espingardas de pressão para a Fazenda (confesso que já estava imaginando em alvejar o Francis) e disse que se déssemos um passo em falso as retiraria de vez das nossas mãos.

A Fazenda Finch consistia numa ribanceira de trezentos e sessenta e seis degraus que desciam a pique até culminarem num cais. A jusante do rio, depois da ribanceira, havia vestígios de uma velha plantação de algodão, onde os negros Finch tinham carregado fardos e outros produtos agrícolas, descarregado blocos de gelo, farinha e açúcar, equipamento de lavoura e vestuário feminino.

Um pequeno caminho de bois estendia-se ao longo da margem do rio e desaparecia na escuridão das árvores. No fim dessa estrada havia uma casa branca de dois andares com varandas em toda a volta, em cima e em baixo. O nosso antepassado, Simon Finch, tinha-a construído na sua velhice para agradar à sua irritante mulher; porém, qualquer semelhança com as outras casas da época terminava apenas nas varandas. A decoração interior da mansão Finch era um reflexo da sua absoluta ingenuidade e da total confiança que Simon depositava na sua prole.

No andar de cima havia seis quartos, quatro para as oito meninas, um para o Welcome Finch, o seu único filho, e ainda outro para as visitas. Tudo bastante simples; só que o acesso aos quartos das filhas apenas podia ser feito por um lanço de escadas, enquanto o acesso aos quartos do Welcome e das visitas era feito por outra escadaria. Dado que a Escadaria das Meninas terminava no quarto dos pais, no andar térreo, Simon sabia sempre as horas das entradas e saídas noturnas das filhas.

Havia uma cozinha separada do resto da casa, cujo acesso era feito através de um passadiço de madeira; no quintal dos fundos existia um sino ferrugento pendurado num poste que servia para chamar os trabalhadores dos campos ou como sinal de alerta; no telhado havia um varandim tipo «passeio das viúvas», só que nenhuma viúva passeava por ali — era daí que Simon supervisionava o capataz, observava os barcos no rio e bisbilhotava as vidas dos outros latifundiários da vizinhança.

Com a casa havia também a habitual lenda sobre os ianques: uma das mulheres Finch, noiva há pouco tempo, vestiu o seu enxoval completo para a salvar dos invasores que se aproximavam; ficou, entretanto, presa na porta da Escadaria das Meninas, mas molharam-na toda e ela finalmente conseguiu se

soltar.

Quando chegamos à Fazenda, a tia Alexandra beijou o tio Jack, o Francis beijou o tio Jack, o tio Jimmy deu um aperto de mão silencioso ao tio Jack e eu e o Jem demos os nossos presentes ao Francis, que por sua vez também nos deu um presente. O Jem tomou, de repente, consciência da sua idade e gravitou rapidamente para a órbita dos adultos, me deixando sozinha entretendo o meu primo. O Francis tinha oito anos e o cabelo penteado para trás.

— O que é que ganhou no Natal? — perguntei educadamente.

— Aquilo mesmo que tinha pedido — respondeu-me. O Francis tinha pedido um par de calções, uma pasta para os livros em couro vermelho, cinco camisas e um laço.

— Isso é muito legal — menti eu. — Olha eu e o Jem ganhamos umas espingardas de pressão e o Jem ainda ganhou um estojo de química...

— Um de brincar?

— Não, um de verdade. Vai me fazer tinta invisível para eu depois escrever ao Dill com ela.

O Francis perguntou qual a utilidade daquilo.

— Bem, imagina só a cara dele quando receber uma carta minha sem nada escrito? Vai ficar todo maluco!

Falar com o Francis dava-me a sensação de estar descendo lentamente até ao fundo do mar. Era a criança mais aborrecida que algum dia tinha conhecido. Como vivia em Mobile, não podia fazer queixa de mim junto às autoridades escolares, mas arranjava mil maneiras de ir contar tudo o que sabia pra tia Alexandra, que por sua vez descarregava tudo no Atticus, que ou esquecia ou me infernizava a vida, dependendo da sua vontade. Mas a única vez que vi o Atticus falando agressivamente para alguém foi numa altura em que o ouvi dizer:

— Mana, eu faço o melhor que posso com eles! — Acho que tinha alguma coisa a ver com o fato de eu andar de jardineiras.

O tema do meu vestuário era uma verdadeira obsessão para a tia Alexandra. Nunca mais me tornaria numa senhora se usasse calções; quando eu lhe disse que para mim um vestido não tinha utilidade nenhuma, ela me respondeu que não era bonito eu andar fazendo coisas que exigissem um par de calças. A visão da tia Alexandra sobre o meu comportamento envolvia brincar com pequenos fogões, serviços de chá e usar o colar de pérolas que ela tinha me dado quando eu nasci; além disso, eu devia era ser um raio de sol na solitária vida do meu pai. Eu lembrei-a que também se pode ser um raio de sol com calças, mas a tia contra-argumentou que nós tínhamos que nos comportar como um raio solar, que eu nascera boazinha, mas que cada ano que passava eu estava pior. Me magoava constantemente e me deixava com os nervos em frangalhos, mas quando contei

tudo ao Atticus, ele me sossegou, dizendo que já havia raios de sol que chega na família e para eu continuar a viver a minha vida, que ele não se importava muito com a minha maneira de ser.

No jantar de Natal, fiquei sentada numa pequena mesa na sala de jantar; o Jem e o Francis ficaram sentados à mesa de jantar com os adultos. A minha querida tia insistia em isolar-me, mesmo depois do Jem e do Francis terem sido promovidos para a mesa grande.

De vez em quando ficava imaginando o que é que ela pensava que eu era capaz de fazer. Levantar-me da mesa e atirar com qualquer coisa? Às vezes eu desejava pedir para ela me deixar sentar à mesa grande com as outras pessoas, para que lhe pudesse mostrar como eu era civilizada; afinal de contas, comia todos os dias em casa sem contratempos maiores. Quando pedi ao Atticus para fazer uso da sua influência, ele disse que não tinha nenhuma — éramos convidados, e sentávamos onde nos indicassem. Depois aproveitou para dizer que a tia Alexandra não compreendia muito bem as meninas pois nunca tinha tido uma.

Mas os seus cozidos desculpavam tudo: três tipos de carne, legumes de Verão vindos diretamente das prateleiras da sua dispensa, pêssego em conserva, dois tipos de bolo e ambrosia, esta era a ementa do nosso modesto jantar de Natal. Mais tarde, os adultos dirigiram-se à sala de estar e sentaram-se num ligeiro estado de ébria sonolência. O Jem deixou-se ficar deitado no chão e eu fui para o quintal dos fundos.

— Veste o casaco — disse o Atticus meio nas nuvens, por isso não lhe obedeci.

O Francis sentou-se atrás de mim nos degraus.

— Este foi sem dúvida o melhor jantar que tivemos — comecei.

— A vó é uma ótima cozinheira — disse o Francis. — E vai me ensinar.

— Os rapazes não cozinham — dei uma risada ao imaginar o Jem de avental.

— A vó diz que todos os homens deviam aprender a cozinhar, qu'os homens devem ser cuidadosos com as suas mulheres e tomar conta delas quando elas não se sentem bem — afirmou o meu primo.

— E eu lá quero que o Dill me sirva — disse eu. — Prefiro é servir a ele.

— O Dill?

— Sim. Não conte a ninguém, mas logo que formos suficientemente crescidos vamos casar. Pediu-me em casamento no Verão passado.

O Francis começou a me gozar.

— Mas qu'e qu'ele tem de mal? — perguntei eu. — Não há mal nenhum com ele.

— Quer dizer aquele magricela de que a vó fala que vai para casa da Srta.

Rachel todos os Verões?

— Esse mesmo.

— Sei tudo sobre ele — disse o Francis.

— E o que é que sabe?

— A vó disse que ele não tem casa...

— Claro que tem, vive em Meridian.

— ...que anda à deriva, de parente em parente, e que a Srta. Rachel fica com ele durante o Verão.

— Isso é mentira, Francis!

O Francis sorriu para mim.

— Às vezes ‘ocê é mesmo burra, Jean Louise. ‘ocê é mesmo uma tapada, nem precebe as coisas que passam do teu lado, não é?

— O que é que quer dizer com isso?

— Se o tio Atticus te deixa andar com cães vadios, isso é problema dele, como a vó diz, por isso a culpa não pode ser tua. Pensando bem até ‘ocê não tem culpa por o Atticus ser amigo dos negros, mas problema é qu’isso anda preocupando o resto da família...

— Francis, que diabo quer dizer com isso?

— Apenas aquilo que já te disse. A vó diz que já é ruim ele te deixar andar por aí vadiando, mas agora que se tornou amigo dos negros nunca mais poderemos voltar a andar pelas ruas de Maycomb. Está arruinando a família, é isso que ele está fazendo.

O Francis levantou-se e correu pelo passadiço de madeira até à velha cozinha. Quando atingiu uma margem de segurança gritou:

— Não passa é de um amiguinho dos negros!

— Não é nada! — eu rugi. — Não sei do que tá falando, mas é bom que retire neste preciso momento!

Fiquei de pé num pulo e comecei a correr pelo passadiço abaixo. Foi fácil pegar o Francis pelo colarinho. Ordenei que ele retirasse depressa o que tinha dito.

O Francis deu um puxão para trás, soltou-se e enfiou-se na cozinha velha:

— Amigo dos negros! — gritou.

Quando se está perseguindo uma presa, o melhor é fazê-lo com tempo. Se não falarmos, é tão certo como dois e dois serem quatro que ela acaba por ficar impaciente e sai da toca. O Francis apareceu na porta da cozinha.

— Ainda está zangada, Jean Louise? — perguntou ele, cauteloso.

— Não tenho nada p’ra falar — disse eu.

O Francis veio para o passadiço.

— Vai retirar o que disse, Fra... ancis? — só que não prestei a atenção devida.

O Francis fugiu para a cozinha, por isso retirei-me para os degraus. Podia esperar pacientemente. Estava sentada há cinco minutos quando ouvi a tia Alexandra perguntar:

— Onde é que está o Francis?

— Foi p'ra lá, brincar na cozinha.

— Ele sabe que não pode ficar brincando ali.

O Francis veio na porta e gritou:

— vó, ela me trancou aqui e agora não me deixa sair!

— O que é que está acontecendo, Jean Louise?

Virei a cabeça para cima e encarei a tia Alexandra:

— Não tranquei ninguém ali, tia, nem o estou prendendo.

— Está sim, vó — gritou o Francis — ela não me deixa sair!

— Estiveram discutindo?

— A Jean Louise está fula comigo, vó — disse o Francis.

— Francis, vem aqui! Jean Louise, se ouço mais outra queixa sobre você, eu vou falar p'ro teu pai. Me parece que eu ouvir você dizer «diabo», é verdade?

— Não, s'nhora.

— Foi o que me pareceu. Espero não tornar a ouvir essas coisas.

A tia Alexandra era uma mexeriqueira. Quando ela virou as costas o Francis veio para fora com a cabeça erguida e rindo.

— Não se mete comigo — ameaçou.

Saltou para o quintal e manteve a distância, dando pontapé em tufos de grama e, de vez em quando, virando e rindo para mim. O Jem veio à varanda, olhou para nós e voltou para dentro. O Francis trepou na acácia, desceu, meteu as mãos nos bolsos e começou a passear ao redor do quintal.

— Ah! — recomeçou.

Perguntei-lhe quem é que ele pensava que era, o tio Jack?

O Francis disse que como tinham me dado uma valente descompostura, eu devia mais era ficar sentada e deixá-lo em paz.

— Eu nem estou te incomodando — disse eu.

O Francis me olhou de alto a baixo, concluiu que eu já tinha sido suficientemente humilhada e sussurrou em tom suave e provocador:

— Amiguinho dos negros...

Não aguentei, depois dessa eu até esfolei os nós dos dedos contra os dentes dele. Como fiquei lesionada na esquerda, aproveitei para lhe acertar com a direita, mas não por muito tempo. É que o tio Jack me segurou os braços e disse:

— Parada, já!

A tia Alexandra começou a tratar do Francis, enxugando-lhe as lágrimas com o lenço, ajeitando-lhe o cabelo e fazendo-lhe carícias no rosto. O Atticus, o Jem

e o tio Jimmy já tinham chegado à varanda quando o Francis começou a chorar, aos gritos.

— Quem é que começou? — perguntou o tio Jack.

Eu e o Francis apontamos um para o outro.

— ’Vó — balbuciou ele —, ela me chamou e saltou para cima de mim!

— É verdade, Scout? — questionou o tio Jack.

— Se ele diz.

Quando o tio Jack olhou para mim, as suas feições ficaram parecidas com as da tia Alexandra.

— Sabe que te disse que ainda ia se meter em apuros se usasse esse tipo de linguagem? Eu te avisei, não avisei?

— Sim, senhor, mas...

— Bom, e aqui está você metida num apuro e dos grandes. Fica aí.

Me pus a pensar com os meus botões para ver se ficava ou fugia, só que demorei tempo demais pra tomar uma decisão: tentei me virar para escapar, mas o tio Jack foi mais rápido. Num abrir e fechar de olhos e lá estava eu, estendida no meio do relvado, observando uma formiguinha se debatendo com uma pequena migalha de pão.

— Enquanto for viva, nunca mais falo contigo! Te detesto, te desprezo e espero que morra amanhã!

Frase esta que, aliás, pareceu dar ainda mais ânimo ao tio Jack.

Corri para o Atticus em busca de algum conforto, mas ele disse que eu já sabia que aquilo ia acabar acontecendo e que o melhor era irmos para casa porque já era tarde. Subi para o assento de trás do carro sem me despedir de ninguém e, uma vez chegada a casa, corri para o meu quarto e bati com a porta. O Jem tentou dizer alguma coisa agradável, mas não deixei.

Quando fiz a inspeção geral aos danos reparei que só havia sete ou oito marcas vermelhas e estava refletindo sobre a sua relatividade quando alguém bateu na porta. Perguntei quem era; respondeu-me o tio Jack.

— Sai daqui!

O tio Jack disse que se eu lhe voltasse a falar assim ele voltava a me dar uma surra, por isso me mantive calada. Quando ele entrou no quarto refugiei-me num canto e virei-lhe as costas.

— Scout — disse ele —, ainda está zangada comigo?

— Por favor, vai embora, tio.

— Mas porquê, se quer que te diga, achei que você não ia ficar chateada comigo — disse ele. — Mas sabe, você me desiludiu... e já sabia que isso ia acontecer.

— Não sabia nada!

— Querida, não pode andar por aí insultando as pessoas...

— Não ’tá sendo justo — disse eu — não ’tá sendo justo.

O tio Jack ergueu as sobrancelhas.

— Injusto? Mas porquê?

— ’Ocê é muito simpático, tio Jack, e acho que vou continuar a gostar de ti mesmo depois do que me fez, só que ’ocê não compreende bem as crianças.

O tio Jack colocou as mãos nas cinturas e olhou para mim:

— E por que é que eu não compreendo as crianças, menina Jean Louise? Uma conduta igual à que teve exige muito pouca compreensão. Você foi indisciplinada, desordeira e malcriada...

— Me dê uma oportunidade para te explicar? Não quero te incomodar, só quero que me deixem falar.

O tio Jack sentou-se na cama. Uniu as sobrancelhas e começou a observar-me por baixo delas.

— Continua — pediu.

Eu respirei fundo.

— Bem, em primeiro lugar, ’ocê nem sequer parou p’ra me deixar te contar a minha versão... caiu logo em cima de mim. Quando normalmente eu e o Jem brigamos o Atticus nunca ouve só a versão da história do Jem, ouve a minha tam’em e, em segundo lugar, ele me disse p’ra só dizer asneiras em casos de provocação extrema e o Francis me provocou o suficiente p’ra lhe arrancar a espinha...

O tio Jack coçou a cabeça.

— E qual é a tua versão da história, Scout?

— O Francis ficou chamando nomes ao Atticus e eu quis que ele retirasse o que disse.

— E o que é que o Francis falou do Atticus?

— Amiguinho dos negros. Não sei bem o qu’e qu’isso quer dizer, mas a forma como Francis o disse... bom, agora deixa-me que te diga uma coisa, tio Jack, raios m’... juro por Deus que não volto a deixá-lo se sentar ali dizendo essas coisas do Atticus.

— Foi disso que ele chamou ao Atticus?

— Sim, senhor, chamou, e muito mais. Disse que o Atticus ia ser a ruína da família e que deixavam a mim e ao Jem andar por aí vadiando...

Pela expressão no rosto do tio Jack, pensei que estava metida de novo em maus lençóis. Mas quando ele me disse «Temos de tratar do assunto» eu sabia que o Francis é que estava em maus lençóis.

— Ora aí está um ótimo motivo para ir lá esta noite.

— Por favor, deixa assim. Por favor.

— De modo nenhum. Não tenciono deixar as coisas assim — disse ele. — É preciso que a Alexandra esteja a par disto. Só de pensar que... espera até eu pôr as mãos naquele rapaz...

— Tio Jack, por favor me promete uma coisa, por favor. Promete que não vai contar nada disto ao Atticus. Ele... ele uma vez me disse para eu não me deixar afetar com as coisas que dizem sobre ele e eu prefiro que ele pense que nós estávamos lutando por outra coisa qualquer. Me promete, por favor...

— Mas não me agrada mesmo nada que o Francis saia impune de uma coisa como esta...

— Mas ele não saiu impune. Acha que pode fazer o curativo na minha mão? Ainda está sangrando um pouquinho.

— Claro que sim, querida. Não conheço eu outra mão que me desse tanto prazer curar. Vem comigo?

Com elegância e delicadeza, o tio Jack fez uma mesura guiando-me para o banheiro. Enquanto limpava e ligava os nós dos meus dedos, foi me entretendo com a história de um velho cavalheiro muito míope que tinha um gato chamado Arisco e que contava todas as tábuas na calçada sempre que ia à cidade.

— Pronto, aqui está — exclamou. — Vai ficar com uma cicatriz muito pouco apropriada para uma senhora no teu dedo anelar.

— Obrigado, Sr. Dr. Tio Jack. Tio, posso fazer uma pergunta?

— Diga, minha cara senhora?

— O que é uma *prostituta?*

O tio Jack embrenhou-se noutra historieta sobre um velho primeiro-ministro que estava sentado na Câmara dos Comuns e que costumava ficar soprando penas para o ar, tentando mantê-las suspensas, enquanto à sua volta todo mundo parecia perder a cabeça.

Acho que, de certa forma, estava tentando responder à minha pergunta, mas no entanto, não fazia sentido nenhum.

Mais tarde, quando supostamente já devia estar na cama, desci até ao átrio para ir buscar um copo de água e ouvi o tio Jack e o Atticus na sala de estar:

— Nunca vou casar, Atticus.

— Porquê?

— Porque posso vir a ter filhos.

O Atticus afirmou:

— Ainda tem muito que aprender, Jack.

— Eu sei. Esta tarde, a tua filha ensinou-me a minha primeira lição. Disse-me que eu não compreendia muito bem as crianças e explicou-me porquê. E estava certa. Atticus, ela até me disse como é que eu devia tê-la tratado... Ó diacho, estou tão arrependido de ter batido nela.

O Atticus soltou uma risada.

— Ela mereceu, por isso não sinta muitos remorsos.

Fiquei à espera, segurando a respiração, para ver se o tio Jack contaria ao Atticus a minha versão dos fatos. Mas ele não o fez.

Em vez disso apenas murmurou:

— A forma como ela usa toda aquela linguagem grosseira deixa muito pouco à imaginação. Mas ela nem sabe o significado de metade do que diz... imagina você que me perguntou o que era uma *prostituta*...

— E você, lhe explicou?

— Não, contei-lhe a história de Lord Melbourne.

— Jack! Quando uma criança te pergunta algo, pelo amor de Deus, responda. Agora não faça disso uma encenação. As crianças são crianças, mas detectam uma resposta evasiva mais rapidamente do que os adultos, e a evasão só as confunde. Não... — meditou o meu pai — esta tarde te deram a resposta certa, mas pelas razões erradas.

A malcriadez é uma fase por que todas as crianças passam e acaba por morrer com o tempo quando elas percebem que não chamam a atenção de ninguém através dela. Mas a raiva e a impulsividade não. E a Scout tem de aprender a manter a calma e aprender depressa, sobretudo perante o que lhe está reservado nestes próximos meses. Mas confesso que ela está melhorando. O Jem está ficando crescido e ela já segue um pouco o seu exemplo. Por vezes, o que ela precisa é de uma pequena ajuda.

— Atticus, você nunca lhe tocou num fio de cabelo.

— Por enquanto sim. Até agora consegui sempre resolver as coisas com ameaças. Jack, ela me aborrece e me testa o mais que pode. Metade das vezes não atinge o seu fim, mas que tenta, lá isso tenta.

— Essa não é a resposta — disse o tio Jack.

— Não, a resposta é que ela sabe que eu sei que ela tenta. E é isso que faz a diferença. O que me aborrece é que daqui a pouco tempo tanto ela como o Jem vão ter de engolir algumas coisas.

Não me preocupa se o Jem mantém ou não a calma, mas a Scout não só está olhando para uma pessoa, como se atirando para cima dela, como se fosse o seu orgulho que estivesse em risco...

Esperei que o tio Jack quebrasse a sua promessa. Ainda não tinha feito.

— Atticus, a situação é assim tão grave? Ainda não teve muitas oportunidades para falar nisso.

— Não podia ser pior, Jack. A única coisa que temos é a palavra de um negro contra a dos Ewells. E as provas reduzem-se a um simples «Foi você — Não fui». Não podemos ficar esperando que o júri sobreponha a palavra do Tom

Robinson à dos Ewells... você conhece os Ewells?

O tio Jack disse que sim, que se lembrava deles. Descreveu-os ao Atticus, mas o Atticus disse:

— Está uma geração atrasado. Mas os de agora são iguaizinhos.

— Então, o que é que vai fazer?

— Antes de acabar, pretendo chocar um bocado o júri... mas acho que tenho boas hipóteses no recurso. Neste momento, não sei te dizer, Jack. Sabe, esperava passar pela vida sem ter um caso destes, mas verdade é que o John Taylor apontou para mim e disse «Você é a pessoa ideal».

— Te passou a batata quente, certo?

— Certo. E você acha que eu conseguiria encarar os meus filhos de outra forma? Sabe tão bem como eu o que vai acontecer, Jack, e espero e rezo conseguir fazer com que a Scout e o Jem ultrapassem isto sem grandes amarguras, e acima de tudo, sem pegarem a habitual doença de Maycomb. Vá lá entender por que é que as pessoas sensatas se transformam completamente em doidos varridos quando surge alguma coisa que envolve um negro. É algo que eu ainda não entendi... Só espero que o Jem e a Scout saibam procurar as respostas em mim e não no que se diz pela cidade.

Espero que confiem suficientemente em mim... Né Jean Louise?

Em pânico, senti que tinham me descoberto na tocaia. Meti a cabeça por entre a porta, mostrando-me.

— Pai?

— Vai para a cama.

Corri para o meu quarto e me meti na cama. O tio Jack tinha sido um verdadeiro cavalheiro em não desonrar o nosso compromisso. Mas nunca consegui descobrir como é que o Atticus sabia que eu estava escutando e só muitos anos depois é que percebi que o seu objetivo, naquela noite, era mesmo que eu ouvisse cada uma das suas palavras.

X

O Atticus era uma pessoa cansada: tinha quase cinquenta anos.

Quando eu e o Jem lhe perguntamos por que estava tão velho, ele respondeu que tinha começado tarde, fato que, na nossa opinião, se refletia nas suas capacidades e na sua masculinidade. Era muito mais velho do que os pais dos nossos colegas de escola, e não havia nada que eu ou o Jem pudéssemos dizer sobre ele quando as outras crianças diziam, «O meu pai...»

O Jem era louco por futebol. O Atticus nunca estava cansado para jogar na defesa, mas quando o Jem fazia tenções de derrubá-lo, o Atticus dizia:

— Já estou velho demais para isso, filho.

O nosso pai não fazia nada. Trabalhava num escritório, não numa drogaria. O Atticus não conduzia o caminhão do lixo do condado, não era xerife, não cultivava, não trabalhava numa garagem, nem fazia qualquer coisinha que suscitasse a admiração de alguém.

Além disso, usava óculos. Era praticamente cego do olho esquerdo, e dizia que os olhos esquerdos eram a maldição do clã dos Finch. Quando queria observar bem alguma coisa, virava a cabeça e olhava com o olho direito.

Normalmente, não fazia as coisas que os pais dos nossos colegas de escola faziam: nunca ia caçar, não jogava *poker*, não pescava, não bebia, nem fumava. Só sabia ficar sentado na sala de estar lendo.

Contudo, apesar destes atributos, era incapaz de manter a discrição que nós tanto gostaríamos: naquele ano, a escola fervilhava com um imenso zunzum sobre o fato de ele estar defendendo o Tom Robinson. E os comentários eram tudo menos simpáticos.

Depois da minha inimizade com o Cecil Jacobs, e quando já tinha feito voto por uma política de covardia, começou a correr o boato de que a Scout Finch não ia lutar mais, pois o pai não a deixava. Ora isto não era inteiramente verdade: não ia lutar publicamente pelo Atticus, mas a família era território privado. Era capaz de lutar com unhas e dentes contra qualquer um, incluindo, claro, o meu primo em terceiro grau. Que o diga o Francis Hancock.

Quando nos ofereceu as espingardas de pressão, o Atticus não nos ensinou disparando. O tio Jack nos fez uma pequena introdução aos rudimentos daquilo; justificou que o Atticus não se interessava por armas. Um dia, o Atticus virou-se para o Jem e disse:

— Preferia que ficasse dando tiros em latas no quintal, mas sei que vai andar atrás dos pássaros. Pode matar todos os gaios-azuis que encontrar, isto se conseguir acertar, mas lembre-se que é pecado matar uma cotovia.

Foi a única vez que ouvi o Atticus dizer que era pecado fazer alguma coisa e questionei a Srta. Maudie sobre o assunto.

— O teu pai tem razão — disse ela. — As cotovias não fazem nada a não ser cantar belas melodias para nós. Não estragam os jardins das pessoas, não fazem ninhos nos espigueiros, só sabem cantar com todo o sentimento para nós. É por isso que é pecado matar uma cotovia.

— Srta. Maudie, este é um bairro muito velho, num é?

— É mais antigo ainda do que a cidade.

— Não é isso, s'nhora, o que quero dizer é que as pessoas aqui da rua são todas velhas. O Jem e eu somos as únicas crianças que vivem aqui. A Sra. Dubose anda perto dos cem anos a Srta. Rachel é velha, e a senhora e o Atticus tam'em.

— Não considero velha uma pessoa de cinquenta anos — disse, meio ofendida, a Srta. Maudie. — Não está me tendo como aposentada, né? Nem ao teu pai. Mas devo admitir que a Divina Providência foi gentil ao ponto de me queimar aquele velho mausoléu, estou velha demais para mantê-lo... talvez tenha razão, Jean Louise, este bairro é um bocado tradicional. 'Ocê nunca convive muito com gente nova, né?

— Sim, s'nhora, lá na escola.

— Quero dizer, com jovens adultos. Vocês têm é muita sorte, sabe. É que 'ocê e o Jem podem tirar proveito da idade do teu pai. Se o teu pai tivesse trinta anos vocês iriam encarar a vida de uma forma um tanto quanto diferente.

— Com certeza que sim. Mas o Atticus não sabe fazer nada...

— Mas é que 'ocê não faz a mínima ideia — contrapôs Srta. Maudie. — Ele ainda tem muita vida.

— Mas o qu'e qu'ele sabe fazer?

— Bem, ele consegue pôr tudo preto no branco num testamento, de tal forma que mais ninguém consegue contestá-lo.

— E mais...

— Mais? 'ocê sabia que ele é o melhor jogador de xadrez desta cidade? Sabia que quando estávamos lá na Fazenda, o Atticus Finch conseguia ganhar de qualquer pessoa, de uma ou da outra margem do rio.

— Tenha dó Srta. Maudie, eu e o Jem 'tamos sempre ganhando dele.

— Já era hora de perceber que é porque ele deixa. Sabia que ele até sabe tocar berimbau?

Esta modesta proeza ainda me fez ter mais vergonha dele.

— Bem... — disse ela.

— Bem o quê, Srta. Maudie?

— Bem, nada. Nada... eu pensava que com isto tudo você iria ficar orgulhosa dele. Nem todos sabem tocar berimbau... Agora não atrapalhe os carpinteiros. É melhor ir para casa, porque vou mexer nas minhas azaleias e não posso tomar conta de ti. Pode cair uma tábua na tua cabeça.

Fui para o meu quintal dos fundos e dei com o Jem disparando contra uma lata, o que parecia um bocado estúpido com tantos gaios-azuis à volta. Voltei ao pátio da frente e passei duas horas tentando erguer uma barricada complicada ao lado da varanda, que consistia num pneu, uma caixa de laranjas, o cesto da roupa suja, as cadeiras da varanda e uma pequena bandeira dos Estados Unidos que tinha saído pro Jem numa caixa de cereais e que ele tinha me dado.

Quando o Atticus chegou para jantar encontrou-me de cócoras, atrás da barricada, apontando para o outro lado da rua.

— Está disparando para onde?

— Para o traseiro da Srta. Maudie.

Atticus virou-se e viu o meu generoso alvo debruçado sobre os seus arbustos. Empurrou o chapéu quase até à nuca e atravessou a rua.

— Maudie — chamou ele. — Achei que era melhor te avisar. Corre um grande perigo.

A Srta. Maudie endireitou-se e olhou para mim e disse:

— Atticus, é um diabo do inferno.

Quando o Atticus voltou disse-me para levantar o acampamento.

— Ah se te apanhar outra vez apontando essa arma pra alguém... — ameaçou.

Desejei que o meu pai fosse um diabo do inferno. Sondei a Calpurnia sobre o assunto:

— Sr. Finch? Ora, ele sabe fazer muita coisa.

— Como, por exemplo? — perguntei.

A Calpurnia coçou a cabeça.

— Bom, não sei lá muito bem — respondeu.

O Jem voltou a tocar no assunto quando perguntou ao Atticus se ele ia jogar pelos Metodistas e o Atticus lhe respondeu que se o fizesse iria se machucar, pois era demasiado velho para esse tipo de coisas. Os Metodistas estavam tentando liquidar a hipoteca da sua igreja e tinham desafiado os Batistas para um jogo de futebol americano. Ao que parece, os pais de todos as crianças da cidade iam comparecer, exceto o Atticus. O Jem disse que assim não lhe interessava ir, mas como não conseguia resistir a qualquer forma de futebol, lá permaneceu melancolicamente na linha lateral, comigo e com o Atticus, assistindo ao pai do Cecil Jacobs a fazer jogadas atrás de jogadas pelos Batistas.

Certo sábado, eu e o Jem decidimos ir fazer umas explorações com as nossas espingardas, para ver se encontrávamos um coelho ou um esquilo. Já tínhamos ultrapassado aí uns quinhentos metros a Casa dos Radley, quando vi o Jem olhando de lado fixamente para qualquer coisa ao fundo da rua. A sua cabeça estava virada para um lado, enquanto olhava para o outro pelo canto do olho.

— ’Tá olhando p’ra quê?

— P’ra’li, pr’aquele cão velho lá — respondeu ele.

— Aquel’e o velho Tim Johnson, n’é?

— É.

O Tim Johnson pertencia ao Sr. Harry Johnson, motorista do ônibus de Mobile, que vivia no extremo sul da cidade. O Tim era um cão de guarda malhado cor de fígado, a mascote de Maycomb.

— Mas o qu’e qu’ele tá fazendo?

— Não sei, Scout. É melhor irmos para casa.

— Oh Jem, é Fevereiro.

— E eu quero lá saber disso. Vou é contar à Cal.

Fizemos uma corrida até a casa e entramos esbaforidos pela cozinha.

— Cal — disse o Jem —, pode vir aqui na calçada por um minuto?

— Prá quê, Jem? Não posso ir na calçada sempre que ’ocê quer.

— Tem alguma coisa acontecendo com um cão velho que tá embaixo.

A Calpurnia soltou um suspiro.

— Não tenho tempo prá andar à tratar de cães. No banheiro há alguma gaze, vá buscá-la e faz você mesmo o curativo.

O Jem abanou a cabeça.

— Ele ’tá doente, Cal. Tá acontecendo alguma coisa com ele.

— O qu’e qu’ele ’tá fazendo, tentando apanhar a cauda?

— Não, ’tá fazendo assim.

O Jem pôs-se a engolir em seco como um peixinho de aquário, arqueou os ombros e torceu o tronco.

— ’Tá fazendo assim, mas não é por querer.

— ’Tá me pregando uma peça, Jem Finch? — a voz da Calpurnia ficou mais áspera.

— Não, Cal, juro que não.

—’Tão’tava correndo?

— Não, ’tá andando, mas tão lento que quase nem se nota. E ’tá vindo p’aqui.

A Calpurnia lavou as mãos e seguiu o Jem até ao quintal.

— Não vejo nenhum cão — disse ela.

Seguiu-nos até à Casa dos Radley e fixou o olhar para onde o Jem apontava. Ao longe, o Tim Johnson não era mais do que um ponto, só que agora estava

mais perto de nós. Caminhava de forma errática, aos tombos, como se as patas da direita fossem mais curtas do que as da esquerda. Me fez lembrar um carro atolado num banco de areia.

— Ele ’tá coxo — disse o Jem.

A Calpurnia fitou-o espantada, depois pegou em nós pelos ombros e nos levou para casa. Fechou a porta de madeira atrás de nós, foi para o telefone e começou aos gritos:

— Ligue-me já ao gabinete do Sr. Finch!

— Sr. Finch! — exclamou. — Daqui fala a Cal. Juro por Deus que há um cão raivoso solto na rua... e ’tá vindo pa’qui, sim, s’nhor, ele... O Sr. Finch, é o velho Tim Johnson, sim, s’nhor... sim, s’nhor... sim...

Desligou e abanou a cabeça quando tentamos lhe perguntar o que o Atticus tinha dito. Voltou a bater no descanso do telefone e disse:

— Srta. Eula May... s’nhora, acabo de falar com Sr. Finch, por favor não me ligue mais... ouça, Srta. Eula May, ligue já à Srta. Rachel e à Srta. Stephanie Crawford e a mais quem tenha telefone nesta rua e diga que um cão raivoso anda à solta! Por favor, ’nhã s’nhora!

A Calpurnia parou à escuta:

— Já sei que ’tamos em Fevereiro, Srta. Eula May, mas tamém sei reconhecer um cão raivoso quando vejo um. Por favor, s’nhora, depressa!

Depois, a Calpurnia perguntou ao Jem:

— Os Radleys têm telefone?

O Jem viu na lista e disse que não.

— Calpurnia, duma maneira ou doutra eles não vêm aqui fora.

— Na quero saber, vou avisá-los.

Correu para a varanda e eu e o Jem fomos atrás dela.

— Fiquem dentro de casa! — ordenou.

Naquela altura o bairro já tinha recebido a mensagem da Calpurnia. Todas as portas de madeira ao alcance da nossa visão estavam fechadas. Não havia rasto do Tim Johnson. Vimos a Calpurnia correndo até à Casa dos Radley, segurando a saia e o avental acima dos joelhos. Subiu os degraus da frente e bateu na porta. Não tendo obtido resposta, desatou a gritar:

— Sr. Nathan, Sr. Arthur, vem aí um cão raivoso! Vem aí um cão raivoso!

— Ela devia era ir pelos fundos — disse eu.

O Jem abanou a cabeça.

— Agora não faz grande diferença — disse.

A Calpurnia tinha batido na porta em vão. Ninguém percebeu do seu aviso; melhor dizendo, era como se ninguém tivesse ouvido.

Na altura em que Calpurnia fugia a passos largos até à nossa varanda dos

fundos, surgiu na estrada um Ford preto. Eram o Atticus e o Sr. Heck Tate.

O Sr. Heck Tate era o xerife de Maycomb County. Era da mesma altura que o Atticus, só que mais magro. Tinha o nariz comprido, usava botas com ilhós de metal brilhantes, calças à cavaleiro e um casaco grosso à lenhador. O seu cinto ostentava uma fiada de balas.

Vinha armado com uma espingarda pesada. Mal ele e o Atticus chegaram ao varandim, o Jem abriu a porta.

— Fique onde está dentro de casa, filho — disse o Atticus. — Onde é que ele está, Cal?

— Deve andar por aí — disse a Calpurnia, apontando para a rua.

— E vinha correndo, vinha? — perguntou Sr. Tate.

— Na s'nhor, anda 'os tombos e 'as sacudidas, Sr. Heck.

— Acha que devemos ir atrás dele, Heck? — perguntou o Atticus.

— É melhor esperarmos, Sr. Finch. Normalmente andam em linha reta, mas nunca se sabe. Pode ser que siga a curva... espero que sim, senão vai direito ao quintal dos Radleys. Vamos esperar um pouco.

— Eu acho que ele não vai para o quintal dos Radleys — afirmou o Atticus. — A cerca vai impedi-lo. O mais provável é ele seguir a estrada...

Pensava que os cães raivosos espumavam pela boca, corriam, davam pinotes e atacava nas gargantas das pessoas, e pensava que só fizessem isso em Agosto. Se o Tim Johnson tivesse reagido assim, eu não teria tanto medo.

Nada é mais aterrador do que uma rua deserta, expectante. As árvores não se moviam, as cotovias estavam silenciosas, os carpinteiros que trabalhavam na casa da Srta. Maudie tinham desaparecido.

O Sr. Tate fungou e depois assoou o nariz. Vi-o mudar a arma de posição, levando-a até à curva do braço. Reparei na cara da Srta. Stephanie Crawford encaixilhada pela janela da sua porta da frente. Depois apareceu a Srta. Maudie e ficou ao lado dela. O Atticus colocou o pé na travessa de uma cadeira e pôs-se a esfregar a mão lentamente contra a coxa.

— Ali está ele — disse ele, tranquilamente.

Eis que surgia o Tim Johnson, bamboleando pelo lado de dentro da curva paralela à Casa dos Radley.

— Olha p'ra aquilo — sussurrou o Jem. — O Sr. Heck disse que caminham em linha reta. Mas ele nem sequer consegue se manter na estrada!

— Parece mais doente do que outra coisa — comentei.

— Aposto que se alguma coisa se mete na frente dele, ele pula logo nela.

O Sr. Tate levou a mão à testa e inclinou-se para a frente, observando:

— Tem raiva, sim senhor, Sr. Finch.

O Tim Johnson avançava a passo de tartaruga, mas não estava brincando, nem

farejando as folhas: parecia empenhado em seguir um rumo e movido por uma força invisível que o fazia avançar lentamente na nossa direção. Víamos ele estremecer como um cavalo sacudindo as moscas; o seu maxilar abria e fechava; apesar do seu olhar perdido, era como se fosse gradualmente empurrado para nós.

— Está à procura de um local para morrer — disse o Jem.

O Sr. Tate se virou.

— Está longe de estar morto, Jem, e ainda nem sequer começou.

O Tim Johnson chegou à rua transversal que atravessava na frente da Casa dos Radley e o que restava da sua pobre alma fê-lo parar para pensar que caminho havia de tomar. Deu umas passadas hesitantes e parou em frente ao portão dos Radleys; depois, tentou voltar atrás, mas já estava em dificuldades.

O Atticus disse:

— Está na mira, Heck. É melhor pegá-lo agora antes que ele se meta por aquela rua... Deus sabe quem poderá dobrar a esquina.

Vai para dentro, Cal.

A Calpurnia abriu a porta de rede, trancou-a atrás de si, depois voltou a destrancá-la e ficou parada junto à maçaneta. Tentou nos bloquear com o corpo, ao Jem e a mim, mas conseguíamos ver por baixo dos braços dela.

— Pegue-o, Sr. Finch! — O Sr. Tate entregou a espingarda ao Atticus; eu e o Jem quase desmaiamos.

— Não perca tempo, Heck — disse o Atticus. — Vá lá.

— Sr. Finch, isto é trabalho de um único tiro.

O Atticus abanou veementemente a cabeça:

— Não fique aí parado, Heck! Rápido que ele não vai esperar por ti...

— Pelo amor de Deus, Sr. Finch, veja só onde ele está? Se falharmos ele entra diretamente na Casa dos Radley! Eu não tenho boa pontaria e o senhor sabe!

— Eu já não disparo uma arma há trinta anos.

O Sr. Tate quase jogou a arma pro Atticus.

— Sentia-me mais à vontade se o fizesse agora — disse ele.

No meio da confusão, vimos o nosso pai pegando na arma e dirigindo-se para o meio da rua. Caminhou rapidamente, mas fiquei com a sensação de que se movia como um nadador debaixo de água: o tempo arrastava-se penosamente como numa lenta agonia.

Quando o Atticus levantou os óculos, a Calpurnia murmurou:

— Deus Nosso Senhor o ajude — e levou as mãos à cara.

O Atticus empurrou os óculos para cima da testa; eles escorregaram e caíram na rua. No silêncio, ouvi se partirem. O Atticus esfregou os olhos e o queixo; conseguíamos vê-lo pestanejando imensamente.

Frente ao portão dos Radleys, o Tim Johnson já tinha tomado uma decisão com o que lhe restava da sua mente. Por fim, se virou para prosseguir o seu caminho inicial rua acima. Deu dois passos, depois parou e levantou a cabeça. O seu corpo enrijeceu.

Com movimentos tão rápidos quanto simultâneos, a mão do Atticus puxou o gatilho da arma à medida que encostava a coronha ao ombro.

A espingarda disparou. O Tim Johnson deu um salto, rolou sobre si mesmo e caiu na calçada como uma massa branca e castanha.

Nem sequer entendeu o que o tinha atingido.

O Sr. Tate saltou da varanda e correu para a Casa dos Radley. Parou em frente ao cão, abaixou-se, virou as costas e bateu com o dedo na testa, acima do seu olho esquerdo.

— Desviou-se um nada para a direita, Sr. Finch — gritou.

— Sempre foi assim — respondeu o Atticus — se pudesse, teria usado a espingarda.

Dobrou-se para apanhar os óculos, com o calcanhar reduziu as lentes partidas a pó e depois dirigiu-se para junto do Sr. Tate, após ficou olhando para o Tim Johnson no chão.

As portas foram se abrindo uma a uma e, aos poucos, o bairro foi ganhando vida. A Srta. Maudie desceu os degraus juntamente com Srta. Stephanie Crawford.

O Jem estava paralisado. Belisquei-o para ver se se mexia, mas quando o Atticus nos viu descendo gritou logo:

— Fiquem onde estão!

Quando Sr. Tate e o Atticus voltaram para o pátio, o Sr. Tate vinha sorrindo.

— Vou pedir ao Zeebo para vir buscá-lo — disse. — Olhe que não desaprendeu, Sr. Finch. Quem sabe, nunca esquece.

O Atticus manteve-se em silêncio.

— Atticus? — perguntou o Jem.

— Sim?

— Nada.

— Eu vi, Finch «Cada Tiro Cada Melro»!

O Atticus voltou-se e deu de cara com Srta. Maudie. Olharam um para o outro sem trocarem uma palavra e o Atticus entrou no carro do xerife.

— Vem aqui — virou-se para o Jem. — Não se aproximem daquele cão, está entendendo? Não se aproximem dele, que ele é tão perigoso morto como quando era vivo.

— Sim, senhor — disse o Jem. — Atticus...

— O que é, filho?

— Nada.

— O que está acontecendo contigo, rapaz, não sabe falar? — disse o Sr. Tate, sorrindo para o Jem. — Não sabia que o teu pai...

— Cale-se, Heck — disse o Atticus —, vamos voltar para a cidade.

Mal partiram, e eu e o Jem fomos para os degraus da Srta. Stephanie. Sentamos à espera que o Zeebo chegasse no caminhão do lixo.

O Jem ficou sentado, ainda envolto num estado de letargia, a Srta. Stephanie disse:

— Uau, quem é que esperaria um cão com raiva em Fevereiro? É possível que não estava com raiva, talvez apenas louco. Eu é que não gostaria de ver a cara do Harry Johnson quando regressar de Mobile e descobrir que o Atticus Finch matou o cão dele. Mas também, ele estava cheio de pulgas...

A Srta. Maudie referiu que a ladainha da Srta. Stephanie seria bem diferente se o Tim Johnson ainda viesse a subir aquela rua, e que mais cedo, ou mais tarde, saberiam tudo, já que iam mandar a sua cabeça para Montgomery.

Titubeante, o Jem conseguiu articular umas palavras vagas:

— Viu, Scout? Viu-o ali parado?... e, de repente, ficou todo descontraído, até parecia que ele e a arma eram um só... e foi tudo tão rápido, como... ó pá, e eu que tenho qu'apontar durante dez minutos antes de conseguir atingir alguma coisa...

A Srta. Maudie exibiu um sorriso malicioso.

— Bem, e agora, Srta. Jean Louise — começou — ainda pensa que o teu pai não sabe fazer nada? Ainda tem vergonha dele?

— Não, senhora — respondi eu, timidamente.

— No outro dia, me esqueci de te dizer que, além de saber tocar berimbau, no seu tempo, o Atticus Finch era o atirador mais temido de Maycomb County.

— Mais temido... — repetiu o Jem.

— É isso mesmo, Jem Finch. E acho que a partir de agora vocês vão mudar a vossa cantiga. A propósito, não sabiam que o apelido dele, quando era rapaz, era «Cada Tiro Cada Melro»? É que lá na Fazenda, quando ele dava quinze tiros e só matava catorze pombas, já se queixava que estava desperdiçando munições.

— Ele nunca nos disse uma palavra sobre isso — murmurou o Jem.

— Quer dizer então que ele nunca lhe disse nada?

— Não, senhora.

— Não entendo por que é que ele nunca vai caçar — comentei.

— Talvez eu possa lhe explicar — prontificou-se a Srta. Maudie.

— Se há algo que caracteriza o vosso pai é o fato de ser civilizado, do fundo do coração. E a pontaria é um dom de Deus, um talento... sabem, é preciso praticar muito para atingir a perfeição, só que andar dando tiros é bastante

diferente de tocar piano ou outra coisa parecida. Penso que ele colocou a arma de lado quando percebeu que Deus lhe tinha dado uma vantagem injusta sobre a maioria dos seres vivos. Acho que decidiu deixar de disparar até que fosse estritamente necessário, e hoje foi necessário.

— Parece-me é que ele devia sentir orgulho nisso — disse eu.

— As pessoas que estão no seu perfeito juízo nunca se orgulham dos seus talentos — disse a Srta. Maudie.

Nesse momento, vimos o Zeebo chegando. Tirou uma forquilha da parte de trás do caminhão e levantou cuidadosamente o Tim Johnson.

Largou o cão no caminhão e depois despejou um líquido qualquer de um garrafão no local onde o Tim caíra.

— Ei, vocês aí, durante uns tempo, num venham p'ra este local — advertiu.

Quando voltamos para casa eu disse ao Jem que agora tínhamos mesmo um bom tema de conversa na segunda-feira na escola.

Depois o Jem virou-se para mim.

— Não conte nada sobre isto, Scout — pediu-me.

— O quê? Mas é claro que vou contar. Nem todo mundo pode se gabar de ter o pai com o tiro mais mortífero de Maycomb County.

O Jem retorquiu:

— Acho que se ele quisesse que nós soubéssemos, já nos tinha dito. E se ele tivesse orgulho nisso, já nos tinha dito também.

— Talvez tenha se esquecido — pensei alto.

— Não, Scout, é algo que 'ocê não consegue compreender.

O Atticus já tem uma certa idade, mas não me importava mesmo se ele não conseguisse fazer nada... é que não me importava mesmo se ele não soubesse fazer nada de nada.

O Jem apanhou uma pedra e atirou-a alegremente contra a garagem. Enquanto corria atrás dela, gritou:

— O Atticus é um cavalheiro, tal como eu!

XI

QUANDO ÉRAMOS PEQUENOS, eu e o Jem confinávamos as nossas atividades ao sul do bairro, mas quando já ia bem adiantada no segundo ano e atormentar o Boo Radley já tinha passado de moda, éramos frequentemente atraídos pela zona comercial de Maycomb, o que significava que tínhamos de passar pela propriedade da Sra. Henry Lafayette Dubose. Era impossível ir à cidade sem ter de passar pela casa dela, a não ser que quiséssemos fazer um desvio de quase dois quilômetros. Os nossos pequenos encontros anteriores não me tinham deixado grandes saudades, mas o Jem disse que já tinha chegado o momento de eu ser crescida.

A Sra. Dubose vivia sozinha, excetuando a constante presença de uma criadinha negra, duas portas acima da nossa, numa casa com enormes degraus na frente e uma varanda coberta. Era muito velha; passava grande parte do dia na cama e o restante era passado numa cadeira de rodas. Corriam rumores de que guardava uma pistola do exército sulista escondida entre os seus inúmeros xales e mantas.

Eu e o Jem a odiávamos. Se acontecia dela estar na varanda quando passávamos, éramos imediatamente varridos pelo seu olhar irado, seguido de um interrogatório inclemente sobre o nosso comportamento e, por fim, pronunciada uma melancólica profecia sobre aquilo em que nos iríamos tornar quando crescêssemos, o que, para ela, era sempre sinônimo de nada. Já há muito tempo que nos tinha surgido a ideia de atravessar para o outro lado da rua, evitando, assim, passar em frente à sua casa; mas isso só a fez levantar ainda mais a voz, fazendo com que todo o bairro ficasse a saber o que ela pensava.

Não conseguíamos fazer nada que lhe agradasse. Mesmo que a cumprimentasse o mais amável e educadamente possível «Olá, Sra. Dubose!», obteria uma resposta do gênero «Não me diga “olá”, sua criança horrorosa! Diga antes “Boa tarde, Sra. Dubose!”»

Era mesmo cruel. Uma vez ouviu o Jem tratando o nosso pai por «Atticus» e ficou em estado de apoplexia total. Além de nos dizer que éramos os fedelhos mais petulantes e irreverentes que alguma vez por ali tinham passado, ainda acrescentou que era uma pena o nosso pai não ter casado de novo depois da morte da nossa mãe. Não havia senhora mais encantadora do que a minha mãe, dizia ela, e era vergonhosa a forma como o Atticus nos deixava andar à solta.

Eu não me lembrava da nossa mãe, mas o Jem sim (às vezes falava-me sobre ela), razão pela qual ficou pálido quando a Sra. Dubose nos atirou com aquela mensagem.

Tendo o Jem sobrevivido ao Boo Radley, a um cão raivoso e outros terrores afins, concluiu que era covardia parar em frente aos degraus da casa da Srta. Rachel e esperar, e decretou que todos os fins de tarde devíamos ir correndo até à esquina do posto dos correios para esperar o Atticus que vinha do trabalho. Perdemos a conta dos fins de tarde em que íamos ver o Atticus e o Jem ficava furioso com algum comentário que Sra. Dubose tenha feito na nossa passagem.

— Deixa p'ra lá, filho — dizia o Atticus. — É velhinha e está doente. Passe sempre de cabeça levantada e seja um cavalheiro. Diga a ela o que disser, o teu objetivo é não deixar que ela te aborreça.

O Jem respondia que se ela gritava tanto assim era porque não estava tão doente assim. Quando passávamos os três pela casa dela, o Atticus tirava o chapéu, acenava-lhe galantemente e dizia:

— Boa-noite, Sra. Dubose! Esta noite a senhora parece saída de um quadro.

Nunca ouvi o Atticus dizer de quem é que era o quadro. Depois contava-lhe as novidades do tribunal e dizia-lhe que esperava do fundo do coração que ela tivesse um bom dia no dia seguinte.

Voltava a colocar o chapéu na cabeça, colocava-me na sua canguta diante dos olhos dela e íamos para casa à luz do crepúsculo. Era em momentos como este que eu considerava o meu pai, que detestava armas e nunca tinha combatido em nenhuma guerra, como o homem mais corajoso do mundo.

Um dia depois do seu décimo segundo aniversário, o dinheiro parecia estar queimando os bolsos do Jem, por isso, no início da tarde, fomos à cidade. O Jem estava convencido que tinha dinheiro suficiente para comprar uma locomotiva a vapor em miniatura para ele e um bastão de *majorette* para mim.

Há muito tempo que andava de olho naquele bastão; vi-o na V. J. Elmore's, era todo enfeitado com lantejoulas e brilhantes e custava dezessete centavos. Nessa altura, a minha ambição era ser suficientemente crescida para poder rodar o bastão juntamente com a fanfarra do Colégio de Maycomb County. Dado que tinha desenvolvido o meu talento a ponto de atirar um pau e quase consegui-lo apanhar com as mãos na sua descida, estava proibida pela Calpurnia de entrar em casa sempre que esta me via com um pau na mão.

Sentia que era possível ultrapassar aquela falha com um bastão de verdade e achei que era generoso da parte do Jem oferecer-me um.

A Sra. Dubose estava na sua varanda quando passamos.

— Aonde é que vocês vão a esta hora do dia? — gritou ela — Gazeando aula, não é? Vou já telefonar ao diretor da escola e lhe dizer!

Colocou as mãos na cadeira de rodas e executou uma manobra perfeita.

— Oh, Sra. Dubose, hoje é sábado! — disse o Jem.

— Não interessa se hoje é sábado — disse ela, de modo obscuro.

— Por acaso, o seu pai sabe onde é que vocês andam, sabe?

— Sra. Dubose, nós já vamos sozinhos à cidade desde que tínhamos esta altura. — O Jem colocou a palma da mão a cerca de cinquenta centímetros do chão.

— Não minta para mim! — gritou ela. — Jeremy Finch, a Maudie Atkinson disse que hoje de manhã você quebrou uma das videiras do caramanchão. Ela vai reclamar ao seu pai e aí irá desejar nunca ter visto a luz do dia! Verá que daqui uma semana estará enfiado num reformatório, e não me chame de Dubose!

O Jem, que não se aproximava das videiras da Srta. Maudie desde o Verão passado, e sabia que mesmo que o tivesse feito a Srta. Maudie não diria uma palavra ao Atticus, emitiu uma negação universal.

— Não me contradiga! — vociferou a Sra. Dubose. — E você aí apontando o seu dedo artrítico para mim — o que é que está fazendo com esse macacão? Devia estar de vestido e camisetinha, minha menina! Se ninguém te educar, quando crescer vai trabalhar servindo mesas — uma garçonete servindo mesas no O.K. Café.

— Ah!

Eu estava apavorada. O O.K. Café era um estabelecimento de má fama, no lado norte da praça. Agarrei a mão do Jem, mas ele me repeliu.

— Vamos, Scout — sussurrou. — Não de bola, levante a cabeça e porte-se como uma dama.

Mas a Sra. Dubose nos impediu:

— Não só uma garçonete servindo mesa, mas também num tribunal defendendo negros!

Aí o Jem ficou petrificado. A Sra. Dubose tinha atingido um ponto sensível e ela sabia:

— Pois é, para onde caminha este mundo, depois de um Finch se erguer contra os seus? E mais! — pôs a mão na boca. Quando a tirou, trazia agarrado um enorme fio de saliva prateado. — O vosso pai não é melhor do que os negros e esse lixo para quem trabalha!

O Jem estava vermelho de raiva. Puxei-o pela manga e, ao longo da calçada, fomos acompanhados por uma série de invetivas dirigidas à degradação moral da nossa família, sendo que a maior premissa era que metade dos Finchs estava internada num asilo e se a nossa mãe estivesse viva nenhum de nós teria chegado a tal estado.

Não sei o que é que o Jem teria levado mais a sério, mas confesso que fiquei

ressentida com as considerações da Sra. Dubose em relação à sanidade mental da minha família. Já estava quase habituada a ouvir insultos dirigidos ao Atticus. Mas aquele era o primeiro vindo de um adulto. Excetuando as observações ao Atticus, o ataque da Sra. Dubose não passava de mera rotina. Havia um cheirinho verão no ar... à sombra estava frio, mas o sol era quente, o que significava que os bons tempos estavam de volta... sem escola e com o Dill.

Jem comprou a sua locomotiva a vapor e fomos à loja Elmore para ir buscar o meu bastão. O Jem não teve qualquer tipo de prazer na sua compra; meteu-o no bolso e caminhamos até casa lado a lado, em silêncio. Durante o caminho quase atingi o Sr. Link Deas, que disse «Cuidado, Scout!» quando falhei um lançamento e, na altura em que nos aproximamos da casa da Sra. Dubose, o bastão estava já todo sujo das vezes que o tinha apanhado do chão.

Ela não estava na varanda.

Nos anos que se seguiram, às vezes me pego pensando no que dera no Jem para fazer aquilo, o que o fizera quebrar o compromisso do «Agora seja um cavalheiro, filho» e aquela fase de retidão consciente em que tinha recentemente entrado. Provavelmente o Jem tinha aguentado mais absurdos do que eu sobre o fato de o Atticus estar defendendo negros e já tomávamos como dado adquirido que ele saberia manter a calma. Ele era tranquilo por natureza e não se exaltava com facilidade. Contudo, a essa altura, a única explicação que arranjei para o que fez foi a de que ele simplesmente tinha, por breves minutos, enlouquecido.

O Jem fez exatamente o que eu faria, claro, se não estivesse sob a alçada da proibição do Atticus, que estou convencida, não incluía lutar contra velhinhas perversas. Tínhamos acabado de chegar ao seu portão quando o Jem me arrancou o bastão das mãos e subiu irracionalmente pelos degraus acima até ao quintal da Sra. Dubose, esquecendo tudo o que o Atticus tinha dito, esquecendo que ela guardava a pistola debaixo dos xales, esquecendo que se a Sra. Dubose falhasse no tiro, a Jessie, a menina que trabalhava na casa, com certeza que não.

Não se acalmou enquanto não decepou todas as camélias que a Sra. Dubose tinha no jardim, até o chão ficar repleto de botões e folhas verdes. Depois, dobrou o meu bastão contra o joelho, partiu-o em dois e atirou-o ao chão.

Naquela altura eu já gritava a plenos pulmões. O Jem puxou violentamente o meu cabelo, disse que não queria saber, que fazia outra vez se tivesse oportunidade e que se eu não me calasse arrancava os meus cabelos todos, um a um. Eu não me calei e então ele me deu um pontapé. Perdi o equilíbrio e caí de cara no chão. O Jem me levantou com violência, mas parecia que estava arrependido. Não havia nada a dizer.

Naquele fim de tarde optamos por não ir esperar o Atticus.

Metemo-nos na cozinha com o rabo entre as pernas até a Calpurnia nos

expulsar de lá. Por meio de algum canal de ciência oculta, a Calpurnia já sabia da história toda. Ela não era lá uma grande fonte de consolo, mas deu ao Jem um biscoito de manteiga, que ele partiu ao meio e partilhou comigo. Tinha gosto de algodão.

Fomos para a sala de estar. Peguei numa revista de futebol, procurei uma fotografia do Dixie Howell, mostrei-a ao Jem e disse:

— Este se parece contigo.

Foi a coisa mais agradável que me ocorreu para lhe dizer, mas não ajudou muito. Ele se sentou junto às janelas, aninhou-se numa cadeira de balanço, olhar carregado, à espera. A luz do dia fugia.

Duas eras geológicas mais tarde, ouvimos as solas dos sapatos do Atticus raspando nos degraus da frente. A porta de rede bateu e fez-se uma pausa... O Atticus tinha chegado ao cabideiro na entrada... e ouvimos ele dizer:

— Jem!

A sua voz era glacial como o vento de Inverno.

O Atticus ligou a luz do candeeiro da sala de estar e encontrou-nos lá, completamente paralisados. Trazia o meu bastão numa mão; a sua imunda fita amarela vinha arrastando pelo tapete. Levantou a outra mão; continha alguns botões de camélias carnudos.

— Jem — começou — é você o responsável por isto?

— Sim, senhor.

— Por que é que o fiz?

O Jem respondeu suavemente:

— Ela disse que ’ocê defendia negros e lixo.

— Fez isto por ela ter dito isso?

O Jem mexeu os lábios, mas o seu «Sim, senhor» foi inaudível.

— Filho, não duvido que os teus colegas tenham te aborrecido por eu defender negros, como você diz, mas fazer o que fez a uma velhinha doente não tem qualquer desculpa. Te aconselho vivamente a ir lá abaixo e ter uma conversa com a Sra. Dubose — disse o Atticus. — Depois disso, venha direto para casa.

O Jem não deu um passo.

— Anda, vai lá — intervi.

Fui atrás do Jem até ele sair da sala.

— E você, vem aqui — disse-me o Atticus.

E eu fui.

O Atticus pegou no *The Mobile Press* e sentou-se na cadeira de balanço que o Jem tinha deixado vaga. Para meu grande espanto, não compreendi como é que ele podia se sentar ali com sangue-frio lendo o jornal, quando havia fortes hipóteses de o seu único filho ser assassinado com requintes do Exército

Confederado.

Claro que às vezes o Jem me contrariava a ponto de eu ficar com vontade de o matar, mas se fôssemos ver ele era tudo o que eu tinha. O Atticus parecia não estar consciente disto, ou se estava, não se importava minimamente.

Odiei-o por isso, mas quando se está metido em apuros nos cansamos facilmente: num piscar de olhos estava refugiada no colo dele com os seus braços à minha volta.

— Já é grandinha para ser ninada — disse ele.

— Não se preocupa com o que pode acontecer com ele? — questionei. — Mandou-o levar um tiro quando tudo o qu'ele quis fazer foi te defender.

O Atticus meteu a minha cabeça debaixo do queixo dele.

— Ainda não está na hora de nos preocuparmos — sossegou.

— Nunca pensei que o Jem perderia a cabeça por causa deste assunto... pensava que ia ter mais apuros contigo.

Eu disse que não percebia por que é que nós não podíamos perder a cabeça, quando todo mundo que conhecia na escola o fazia por qualquer motivo.

— Scout — disse o Atticus — quando chegar o Verão vai ter de manter a calma por causa de coisas bem piores... eu sei que não é justo para ti nem para o Jem, mas às vezes temos de tirar o melhor partido destas situações e a forma como nos comportamos quando estamos por baixo... bom, tudo o que posso dizer é que, quando você e o Jem crescerem, talvez olhem para trás e vejam este assunto com alguma compaixão e com a sensação de que eu não os deixei ficar mal. Este caso, do Tom Robinson, é algo que atinge a própria essência da consciência de um homem... Scout, eu jamais poderia frequentar a igreja e adorar a Deus se não tentasse ajudar aquele homem.

— Atticus, e se 'ocê tiver enganado...

— Como assim?

— Bem, muita gente pensa que elas é qu'tão certas e 'ocê é qu' 'tá enganado...

— Elas têm todo o direito de pensar dessa forma, como também têm o direito a que as suas opiniões sejam respeitadas — disse o Atticus — mas antes de viver com os outros, tenho de viver comigo próprio. E a única coisa que se sobrepõe à regra da maioria é a nossa consciência.

Quando o Jem regressou, ainda me encontrou no colo do Atticus.

— Então, filho? — perguntou o Atticus. Colocou-me no chão e eu fiz um exame secreto no Jem. Parecia estar inteiro, mas trazia um olhar estranho no rosto. Talvez ela lhe tivesse dado uma dose de laxante.

— Limpei o que tinha feito e pedi desculpa, mas na' 'tou arrependido, e fiquei de ir trabalhar p'rã lá todos os sábados p'ra fazer tentar crescer outra vez.

— Não vale a pena pedir desculpa, quando não está arrependido — frisou o Atticus. — Jem, ela está velha e doente. Não pode a responsabilizar pelo que diz ou faz. Claro que eu preferia que ela tivesse dito a mim em vez a você, mas nem sempre temos o que queremos.

O Jem parecia fascinado por uma rosa no tapete.

— Atticus — disse ele —, ela quer qu'eu leia p'ra ela.

— Ler para ela?

— Sim, senhor. Quer qu'eu lá vá todos os fins de tarde depois da escola e aos sábados e que leia p'ra ela em voz alta. Atticus, tem me'mo que ser?

— É óbvio que sim.

— Mas ela quer qu'eu o faça durante um mês.

— Então vai ter de o fazer durante um mês.

O Jem plantou delicadamente o dedo grande do pé no centro da rosa e fez pressão. Por fim, acrescentou:

— Atticus, na calçada, aqui fora, ainda vá lá, mas agora dentro de casa... é escuro e macabro. Há sombras e coisas esquisitas no teto...

O Atticus sorriu de forma assustadora.

— Isso é um apelo à tua imaginação. Faz de conta que está dentro da Casa dos Radley.

Na tarde da segunda-feira seguinte, eu e o Jem subimos os degraus escarpados da casa da Sra. Dubose e fomos nas pontas dos pés até à entrada. O Jem, armado com o *Ivanhoe* e repleto de um conhecimento superior, bateu na segunda porta à esquerda.

— Sra. Dubose? — chamou.

A Jessie abriu a porta de madeira e destrancou a porta de rede.

— É 'ocê, Jem Finch? — disse ela. — E traz a tua irmã. Não sei...

— Deixe entrar os dois, Jessie — disse a Sra. Dubose. A Jessie deixou-nos entrar e meteu-se na cozinha.

Quando passamos a soleira da porta fomos cercados por um cheiro opressivo, um cheiro que encontrei tantas vezes em casas apodrecidas pela chuva, onde havia candeeiros a petróleo, cantos com umidade e roupa de cama por lavar. Deixava-me sempre assustada, na expectativa, alerta.

Num dos cantos do quarto havia uma cama de ferro e, deitada sobre ela, estava a Sra. Dubose. Passou-me pela cabeça que talvez estivesse naquele estado por causa das atividades do Jem, e por momentos, senti pena dela. Estava deitada debaixo de uma pilha de mantas e quase que parecia simpática.

Junto à cama havia um lavatório com o topo em mármore; lá em cima estava um copo com uma colher de chá dentro, uma seringa para lavar os ouvidos, uma caixa de algodão absorvente e um despertador de aço com três pequeninas

pernas.

— Tou vendo que trouxe a imunda da tua irmã contigo — foi a sua saudação.

O Jem respondeu calmamente:

— A minha irmã não é imunda e eu não tenho medo de ’ocê — Embora eu tenha visto os seus joelhos a tremendo.

Aguardava uma das suas tiradas habituais, mas tudo o que ela disse foi:

— Pode começar a ler, Jeremy.

O Jem sentou-se numa cadeira com assento de palha e abriu o *Ivanhoe*. Eu puxei outra e sentei-me ao lado dele.

— Aproximem-se — disse a Sra. Dubose. — Venham para perto da cama.

Chegamos as nossas cadeiras para a frente. Era o mais perto dela que alguma vez tinha estado e, naquele momento, o meu único desejo era chegar a minha cadeira outra vez para trás.

Ela era horrível. A cara dela era da cor de uma fronha suja e os cantos da boca brilhavam com saliva, que escorria lentamente até às covas fundas do seu queixo. As suas faces estavam salpicadas por rugas próprias da idade e os olhos pálidos tinham pupilas negras, como cabeças de alfinete. As mãos estavam cheias de nódulos e as cutículas já estavam bem por cima das suas unhas. Tirara a dentadura inferior e o seu lábio superior estava mais saliente; de vez em quando empurrava a dentadura superior com o lábio de baixo, acompanhando o processo com o queixo. Isto fazia com que a saliva pingasse mais depressa.

Só olhava para ela as vezes que fossem estritamente necessárias.

O Jem voltou a abrir o *Ivanhoe* e começou a ler. Tentei acompanhá-lo, mas ele lia muito depressa. Quando o Jem encontrava uma palavra que não conhecia, pulava-a, mas a Sra. Dubose apanhava-o logo e obrigava-o a soletrá-la. Devia estar lendo há uns vinte minutos, tempo em que fui olhando para a lareira impregnada de fuligem, para a janela e para qualquer lado que me desviasse o olhar dela. Enquanto ele continuava a ler, reparei que as correções da Sra. Dubose estavam gradualmente diminuindo e que o Jem tinha até deixado uma frase no meio. Ela já não o ouvia.

Olhei para a cama.

Algo tinha lhe acontecido. Estava deitada de costas, com as mantas próximas ao pescoço. Só se via a cabeça e os ombros. A sua cabeça movia-se lentamente de um lado para o outro. De tempos em tempos abria completamente a boca e conseguia-se ver a sua língua a ondular de forma desmaiada. Nos seus lábios aglomeravam-se rios de saliva; ela engolia-os e abria de novo a boca. A sua boca parecia ter uma vida própria. Trabalhava em separado do resto do corpo, para fora e para dentro, como um caranguejo enfiado na areia na maré baixa. De vez em quando fazia «psst», como se fosse uma substância viscosa entrando em uma

panela fervendo.

Puxei o Jem pela manga.

Ele olhou para mim e depois para a cama. Naquele seu movimento contínuo, a cabeça dela estava agora virada para nós e o Jem perguntou:

— Está bem, Sra. Dubose?

Ela não o ouviu.

O despertador disparou e pregou-nos um susto de morte. Um minuto mais tarde, ainda com os nervos à flor da pele, eu e o Jem já estávamos na calçada a caminho de casa. Não fugimos, apenas foi a Jessie que nos mandou embora: de fato, antes de o despertador ter parado de tocar, a Jessie já estava no quarto nos mandando embora.

— Chiu — disse ela — vão para casa.

O Jem hesitou quando chegou à porta.

— Está na hora dela tomar o remédio — informou a Jessie. Antes de a porta se fechar vi a Jessie se aproximando rapidamente da cama da Sra. Dubose.

Quando chegamos em casa ainda só eram três e quarenta e cinco, por isso, eu e o Jem fomos brincar no quintal até serem horas de ir encontrar com o Atticus. O Atticus trazia dois lápis amarelos para mim e uma revista de futebol para o Jem. Acho que foi uma recompensa silenciosa pelo nosso primeiro dia de sessões com a Sra. Dubose. O Jem contou-lhe como tinha sido.

— Ela te assustou? — perguntou o Atticus.

— Não, pai — respondeu o Jem — mas é me'mo má! Parece qu'ate tem ataques. E passa a vida cuspindo.

— É algo que ela não pode evitar. Às vezes, quando as pessoas estão doentes, não têm lá muito bom aspecto.

— A mim ela assustou — disse eu.

O Atticus olhou para mim por cima dos óculos.

— Você já sabe que não é obrigada a ir com o Jem.

A tarde seguinte com Sra. Dubose foi igual à primeira, assim como as que se seguiram, até começar a surgir um padrão: tudo começava normalmente... ou seja, durante um tempo, a Sra. Dubose perseguia o Jem com os seus assuntos favoritos, as suas camélias e a propensão do meu pai para gostar de negros; lentamente, ia ficando cada vez mais silenciosa até que se desligava de nós. O alarme do despertador tocava, a Jessie nos mandava embora e ficávamos com o resto da tarde por nossa conta.

— Atticus — disse eu, num fim de tarde —, mas afinal o que é um amigaço dos negros?

O Atticus pôs uma expressão séria.

— Houve alguém que te chamou disso?

— Não, senhor, a Sra. Dubose é que te chama disso. Todas as tardes, no aquecimento p'ros insultos começa com isso. O Francis me chamou disso no Natal passado, foi a primeira vez qu' o ouvi.

— Foi por isso que andou brigando com ele? — perguntou o Atticus.

— Sim, senhor.

Tentei explicar ao Atticus que o que tinha me enfurecido não tinha sido o que o Francis dissera, mas sim o modo como o tinha feito. Foi como se me tivesse chamado nariz empinado, ou alguma coisa do gênero.

— Scout — disse o Atticus — «amigaço dos negros» é uma daquelas expressões que não significa nada... tal como nariz empinado.

É difícil de explicar... só as pessoas ignorantes e más é que a usam quando pensam que alguém está favorecendo mais os negros do que a elas próprias. Começou a ser atribuída a algumas pessoas como nós, por quem quer usar uma expressão vulgar e horrível para nos rotular.

— Então não é mesmo um «amigaço dos negros», é?

— Mas é claro que sou. Dou o meu melhor para gostar de todo mundo... As vezes é difícil... Querida, nunca pode tomar como um insulto que as pessoas te chamem nomes feios. Só mostra até que ponto essa pessoa é pobre de espírito, mas não pode te magoar.

Por isso, não deixe que a Sra. Dubose te desanime. Ela já tem problemas que chegue.

Certa tarde, um mês depois, o Jem ia desbravando caminho ao longo das páginas de Sir Walter Scout, como ele lhe chamava, enquanto a Sra. Dubose o ia corrigindo vezes sem conta, quando bateram à porta:

— Entre! — gritou ela.

O Atticus entrou. Dirigiu-se até a cama e pegou na mão da Sra. Dubose.

— Cheguei do escritório e não vi as crianças — disse ele. — Ocorreu-me que ainda pudessem estar aqui.

A Sra. Dubose sorriu para ele. Juro, pela minha saúde, que nunca consegui perceber como é que ela conseguia falar com ele se o detestava tanto assim.

— Sabe, por acaso, que horas são, Atticus? — perguntou ela.

— Passam exatamente catorze minutos das cinco. O despertador está posto para as cinco e meia. Só queria que soubesse disso.

De repente, percebi que todos os dias estávamos ficando mais um pouquinho de tempo na casa da Sra. Dubose, que cada dia que passava, o despertador tocava uns minutos mais tarde, e que sempre que ele tocava, ela já estava no meio de um dos seus ataques. Hoje, no entanto, ela tinha implicado com o Jem durante quase duas horas, sem qualquer vontade de ter um ataque e eu me sentia desesperadamente encurralada. O despertador era o sinal da nossa libertação; se

um dia não tocasse, o que é que fazíamos?

— Tenho a sensação de que os dias de leitura do Jem estão contados — disse o Atticus.

— Falta só mais uma semana, acho eu — disse ela. — Só para ter a certeza...

O Jem levantou-se.

— Mas...

O Atticus estendeu a mão e o Jem ficou em silêncio. No caminho para casa, o Jem disse que só tinha ficado combinado fazer durante um mês e que agora o mês já tinha acabado, logo não era justo.

— Só mais uma semana, filho — disse o Atticus.

— Não — replicou o Jem.

— Sim — contrariou o Atticus.

Na semana seguinte lá estávamos nós na casa da Sra. Dubose.

O despertador tinha deixado de tocar, mas Sra. Dubose nos libertava dizendo «Já chega» tão tarde que, quando chegávamos em casa, o Atticus já estava sentado lendo o jornal. Apesar de os seus ataques terem parado, ela voltara literalmente em todos os sentidos a ser a mesma pessoa: quando Sir Walter Scott se envolvia em prolongadas descrições de fossos e castelos, a Sra. Dubose começava a ficar entediada e aí virava-se para nós:

— Jeremy Finch, eu te disse que ia se arrepender por toda a vida pelo fato de ter estragado as minhas camélias. E agora, está arrependido, não está?

O Jem dizia que era óbvio que estava.

— Pensava que podia matar a minha Neve-da-Montanha, não era? Bem, a Jessie diz que o botão já está crescendo de novo. Da próxima vez, já sabe fazer as coisas como deve de ser, não é? Vai cortá-la pelas raízes, não vai?

O Jem dizia que era óbvio que sim.

— Não resmungue, rapaz! Levanta a cabeça e diz «sim, senhora». Acho que não deve ter muita vontade de levantar a cabeça, sendo o teu pai aquilo que é.

O queixo do Jem erguia-se e olhava a Sra. Dubose olhos nos olhos com uma expressão desprovida de ressentimento. Ao longo das semanas vinha criando uma expressão de interesse delicado e desinteressado, que colocava em prática em resposta às suas mais provocantes invenções.

Por fim, chegou o último dia. Foi numa tarde quando a Sra. Dubose disse:

— Já chega — acrescentou. — E é tudo. Passem um bom-dia.

Tinha chegado ao fim. Fomos aos pulos e aos gritos pela calçada numa manifestação de puro alívio.

Aquela Primavera foi excelente: os dias eram mais compridos, o que nos dava mais tempo para brincar. A cabeça do Jem estava a maior parte do tempo ocupada com as estatísticas vitais de todos os jogadores de futebol universitário

da nação. Todas as noites o Atticus lia pra nós as páginas desportivas dos jornais. A julgar pelas suas esperanças, naquele ano, o Alabama poderia ir de novo à final no Rose Bowl, e nós não conseguíamos pronunciar um só nome dos jogadores da equipe. Certa tarde, estava o Atticus no meio da coluna do Windy Seaton, o telefone tocou.

Ele atendeu e depois dirigiu-se ao cabideiro na entrada.

— Vou só um pouquinho até casa da Sra. Dubose — disse ele. — Não demoro.

Mas o Atticus ficou até muito depois da minha hora de deitar.

Quando voltou, trazia uma caixa de chocolates. Sentou-se na sala de estar e colocou a caixa no chão, ao lado da sua cadeira.

— O qu'é qu' ela queria? — perguntou o Jem.

Já não víamos a Sra. Dubose há mais de um mês. Nunca estava na varanda quando passávamos.

— Ela morreu, filho — disse o Atticus. — Morreu há uns minutos.

— Oh — disse o Jem. — bem.

— Bem, está certo — disse o Atticus. — Já não sofre mais. Estava doente há muito tempo. Filho, sabe o que eram aqueles ataques?

O Jem disse que não com a cabeça.

— A Sra. Dubose era viciada em morfina — disse o Atticus. — Tomava-a há anos para lhe aliviar as dores. Foi o médico que lha receitou. Iria passar o resto da sua vida tomando-a e morreria sem grande sofrimento, mas ela opunha-se a essa ideia.

— Pai? — disse o Jem.

O Atticus continuou:

— Uns dias antes do teu acesso de raiva no jardim, ela me chamou para fazer o testamento. O Dr. Reynolds tinha lhe dito que ela só tinha uns meses de vida. Os seus negócios estavam todos em ordem, mas ela disse «Ainda falta resolver uma coisa».

— E o que era? — perguntou o Jem, perplexo.

— Ela disse que ia deixar este mundo sem dívidas a nada nem a ninguém. Jem, quando se está tão doente como ela estava, não faz mal que se tome alguma coisa para aliviar o sofrimento, mas ela não era dessa opinião: ela disse que queria se libertar daquilo antes de morrer e foi o que fez.

O Jem perguntou:

— Então era por isso que ela tinha os ataques?

— Sim, era por isso. Duvido que ela ouvisse uma palavra do que dizia quando lhe estava lendo. Toda ela, mente e corpo, estava concentrada no despertador. Se o destino não te tivesse levado às mãos dela, eu teria te mandado

para lá ler de qualquer forma. Era uma distração. Mas há ainda uma outra razão...

— Ela morreu livre? — perguntou o Jem.

— Como o ar da montanha — respondeu o Atticus. Esteve consciente até ao último minuto. Consciente — sorriu —, e rabugenta. Continuou a desaprovar profundamente os meus atos e disse que, provavelmente, eu iria passar o resto da vida a pagar fianças para te tirar da cadeia. Pediu à Jessie para te preparar esta caixa...

O Atticus se abaixou e pegou a caixa de chocolates. Entregou-a ao Jem.

O Jem abriu a caixa. Lá dentro, rodeada por bolas de algodão úmido, estava uma camélia branca, aveludada e sublime. Era uma Neve-da-Montanha.

Os olhos do Jem quase lhe saltaram das órbitas.

— Maldita seja, maldita seja! — gritou ele, atirando a caixa para o chão. — Por que é que ela não me deixa em paz?

Num ápice, o Atticus levantou-se e ofereceu seus braços pra ele. O Jem enterrou a cara na camisa do Atticus.

— Sh, Não chora — disse ele. — Acho que foi a forma de ela te dizer... que agora está tudo bem, Jem, está tudo bem. Sabe, ela era uma grande senhora.

— Uma senhora? — o Jem levantou a cabeça. O seu rosto estava vermelho de raiva. — Depois de todas as coisas que disse sobre ti, uma senhora?

— Era sim. Tinha a sua própria visão das coisas, talvez bastante diferente da minha... filho, eu te disse que se você não tivesse perdido a cabeça, eu teria te mandado ler para ela mesmo assim. Queria que visse qualquer coisa nela... queria que visse o que é verdadeira coragem, em vez de pensar que coragem é um homem com uma arma nas mãos. Coragem é sabermos que estamos perdendo a partida, mas recomeçar na mesma e avançar incondicionalmente até ao fim. Raramente se ganha, mas às vezes conseguimos. E a Sra. Dubose ganhou, do princípio ao fim, da cabeça aos pés. Segundo a sua visão das coisas, ela morreu livre e sem dever nada a ninguém. Era a pessoa mais corajosa que já conheci.

O Jem pegou na caixa de chocolates e atirou-a na lareira.

Apanhou a camélia e, quando fui dormir, vi-o deslizando os dedos pelas suas pétalas. O Atticus continuava lendo o jornal.

Parte dois



XII

O Jem tinha doze anos. Era complicado viver com ele, algo inconsistente e dado a mudanças de humor. O seu apetite era abissal e me disse tantas vezes para parar de importuná-lo, que decidi consultar o Atticus:

— Acha qu' ele tem solitária?

O Atticus respondeu que não e disse que o Jem estava crescendo.

Tinha era de ter paciência com ele e incomodá-lo o menos possível.

Esta mudança no Jem tinha se dado apenas no espaço de algumas semanas. A Sra. Dubose ainda não tinha esfriado no túmulo... e o Jem parecia estar grato por eu lhe ter feito companhia enquanto ele lia para ela. De um momento para o outro, o Jem parecia ter adquirido uma série de valores estranhos e tentava agora impô-los à minha pessoa: às vezes, chegava ao ponto de me dizer o que fazer.

Depois de um desentendimento, gritou:

— Já 'tá na hora de começar a ser uma moça e se comportar bem!

Eu explodi em lágrimas e corri para a Calpurnia.

— Não fique incomodando o Sr. Jem...! — começou ela.

— Se... nhor Jem?

— Sim, ele agora já é quase adulto.

— Oh, ele n' é tão velho assim! — retorqui. — Tudo o qu'ele precisa é d'alguém que lhe dê uma boa sova, eu é qu'ainda não tenho tamanho suficiente.

— Querida — disse a Calpurnia — não posso evitar qu'o Sr. Jem 'teja crescendo. Ele agora vai querer passar muito tempo sozinho, a fazer coisas de rapazes, por isso, quando se sentir sozinha ande p'rá cozinha p'ó pé de mim. Aqui tem trabalho que chegue p'rá nós duas.

Pelos sinais, o princípio daquele Verão prometia: o Jem fazia o que lhe interessava; e, por enquanto, a Calpurnia servia até o Dill chegar. Parecia contente quando eu aparecia na cozinha e, ao observá-la, comecei a pensar que, afinal, havia alguma habilidade envolvida em ser uma menina.

Mas o Verão chegou e o Dill não apareceu. Recebi uma carta e uma fotografia dele. A carta dizia que ele tinha um novo pai, cuja fotografia estava no envelope e que tinha de ficar em Meridian, porque os dois tinham planeado construir um barco de pesca. O pai dele era advogado como o Atticus, mas muito mais novo. O novo pai do Dill tinha uma cara simpática, o que me deixou contente por terem se gostado tanto um ao outro, isto apesar da minha enorme tristeza. O Dill

acabava a carta dizendo que me amaria para sempre e para eu não me preocupar, que mal conseguisse juntar dinheiro suficiente, viria me buscar e casaria comigo, por isso, pedia que lhe escrevesse.

O fato de ter um noivo permanente era uma parca compensação para a sua ausência: nunca tinha pensado naquilo, mas para mim o Verão era o Dill fumando junto à piscina, os seus olhos vivos, transbordando de planos complicados para chamar o Boo Radley; o Verão era a velocidade com que o Dill chegava e me beijava quando o Jem não estava vendo, os sentimentos, que às vezes, sabíamos que o outro partilhava. Com ele, a vida era rotina; sem ele, a vida era insuportável. Durante dois dias, senti-me miserável.

Como se já não fosse suficiente, a comissão legislativa estadual convocou uma sessão de emergência e o Atticus teve de nos deixar durante duas semanas. O governador estava ansioso por limar umas quantas arestas da máquina do estado; havia greves de ocupação em Birmingham[6]; nas cidades as filas para o pão cresciam dia a dia; as pessoas no campo estavam cada vez mais pobres. Mas estes eram acontecimentos à parte do meu mundo e do mundo de Jem.

Uma manhã, ficamos surpreendidos ao ver uma caricatura no Montgomery Advertiser com a seguinte legenda, «O Finch de Maycomb». Mostrava o Atticus descalço, de calções, preso a uma escrivaninha: estava escrevendo diligentemente numa ardósia, enquanto algumas moças de aspecto fútil lhe gritavam «luuh-uuh!».

— Isso é um elogio — explicou o Jem. — Ele passa o tempo fazendo coisas que nunca seriam feitas se ninguém as fizesse.

— Ah?!

Acrescentando às características recentemente desenvolvidas pelo Jem, ele tinha também adquirido um irritante ar de sabedoria.

— Ó Scout, como por exemplo reorganizar todo o sistema de impostos dos condados e dos bens de consumo. A maior parte das pessoas não se interessa minimamente por esse tipo de coisas.

— E ’ocê com’e que sabe?

— Oh, saia daqui e me deixa em paz. Estou lendo o jornal.

O Jem conseguiu o que queria. E eu fui para a cozinha.

Enquanto estava descascando ervilhas, a Calpurnia disse, de repente:

— Não sei o qu’e qu’eu vou fazer com vocês dois no domingo durante a missa.

— Nada, acho eu. O Atticus deixou-nos a moeda do ofertório.

A Calpurnia semicerrou os olhos e eu consegui ler-lhe os pensamentos.

— Cal — disse-lhe —, ’ocê já sabe que vamos nos portar bem. Faz anos que vamos à igreja e nunca fizemos asneiras.

Era óbvio que a Calpurnia se recordava de um certo domingo de chuva em que nós estávamos sem o pai e sem a professora. Deixados à nossa sorte, a turma amarrou a Eunice Ann Simpson a uma cadeira e colocou-a na casa da caldeira. Esquecemo-nos dela, galgamos as escadas da igreja e estávamos sossegadamente ouvindo o sermão quando um barulho terrível soou nos canos do radiador, persistente, até que alguém o foi investigar e trouxe para cima a Eunice Ann, que insistia em não querer interpretar mais o papel de Sidrac[7]...

O Jem Finch ainda disse que ela jamais se queimaria se tivesse fé suficiente, mas verdade é que lá em baixo estava um calor dos diabos.

— Além disso, Cal, esta não é a primeira vez que o Atticus nos deixa a sós — protestei.

— Sim, mas ele antes pergunta sempre s'a professora vai estar lá. Ora eu não ouvi o Sr. Finch dizer nada desta vez... talvez se esqueceu.

A Calpurnia coçou a cabeça. Subitamente sorriu:

— A menina o Sr. Jem gostavam de ir comigo à igreja amanhã?

— Sério?

— Qu'é que acham? — sorriu a Calpurnia.

Não sei se alguma vez a Calpurnia chegou a me dar um banho assim tão minucioso, mas nada se comparava à sua perseverante supervisão da rotina daquele sábado à noite. Fez eu me ensaboar duas vezes, mudou a água da banheira várias vezes para cada lavagem; enfiou a minha cabeça na pia e lavou-a com sabão para a roupa e sabonete desinfectante. Como já tratava do Jem há anos, naquela noite invadiu a sua privacidade, o que provocou uma verdadeira explosão:

— Será que ninguém pode tomar um banho nesta casa sem ter a família inteira olhando!

Na manhã seguinte, levantou-se mais cedo do que o habitual, para «dar uma olhada na nossa roupa». Quando a Calpurnia passava as noites conosco dormia num divã na cozinha; naquela manhã estava coberto com a nossa indumentária de domingo. Tinha posto tanta goma no meu vestido, que quando me sentava, este levantava-se como uma tenda. Me obrigou a usar um corpete e atou uma fita cor-de-rosa bem apertada à minha cintura. Depois, poliu os meus sapatos de cabedal genuíno com uma escova até conseguir ver o seu reflexo neles.

— Parece que vamos para um Mardi Gras[8] — disse o Jem. — P'ra que tudo isso?

— Num quero qu' ninguém diga qu' num tomo bem conta dos meus meninos — resmungou. — Sr. Jem, o senhor não pode, de modo algum, usar essa gravata com esse conjunto. É verde.

— E agora?

— O conjunto é azul. Não consegue ver?

— Hi! Hi! — gracejei eu. — O Jem é daltônico!

A sua face corou de fúria, mas a Calpurnia interrompeu logo:

— Parem com isso, vamos lá ver. Vocês vão é à Igreja da Alforria e com um sorriso na cara, ouviram.

A Igreja Africana da Alforria M. E. situava-se nos bairros dos negros fora dos limites da cidade, ao sul, logo depois do caminho para a velha serraria. Era um edifício antigo de madeira, com a tinta toda descascando, a única igreja em Maycomb dotada de um campanário e um sino, chamada Alforria, porque tinha sido paga com os primeiros rendimentos dos escravos que recebiam a sua carta de alforria. Os negros rezavam lá aos domingos e os brancos iam para lá jogar cartas durante a semana.

O adro da igreja era feito de barro duro, assim como o cemitério ao lado. Tanto que se alguém morresse durante um período de seca, o corpo era coberto com blocos de gelo até a chuva amaciar a terra.

No cemitério, algumas sepulturas estavam marcadas com lápides em avançado estado de decomposição; as mais recentes estavam decoradas com cacos de vidro em tons alegres e garrafas de Coca-Cola quebradas. Os para-raios que guardavam algumas sepulturas deixavam transparecer mortos que não descansavam em paz; havia tocos de velas queimadas encostados às lápides de sepulturas de crianças. Tinha o ar de ser um cemitério bastante feliz.

Quando entramos na igreja, fomos de imediato acolhidos pelo cheiro quente e agridoce dos negros lavados... loção capilar *Hearts of Love* misturava-se com assa-fétida, rapé, colônia *Hoyt's*, tabaco *Brown's Mule*, hortelã-pimenta e pó de talco perfumado.

Quando os homens viram a Calpurnia conosco, deram um passo atrás e tiraram os chapéus; as mulheres cruzaram os braços em volta da cintura, sinônimo de respeito e consideração. Abriram alas para nós até à porta da igreja. A Calpurnia caminhava no meio de nós, respondendo aos cumprimentos dos seus vizinhos atenciosamente.

— Qu'é qu' 'ocê 'tá fazendo, Srta. Cal? — disse uma voz, atrás de nós.

A Calpurnia colocou as mãos nos nossos ombros, paramos e olhamos em volta: atrás de nós estava uma mulher negra e alta. O seu peso estava todo sobre uma perna só; descansava o cotovelo esquerdo em cima da anca, apontando para nós com a palma da mão. Tinha a cabeça oval com uns estranhos olhos em forma de amêndoa, nariz reto e uma boca igual a um arco de flechas de índio. Parecia ter dois metros de altura.

Senti a mão da Calpurnia afundando nos meus ombros.

— Mas qu’é qu ’ocê quer, Lula? — perguntou ela, num tom que eu nunca a tinha ouvido usar. Falava calmamente, sem desdém.

— Eu quer saber, porqu’e que ’ocê traz os criança’ branca pr’a uma igreja de preto.

-As criança’ sum meus convidado — disse a Calpurnia. De novo, achei que a voz dela me soava algo estranha: é que ela estava falando como os outros todos.

— Tou vendo ’tou, é me’mo isso qu’ ’ocê é, convidada, lá na casa dos Finch durante a semana.

A multidão que assistia soltou um murmúrio.

— Não tenha medo — sussurrou-me a Calpurnia, mas as rosas do seu chapéu tremiam de indignação.

Quando Lula se aproximou de nós, a Calpurnia exclamou:

— Alto aí, preta!

A Lula parou, mas disse:

— P’ra quê qu’ ’ocê traz criança branca p’aqui? Elas tem sua igreja, a gente tem nossa. O igreja é nossa, né, Srta. Cal?

A Calpurnia respondeu:

— Deus é o mesmo p’ra todos, não é?

Ao que o Jem disse:

— Vamos voltar para casa Cal, eles não nos querem aqui...

Eu concordei: era óbvio que eles não nos queriam ali. Sentia, mais do que via, que eles estavam cada vez mais junto de nós.

Pareciam estar se aproximando gradualmente, mas quando olhei para a Calpurnia vi que a sua expressão era de puro divertimento. Quando olhei de novo para o adro, a Lula tinha desaparecido. No local onde ela estava, havia agora uma massa compacta de gente de cor.

Um deles deu um passo à frente da multidão. Era o Zeebo, o lixeiro.

— Sr. Jem — começou ele — ’tamos muito contente por os ter aqui. Não ligue à Lula, qu’ela está aborrecida, porque o Reverendo Sykes ameaçou qu’a excomungava. Há muito que provoca apuros, tem ideias estranha e maneiras arrogante... ’tamos muito contente por vos ter todos aqui.

Com isso, a Calpurnia conduziu-nos à porta da igreja onde fomos saudados pelo Reverendo Sykes, que nos levou até ao banco da frente.

A igreja da Alforria não tinha teto e também não estava pintada por dentro. Espalhados pelas paredes, viam-se candeeiros a petróleo apagados, pendurados em castiçais de bronze; compridos bancos de pinho faziam de bancos de igreja. Por trás do rudimentar púlpito em carvalho, estava um estandarte em seda cor-de-rosa com a inscrição «Deus é Amor», enquanto a única peça decorativa da igreja era uma rotogravura do quadro de Hunt, *A Luz do Mundo*.

Não havia sinais de um piano, órgão, livros de hinos, programas de serviços religiosos... os instrumentos eclesiásticos habituais que estávamos habituados a ver todos os domingos. O seu interior era escuro, cheio de uma frieza úmida que ia se dissipando à medida que os fiéis enchiam a igreja. Cada lugar tinha um leque de cartão barato com uma imagem do Jardim do Getsêmani, cortesia da *Tyndal's Hardware Co.* (É só querer, e nós temos para vender.)

A Calpurnia levou-nos até ao fim da fila e sentou-se entre nós.

Pôs-se a vasculhar na bolsa, tirou o lenço e desfez o nó de uma das pontas onde tinha o dinheiro. Deu-me uma moeda e outra ao Jem.

— Nós já temos as nossas — sussurrou ele.

— Guardem-na — pediu a Calpurnia. — Vocês são meus convidados.

A face do Jem mostrou uma breve indecisão quanto à ética de ficar com a sua própria moeda, mas a sua delicadeza inata acabou por vencer e meteu a moeda no bolso. Fiz o mesmo sem grandes constrangimentos.

— Cal — sussurrei eu —, onde é que estão os livros dos hinos?

— Não há — respondeu ela.

— Mas como...?

— Chiu — ordenou. O Reverendo Sykes estava de pé atrás do púlpito olhando em silêncio para a assembleia. Era um homem baixo e roliço vestido com um conjunto preto, gravata preta, camisa branca e uma pulseira de relógio em ouro que reluzia com a luz dos vidros partidos das janelas.

Ele começou:

— Irmãos e irmãs, estamos particularmente contentes por esta manhã termos visitas. O Sr. e a Menina Finch. Todos conhecem o pai deles. Antes de começar, passarei a ler alguns avisos.

O Reverendo Sykes vasculhou no meio de alguns papéis, escolheu um e levantou-o com o braço bem estendido.

— Na próxima terça-feira, a Sociedade Missionária reúne-se em casa da nossa irmã Annette Reeves. Levem os vossos trabalhos de costura.

Leu mais outro papel:

— Todos conhecem o problema do nosso irmão Tom Robinson. Tem sido um fiel seguidor da igreja da Alforria desde criança. O ofertório de hoje e os dos próximos três domingos irão reverter para a Helen... a sua mulher, para a ajudar com as coisas da casa.

Dei uma cotovelada no Jem.

— É o Tom que o Atticus está de...

— Chiu!

Virei-me para a Calpurnia, mas fui mandada me calar mesmo antes de poder abrir a boca. Subserviente, fixei a minha atenção no Reverendo Sykes, que

parecia estar à espera que eu me acalmasse.

— Que o diretor musical dê início ao primeiro hino — pediu.

O Zeebo levantou-se do seu banco e caminhou pela coxia, até parar na nossa frente, encarando a assembleia. Trazia um livro de hinos bastante gasto. Abriu-o e disse:

— Vamos cantar o número duzentos e setenta e três.

Aquilo para mim era demais.

— Mas com'é qu' vamos cantar se não há livro de hinos?

A Calpurnia sorriu.

— Calma, querida — sussurrou ela —, daqui a pouquinho já vai entender.

O Zeebo pigarreou para limpar a garganta e leu num tom de voz como se fosse o som distante do troar de artilharia:

— «Há uma terra além do rio».

Miraculosamente afinadas, cem vozes repetiram, cantando, as palavras do Zeebo. A última sílaba, presa a um rouco murmúrio, foi seguida por mais uma fala do Zeebo:

— «Que nós chamamos de eterna doçura».

A música voltou a elevar-se à nossa volta; a última nota prolongou-se e o Zeebo juntou-a ao verso seguinte:

— «E só podemos alcançar as suas margens através do poder da fé».

Dado que a congregação hesitou, o Zeebo repetiu o verso com cuidado e todos cantaram a seguir. Quando o coro terminou, o Zeebo fechou o livro, sinal para toda a congregação prosseguir sem a sua ajuda.

Nas últimas notas do Jubileu, o Zeebo disse:

— «Nessa distante e doce eternidade, além do rio resplandecente».

Verso a verso, linha a linha, as vozes continuaram em suave harmonia até o hino acabar num murmúrio melancólico.

Olhei para o Jem, que estava olhando para o Zeebo pelo canto do olho. Eu também não acreditava, mas ambos o tínhamos ouvido.

Em seguida, o Reverendo Sykes pediu a Deus para abençoar os doentes e os que sofrem, um procedimento não muito diferente do nosso serviço religioso, com a exceção de que o Reverendo Sykes apelava à intervenção do Divino para vários casos específicos.

O seu sermão foi uma denúncia direta do pecado, uma declaração austera do lema exposto na parede atrás dele: alertou o seu rebanho contra os males das bebidas espirituosas, jogo e mulheres de má fama. Os contrabandistas de álcool tinham causado muitos apuros nos bairros dos negros, mas as mulheres eram muito pior.

Mais uma vez, como já tinha acontecido tantas vezes na minha igreja, fui

confrontada com a doutrina da Impureza da Mulher, que parecia afligir todos os clérigos.

Domingo após domingo, eu e o Jem fomos ouvindo o mesmo sermão, mas com uma exceção. O Reverendo Sykes usava o seu púlpito com mais liberdade para exprimir a sua opinião sobre alguns descuidos individuais ao estado de graça: há cinco dias que o Jim Hardy não vinha à igreja e não estava doente; a Constance Jackson devia ter mais cuidado com as suas maneiras... estava em perigo iminente de entrar em conflito com os seus vizinhos; tinha erguido a primeira barreira de ódio da história do bairro.

O Reverendo Sykes deu por concluído o sermão. Ficou de pé, ao lado de uma mesa em frente do púlpito e solicitou as oferendas da manhã, um procedimento estranho para o Jem e para mim. Um a um, os membros da assembleia chegaram-se à frente e deixaram cair moedas para dentro de uma lata de café de esmalte preto. Eu e o Jem seguimos o processo, e recebemos um suave «Obrigado, muito obrigado» quando as nossas moedas tilintaram.

Para nosso espanto, o Reverendo Sykes esvaziou a lata em cima da mesa e com todas as moedas à mão começou a contar. Endireitou-se e disse:

— Isto não chega, temos de ter dez dólares.

A congregação se agitou.

— Todos sabem para quem é este dinheiro... a Helen não pode deixar os filhos sozinhos para trabalhar enquanto o Tom está na cadeia. Se todo mundo der mais uma moeda, conseguimos... o Reverendo Sykes fez sinal com a mão para chamar alguém que estava ao fundo da igreja.

— Alec, fecha as portas. Ninguém sai daqui até termos dez dólares.

A Calpurnia procurou na mala e tirou um velho porta-moedas de cabedal.

— Agora, Cal — sussurrou o Jem, quando ela lhe entregou uma moeda luzente — podemos dar as nossas. Me de a tua moeda, Scout.

A igreja estava ficando asfixiante e ocorreu-me que o Reverendo Sykes pretendia que o seu rebanho fizesse uma grande esforço.

Os leques abanavam, os pés mexiam-se impacientes, os viciados em tabaco de mascar se desesperavam.

O Reverendo Sykes espantou-me ao dizer, com veemência.

— Carlow Richardson, ainda não o vi no corredor.

Um homem magro de calças caqui levantou-se, avançou pelo corredor e depositou uma moeda. A congregação murmurou em uníssono manifestando apreço pela sua ação.

Em seguida, o Reverendo Sykes continuou:

— Quero que todos os que não têm filhos, façam o sacrifício de dar mais uma moeda cada um. Assim vamos conseguir.

Lenta e dolorosamente, os dez dólares foram reunidos. A porta foi finalmente aberta e uma brisa de ar quente reanimou-nos.

O Zeebo indicou os versos do *Nas Margens Revoltas do Rio Jordão* e foi encerrado o serviço religioso.

A minha vontade era ficar ali explorando, mas a Calpurnia impeliu-me para o corredor à frente dela. Na porta da igreja, enquanto ela parava para falar com o Zeebo e a sua família, eu e o Jem ficamos conversando com o Reverendo Sykes. Eu estava cheia de perguntas, mas decidi esperar e deixar que fosse a Calpurnia a responder.

— Ficamos especialmente contentes por vos ter aqui — confessou o Reverendo Sykes. — Esta igreja não tem melhor amigo do que o vosso pai.

A minha curiosidade rebentou:

— Porq'e qu'estavam recolhendo dinheiro p'ra mulher do Tom Robinson?

— Então não ouviu porquê? — perguntou o Reverendo Sykes. — A Helen tem três filhos pequeninos e não pode sair de casa para ir trabalhar...

— Então porqu'e que ela não pode levá-los co' ela, Reverendo? — perguntei. Era costume dos negros que trabalhavam no campo e que tinham filhos pequenos, deixarem-nos debaixo de qualquer sombra enquanto trabalhavam... normalmente, os bebês ficavam sentados à sombra entre duas filas de algodão. Aqueles que ainda não conseguiam se sentar eram amarrados às costas da mãe, estilo índias, ou ficavam sentados sobre vários sacos de algodão.

O Reverendo Sykes hesitou.

— Para lhe dizer verdade, Srta. Jean Louise Finch, a Helen está com dificuldades em arranjar trabalho... quando chegar na época das colheitas, talvez o Sr. Link Deas a aceite.

— E por que é que não consegue, Reverendo?

Antes de ele conseguir responder, senti a mão da Calpurnia no meu ombro. Ao sentir a sua pressão disse:

— Obrigado por ter nos deixado vir.

O Jem disse a mesma coisa e fomos todos para casa.

— Cal, eu sei qu'o Tom Robinson está na cadeia e qu' fez alguma coisa terrível, mas porque é qu'as pessoas não dão emprego à Helen? — perguntei.

No seu vestido azul-marinho e chapéu todo enfeitado, a Calpurnia caminhava entre mim e o Jem.

— É por causa do qu'as pessoas dizem sobre o que o Tom fez. — Respondeu.

— As pessoas não querem muito... não querem ter nada a ver co' a família dele.

— Afinal, o qu'e qu'ele fez?

A Calpurnia soltou um breve suspiro.

— O velho Sr. Bob Ewell acusou ele de violentar a filha dele e eles o prenderam e botaram-no na prisão...

— Sr. Ewell? — a minha memória chamou-me a atenção. — Ele tem alguma coisa a ver com aqueles Ewells que aparecem todos os anos, no primeiro dia de aulas, e depois vão embora? Mas, o Atticus disse que eles não prestam... nunca ouvi o Atticus falar assim de mais ninguém. Ele até disse...

— Sim, são esses mesmo.

— Bem, se todo mundo em Maycomb soubesse que tipo de gente são os Ewells, eu acho qu'ate ficavam contentes por dar emprego à Helen... qu' é «violentar», Cal?

— Isso é uma coisa qu' a menina tem de perguntar ao Sr. Finch — sugeriu. — Ele consegue explicar-lhe isso melhor do qu'eu. Não estão com fome? É qu'esta manhã o Reverendo demorou muito tempo com o sermão e não costuma ser assim tão aborrecido.

— É como o nosso presbítero — disse o Jem. — Mas por que é que vocês cantam os hinos daquela maneira?

— «À linha»?

— É assim que se chama?

Sim, chama-se «à linha». Fazem assim, desde que me lembro.

O Jem sugeriu que eles podiam juntar o dinheiro do ofertório durante um ano para comprarem alguns livros de hinos.

A Calpurnia riu.

— Não serviam p'ra nada — disse ela. — Eles não sabem ler.

— Não sabem ler? — perguntei eu. — Todos?

— É verdade — corroborou a Calpurnia. — Só há quatro pessoas na Alforria qu' sabem ler... Eu sou uma delas.

— Ond'e que andou na escola, Calpurnia? — perguntou o Jem.

— Não andei. Deixe-me ver se me lembro, quem me ensinou as letras? Acho que a tia da Srta. Maudie Atkinson, a velha Srta. Buford...

— É assim tão velha?

— Sou mais velha que o Sr. Finch — disse a Calpurnia sorrindo. — Quantos anos ao certo, não sei. Uma vez, tentamo-nos lembrar, tentamos descobrir quantos anos eu tinha... sei é que me lembro de mais coisas do que o patrão, algumas, não muitas, por isso não devo ser muito mais velha, isto, sem contar qu'as mulheres têm mais memória qu'os homens.

— Quando é que faz aniversário, Cal?

— Só festejo no Natal, assim é mais fácil de lembrar... a data verdadeira, isso não sei.

— Mas, Cal — protestou o Jem —, 'ocê não parece nada mais velha do que o

Atticus.

— Nas pessoas de cor, a idade não se nota tanto — explicou.

— Talvez seja porque não sabem ler... Cal, ’ocê que ensinou o Zeebo?

— Sim, Sr. Jem. Quando ele era garoto, nem sequer havia escola. Mas foi desse modo que o ensinei.

O Zeebo era o filho mais velho da Calpurnia. Se algum dia me tivesse dado ao trabalho de pensar no assunto, veria que a Calpurnia já tinha uma certa idade... afinal o Zeebo já tinha filhos crescidos... só que, realmente, nunca me dera a esse trabalho.

— Ele também aprendeu a ler por um livro de iniciação à leitura, como nós? — perguntei-lhe.

— Não, eu obrigava-o a ler uma página da Bíblia todos os dias e também havia um livro donde eu tinha aprendido com Srta. Buford...

aposto que não sabem adonde o arranjei — disse ela.

Não sabíamos.

A Calpurnia respondeu:

— Foi o vosso avôzinho Finch que mo deu.

— ’Ocê veio da Fazenda? — perguntou o Jem. — Nunca nos contou isso.

— Claro que venho, Sr. Jem. Cresci lá entre a Fazenda e a propriedade dos Bufords. Passei todos os meus dias trabalhando para os Finchs ou para os Bufords e depois vim para Maycomb quando o vosso paizinho e a vossa mãezinha casaram.

— E qual era o livro, Cal? — perguntei eu.

— *Comentários*, de William B Blackstone.

O Jem estava atônito.

— Quer dizer que ensinou o Zeebo lendo por isso?

— Claro que sim, Sr. Jem.

A Calpurnia levou timidamente os dedos à boca.

— Eram os únicos livros que tinha. O vosso avôzinho disse que o Sr. Blackstone escrevia bom inglês...

— É por isso que não fala com’o resto deles — notou o Jem.

— Com’o resto de quem?

— O resto das pessoas negras. Cal, mas na igreja falou igual a eles.

O fato de a Calpurnia levar uma modesta vida dupla nunca tinha me ocorrido. A ideia de ela ter uma existência em separado da nossa vida doméstica era novidade para mim, sem falar no fato de ela dominar duas línguas.

— Cal — perguntei eu —, por que é que fala como os negros para... para a tua gente quando sabe que não é correto?

— Bem, em primeiro lugar sou negra...

— Isso não quer dizer que tenha de falar assim, sobretudo quando sabe falar melhor — disse o Jem.

A Calpurnia inclinou o chapéu para o lado, coçou a cabeça e, em seguida, voltou a enfiar cuidadosamente o chapéu até às orelhas.

— É difícil dizer — confessou. — Suponha que o menino e a Scout falassem negrês em casa... não estavam no local indicado p'ro fazer, não era? Agora, e se eu na igreja e com os vizinhos, falasse com' os brancos? Eles iam pensar que eu estava enrolando eles.

— Mas Cal, 'ocê sabe falar melhor — insisti.

— Não é preciso andar mostrando a nossa sabedoria a todo mundo. Não é próprio de uma senhora... em segundo lugar, as pessoas não gostam de ter por perto alguém que saiba mais que elas. Isso humilha-as. As pessoas não vão mudar só por alguém lhe fala certo, elas têm qu' ter vontade de aprender por elas próprias, e quando não querem aprender, então não há mais nada a fazer do que manter o bico calado ou falar a língua deles.

— Cal, posso vir te visitar um dia?

Ela olhou para mim.

— Visitar-me, querida? Mas a menina me vê todos os dias.

— Na tua casa — completei. — Um dia, depois do trabalho? O Atticus pode me trazer.

— Quando quiser, menina — disse ela. — Teremos muito gosto em recebê-la.

Estávamos na calçada junto à Casa dos Radley.

— Olha lá para a varanda — disse o Jem.

Olhei para a Casa dos Radley, na espera de ver o seu inquilino fantasma sentado no balanço pegando sol. Mas o balanço estava vazio.

— Estava falando da nossa varanda — disse o Jem.

Olhei para o fundo da rua. Invulnerável, hirta e impassível, a tia Alexandra estava sentada numa cadeira de balanço, como se sempre tivesse lá sentada durante toda a sua vida.

XIII

— Leva a minha mala para o quarto da frente, Calpurnia foi a primeira coisa que a tia Alexandra disse.

— Jean Louise, para de coçar a cabeça — foi a segunda coisa.

A Calpurnia pegou na pesada mala da tia e abriu a porta.

— Eu levo — disse o Jem e pegou nela. Ouvi a mala batendo no chão do quarto com um som seco, sinônimo de uma sombria e entediante permanência.

— Está de visita, tia? — perguntei eu. As visitas da tia Alexandra, vinda da Fazenda, eram raras e viajava sempre com grande pompa e circunstância. Era dona de um Buick quadrado verde-vivo e um motorista negro, ambos mantidos num doentio estado de asseio, só que hoje, estranhamente, não havia sinal deles.

— O vosso pai não vos avisou? — perguntou.

Eu e o Jem abanamos com as cabeças.

— Provavelmente deve ter esquecido. Ele ainda não voltou, né?

— Não, senhora. Só costuma voltar no fim da tarde — disse o Jem.

— Bem, eu e o vosso pai decidimos que estava na hora de eu vir passar uma temporada convosco.

«Uma temporada» em Maycomb normalmente compreendia um período que ia de três dias a trinta anos. Eu e o Jem trocamos olhares.

— O Jem está crescendo a olhos vistos e você também — disse-me ela.

— Achamos que era bom para ti ter alguma influência feminina.

Já não faltam muitos anos, Jean Louise, para começar a se interessar por roupas e rapazes...

A isto eu poderia ter dado várias respostas: a Cal é mulher, ainda faltavam mesmo muitos anos até eu começar a interessar por rapazes, nunca me interessaria por roupas... mas me mantive calada.

— E o tio Jimmy? — perguntou o Jem. — Ele não vem?

— Ah, não, ele ficou na Fazenda. É ele que mantém aquilo andando, sabia?

No momento em que eu disse «Não vai ter saudades dele?» percebi que esta não era uma pergunta lá muito inteligente. O fato de o tio Jimmy estar presente ou ausente era exatamente a mesma coisa, pois ele nunca dizia nada. A tia Alexandra ignorou a minha questão.

Não conseguia pensar em mais nada para lhe dizer. Na verdade, nunca me ocorria nada para lhe dizer e eu me sentei pensando nas penosas conversas

passadas entre nós: «Como está, Jean Louise?» «Bem, obrigado». «E a senhora?» «Muito bem, obrigado; o que é que tem feito?» «Nada». «Nunca faz nada?» «Não, senhora». «Tem certeza que tem amigos...» «Sim, senhora». «E então?» «O que é que vocês fazem?» «Nada».

Era notório que a Tia Alexandra me considerava burra, porque uma vez ouvi-a dizer ao Atticus que eu era limitada.

Eu sei que havia uma história por detrás disto, mas naquela altura não tinha muita vontade de lhe arrancar: era domingo, e a tia Alexandra costumava ficar positivamente irritadiça no dia do Senhor. Acho que era por causa do seu espartilho de domingo. Ela não era gorda, mas robusta e escolhia sempre roupas íntimas que lhe hasteavam o peito até a uma altura vertiginosa, estreitavam a cintura, arrebitavam-lhe o rabo e conseguiam dar a entender que a tia Alexandra tinha sido outrora uma deusa grega. Era formidável, vista de que ângulo fosse.

O que restou daquela tarde foi passado naquele delicado torpor em que somos envolvidos quando somos visitados por parentes, apenas quebrado quando ouvimos um carro parar na calçada. Era o Atticus de regresso de Montgomery. O Jem, esquecendo a sua dignidade, foi correndo comigo ao encontro dele. O Jem pegou na pasta e na mala dele, eu saltei para os seus braços, senti o seu beijo chocho e perguntei:

— Me trouxe um livro, trouxe? Sabia qu' a Tia Alexandra tá aqui?

O Atticus respondeu afirmativamente às duas perguntas.

— O que é que vocês acham de ela vir viver conosco?

Eu disse que adorava, o que era a mais pura mentira, mas às vezes, sob certas circunstâncias, é preciso mentir, sempre que a situação escapa ao nosso controle.

— Achamos que esta era a hora em que vocês crianças estavam precisando, Scout — disse o Atticus. — A vossa tia não só está fazendo um favor a mim, como também a vocês. Não posso passar o dia inteiro aqui convosco e este Verão promete ser quente.

— Sim, senhor — admiti, não compreendendo uma palavra do que ele tinha dito. No entanto, fazia uma pequena ideia. O aparecimento da tia Alexandra em cena tinha partido mais dela do que do Atticus. A tia tinha uma maneira muito própria de declarar «O Que Era Melhor Para A Família» e penso que o fato de ter vindo viver conosco inseria-se nessa categoria.

Maycomb deu-lhe as boas-vindas. A Srta. Maudie Atkinson fez-lhe um bolo recheado com frutos secos, com tanto licor que eu quase fiquei embriagada; a Srta. Stephanie Crawford tinha longos encontros com a tia Alexandra que, na maior parte dos casos, se pautavam principalmente pelo constante abanar de cabeça por parte da Srta. Stephanie, sublinhado por um «Uh, uh, uh». A Srta. Rachel, da porta ao lado, costumava convidar a tia para tomar café à tarde, o Sr.

Nathan Radley chegou até a dignar-se a vir até ao pátio, dizendo que estava muito contente por vê-la.

Quando se instalou definitivamente lá em casa e a vida retomou o seu ritmo normal, parecia que a tia Alexandra já vivia conosco há anos. Os seus chás em prol da Sociedade Missionária contribuíam para a sua reputação de excelente anfitriã (ela não permitia que a Calpurnia se encarregasse das delicadezas necessárias ao bom sustento da Sociedade, enquanto se debruçavam demoradamente sobre os relatos dos cristãos recém-convertidos do Terceiro Mundo pertencentes ao movimento Rice Christians[9]); decidiu aderir ao movimento e tornou-se secretária do Clube Amanuense de Maycomb.

Participante ativa em todas as atividades e presente em todas as reuniões, a tia Alexandra era a última representante da sua espécie: era extremamente educada; apoiava toda e qualquer moral emergente; tinha nascido com a objetividade no coração; e era uma bisbilhoteira incurável. Quando a tia Alexandra andava na escola, para ela não existiam quaisquer dúvidas, mesmo naqueles textos em que não entendia o seu significado. Nunca estava entediada e, sentindo a mais pequena abertura, lá estava ela colocando em prática as suas prerrogativas reais: mediava, aconselhava, prevenia e avisava.

Não deixava escapar uma oportunidade de destacar os defeitos de outros grupos tribais e, ao mesmo tempo, exortar a glória da nossa raça, um hábito que parecia divertir o Jem, mais do que o aborrecia:

— É melhor a tia ter mais cuidado com a maneira como fala... corta na cara de muita gente em Maycomb, gente qu’é da nossa família.

Sublinhando a moral do suicídio do jovem Sam Merriweather, a tia Alexandra referiu que tal se devia a uma tendência mórbida da família. Se uma moça de dezesseis anos risse durante os ensaios do coro, a tia diria algo como «Isto só mostra que todas as moças da família Penfield são umas depravadas». Pelos vistos, todo mundo em Maycomb tinha uma Tendência: uma Tendência para Beber, uma Tendência para Jogar, uma Tendência para ser Mau, uma Tendência para o Ridículo.

Certo dia, quando a tia nos assegurou que a tendência da Srta. Stephanie Crawford para meter o nariz na vida das outras pessoas era hereditária, o Atticus disse:

— Mana, se reparar, a nossa geração é praticamente a primeira de toda a Família Finch que não se casou com primos. Acha que os Finchs têm uma Tendência Incestuosa?

A titi respondeu que não, mas que era por causa disso que tínhamos mão e pés pequenos.

Nunca compreendi muito bem a sua preocupação com a hereditariedade.

Não sei como, mas eu tinha a impressão de que as Pessoas de Bem eram aquelas que faziam o melhor que podiam com a sua consciência, mas a tia Alexandra era da opinião, expressa aliás com alguma obliquidade, que quanto mais tempo uma família habitava um pedaço de terra, mais fina era.

— Então, isso faz dos Ewells pessoas finas — disse o Jem. A tribo da qual faziam parte o Burris Ewell e os seus irmãos vivia no mesmo naco de terreno atrás da lixeira de Maycomb e às custas dos subsídios e generosidade do condado, há mais de três gerações.

Mas havia algo mais a dizer sobre a teoria da tia Alexandra.

Maycomb era uma cidade antiga. Situava-se trinta quilômetros a leste da Fazenda Finch e ficava demasiado para o interior, o que era uma localização bastante estranha para uma cidade tão velha.

Se não fosse a esperteza caipira de um tal Sinkfield, Maycomb estaria mais perto do rio. Este, nos primórdios da história, teve uma estalagem onde se cruzavam dois caminhos de gado, a única aliás do território. Não era patriota, servia e fornecia munições de igual modo aos índios e aos colonos, sem saber, nem sequer se importar, se fazia parte do Território do Alabama ou da tribo dos Creek, desde que o seu negócio fosse de vento em popa. O negócio prosperava quando o governador William Wyatt Bibb, com vista a promover a tranquilidade doméstica do seu recém-criado condado, decide enviar uma equipe de topógrafos para localizar o seu centro exato e aí estabelecer a sede de governo. Os topógrafos, hóspedes de Sinkfield, disseram ao seu anfitrião que ele estava nos limites territoriais de Maycomb County e mostraram-lhe a localização provável da futura sede de governo. Se Sinkfield não tivesse feito uma manobra destemida para proteger os seus bens, Maycomb estaria hoje bem no meio do Pântano Winston, um local totalmente desprovido de interesse. Em vez disso, Maycomb cresceu e expandiu além do seu centro nervoso, a taberna de Sinkfield, porque certa noite, Sinkfield reduziu os seus hóspedes a um estado de completa miopia alcoólica, induzindo-os a mostrarem os seus mapas e cartas topográficas, tirando um bocado aqui, juntando outro ali e tendo ajustado o centro do condado de acordo com as suas necessidades.

No dia seguinte, mandou-os embora equipados com as suas cartas e cinco garrafas de uísque de contrabando nos alforges das selas dos cavalos... duas para cada um deles e uma para o governador.

Porque a sua primeira razão de existir foi para funcionar como sede do governo, Maycomb acabou sendo poupada ao desleixo que caracterizava muitas das cidades do seu tamanho no Alabama.

No início, os seus edifícios eram sólidos, o seu tribunal altaneiro, as suas ruas graciosamente amplas. A proporção de novas profissões também cresceu

vertiginosamente: ia-se lá examinar os dentes, para arranjar o carro, para escutar o coração, depositar o dinheiro, salvar a alma e levar as mulas ao veterinário. No entanto, a sabedoria da falcatrua de Sinkfield ainda estava sujeita a discussão. Ele acabou por colocar a jovem cidade muito afastada do único tipo de transporte público da época — o barco fluvial — causando assim uma demorava dois dias de viagem do extremo norte do condado até às lojas de bens essenciais em Maycomb. Como consequência, a cidade permaneceu com o mesmo tamanho durante uma centena de anos, uma verdadeira ilhota num mar de retalhos de campos de algodão e bosques.

Apesar de Maycomb ter sido ignorada durante a guerra civil entre o Norte e o Sul, a lei da Reconstrução e a ruína econômica forçaram a cidade a crescer. E cresceu para dentro. As pessoas mais novas raramente a escolhiam como local para viver, as famílias acabavam sempre por casar com as mesmas famílias até os membros da comunidade serem todos um pouco parecidos uns com os outros. De vez em quando, havia alguém que voltava de Montgomery ou Mobile com um forasteiro, mas o resultado causava apenas um ligeiro cambiante naquela branda corrente das parecenças familiares. As coisas tinham sido mais ou menos iguais na minha infância.

Era certo e sabido que havia um sistema de castas em Maycomb, que para mim funcionava da seguinte forma: os cidadãos mais velhos, a geração atual de pessoas que tinham vivido lado a lado anos a fio, eram totalmente previsíveis entre si: tomavam certas atitudes, traços de caráter e até mesmo gestos como dados adquiridos que tinham sido repetidos por cada geração e refinados pelo tempo. Por isso, os vários dizeres populares do gênero «Todo o Crawford mete o nariz onde não é chamado»; «Cada terceiro filho de um Merriweather é mórbido»; «Os Delafields mentem com quantos dentes têm»; «Todos os Bufords caminham daquela maneira»; eram diretivas simples vocacionadas para o dia-a-dia: «nunca aceite um cheque de um Delafield sem telefonar discretamente ao banco»; «os ombros da Srta. Maudie Atkinson são descaídos porque é uma Buford»; «se a Sra. Grace Merriweather der um gole nas garrafas de *gin* da Lydia E. Pinkham, isso é normal... a mãe dela fazia o mesmo».

A tia Alexandra encaixava no mundo de Maycomb como uma luva, mas nunca no meu mundo, nem no do Jem. Pensei tantas vezes como é que ela podia ser irmã do Atticus e do tio Jack, com isso me vinham à memória histórias antigas de crianças geradas por raízes de mandrágora[10] e trocadas ao nascer, que o Jem me tinha contado há muito tempo.

Estas eram apenas algumas das minhas especulações abstratas resultantes do seu primeiro mês de estadia. De fato, ela falava muito pouco comigo e com o Jem e só a víamos praticamente na hora das refeições e à noite antes de irmos

dormir. Era Verão e andávamos sempre aqui fora. Claro que à tarde, quando corria para dentro de casa para beber um copo de água, encontrava sempre a sala de estar repleta de senhoras de Maycomb, a bebericar e a abanar o leque, após o que a minha presença era imediatamente requisitada:

— Jean Louise, vem aqui falar com estas senhoras.

Depois, quando eu aparecia na porta, a tia parecia se arrepender do seu pedido; isto porque, na maior parte das vezes, eu estava salpicada de lama ou coberta de areia.

— Cumprimenta a tua prima Lily — disse ela uma tarde, quando me encurralou na entrada.

— Quem? — perguntei eu.

— A tua prima Lily Brooke — frisou a tia Alexandra.

— Aí, ela é nossa prima? Olha que novidade.

A tia Alexandra conseguiu esboçar um sorriso que simultaneamente transmitia um delicado pedido de desculpas à prima Lily e uma enorme desaprovação dirigida à minha pessoa. Quando a prima Lily Brooke saiu, vi logo que estava em maus lençóis.

Que pena o meu pai nunca ter se dado ao trabalho de me relatar verdadeira história da Família Finch e que tristeza nunca ter tentado incutir esse orgulho nos filhos. Por isso, ela chamou o Jem, que se sentou ao meu lado no sofá com um ar de preocupação.

Depois, saiu da sala e voltou com um livro de capa roxa, que tinha estampado em letras douradas *Meditações* de Joshua S. St. Clair.

— Foi o vosso primo que escreveu isto — disse a tia Alexandra. — Era uma joia de pessoa.

O Jem examinou o pequeno volume.

— Este não foi o tal primo Joshua que esteve preso muito tempo?

A tia Alexandra disse:

— Como é que sabe disso?

— Porque o Atticus disse qu’ele saiu da linha na universidade.

Disse qu’ele até tentou matar o presidente. Disse qu’o Primo Joshua disse qu’ele não passava dum inspetor dos esgotos e tentou matá-lo com uma velha pistola, só que explodiu na mão dele. O Atticus disse qu’a família teve qu’pagar quinhentos dólares p’ro livrar daquela enrascada...

A tia Alexandra estava tesa como uma cegonha.

— É tudo — disse ela. — vamos ver sobre isso.

Antes de ir me deitar estava no quarto do Jem negociando o empréstimo de um livro, quando o Atticus bateu à porta e entrou. Sentou-se na beira da cama do Jem, olhou para nós com um ar sério e depois sorriu.

— Hum, hum — começou.

Vi logo que estava tentando preparar o terreno para nos dizer uma das boas fazendo aquele barulho com a garganta. Por momentos, pensei que ele finalmente estava envelhecendo, mas o seu aspecto era o mesmo de sempre.

— Não sei bem como dizer isto — começou ele.

— Diz lá — disse o Jem. — Fizemos alguma coisa de mal?

Notava-se que o nosso pai estava verdadeiramente incomodado.

— Não, só quero lhes explicar que... a vossa tia Alexandra me pediu... filho, você sabe que é um Finch, não sabe?

— Foi o que nos disseram — o Jem olhou para ele de esguelha.

A sua voz subiu incontrolavelmente de tom:

— O que está acontecendo, Atticus?

O Atticus cruzou as pernas e dobrou os braços.

— Estou tentando lhes contar os fatos da vida.

O Jem estava cada vez mais aborrecido.

— Já sei disso tudo — disse ele.

Subitamente, o Atticus ficou mais sério. Recorrendo à sua voz de advogado, sem qualquer mudança de tom, disse:

— A vossa tia me pediu para tentar incutir nas vossas mentes a ideia de que vocês não são uma gentinha qualquer, que são o produto de várias gerações de gente da mais fina educação — o Atticus parou e ficou vendo-me tentar localizar uma picada de inseto na minha perna.

— Da mais fina educação — continuou, quando encontrei a picada e comecei a coçá-la —, e devem continuar a manter essa reputação...

O Atticus não deixava que o nosso desinteresse abalasse a sua perseverança:

— Ela me pediu para vocês se comportarem como uma senhora e um cavalheiro que são. Ela quer falar convosco sobre a família e o seu verdadeiro significado para Maycomb ao longo dos anos, para vocês ficarem com uma ideia de quem são e, dessa forma, comecem a se comportar melhor — concluiu ele, num ápice.

Boquiabertos, eu e o Jem olhamos um para o outro, depois para o Atticus, cujo colarinho parecia estar incomodando. Não lhe dirigimos a palavra.

A dado momento, peguei num pente que estava na cômoda do Jem e comecei a raspar os seus dentes na esquina do móvel.

— Para com essa barulheira — disse o Atticus.

O seu tom de voz brusco e ríspido me agrediu. O pente já estava a meio do caminho e não consegui evitar bater mais uma vez com ele. Sem razão aparente, senti que estava começando a chorar, mas não conseguia parar. Aquele não era o pai que eu conhecia.

O meu pai nunca tinha aqueles pensamentos. O meu pai nunca falava assim. De algum modo, a tia Alexandra tinha conseguido que ele ficasse assim. No meio das minhas lágrimas consegui ver o Jem de pé, num estado de desolação semelhante ao meu, com a cabeça inclinada para o lado.

Como não havia para onde ir, voltei-me para sair e dei de cara com o colete do Atticus. Mergulhei a minha cabeça nele e ouvi os pequenos barulhos internos que vinham do outro lado do tecido azul claro: o tiquetaque do seu relógio, o leve estalar da sua camisa engomada, o som suave da sua respiração:

— O teu estômago ’tá fazendo barulho... — disse eu.

— Eu sei — disse ele.

— É melhor tomar chá de boldo.

— Vou tomar — disse ele.

— Atticus, essa história do comportamento e de tudo o resto, vai mudar alguma coisa? Quer dizer, ’ocê...?

Senti a mão dele na minha nuca.

— Não se preocupe com isso — disse ele. — Não é hora para preocupações.

Quando ouvi aquilo, soube logo que ele tinha voltado para nós.

O sangue começou de novo a correr nas minhas pernas e levantei a cabeça.

— Quer mesmo qu’a gente faça essas coisas todas? Não me lembro de nada que os Finchs devam fazer...

— Não quero que se lembre. Esquece.

Dirigiu-se à porta e saiu do quarto, fechando a porta atrás dele.

Quase batendo-a com força, mas conteve-se no último minuto e fechou-a suavemente. Enquanto eu e o Jem olhávamos perplexos, a porta abriu-se de novo e o Atticus espreitou. As suas sobrancelhas estavam levantadas e os seus óculos tinham escorregado.

— Cada dia que passa, estou mais parecido com o primo Joshua, não estou? Acham que vou acabar por custar quinhentos dólares à família?

Hoje, entendo perfeitamente o que ele estava tentando fazer, mas a verdade é que o Atticus era apenas um homem. E aquilo era trabalho para uma mulher.

XIV

APESAR DE NÃO TERMOS ouvido mais nada sobre a Família Finch da boca da tia Alexandra, continuamos ouvindo muito de toda a cidade. Aos sábados, armados com as nossas moedas, e sempre que o Jem permitia que eu o acompanhasse (não sei porquê, mas agora era positivamente alérgico à minha presença em público), seguíamos o nosso caminho por entre a multidão suada e às vezes ouvíamos «Olh'os filhos dele», ou, «Olha, lá vão os Finch». E se nos virássemos para encarar os nossos acusadores, deparávamos apenas com um casal de lavradores analisando absortamente os sacos de clisteres na vitrine da Farmácia Mayco. Ou duas mulheres do campo, atarracadas, com chapéus de palha, sentadas numa carroça.

«Eles bem que pode' andar pr'ai à solta violando mulheres, qu'os manda-chuvas do condado num quer' saber» foi uma obscura observação vinda de um senhor magrinho que passou por nós. O que me lembrou que tinha uma pergunta para fazer ao Atticus.

— O qu'é «violentar»? — perguntei eu.

O Atticus levantou os olhos do jornal. Estava na sua cadeira, junto à janela. À medida que íamos ficando mais crescidos, eu e o Jem achamos que era generoso da nossa parte conceder-lhe trinta minutos de paz após o jantar.

Ele suspirou e disse que «violentar» era ter conhecimento carnal com uma mulher através do uso da força e sem o seu consentimento.

— Então, se é isso, porqu'e qu'a Calpurnia mandou eu me calar quando lhe perguntei o que era?

O Atticus pareceu pensativo.

— Como?

— Bem, naquele dia na vinda da igreja perguntei à Calpurnia o qu'era e ela me disse p'ra te perguntar, mas eu me esqueci e agora 'tou te perguntando.

O jornal estava agora pousado no seu colo.

— Repete, por favor — disse ele.

Contei-lhe em detalhe a nossa ida à igreja com a Calpurnia.

O Atticus pareceu ter gostado, mas a tia Alexandra, que estava sossegadamente sentada em um canto costurando, pousou o seu bordado e ficou olhando para nós.

— Então quer dizer que naquele domingo vocês foram à igreja da Calpurnia?

O Jem respondeu: :

— Sim, senhora, ela nos levou.

Depois, lembrei-me de mais uma coisa.

— Sim, senhora e ela até me prometeu qu’ me deixava ir uma tarde p’a casa dela. Atticus, vou no próximo domingo, tá bem? Posso?

A Cal disse que vinha me buscar se ’ocê estivesse fora com o carro.

— Não, não pode. — interrompeu a tia Alexandra.

Voltei-me, um pouco assustada e depois me virei para o Atticus a tempo de ver o seu rápido olhar de relance para ela, mas era tarde demais. Eu disse:

— Não foi pr’oce que perguntei!

Para um homem tão grande, o Atticus conseguia levantar-se e sentar-se numa cadeira mais rápido do que qualquer outra pessoa que conhecia. Estava de pé.

— Pede já desculpa à tua tia — ordenou.

— Não perguntei a ela, perguntei a ti...

O Atticus virou a cabeça e fulminou-me literalmente de encontro à parede com o seu olho bom. A sua voz era letal:

— Primeiro, pede desculpa à tua tia.

— Desculpe, tia — murmurei.

— Agora — disse ele — vamos lá esclarecer isto: você faz o que a Calpurnia mandar, faz o que eu mandar e enquanto a tua tia estiver nesta casa, também lhe obedece. Entendido?

Eu entendi, me pus a matutar no assunto durante um bom bocado e cheguei à conclusão de que a única forma de sair daquilo com uma réstia de dignidade era ir ao banheiro, onde fiquei tempo suficiente para os fazer pensar que tinha ido lá fazer mesmo alguma coisa. Na volta, passei devagar pelo átrio onde escutei uma discussão feroz que estava acontecendo na sala de estar. Através da porta conseguia ver o Jem com uma revista de futebol encostada bem na frente da cara, virando a cabeça para um lado e para o outro como se estivesse assistindo a um jogo de tênis ao vivo.

— ...tem de fazer alguma coisa em relação ao comportamento dela — queixava-se a tia. — Você deixa as coisas tomarem grandes proporções, grandes demais.

— Também não vejo qualquer problema em deixá-la ir lá. A Cal tomará tão bem conta dela lá, como toma aqui.

Quem seria o «ela» de que eles estavam falando? O meu coração parou: eu. Sentia-me enclausurada numa prisão de algodão fofo cor-de-rosa e paredes engomadas e, pela segunda vez na vida, pensei em fugir. Imediatamente.

— Atticus, não há problema em ser coração-mole, você é um homem transigente, mas tem de pensar na tua filha. Sobretudo uma filha que está

crescendo.

— É nisso que eu estou pensando.

— E não tente fugir dessa realidade. Tem de a enfrentar mais cedo ou mais tarde e mais vale ser já esta noite. Nós não precisamos mais dela.

O Atticus manteve o mesmo tom de voz:

— Alexandra, a Calpurnia só sair desta casa quando desejar. Pode pensar de outro modo, mas verdade é que eu não tinha conseguido passar sem ela durante estes anos todos. É um membro fiel e dedicado desta família e você tem de aceitar as coisas como elas são. Além disso, irmã, não quero que se mate trabalhando para nós... não tem necessidade de o fazer. Continuamos a precisar da Cal, como sempre precisamos.

— Mas, Atticus...

— Além do mais, acho que as crianças não sofreram por ter sido ela a educá-las. A única diferença, é que, em algumas coisas, ela foi mais áspera e dura com elas do que uma mãe... nunca as deixou de castigar, nunca foi tão tolerante como algumas amas de cor são. Tentou educá-las de acordo com a sua educação e a educação da Cal é muito boa... e outra coisa, as crianças adoram ela.

Voltei a respirar. Não era eu, mas sim da Calpurnia que eles estavam falando. Renascida, entrei na sala. O Atticus tinha se retirado para trás do seu jornal enquanto a tia Alexandra castigava impiedosamente o seu bordado. Pune, pune, pune, a agulha ia atravessando o estreito círculo. Parou e esticou o tecido: pune, pune, pune. Estava furiosa.

O Jem levantou-se e atravessou o tapete. Fez-me sinal para o seguir. Levou-me para o quarto dele e fechou a porta. A sua cara estava séria.

— Estiveram discutindo, Scout.

Naquela época eu e o Jem discutíamos bastante, mas nunca tinha ouvido falar de ninguém ou visto alguém discutindo com o Atticus.

Não era uma visão agradável.

— Scout, tenta não aborrecer a tia, ’tá ouvindo?

Os conselhos do Atticus ainda me zumbiam nos ouvidos, o que fez com que eu não prestasse atenção ao pedido do Jem. Em vez disso, os meus pelos se eriçaram de novo.

— ’Tá querendo me dizer o que devo fazer, é?

— Não, é só porque... ele tem mais em que pensar agora, além das nossas chatices.

— Como assim? — para mim, o Atticus não parecia estar ocupado com nada de especial.

— É o caso do Tom Robinson que está lhe ocupando a cabeça...

Eu contrapus que o Atticus não se preocupava com nada. Além disso, o caso

só nos preocupava uma vez por semana e, mesmo assim, não era durante muito tempo.

— Isso é porque ’ocê só ocupa a cabeça com poucas coisas de cada vez — disse o Jem. — Mas com os adultos é diferente, nós...

Nessa época, aquela sua irritante superioridade era verdadeiramente insuportável. Não queria fazer mais nada, a não ser ler e andar sozinho. Mesmo assim, ia passando tudo o que lia para mim, mas com uma pequena diferença: antes era por achar que eu gostava, agora era para o bem da minha edificação e educação.

— Olha só ele! Quem é que ’ocê pensa que é?

— Estou falando sério, Scout. Volte a aborrecer a tia e eu... eu te dou uma surra.

Com aquilo, saltei para cima dele.

— Seu troglodita d’uma figa, eu te mato!

Ele estava sentado na cama, por isso foi fácil puxar-lhe o cabelo e dar-lhe um soco na boca. Ele me deu um tapa e eu tentei outra esquerda, mas um murro no estômago me fez cair por terra. Quase que me deixou sem ar, mas não dei importância. O que verdadeiramente me interessava era que ele estava lutando, tentando responder à altura. E ali, éramos os dois iguais.

— Vê, agora não está tão altivo e poderoso, hem? — gritei-lhe, investindo de novo. Dado que ainda estava na cama, não o conseguia agarrar muito bem, por isso atirei-me sobre ele com quanta força tinha, batendo, puxando, beliscando, apertando. O que começara como um combate com os punhos, tinha se agora tornado uma briga a sério. Ainda estávamos na pancada quando o Atticus nos separou.

— Já chega — ordenou. — Vão os dois imediatamente para a cama.

— Taah — disse eu ao Jem. Ele estava sendo mandado para a cama na minha hora de dormir.

— Quem é que começou? — perguntou o Atticus, resignado.

— Foi o Jem. Estava tentando me dar ordens. Eu não tenho de lhe obedecer, né?

O Atticus sorriu.

— Vamos fazer um acordo: você obedece ao Jem sempre que ele conseguir te obrigar. Tudo bem?

A tia Alexandra estava presente, mas em silêncio e quando desceu com o Atticus ouvimo-la dizer «...isto é uma das coisas de que tenho te falado», uma frase que voltou a nos unir.

Os nossos quartos eram contíguos; quando fechei a porta entre eles, o Jem disse:

— Boa-noite, Scout.

— Boa-noite — murmurei atravessando o meu quarto para apagar a luz. Quando ia passando pela cama tropecei em alguma coisa quente, mole, bastante macia. Não era como borracha dura e tive a sensação que estava viva. Reparei que também se mexia.

Acendi a luz e olhei para o chão junto à cama. O que quer que fosse que tinha pisado já tinha ido embora. Bati na porta do Jem.

— Que foi? — disse ele.

— Como é a sensação de sentir uma cobra?

— Um bocado áspera. Fria. Suja. Porquê?

— Acho que tem uma debaixo da minha cama. Pode vir ver?

— Está gozando da minha cara?

O Jem abriu a porta. Estava só com as calças do pijama. Notei com alguma satisfação que ainda tinha a marca dos nós dos meus dedos na boca. Quando viu que eu estava falando a sério, disse:

— Só se fosse maluquinho é que eu colocaria a cara no chão para ver se é uma cobra. Espera um minuto.

Foi à cozinha buscar a vassoura.

— É melhor subir pra cima da cama — pediu.

— Acha qu'é me'mo uma? — perguntei.

Aquilo era um verdadeiro acontecimento. As nossas casas não tinham porões; eram assentadas sobre blocos de pedra a escassos metros acima do chão e a entrada de répteis já tinha acontecido, mas não era de todo comum. A desculpa da Srta. Rachel Haverford para beber um copo de uísque todas as manhãs, era a de que nunca tinha superado o medo de poder encontrar uma cobra enrolada no guarda-roupas do seu quarto, quando ia pendurar a camisa de noite antes de tomar banho.

O Jem tentou varrer debaixo da cama. Olhei para os pés da cama para ver se tinha saído alguma cobra. Nada. O Jem varreu mais fundo.

— As cobras grunhem?

— Não é uma cobra — disse o Jem —, é uma pessoa.

De repente, um trapo castanho imundo saiu debaixo da cama.

O Jem ergueu a vassoura e errou a cabeça do Dill por milímetros quando ela apareceu.

— Louvado seja Deus! — a voz do Jem adquiriu um tom reverente.

Foi então que vimos o Dill emergir por etapas. Estava apertado.

Levantou-se e relaxou os ombros, mexeu os pés dentro das meias até ao tornozelo e coçou a nuca. Com a circulação reposta, soltou:

— Olá!

O Jem tornou a invocar o nome de Deus. Eu estava sem palavras.

— Tou quase morrendo de fome — disse o Dill. — Têm alguma coisa pra comer?

Como num sonho, fui à cozinha. Trouxe-lhe algum leite e meia frigideira com papas de milho que tinham sobrado do jantar. O Dill devorou-as, mastigando-as com os dentes da frente, como era seu hábito.

Finalmente encontrei a minha voz.

— Com'e que veio pr'aqui?

Por um caminho tortuoso. Revitalizado pela comida, o Dill recitou a sua narrativa: estivera acorrentado num porão (sim, havia porões em Meridian) e aí tinha sido deixado para morrer de fome pelo seu novo pai, que não gostava dele e foi secretamente mantido vivo comendo ervilhas cruas, oferecidas por um lavrador que passava e ouviu os seus gritos de ajuda (aquele bom homem lhe passava, aos poucos, uma boa porção pelo duto de ventilacão), até que o Dill conseguiu se libertar arrancando as correntes da parede. Ainda com as correntes nos pulsos, afastou-se três quilômetros de Meridian onde acabou por descobrir um circo itinerante de animais e foi imediatamente contratado para lavar o camelo. Viajou com o circo por todo o Mississipi até o seu infalível sentido de orientação lhe ter dito que estava em Abbott County, Alabama, cidade em frente a Maycomb, mas do outro lado do rio. E depois fez o resto do caminho a pé.

— Com'e que veio pr'aqui?

Tinha tirado treze dólares da carteira da mãe, apanhado o comboio das nove em Meridian e saído em Maycomb Junction. Tinha caminhado dezesseis ou dezessete quilômetros dos vinte e dois até Maycomb, por fora da estrada e pelo meio dos bosques, para evitar as autoridades à procura dele, fizera o resto do caminho agarrado à traseira de um caminhão de algodão. Já devia estar debaixo da cama há duas horas; tinha nos ouvido na sala de jantar e o tilintar dos garfos e talheres quase o tinham levado à loucura. Estava vendo que eu e o Jem nunca mais íamos para a cama; tinha até pensado em sair de lá de baixo e me dar uma mãozinha pra bater no Jem, já que o Jem tinha crescido bastante, mas sabia que o Sr. Finch não tardaria muito a nos separar, por isso o melhor era ficar onde estava. Estava esgotado, mais sujo do que se podia imaginar, e em casa.

— Ainda não lhe deve ter passado p'la cabeça que tá aqui disse o Jem. — S'andassem à tua procura já saberíamos...

— Acho qu' ainda devem estar procurando em todos os cinemas de Meridian — comentou o Dill sorrindo.

— Tem qu'a avisar a tua mãe que 'ocê tá aqui — disse o Jem. — Ela tem qu' saber onde 'ocê tá...

Os olhos do Dill viraram-se tremeluzentes para o Jem, e o Jem desviou o

olhar para o chão. Depois levantou-se e quebrou o que restava do nosso código de infância. Saiu do quarto e desceu as escadas.

— Atticus — a sua voz era distante —, pai, pode vir aqui um minuto, por favor?

Debaixo da camada de suor e porcaria, a cara do Dill ficou lívida. Eu me sentia mal. O Atticus estava na porta. Veio para o meio do quarto e manteve-se lá com as mãos nos bolsos, olhando para o Dill.

Finalmente, encontrei a minha voz:

— 'Tá tudo bem, Dill. Quando ele quiser que 'ocê saiba alguma coisa, ele vai te dizer.

O Dill olhou para mim.

— Quero dizer qu' tá tudo bem — repeti. — 'Ocê sabe que ele não vai te incomodar, sabe que não precisa ter medo do Atticus.

— Não tou com medo... — murmurou o Dill.

— Só com fome, aposto.

A voz do Atticus revelava o seu habitual tom de pragmatismo educado.

— Scout, não há nada melhor para oferecer do que uma simples frigideira de papas de milho frias? Empanturra aqui este teu amiguinho e quando eu voltar vamos ver o que se pode fazer.

— Sr. Finch, por favor não diga nada à tia Rachel, não me obrigue a voltar, por favor, senhor! Eu volto a fugir...!

— Calma, filho — sossegou o Atticus. — Ninguém vai te fazer ir a lugar nenhum, a não ser para a cama depressinha. Só vou na casa da Srta. Rachel dizer-lhe que você está aqui e lhe perguntar se pode passar a noite conosco... você iria gostar, não ia? E, pelo amor de Deus, devolve essa terra toda ao condado porque o solo já sofre muito de erosão.

O Dill ficou olhando para a figura do meu pai, se retirando.

— Ele só 'tá tentando ser engraçado — disse eu. — O que quer dizer é que tome um banho. Tá vendo, eu te disse qu' ele não ia t' incomodar.

O Jem estava no canto do quarto, observando como um traidor que era.

— Dill, tive de contar — disse ele. — 'Ocê não pode estar a quinhentos quilômetros de casa sem a tua mãe saber.

Deixamos ele, sem lhe dirigir uma só palavra.

O Dill comeu, comeu e voltou a comer. Não comia desde a última noite. Gastou o dinheiro todo no bilhete, embarcou no comboio como já tinha feito tantas vezes, conversou calmamente com o maquinista, para quem o Dill era uma cara bastante familiar, mas não tivera a coragem suficiente para invocar o regulamento sobre crianças que viajam grandes distâncias sozinhas: em caso de perda de dinheiro, o maquinista lhe emprestaria dinheiro suficiente para jantar e

depois o pai iria reembolsá-lo no fim da viagem.

O Dill tinha conseguido acabar com as sobras e já estava se aproximando de uma lata de carne de porco com feijão, guardada na dispensa, quando se ouviu um «Aaaiii Jesuuusss» disparar na entrada.

Tremeu como vara verde.

Suportou com grande coragem os «Espera só até chegar em casa», «Os teus pais estão preocupadíssimos contigo», manteve-se extremamente calmo durante os «Isso é mesmo típico dos Harris», sorriu para «Acho que pode ficar aqui esta noite» e devolveu o abraço que lhe foi carinhosamente dado.

O Atticus empurrou os óculos para cima e esfregou a cara.

— O vosso pai está cansado — disse a tia Alexandra, naquelas que pareciam ser as suas primeiras palavras em horas. Tinha estado sempre ali, mas acho que demasiado embasbacada para dizer qualquer coisa.

— Meninos, está na hora de dormir.

Deixamos a sala de jantar, com o Atticus ainda esfregando a cara.

— Hoje está me acontecendo de tudo, violações, brigas e escapadelas — ouvimos ele às gargalhadas na sala. — O que é que me reservarão nas próximas duas horas?

Dado que as coisas pareciam ter corrido bastante bem, eu e o Dill decidimos ser civilizados para o Jem. Além disso, o Dill tinha que dormir com ele, por isso, o melhor era mesmo começarmos a lhe dirigir a palavra.

Vesti o pijama, li um bocado e, de repente, descobri que não conseguia manter os olhos abertos. O Dill e o Jem estavam sossegados; quando apaguei o meu candeeiro de leitura, já não havia luz debaixo da porta do quarto do Jem.

Devo ter dormido pesadamente porque, quando fui acordada com um sobressalto, um fiozinho tênue de luar iluminava o quarto envolto na escuridão, anunciando a aurora.

— Chega p’ra lá, Scout.

— Ele achou que devia fazer aquilo — murmurei. — Não te aborreça com ele.

O Dill deitou-se ao meu lado na cama.

— Não tou — disse ele. — Só queria dormir contigo. ’Tá acordada?

Agora já estava, mas um pouco aturdida.

— Porqu’e que fez isso?

Não obtive resposta.

— Te perguntei por que é que fugiu? Ele era assim tão mau como disse?

— Não...

— Então vocês não construíram aquele barco como me descreveu na carta?

— Ele disse que íamos construir, mas nunca chegamos a fazer.

Fiquei apoiada sobre um cotovelo, fitando o vulto do Dill.

— Mas isso não é motivo para se fugir. Eles nem sempre fazem o qu' dizem qu' vão fazer...

— Não foi isso, ele... eles não queriam era saber de mim.

Aquela era a razão mais estranha para fugir de casa que algum dia ouvira.

— Porquê?

— Bem, porque passavam muito tempo fora de casa e quando 'tavam lá, metiam-se no quarto para 'tarem sozinhos.

— O qu'é qu' eles faziam lá?

— Nada, sentavam-se e ficam lendo... mas não queriam qu'estivesse no pé deles.

Encostei uma almofada na cabeceira da cama e me sentei.

— Sabe uma coisa? Eu estava me preparando para fugir esta noite, por causa deles estarem todos aqui. Dill, acredita que a gente não precisa que eles andem sempre em cima de nós...

A respiração do Dill revelava a sua habitual paciência, apenas entrecortada por um meio suspiro.

— ...boa-noite, o Atticus está fora todo o santo dia e às vezes metade da noite na comissão legislativa e não sei mais o quê... a gente não precisa que eles andem sempre em cima de nós, Dill, 'ocê não conseguiria fazer nada se estivessem sempre em cima de ti.

— Não é isso.

Enquanto o Dill explicava, pus-me a pensar como seria a vida se o Jem fosse diferente, mesmo diferente do que era agora; o que é que eu faria se o Atticus não sentisse a necessidade da minha presença, ajuda e conselhos. Na verdade, ele não podia passar um único dia sem mim. Até a Calpurnia não se dava bem se eu não estivesse por perto. Eles precisavam de mim.

— Dill, 'ocê não m'está contando bem as coisas... os teus pais não podiam passar sem ti. verdade é que eles devem ser mesmo maus para ti. Eu te digo o que fazer quando isso acontecer...

A voz do Dill continuou firmemente na escuridão:

— O que se passa é... o que 'tou tentando dizer é... eles passam melhor sem mim, não posso ajudá-los em nada e não há nada a fazer sobre isso.

Eles não são maus. Compram-me tudo o que eu quero, mas depois é «Agora-que-o-tem-vai-brincar-com-ele. Tem o quarto atafulhado de coisas. Lhe-dei-aquele-livro-agora-tem-de-o-ler.» — O Dill tentou fazer voz grossa. — «'Ocê não é um rapaz. Os rapazes andam por aí jogando beisebol com outros rapazes, não ficam em casa incomodando os pais».

A voz do Dill voltou ao normal:

— Oh, eles não são maus. Dão-me beijos e abraços de boa-noite, bom-dia e adeus e até me dizem que gostam de mim... Scout, vamos arranjar um bebê.

— Onde?

Havia um homem de quem o Dill tinha ouvido falar que ia de barco até uma ilha envolta em nevoeiro onde estavam todos os bebês; e depois podia se encomendar um...

— Isso é mentira. A tia diz que Deus os deixa cair pela chaminé... Pelo menos, é o qu'eu acho qu'ela disse. — a linguagem da tia não tinha sido muito explícita.

— Ora, não é bem assim. As pessoas fazem bebês umas nas outras. Mas há um homem, que... ele tem um monte de bebês à espera de serem acordados e depois dá-lhes um sopro de vida...

O Dill se desligou de novo. Na sua mente sonhadora, flutuavam coisas belas. Ele conseguia ler dois livros enquanto eu lia um, mas preferia a magia das suas próprias invenções. Era capaz de somar e subtrair mais rápido que um relâmpago, mas preferia o seu mundo de uma outra dimensão, um mundo onde os bebês dormiam, à espera de serem colhidos como os lírios da manhã. Falava lentamente consigo próprio para adormecer e, ao mesmo tempo, eu ia me deixando levar com ele. Mas do sossego da sua ilha envolta em nevoeiro, emergia agora uma imagem tênue de uma casa cinzenta com portas castanhas e tristes.

— Dill?

— Ahn?

— Por que é que acha que o Boo Radley nunca fugiu?

O Dill soltou um longo suspiro e virou as costas pra mim.

— Talvez porque não tenha nenhum local para onde fugir...

XV

Após muitos telefonemas, pedidos em defesa do réu e uma longa carta de perdão da sua mãe, ficou decidido que o Dill poderia ficar. Tivemos juntos uma semana de paz. Uma paz que, no entanto, viria a ser fugaz. O pesadelo estava prestes a se abater sobre nós.

Tudo começou numa noite depois de jantar. O Dill já tinha terminado; a tia Alexandra estava sentada num canto na sua cadeira, enquanto o Atticus estava sentado na dele; eu e Jem estávamos no chão lendo. Tinha sido uma semana bem tranquila: eu tinha obedecido à titia; Jem tinha se cansado da sua casa na árvore, mas tinha me ajudado, a mim e ao Dill, a construir uma escada de corda nova para a casa da árvore; Dill tinha congeminado um plano à prova de bala para tirar o Boo Radley de casa sem que tivéssemos de sofrer as consequências (sugerira fazer um trilho com gotas de limão desde a porta dos fundos até ao pátio para que ele as seguisse tal e qual uma formiga). De repente, bateram na porta da frente, o Jem abriu e disse que era o Sr. Heck Tate.

— Bem, diga-lhe para entrar — disse Atticus.

— Já disse. Tem alguns homens no pátio e pedindo para vir aqui fora.

Em Maycomb só havia duas razões para que homens adultos ficassem no pátio da frente, morte ou política. Perguntei-me quem teria morrido. Eu e o Jem nos dirigimos para a porta da frente, mas o Atticus ordenou:

— Voltem para dentro de casa.

O Jem apagou as luzes da sala e colou o nariz na rede de uma das janelas. A tia Alexandra não tardou em protestar.

— Oh tia, é só por um pouquinho. Só para ver quem é — disse ele.

Eu e o Dill fomos para outra janela. Havia uma multidão de homens em volta do Atticus. Parecia que estavam todos falando ao mesmo tempo.

— ...levá-lo amanhã p’rá prisão municipal — dizia o Sr. Tate.

— Não quero problemas, mas não posso garantir que não haja...

— Heck, não seja tonto — disse o Atticus. — Isto é Maycomb.

— ...eu não estaria lá muito seguro disso.

— Heck, nós conseguimos um adiamento só para assegurar que não haveria motivo para nos sentirmos inseguros. Hoje é sábado disse o Atticus — o julgamento talvez seja na segunda-feira. Pode mantê-lo por uma noite, não pode? Não creio que alguém em Maycomb vá me privar de um cliente,

sobretudo nestes tempos difíceis.

Um murmúrio de contentamento rapidamente esmoreceu quando o Sr. Link Deas disse:

— Ninguém aqui está planejando nada. Estou é preocupado com aquele pessoal de Old Sarum... não pode arranjar uma... o que foi, Heck?

— Não há necessidade de uma mudança de jurisdição, hem? — perguntou o Sr. Tate.

Atticus falava de forma inaudível. Virei-me para o Jem que me fez sinal para ficar calada.

— ...além disso — dizia Atticus — você não tem medo deles, né?

— ...sabe como são quando estão acesos.

— Geralmente não bebem ao domingo, passam a maior parte do dia na igreja... — disse Atticus.

— Mas esta é uma ocasião especial... — alguém contra-argumentou.

Continuaram a murmurar até que a tia disse que se o Jem não ligasse as luzes da sala iria desgraçar a família. O Jem nem estava ouvindo ela.

— ...nem sei por que é que foi mexer neste caso — dizia o Sr. Link. — Está arriscando tudo o que tem, Atticus. E é mesmo tudo.

— É isso mesmo que você pensa?

Aquela era a pergunta mais perigosa do Atticus: «É isso mesmo que você pensa? Vai colocar essa peça aí, Scout?» E depois, bum, bum, bum e o tabuleiro de xadrez ficava limpinho das minhas pedras. «É isso mesmo que você pensa, filho? Ora então leia isto». E depois, o Jem passava o resto da noite debatendo-se com os discursos de Henry W. Grady.

— Link, esse rapaz pode muito bem ir parar na cadeira elétrica, mas não antes da verdade vir à luz.

A voz de Atticus era calma.

— E você sabe bem qual é a verdade.

Um murmúrio apoderou-se do grupo, que aumentou de tom quando o Atticus subiu para o primeiro degrau das escadas e os homens começaram a se aproximar ameaçadoramente dele.

De súbito, o Jem gritou:

— Atticus, o telefone está tocando!

Os homens recuaram e se espalharam; havia entre eles pessoas que víamos todos os dias: comerciantes, agricultores locais; entre eles estavam o Dr. Reynolds e o Sr. Avery.

— Então atende, filho — respondeu o Atticus.

Riram muito e acabaram por se separar. Quando o Atticus ligou a luz da sala viu o Jem na janela, muito pálido à exceção da marca da rede no nariz.

— Por que raio estavam com as luzes apagadas? — perguntou.

O Jem ficou observando-o enquanto se dirigia para a sua cadeira e pegava o jornal. Por vezes penso que o Atticus sujeitava todas as crises da sua vida a uma avaliação tranquila atrás do *The Mobile Register*, do *The Birmingham News* e do *The Montgomery Advertiser*.

— Eles andavam atrás de ti, não andam? — disse o Jem. — Eles hoje queriam te pegar, não queriam?

O Atticus baixou o jornal e olhou para o Jem.

— O que tem lido? — perguntou. Mas depois disse delicadamente:

— Não filho, aqueles eram os nossos amigos.

— Então... não era um... uma gangue? — o Jem observava-o pelo canto do olho.

O Atticus tentou forjar um sorriso, mas não conseguiu.

— Não, aqui em Maycomb não existem grupos, grupinhos, nem absurdos como esses. Nunca ouvi falar de nenhuma gangue em Maycomb.

— Uma vez o Ku Klux andou atrás de uns católicos.

— Também nunca ouvi falar de católicos em Maycomb — disse o Atticus —, está confundindo com outra coisa qualquer. Há muito tempo atrás, por volta de 1920, houve um Klan qualquer, mas era acima de tudo uma organização política. Além disso, nem sequer conseguiam encontrar ninguém para assustar. Uma noite apareceram na porta do Sr. Sam Levy, mas o Sam limitou-se a ficar na varanda dizendo que tinha sido ele próprio que vendeu os lençóis que todos traziam em cima das costas. O Sam envergonhou-os de tal forma que acabaram todos por ir embora com o rabinho entre as pernas.

A família Levy era aquilo a que se podia chamar de Boa Gente; faziam o melhor que podiam com o que tinham e viviam há cinco gerações no mesmo pedaço de terra.

— O Klan foi embora — afirmou o Atticus —, e nunca mais voltará.

Fui levar o Dill em casa e cheguei a tempo de ouvir o Atticus dizer à tia:

— ...a favor da emancipação feminina sulista como qualquer pessoa, mas não de preservar qualquer suposta ficção civilizada à custa de vidas humanas. — Uma declaração que me fez suspeitar de que tinham estado discutindo outra vez.

Procurei o Jem e encontrei ele no meu quarto, deitado na cama, absorto nos seus pensamentos.

— Estiveram discutindo outra vez? — perguntei.

— Mais ou menos. Ela não o deixa em paz por causa do Tom Robinson. Quase disse que o Atticus estava desgraçando a família... Scout... tenho medo.

— Medo d’que?

— Medo pelo Atticus. Alguém pode magoá-lo.

O Jem preferia manter-se misterioso; respondia às minhas perguntas com um simples «saia daqui» ou «me deixa em paz».

No dia seguinte era domingo. No intervalo entre a catequese e a missa, enquanto a congregação aproveitava para esticar as pernas, vi o Atticus no pátio com mais outro grupo de homens à sua volta. O Sr. Heck Tate estava presente e perguntei-me se ele teria visto a luz. Ele nunca ia à igreja. Até o Sr. Underwood estava presente.

O Sr. Underwood não era muito dado a organizações exceto o seu *The Maycomb Tribune*, em que desempenhava as funções de proprietário, editor e tipógrafo. Os seus dias eram passados junto ao linotipo, onde se refrescava ocasionalmente com uma caneca de vinho tinto. Raramente andava atrás das notícias, já que eram as próprias pessoas que levavam as notícias até ele. Dizia-se que cada edição do *The Maycomb Tribune* saía da sua própria cabeça e que depois a passava diretamente para o linotipo. Algo perfeitamente provável. Alguma coisa devia ter acontecido para fazer com que o Sr. Underwood saísse da sua toca.

Cruzei-me com o Atticus na entrada da porta e ele disse que tinham levado o Tom Robinson para a prisão de Maycomb. Disse também, mais para ele próprio do que para mim, que não teria havido tanta confusão se já o tivessem feito desde o início. Observei-o enquanto se sentava na terceira fila, contando da frente, e ouvi-o cantarolando «Mais perto de Ti, meu Deus» algumas notas abaixo de nós. Ele nunca se sentava junto de mim, do Jem e da tia. Ele gostava de ficar sozinho na igreja.

Aquela falsa paz que prevalecia aos domingos era ainda mais irritante devido à presença da tia Alexandra. Depois do almoço, o Atticus voava para o seu escritório. Às vezes, quando íamos ver como estava, encontrávamos ele lendo na sua cadeira giratória. A tia Alexandra se preparava para uma *siesta* das duas horas e nos proibia de fazer barulho no quintal, pois a vizinhança também estava descansando.

O Jem, na sua qualidade de mais velho, levava para o quarto uma pilha de revistas de esporte, por isso eu e o Dill passávamos o domingo no *Deer's Pasture*.

Como era proibido usar armas aos domingos, eu e o Dill tínhamos de ficar jogando bola próximo do pasto, o que não era nada divertido. Depois, o Dill perguntou se eu queria ir dar uma espreitadela no Boo Radley.

Disse-lhe que não achava bom ir incomodá-lo e assim passei o resto da tarde contando ao Dill os acontecimentos do Inverno passado. Confesso que ele ficou consideravelmente impressionado.

Nos separamos antes do jantar e, após a refeição, eu e o Jem nos

preparávamos para mais um serão rotineiro quando o Atticus fez algo que nos interessou de sobremaneira. Entrou na sala de estar com uma extensão elétrica comprida e uma lâmpada na ponta.

— Vou sair por uns instantes — disse. — Vocês já deverão estar na cama quando eu voltar, por isso até amanhã.

Dito isto, colocou o chapéu e saiu pela porta dos fundos.

— Ele vai sair de carro — comentou o Jem.

O nosso pai tinha algumas peculiaridades: ponto um, nunca comia sobremesa, ponto dois, gostava de caminhar. Desde que me lembro, houve sempre um Chevrolet impecavelmente preservado na garagem e o Atticus fazia muitos quilômetros com ele em visitas profissionais, mas em Maycomb ele fazia a viagem entre o escritório e a nossa casa a pé, quatro vezes ao dia, num total de três quilômetros. Ele dizia que o único exercício físico que fazia era caminhar. Ora, se em Maycomb alguém fosse caminhar sem uma finalidade específica seria perfeitamente legítimo pensar que essa pessoa era incapaz de estabelecer um objetivo mental específico.

Mais tarde, disse boa-noite à minha tia e ao meu irmão e estava concentrada num livro quando ouvi o Jem fazendo barulho no seu quarto. Os ruídos que ele fazia ao se deitar eram tão familiares pra mim que eu bati na sua porta.

— Por que é que não está indo pra cama?

— Vou ao centro da cidade — estava vestindo as calças.

— Mas porquê? São quase dez da noite, Jem.

Ele sabia disso, mas ia assim mesmo.

— Então vou contigo. Nem pense em dizer não, pois eu vou assim mesmo, ouviu?

O Jem percebeu depressa que tinha de lutar comigo para me obrigar a ficar em casa e acho que, lá no fundo, deve ter pensado que uma luta só iria exasperar a tia, por isso aceitou graciosamente.

Me vesti o mais rápido que pude. Esperamos que a tia desligasse a luz e começamos a descer as escadas sem fazer barulho.

Não havia luar.

— O Dill vai qu’rer vir con’os — sussurrei.

— Então que venha — disse o Jem melancolicamente.

Nó saltamos o muro da garagem, atravessamos o pátio lateral da Srta. Rachel e nos aproximamos da janela do Dill. Jem assobiou, imitando o pio de uma codorniz. A cara do Dill apareceu à janela, desapareceu e, cinco minutos depois, abriu a janela e gatinhou aqui para fora. Tal como um espião experiente, o Dill só falou quando chegamos na calçada.

— O que ’tá acontecendo?

— Jem está co’as suas manias de meter o bedelho em tudo — uma síndrome que, segundo a Calpurnia, atacava todos os rapazes nesta idade.

— Tenho um pressentimento — disse o Jem —, só um pressentimento.

Passamos pela casa vazia e fechada da Sra. Dubose, na qual as camélias cresciam por entre as ervas daninhas. Havia mais oito casas até à esquina dos correios.

O lado sul da praça estava deserto. Em cada esquina havia arbustos e sebes gigantes, por entre os quais reluziam grades de ferro sob a luz dos candeeiros da rua. Havia uma luz acesa no banheiro público, fora isso aquele lado do tribunal estava completamente às escuras. A praça do tribunal era, por sua vez, rodeada por um quarteirão maior, composto por lojas; dentro delas reluziam, lá ao fundo, algumas luzes pálidas e trêmulas.

Quando o Atticus começou a exercer advocacia, o seu gabinete era no tribunal, mas alguns anos depois mudou-se para as instalações mais calmas do edifício do Banco de Maycomb. Mal dobramos a esquina vimos o carro estacionado em frente ao banco.

— Ele está lá dentro — disse o Jem.

Mas não estava. O seu gabinete ficava num corredor comprido.

Olhando para ele, a partir do átrio, era possível vermos: Atticus Finch, Advogado, em letras pequenas na porta de vidro, contrastando com a luz do gabinete que lhe incidia por trás. Só que estava tudo às escuras.

O Jem tentou espreitar pela porta do banco para ter a certeza.

Girou a maçaneta, mas a porta estava fechada.

— Vamos subir a rua. É bem possível que esteja na casa do Sr. Underwood.

O Sr. Underwood não só geria o escritório do *The Maycomb Tribune*, como também vivia lá. Ou melhor, vivia por cima. Por isso, ele cobria todos os acontecimentos relativos ao tribunal e à prisão limitando-se a espreitar pela janela. O escritório ficava na esquina noroeste da praça e, para lá chegarmos, tínhamos de passar pela prisão.

A prisão de Maycomb era o edifício mais deteriorado e horrível que existia no condado. Atticus dizia que parecia algo desenhado pelo primo Joshua St. Clair. Realmente aquilo parecia tirado do sonho de alguém. Completamente desfasada numa cidade caracterizada por lojas de fachadas quadradas e casas com telhados íngremes, a prisão de Maycomb era uma anedota gótica em miniatura, com a largura de uma cela e a altura de duas, com parapeitos pequeninos e arcos botantes. A noção de fantasia era ainda reforçada pela sua fachada de tijolos vermelhos e as grossas barras de ferro nas suas janelas eclesiásticas. Contrariamente ao esperado, longe de se erguer sobre um monte solitário, ficava entalada entre a *Tyndal’s Hardware Store* e os escritórios do *The Maycomb*

Tribune.

A cadeia era o único tema de conversa existente em Maycomb: os que eram contra diziam que parecia um banheiro à moda vitoriana; os que eram a favor diziam que dava à cidade um ar respeitável e sólido e que nenhum forasteiro iria suspeitar que estava cheia de pretos.

Enquanto subíamos a rua vimos uma luz solitária que brilhava lá ao longe.

— Que engraçado — disse o Jem —, a prisão não tem luz exterior.

— Parece estar colocada por cima da porta — comentou o Dill.

Uma extensão elétrica descia por entre as grades do segundo andar e ao longo de um dos lados do prédio. Sob a luz daquela lâmpada nua, lá estava o Atticus, sentado contra a porta numa das suas cadeiras de escritório. Estava lendo completamente alheio aos mosquitos que dançavam à volta da sua cabeça.

Quis correr até ele, mas o Jem me impediu.

— Não vá p'rá onde ele está — disse — pode não gostar. Ele está bem.

Vamos para casa. Só queria ver onde estava.

Estávamos nos metendo por um atalho para atravessar a praça, quando vimos quatro carros poeirentos, vindos lá das bandas de Meridian, em fila indiana. Contornaram a praça, passaram pelo banco e pararam em frente à prisão.

Ninguém saiu. Reparamos que o Atticus levantou os olhos do jornal. Fechou o jornal, dobrou-o calmamente, pousou-o no colo e empurrou o chapéu para a nuca. Parecia estar à espera deles.

— Vamos — sussurrou o Jem.

Atravessamos a praça e a rua até encontrarmos um abrigo junto à porta do *Jitney Jungle*. Jem pôs-se a observar o terreno.

— Ainda podemos nos aproximar mais — disse.

Corremos para a porta da *Tyndal's Hardware Store* que era suficientemente perto e, ao mesmo tempo, discreta.

Os homens começaram a sair dos carros individualmente e depois em grupos de dois. As suas sombras materializavam-se à medida que a luz revelava as formas sólidas que caminhavam para a porta da prisão. O Atticus ficou onde estava. Os homens tapavam a sua imagem.

— Ele 'tá aí, Sr. Finch? — perguntou um homem.

— Está — foi a resposta do Atticus — e está dormindo. Não o acordem.

Por respeito ao meu pai os homens falavam quase num sussurro.

Mais tarde, compreendi o aspecto cômico daquela situação nada cômica.

— Você sabe o que qu'remos — disse outro homem. — Afaste-se da porta, Sr. Finch.

— Pode dar meia volta e voltar para casa, Walter — disse o Atticus prazenteiramente. — O Heck Tate está por aí em algum lugar.

— O inferno qu’tá — retorquiu o outro homem. — O pessoal do Heck ’tá é tão embrenhado na mata que só sai de lá am’nhã de manhã.

— Sério? E porquê?

— Porque a gente os chamou p’rã irem à caça dum caçador clandestino — foi a resposta curta. — Não pensou niss’, heim Sr. Finch?

— Por acaso até pensei, mas não acreditei ser possível —. Bem, o meu pai mantinha o mesmo tom de voz — Mas isso muda tudo, não é?

— É — respondeu outra voz profunda. O dono dessa voz era uma sombra.

— É isso mesmo que você pensa?

Foi a segunda vez que ouvi o Atticus fazer essa pergunta no espaço de dois dias e significava que alguém ia estar em maus lençóis.

Era bom demais para perder a situação. Fugi do Jem e corri o mais depressa que pude para ao lado do Atticus.

O Jem deu um grito e tentou me pegar, mas eu já tinha ganho alguma vantagem sobre ele e o Dill. Abri caminho por entre os corpos escuros e malcheirosos e saltei para dentro do círculo de luz.

— O... olá Atticus!

Pensava que ele ia ficar contente por me ver, mas a expressão do seu rosto liquidou o meu contentamento. Por uns instantes, o brilho do medo atravessou os seus olhos, como um lampejo, para regressar mais tarde quando o Dill e o Jem decidiram também aparecer dentro daquele círculo de luz.

Havia um cheiro de uísque ordinário e de pocilga no ar e quando olhei em volta descobri que aqueles homens eram desconhecidos. Não eram as mesmas pessoas que eu tinha visto na noite passada.

Uma onda de vergonha me percorreu o corpo: na verdade, tinha saltado triunfantemente para o interior de um círculo de pessoas que nunca tinha visto antes.

O Atticus levantou-se da sua cadeira, mas movia-se muito devagar, como um velho. Pousou o jornal com imenso cuidado, alisando as dobras com dedos vagarosos. Reparei que tremiam ligeiramente.

— Vai para casa, Jem — disse. — E leva a Scout e o Dill para casa.

Estávamos habituados a obedecer, nem sempre sem protestar, às instruções do Atticus, mas pela postura de Jem vi logo que não era sua intenção mexer-se.

— Já lhes disse para irem para casa.

O Jem abanou a cabeça. À medida que o Atticus levava as mãos às cinturas, o Jem fazia o mesmo, e enquanto se encaravam frente a frente, tive oportunidade de ver como fisicamente havia muito poucas semelhanças entre os dois. O Jem tinha olhos e cabelos de um castanho suave, rosto oval e orelhas bem coladas à cabeça tal como a nossa mãe e que, estranhamente, contrastavam com o cabelo

preto, já grisalho, e com o rosto quadrado de Atticus.

No entanto, apesar de tudo, havia algumas semelhanças. E o fato de se desafiarem mutuamente tornava-os mais parecidos ainda.

— Filho, já disse para ir para casa.

O Jem abanou a cabeça.

— Eu mando ele para casa rapidinho — ameaçou um homem corpulento e agarrou brutalmente o Jem pelo colarinho. Quase levantou o Jem do chão.

— Não toque nele! — com extrema rapidez, dei um pontapé no homem. Como estava descalça, fiquei surpreendida por vê-lo cair cheio de dor. Eu queria era lhe acertar na canela, mas acho que apontei demasiado alto.

— Já chega, Scout. — O Atticus pôs a mão no meu ombro. — Não dê pontapés nas pessoas. Não... — disse ele, enquanto eu tentava me justificar.

— É que ninguém pode tratar o Jem assim — disse-lhe.

— Muito bem, Sr. Finch, tir'os já daqui — alguém grunhiu. — Tem q'nze segund's p'ros tirar daqui.

No meio daquela estranha assembleia, o Atticus tentava fazer com que o Jem o escutasse.

— Não vou — foi a sua resposta firme aos pedidos e ameaças do Atticus.

— Por favor Jem, leve-os para casa.

Já estava ficando farta daquilo tudo, mas achei que o Jem devia ter as suas razões para fazer o que estava fazendo, sobretudo face às perspectivas do que o Atticus provavelmente lhe iria fazer quando chegasse em casa. Olhei para a multidão. Era uma noite de Verão, mas a maioria dos homens vestia macacões e camisas de ganga apertadas até aos colarinhos. Achei que deviam ser friorentos, pois até as mangas estavam apertadas. Alguns usavam chapéus enfiados até as orelhas. Os homens tinham um ar mal-humorado, com olhos ramelosos, como se não estivessem habituados a estar acordados àquela hora. Tentei procurar novamente um rosto que me fosse familiar e lá acabei por encontrar um no centro daquele semicírculo.

— Olá, Sr. Cunningham.

Parecia que o homem não tinha me ouvido.

— Olá, Sr. Cunningham. Como vai o seu morgadio?

Os negócios do Sr. Cunningham me eram familiares. Houve até um dia em que o Atticus me explicou tudo em pormenor. Aquele homem imenso pestanejou e enfiou os polegares nas presilhas do macacão. Parecia desconfortável. Pigarreou e desviou o olhar.

A minha tentativa de meter conversa tinha caído por terra.

O Sr. Cunningham não usava chapéu e a metade de cima da sua testa estava branca em comparação com a face queimada pelo sol, o que me levou a acreditar

que usava chapéu na maior parte dos dias. Pôs-se a mexer os pés, entalados dentro dos seus pesados sapatos de trabalho.

— Não se lembra de mim, Sr. Cunningham? Sou a Jean Louise Finch. Uma vez até nos trouxe nozes, lembra-se?

Comecei a sentir a futilidade de falar para uma pessoa que não se lembra de nós.

— Ando na escola com o Walter — comecei novamente. — É seu filho, não é? Não é, s'nhor?

O Sr. Cunningham assentiu levemente. Afinal ele me conhecia.

— Ele está na minha turma — retomei — e está indo muito bem... É um bom rapaz — acrescentei — mesmo bom rapaz. Uma vez levamos ele para almoçar lá a casa. Diga olá pra ele por mim, está bem?

O Atticus já me tinha dito que era sinal de bom-tom conversar com as pessoas sobre temas que lhes interessavam e não sobre temas que interessavam apenas a nós. O Sr. Cunningham parecia não se interessar muito pelo tema do seu filho, por isso voltei a falar sobre o seu morgadio num último esforço para o fazer se sentir à vontade.

— Os morgadios são péssimos — ia eu começando os meus conselhos, quando percebi que estava falando para todo aquele agregado de pessoas. Os homens estavam todos olhando para mim, alguns deles boquiabertos. O Atticus tinha parado de incomodar o Jem.

Estavam os dois de pé ao lado do Dill. A sua atenção tinha se transformado em fascínio. Até o Atticus estava de boca aberta, uma atitude que ele próprio tinha descrito certo dia como grosseira.

Os nossos olhares se cruzaram e ele fechou a boca.

— Bem, Atticus, só estava dizendo ao Sr. Cunningham que os morgadios eram péssimos e isso tudo, mas 'ocê disse para não nos preocuparmos, porque às vezes demora algum tempo... e que, mais cedo ou mais tarde, tudo ia se resolver de uma vez... — aos poucos fui refreando o meu entusiasmo, pensando na perfeita idiotice que tinha cometido. É que os morgadios pareciam ser um bom tema para conversa de circunstância.

Comecei a sentir o suor se acumulando junto ao cabelo; eu aguentava tudo menos um grupo de pessoas olhando para mim.

E eles estavam todos tão quietos.

— O que 'tá acontecendo? — perguntei.

O Atticus não disse nada. Olhei em volta até encarar o Sr. Cunningham, cujo rosto estava igualmente impassível. Foi então que ele fez uma coisa muito estranha. Baixou-se e pôs as mãos nos meus ombros.

— Eu lhe digo que disse olá, menina — sossegou-me. Depois levantou-se e

acenou com a sua mão descomunal.

— Vamos embora — ordenou. — Vamos embora, rapazes.

Tal como tinham chegado, os homens voltaram a entrar para os carros. As portas bateram, os motores tossiram e foram embora.

Virei-me para o Atticus, mas ele já tinha entrado na prisão, onde estava de costas, com a cabeça encostada à parede. Fui até onde ele estava e puxei-lhe a manga.

— Já podemos ir para casa?

Ele fez que sim, puxou do lenço, limpou a cara e assoou-se violentamente.

— Dr. Finch?

Ouviu-se uma voz suave e rouca vinda de cima e do meio da escuridão.

— Já partiram, já?

O Atticus deu um passo atrás e olhou para cima.

— Já — respondeu. — Vai dormir, Tom. Eles não vão te incomodar mais.

Outra voz cortou a noite, mas vinda de outra direção.

— Pode ter a cert'za qu'não. Eu te tive sempre na mira, Atticus.

Debruçado na janela por cima do escritório do *The Maycomb Tribune*, vimos o Sr. Underwood e a sua espingarda de canos cerrados.

Já passava muito da minha hora de dormir e estava ficando muito cansada. Parecia que o Atticus e o Sr. Underwood iriam ficar conversando a noite toda, um na janela e o outro aqui em baixo.

Atticus finalmente regressou, desligou a luz pendurada por cima da porta da prisão e pegou na cadeira.

— Posso levá-la pra 'ocê, Sr. Finch? — pediu o Dill. Não tinha dito alguma palavra durante todo aquele tempo.

— Ora, obrigado, meu filho.

À medida que caminhávamos na direção do gabinete do Atticus, eu e o Dill nos deixamos ficar para trás. O Dill estava incumbido de levar a cadeira, por isso ia mais devagar. O Atticus e o Jem iam bem à nossa frente e pensei que o Atticus lhe estava dizendo das boas por ele não ter ido para casa, mas estava errada.

Quando passaram por baixo de um candeeiro, o Atticus estendeu a mão e acariciou o cabelo do Jem, o seu único gesto de carinho.

XVI

O Jem me ouviu. Meteu a cabeça através da porta. Quando estava quase chegando na minha cama, as luzes do quarto do Atticus se acenderam. Ficamos quietos, exatamente onde estávamos, até voltarem a apagar. Ouvimos o Atticus se mexendo na cama e esperamos até tudo ficar novamente em silêncio.

O Jem levou-me para o seu quarto e deitou-me ao seu lado na cama.

— Tenta dormir — disse. — Verá que amanhã estará tudo terminado.

Tínhamos entrado em casa em silêncio para não acordar a tia.

O Atticus desligara o carro na entrada e estacionou-o na garagem.

Sem dizer uma palavra entramos pela porta dos fundos e fomos para os nossos quartos. Me sentia imensamente cansada e estava quase adormecendo quando me veio à mente a imagem calma do Atticus, dobrando o jornal e empurrando o chapéu para trás, dando depois lugar à imagem do Atticus, parado no meio de uma rua vazia, ajeitando os óculos. De repente, fui atingida pela súbita compreensão do verdadeiro significado dos acontecimentos daquela noite e comecei a chorar. O Jem foi muito simpático em relação a isso: pela primeira vez não me lembrou que quem já anda perto dos nove anos normalmente não deve se comportar assim.

Naquela manhã ninguém mostrava muito apetite, à exceção do Jem; já tinha devorado três ovos. O Atticus observava-o com verdadeira admiração; a tia Alexandra bebericava o seu café e irradiava ondas de desaprovação. Crianças que se escapuliam no meio da noite eram a vergonha da família. O Atticus respondeu-lhe que estava muito contente pela existência dessas vergonhas, mas a tia retorquiu:

— Que absurdo, o Sr. Underwood esteve sempre lá de vigia.

— Sabe, há uma coisa engraçada sobre o Braxton — respondeu o Atticus. — É que ele detesta pretos, nem sequer tolera que haja um perto dele.

A opinião local sobreo o Sr. Underwood era que este era um homenzinho radical e profano, cujo pai, num estranho ataque de bom humor, o tinha batizado de Braxton Bragg, aliás um nome que o Sr. Underwood tinha feito o possível para esquecer. O Atticus dizia que dar às pessoas nomes de generais da Confederação acabaria por transformá-los lentamente em bêbados inveterados.

A Calpurnia estava servindo o café à tia Alexandra e abanou a cabeça perante o meu olhar de súplica irresistível.

— Ainda é muito pequenina — disse ela. — Eu lhe sirvo café quando tiver mais idade.

Respondi-lhe que o café poderia ajudar o meu estômago.

— Pronto, está bem — respondeu e trouxe uma xícara do aparador. Colocou uma colher de café na xícara e encheu-a até em cima de leite. Le Agradeci colocando a língua pra fora e, ao olhar para cima, dei de cara com a expressão de desaprovação da titia.

Afinal, ainda bem que o olhar era para o Atticus.

Ela esperou até que a Calpurnia fosse para a cozinha e disse:

— Não fale assim na frente deles.

— Falar assim como e na frente de quem? — perguntou ele.

— Assim na frente da Calpurnia. Disse que o Braxton Underwood desprezava os pretos na frente dela.

— Bem, tenho a certeza que a Cal sabe disso. Toda a população de Maycomb sabe disso.

Estava começando a perceber de uma mudança sutil na forma como o meu pai falava com a tia Alexandra. Era um toque de confronto velado e nunca uma irritação direta. Senti um tom ligeiramente afetado na sua voz quando disse:

— Tudo o que se pode dizer à mesa pode-se dizer na frente da Calpurnia. Ela sabe o que significa para esta família.

— Acho que não é um bom hábito, Atticus. É que isso lhe dá força. Sabe muito bem como falam entre eles. Tudo o que se passa na cidade acaba por chegar aos seus bairros antes do pôr do Sol.

O meu pai pousou a faca.

— Não conheço nenhuma lei que os proíba de falar. Olha, sem contar que não falariam se nós não lhes déssemos tanto sobre o que falar. Por que é que não bebe o teu café, Scout?

Estava brincando com a colher dentro da xícara.

— Eu pensava que o Sr. Cunningham era nosso amigo. Há muito tempo atrás ’ocê disse que ele era.

— E ainda é.

— Mas ontem à noite ele tentou te magoar.

O Atticus pousou o garfo ao lado da faca e empurrou o prato para o lado.

— Basicamente o Sr. Cunningham é um bom homem — disse — só que, tal como todos nós, tem os seus momentos de cegueira.

— Não chame aquilo de cegueira. Quando ele chegou lá estava pronto pra te matar — interrompeu o Jem.

— É até provável que me fizesse mal — admitiu o Atticus — mas vai acabar percebendo melhor as pessoas quando for mais velho, filho. Acima de tudo um

bando é constituído por pessoas. E todos os bandos de todas as nossas cidadezinhas do Sul são constituídos por pessoas que nós conhecemos... e isso não quer dizer nada sobre elas, né?

— Eu diria que não — disse Jem.

— Foi preciso aparecer uma criança de oito anos para os fazer cair na realidade, não foi? — disse o Atticus. — Isso só prova que... que uma matilha de animais selvagens pode ser detida, simplesmente porque continuam a ser humanos. Umm, talvez seja necessária uma força policial composta de crianças... ontem à noite vocês fizeram com que o Walter Cunningham se pusesse no meu lugar durante uns momentos. Foi o suficiente.

Bem, em boa verdade, eu tinha esperança que o Jem conseguisse perceber melhor as pessoas quando fosse um pouquinho mais velho; eu é que dificilmente iria perceber.

— No dia em que o Walter voltar pra escola será também o seu último — afirmei.

— Você nem sequer vai lhe tocar, ouviu — ordenou o Atticus. — Aconteça o que acontecer, não quero que nenhum de vocês dois guarde rancor de ninguém por este tipo de coisas.

— Está entendendo agora — disse a tia Alexandra — o que acontece quando se permitem este tipo de coisas. Depois não diga que não te avisei.

O Atticus disse que nunca diria tal coisa, empurrou a cadeira para trás e levantou-se.

— Com licença, tenho um longo dia pela frente. Jem, não quero você nem à Scout perto do centro, hoje.

O Atticus saiu precisamente na hora em que o Dill vinha atravessando o corredor em direção à sala de jantar.

— Na cidade não se fala de outra coisa — anunciou — de como enfrentamos cem tipos só com os punhos...

A tia Alexandra calou-o com o olhar.

— Não eram cem homens — disse ela — e ninguém os enfrentou.

Era apenas um grupo de Cunninghams bêbados e desordeiros.

— Oh tia, eu só ’tou imitando a maneira de falar do Dill — disse o Jem. Nos fez sinal para o seguirmos.

— E fiquem hoje aqui no pátio — disse ela, enquanto nos dirigíamos para a varanda da frente.

Parecia sábado. As pessoas da região sul do condado passavam por nós prazenteiramente, mas de uma forma compacta.

O Sr. Dolphus Raymond passou por nós no seu puro-sangue.

— Não entendo como é qu’ele consegue se manter na sela murmurou o Jem.

— Co’me possível ficar beb’do antes das oito da manhã?

Passou por nós uma carroça cheia de mulheres. Usavam toucas de algodão e vestidos de mangas compridas. Eram conduzidas por um homem de barbas e chapéu de lã.

— Olha, lá vão os Menonitas — O Jem se virou para o Dill.

— Sabia que eles não usam botões.

Viviam embrenhados nos bosques, faziam a maior parte das suas compras do outro lado do rio e raramente vinham a Maycomb.

Dill mostrou-se interessado:

— Todos têm olhos azuis — explicou o Jem —, e os homens não podem fazer a barba depois de casados. As mulheres gostam qu’eles lhes façam cócegas com as barbas.

O Sr. X Billups, nesse momento, passava em cima de uma mula e nos acenou.

— É um sujeito engraçado... — disse Jem. — Chama-se mesmo X, não é uma inicial. Uma vez teve de ir ao tribunal e lhe perguntaram o nome. Ele respondeu X Billups. O escrivão pediu-lhe para soletrar e ele disse X. Lhe Perguntou novamente e ele repetiu X.

Continuaram nisto até ele pegar numa folha de papel e escrever X e mostrar para que todos pudessem ver. Perguntaram-lhe onde é que ele tinha arranjado o nome e ele respondeu que era assim que os pais o tinham registado quando ele nasceu.

Enquanto o condado inteiro passava por nós, o Jem foi contando ao Dill a história e as principais características gerais das suas figuras mais proeminentes: o Sr. Tensaw Jones era partidário da Lei Seca; a Srta. Emily Davis cheirava rapé escondido; o Sr. Byron Waller sabia tocar violino; o Sr. Jake Slade já ia na sua terceira dentadura postiça.

Apareceu mais uma carroça cheia de cidadãos com rostos vulgarmente carrancudos. Quando apontaram para o jardim da Srta. Maudie Atkinson, repleto de viçosas flores de Verão, ela própria apareceu na varanda. Havia algo de estranho com a Srta. Maudie... ali de pé, na varanda, estava longe demais de nós para conseguirmos ver claramente o seu rosto, mas conseguíamos sempre percebermos a sua disposição pela forma como se posicionava.

Tinha os braços dobrados, mãos na cintura, ombros descaídos, a cabeça inclinada e os óculos reluzentes sob a luz do sol. Sabíamos que os seus lábios estavam retorcidos num sorriso da mais pura maldade.

O condutor da carroça abrandou as mulas e uma mulher de voz esganiçada gritou:

— Aquele que nasce na vaidade, morre nas trevas.

— Um coração feliz dá vida e alegria — respondeu a Srta. Maudie.

Acho que os lava-pés pensaram que o Diabo estava citando as escrituras para servir os seus próprios fins, pois o condutor acelerou as mulas. Nunca percebi o que é que eles tinham contra o jardim da Srta. Maudie e era formidável o conhecimento que a Srta. Maudie tinha das escrituras já que passava o dia inteiro no jardim.

— Vai ao tribunal esta manhã? — perguntou o Jem. Fomos até sua casa.

— Nem pensar — disse ela. — Não tenho nada que ir para lá.

— Não vai lá ver? — perguntou o Dill.

— Nem pensar. É mórbido ir p'ra lá ver aquele pobre diabo lutando pela vida. Olhem para esta gente toda, mais parece um circo romano.

— Ele tem de ser julgado em público, Srta. Maudie — disse eu. — Não seria certo fazer de outra maneira.

— Tenho plena consciência disso — respondeu ela. — Mas lá por ser público, não quer dizer que eu tenha de ir, né?

Entretanto apareceu a Srta. Stephanie Crawford. Usava chapéu e luvas.

— Hum, hum, hum — disse ela. — Olhem só para esta gente toda... até parece que vão ouvir um discurso do William Jennings Bryan.

— E onde você vai, Stephanie? — perguntou a Srta. Maudie.

— Até ao *Jitney Jungle*.

A Srta. Maudie disse que nunca na vida tinha visto a Srta. Stephanie ir ao *Jitney Jungle* de chapéu.

— Bem — disse a Srta. Stephanie — acho que vou até ao tribunal só para ver o que o Atticus está fazendo.

— É melhor ter cuidado senão ele te entrega uma convocação.

Pedimos a Srta. Maudie para nos elucidar: ela disse que a Srta. Stephanie parecia saber tanto sobre aquele caso que quase podia ser chamada a depor.

Aguentamos até ao meio-dia, hora em que o Atticus veio pra casa almoçar e nos disse que tinha passado a manhã inteira escolhendo o júri. Depois de almoço fomos buscar o Dill e fomos a pé até ao centro.

Era uma ocasião de gala. Não havia um milímetro de varão disponível para amarrar mais nenhum animal e as carroças e mulas estavam estacionadas debaixo de todas as árvores disponíveis.

A praça do tribunal estava coberta de pequenos grupos, sentados em jornais, comendo os seus piqueniques, empurrando biscoitos e melaço com leite quente guardado em frascos de compota. Algumas pessoas mordiscavam galinha fria e costeletas de porco fritas.

Os mais abastados acompanhavam a comida com Coca-Cola, bebida em copos bojudos. Crianças com caras sujas e gordurosas berravam no meio da multidão e os bebês mamavam do peito das suas mães.

No outro extremo da praça, os negros estavam sentados calmamente ao sol, comendo sardinhas, bolachas e bebendo os mais estranhos sabores da Nehi Cola. O Sr. Dolphus Raymond estava sentado no meio deles.

— Jem — disse o Dill — ele está bebendo de dentro de um saco.

Era realmente isso que o Sr. Dolphus Raymond parecia estar fazendo: dois canudinhos amarelos percorriam o caminho entre a sua boca e o interior de um saco de papel acastanhado.

— Nunca tinha visto ninguém fazendo aquilo — murmurou o Dill. — Como é que ele segura o que está lá dentro?

O Jem riu.

— Ele tem lá dentro uma garrafa de Co-Cola cheia de uísque.

É só p'ra não importunar as senhoras. Vai vê-lo bebendo aquil'a tarde toda. De vez em quando se afasta para encher e depois volta pro mesmo.

— Por qu'e qu'ele 'tá sentado no meio das pessoas de cor?

— É sempre assim. Acho qu'gosta mais deles do qu' de nós. Vive sozinho quase na fronteira do condado. Tem uma m'lher de cor e uma enormidade de fi'os mestiços. Te mostro alguns se os vir por aí.

— Ele não parece ser caipira — disse o Dill.

— E não é, já que ele é dono de uma das margens do rio e vem de uma família mesmo antiga.

— Então por qu'e qu' faz isto?

— É a sua maneira de ser — disse o Jem. — Dizem que nunca chegou a casar. Era p'ra casar com uma das... com uma das moças Spencer, acho eu. Iam ter um grande casamento, mas não aconteceu... depois do pedido, a noiva subiu no andar de cima e arrebentou os miolos. Com uma espingarda. Dizem que puxou o gatilho com os dedos dos pés.

— Souberam porquê?

— Não — disse o Jem —, ninguém soube muito bem porquê, à exceção do Sr. Dolphus. Dizem qu' foi por ela ter descoberto tudo sobre a sua mulher de cor, ele pensou que podia mantê-la e casar-se mesmo assim. Depois disso anda sempre um bocado p'ro bem beb'do.

Apesar disso, ele é bom para aquela filharada toda...

— Jem — perguntei. — O que é uma criança mestiça?

— Meia branca, meia de cor. 'Ocê já viu elas, Scout. Conhece aquele de carapinha ruiva que faz as entregas da mercearia. Ele é meio branco. É mesmo triste.

— Triste porquê?

— Porque não são carne, nem são peixe. As pessoas de cor não os querem porque são meios brancos; os brancos não os querem porque eles são de cor, por

isso estão no meio, não pertencem a lado n’nhum. Mas dizem que o Sr. Dolphus mandou dois deles para o norte. Eles não se importam de os ter lá no norte. Olhem, lá ’tá um deles.

Na nossa direção vinha um rapazinho agarrado na mão de uma mulher negra. Pra mim parecia negro; era da cor do chocolate com narinas proeminentes e uns dentes lindos. Às vezes ficava saltitando alegremente e a mulher negra apertava-lhe a mão para ele parar.

O Jem esperou até eles terem passado por nós.

— Aquele é um dos mais pequenos — disse ele.

— E como é que ’ocê sabe? — perguntou o Dill. — Pra mim parecia negro.

— Às vezes não conseguimos perceber a menos que saibamos quem são. Mas aquele é meio Raymond.

— Mas como é que sabe? — insisti.

— Já te disse, Scout. Tem de saber quem são.

— Bem, então como é que sabe qu’ nós não somos negros?

— O tio Jack Finch diz que não há forma de saber. Ele diz que até onde conseguimos encontrar os nossos antepassados da família Finch, não somos, mas que para ele até podíamos ter vindo da Etiópia na altura do Antigo Testamento.

— Bem, se viemos durante o Antigo Testamento já foi há tempo demais para ter alguma importância.

— Foi o que eu pensei — disse o Jem. — Mas por estas bandas basta um pingo de sangue negro para sermos logo pretos. Olha...

Um sinal invisível qualquer fez com que as pessoas se levantassem e começassem a apanhar os pedaços de jornal, celofane e papel de embrulho. As crianças iam para junto das mães, os bebês eram levados no colo, sobre as cinturas, enquanto os homens, com os chapéus manchados de suor, reuniam as famílias e as encaminhavam para dentro do tribunal. Na outra ponta da praça os negros e o Sr. Dolphus Raymond levantavam-se e sacudiam as calças. Entre eles havia poucas mulheres e crianças, o que parecia apagar a sensação de dia feriado. Puseram-se pacientemente à espera em frente à porta, atrás das famílias brancas.

— Vamos entrar — disse o Dill.

— Não, é melhor esperar qu’eles entrem. O Atticus pode não gostar se nos ver — disse o Jem.

O tribunal de Maycomb County lembrava vagamente Arlington num simples aspecto: os pilares de cimento que suportavam o telhado ao sul eram reforçados demais para um fardo tão leve. Os pilares tinham sido a única coisa que tinha ficado de pé quando o edifício original pegou fogo em 1856. À sua volta foi construído um novo tribunal.

Melhor dizendo, o tribunal foi construído apesar de ainda existirem esses pilares. Excetuando, então, essa ala sul, o tribunal de Maycomb County remontava ao início da época vitoriana, apresentando uma vista inofensiva quando visto do norte. No entanto, vistas do outro lado, as réplicas das colunas gregas chocavam com a grande torre do relógio, datada do século XIX, instrumento pouco confiável e ferrugento, o que indicava que o povo gostava de preservar o mais pequeno fragmento físico do seu passado.

Para chegar à sala de audiências, situada no segundo andar, tínhamos de passar por uma série de cubículos e gabinetes que nunca tinham visto a luz do sol: o delegado das finanças, o cobrador de impostos, o escrivão do condado, o advogado do condado, o escrivão da comarca, o juiz de paz, todos viviam em nichos frios e escuros com cheiro a livros de registo em putrefação, misturado com o odor fétido de cimento velho e urina estagnada. Era preciso ligar as luzes em pleno dia; e havia sempre uma película de pó cobrindo o piso. Os habitantes destes caixotes eram produto do ambiente: criaturas de rostos cinzentos que pareciam nunca ter visto o Sol nem sentido o vento.

Já sabíamos que havia uma multidão, mas não tínhamos previsto a confusão que reinava no corredor do primeiro andar. Me separei do Jem e do Dill, mas consegui chegar ao átrio, junto da escadaria, pois sabia que o Jem acabaria vindo à minha procura.

Quando dei por mim estava no meio do Clube dos Ociosos e tentei passar o mais despercebida possível. Era um grupo de velhotes, de camisa branca, calças caqui e suspensórios, que tinham passado a vida sem fazer nada e que passavam os seus dias de aposentadoria fazendo o mesmo, sentados em bancos de pinho debaixo dos carvalhos da praça. Críticos atentos dos assuntos jurídicos do tribunal, o Atticus dizia que sabiam tanto da lei como qualquer ministro da justiça, devido aos seus longos anos de observação. Normalmente eram os únicos espectadores no tribunal e hoje pareciam sentidos pela interrupção daquela confortável rotina a que estavam habituados. Quando falavam, as suas vozes soavam indiferentemente importantes e emproadas.

O tema da conversa era o meu pai.

— ...acha que sabe o que está fazendo — dizia um deles.

— Bem, não diria isso — dizia outro. — O Atticus Finch é um estudioso aplicado, um estudioso bastante aplicado.

— Ele realmente lê muito, é tudo o que sabe fazer.

O Clube riu em uníssono.

— Deixe-me lhe dizer uma coisa, Billy — disse ainda um terceiro —, ’ocê sabia que foi o tribunal que nomeou ele p’ra defender ’quele preto.

— Ora, mas o Atticus quer defendê-lo. É isso que não me agrada nada.

Esta era um novidade, uma novidade que mudava completamente a perspectiva das coisas: o Atticus tinha de o defender, quer quisesse quer não. Achei estranho ele não nos ter dito nada... podíamos ter usado essa informação para nos defendermos.

Ele tinha de o fazer, era por isso que o fazia e, de repente, aquele novo fato significava menos problemas e menos discussões. Mas será que explicava a atitude de toda a cidade? O tribunal tinha nomeado o Atticus para o defender. E o Atticus queria defendê-lo.

Era isso que não lhe agradava. Era tudo muito confuso.

Os negros começaram a entrar depois de terem esperado que todos os brancos tivessem entrado.

— Ei, alto lá, esperem aí — disse um dos membros do grupo, brandindo a bengala no ar. — Não vão já subindo as escadas.

A brigada do reumático começou a subir a escadaria e cruzou-se com o Dill e o Jem que desciam as escadas à minha procura.

Conseguiram esgueirar-se por entre o grupo e o Jem chamou:

— Scout anda daí. Não há um único lugar pra sentar. Vamos ter de ficar de pé.

— Olhem p'ra lá — disse, irritado, enquanto os negros começavam a subir os degraus. Os velhos que seguiam à sua frente iriam ocupar a maior parte dos lugares de pé. Estávamos com azar e era tudo culpa minha, informou o Jem. Por isso, ficamos miseravelmente encostados à parede.

— Então, não conseguem entrar?

O Reverendo Sykes, que ia à nossa frente, virou-se para trás e olhou para nós com o chapéu preto na mão.

— Olá, Reverendo — disse o Jem. — Não, a Scout estragou tudo.

— Bem, vamos ver o que se pode fazer.

O Reverendo Sykes subiu as escadas com dificuldade. Passados alguns momentos estava de volta.

— Não há um único lugar lá em baixo. Acham que há problema se se sentarem no balcão comigo?

— Boa — disse Jem. Cheios de satisfação, passamos à frente do Reverendo Sykes e fomos andando até à sala de audiências. Aí, subimos por uma escada coberta e esperamos na porta. O Reverendo Sykes vinha atrás de nós arfando e guiou-nos gentilmente pelo meio dos negros que estavam no balcão. Quatro negros levantaram-se para nos darem os seus lugares na primeira fila.

O balcão destinado às pessoas de cor ocupava três paredes do tribunal como uma varanda de segundo andar de onde podíamos ver tudo.

O júri estava sentado à esquerda debaixo de umas janelas compridas.

Queimados pelo sol e magros tinham todo o aspecto de agricultores, mas isso já era normal: era raro ver, sentados no banco do júri, homens da cidade, pois normalmente eram suspensos ou dispensados. Um ou dois dos membros do júri pareciam vagamente uns Cunninghams todos exitados. Nesta fase estavam todos sentados, bem direitos e atentos.

O advogado da comarca e outro homem, o Atticus e o Tom Robinson estavam sentados em mesas com as costas voltadas para nós. Na mesa do advogado havia um livro castanho e alguns blocos de notas amarelos; a mesa do Atticus estava vazia.

Dentro da divisória que separava os espectadores do tribunal estavam sentadas as testemunhas, em cadeiras com assento em couro. Tinham também as costas viradas para nós.

O Juiz Taylor estava no seu lugar e parecia um velho tubarão adormecido com o seu peixe-piloto escrevendo rapidamente, mais abaixo, à sua frente. O Juiz Taylor era parecido com a maior parte dos juízes que eu tinha visto: afável e bonachão, de cabelo branco e ligeiramente rosado, era um homem que geria o seu tribunal de uma forma assustadoramente informal... às vezes punha os pés em cima da mesa e muitas vezes até ficava limpando as unhas com o canivete de bolso. Durante as audiências mais prolongadas, especialmente se eram realizadas depois do almoço, dava a impressão de adormecer, uma impressão que foi desfeita para sempre quando, certo dia, um advogado empurrou deliberadamente uma pilha de livros para o chão num esforço desesperado para o acordar. Sem sequer abrir os olhos, o Juiz Taylor murmurou «Sr. Whitley faça isso outra vez e lhe garanto que o multo em cem dólares».

Era um profundo conhecedor da lei e, apesar de parecer encarar o seu emprego de forma casual, na realidade geria todos os casos que lhe deparavam com pulso forte. Consta que só uma vez é que tinha chegado a um impasse em plena sessão de tribunal e muito por causa dos Cunninghams. Old Sarum e os seus terrenos circundantes eram habitados por duas famílias diferentes, mas infelizmente com o mesmo apelido. Os Cunninghams foram casando com os Coninghams até que a grafia dos seus nomes passou a ser puramente acadêmica... acadêmica até os Cunninghams terem ido contra os Coninghams por causa de umas propriedades e levarem o assunto ao tribunal. Durante esta controvérsia, Jeems Cunningham afirmou que a sua mãe sempre tinha escrito Cunningham em todos os documentos, embora na realidade fosse uma Coningham. Não entendia muito de ortografia, raramente lia e o seu passatempo favorito era ficar com o olhar perdido na distância, sentada à noite na sua varanda. Depois de nove horas passadas ouvindo as excentricidades dos habitantes de Old Sarum, o Juiz Taylor disse que aquele assunto estava fora do

âmbito daquele tribunal. Quando lhe perguntaram com que fundamentos o alegava, respondeu «Conivência dolosa» e declarou que esperava que ambos os litigantes estivessem satisfeitos por terem trazido este assunto a público.

E estavam. Era isso que eles queriam realmente.

XVII

O Juiz Taylor tinha um hábito interessante. Permitia que se fumasse no tribunal, embora ele não se permitisse a tal. Às vezes, se tivéssemos sorte, poderíamos ter o privilégio de o ver colocar um longo charuto seco na boca e mastigá-lo lentamente. Aos poucos, o charuto apagado desaparecia para aparecer horas mais tarde sob a forma de uma pasta achatada e pegajosa. A sua essência tinha desaparecido, misturada com os sucos digestivos do Juiz Taylor.

Uma vez perguntei ao Atticus como é que a Sra. Taylor conseguia beijá-lo, mas o Atticus me sossegou dizendo que não se beijavam muito.

O banco das testemunhas ficava à direita do Juiz Taylor e, quando chegamos aos nossos lugares, o Sr. Heck Tate já lá estava sentado.

— Jem — perguntei -— não são os Ewells que estão sentados lá?

— Chiu — disse o Jem. — o Sr. Heck Tate está depondo.

O Sr. Tate tinha se vestido para aquela ocasião especial. Vestia um terno simples que fazia com que se parecesse igual a qualquer outro homem. Tinha se livrado das botas, do casacão grosso e do cinturão com as balas. Naquele momento deixou de me aterrorizar.

Estava sentado na cadeira das testemunhas, com as mãos apertadas entre os joelhos, escutando atentamente o advogado de acusação.

O advogado, um tal Sr. Gilmer, não era nosso conhecido. Era de Abbottsville; só o víamos quando o tribunal se reunia, o que raramente acontecia, pois o tribunal não nos despertava lá grande interesse. Era um homem careca, de rosto barbeado, algo entre os quarenta e os sessenta anos. Apesar de estar de costas para nós, sabíamos que era ligeiramente estrábico e que utilizava essa deficiência para tirar vantagem: parecia estar olhando para uma pessoa quando afinal não o estava fazendo e, como tal, a sua fama era terrível junto do júri e das testemunhas. Desta forma, o júri redobrava a sua atenção, julgando-se sob um cerrado interrogatório, o mesmo se passando com as testemunhas.

— ...com as suas próprias palavras, Sr. Tate — dizia o Sr. Gilmer.

— Bem — disse o Sr. Tate, ajeitando os óculos e falando para os joelhos — fui chamado...

— Pode se dirigir ao júri, Sr. Tate? Muito obrigado. E quem o chamou?

— Fui chamado pelo Bob... pelo Sr. Bob Ewell que está sentado lá, uma noite...

— Que noite foi essa, Sr. Tate?

— Foi na noite de 21 de Novembro. Estava saindo do escritório para ir para casa quando B... O Sr. Ewell entrou, muito exaltado, e disse p'ra eu ir depressa na casa dele, que um preto tinha violentado sua filha — disse o Sr. Tate.

— E foi?

— Claro. Entrei no carro e fui o mais depressa possível.

— E o que encontrou?

— Encontrei-a deitada no chão, no centro do quarto da frente, à direita de quem entra. Notava-se que tinha levado bastante pancada, mas levantei-a do chão e ela lavou a cara num balde que estava no canto e depois disse que já estava bem. Perguntei quem lhe tinha feito aquilo e ela respondeu que tinha sido o Tom Robinson...

O Juiz Taylor, que estava contemplando as suas unhas, levantou os olhos como se estivesse à espera de uma objeção, mas o Atticus não disse nada.

— ...perguntei-lhe se tinha sido ele que lhe tinha batido e ela respondeu que sim. Perguntei-lhe se ele tinha abusado dela e ela respondeu que sim. Por isso, fui até à casa do Robinson e prendi ele. Ela identificou-o como tendo sido ele e eu prendi-o. E foi assim.

— Obrigado — disse o Sr. Gilmer.

— Alguma pergunta, Atticus? — perguntou o Juiz Taylor.

— Sim — respondeu o meu pai. Permaneceu sentado atrás da sua mesa; a cadeira estava um pouco desviada para o lado, tinha as pernas cruzadas e o braço apoiado sobre as costas da cadeira.

— Chamou um médico, Xerife? Alguém chamou um médico? — perguntou o Atticus.

— Não, senhor — respondeu o Sr. Tate.

— Não chamaram um médico?

— Não, senhor — repetiu o Sr. Tate.

— E porque não? — a voz do Atticus subiu de tom.

— Bem, posso lhe dizer por qu'é qu' não chamamos. Não foi necessário, Sr. Finch. Ela tinha apanhado uma sova daquelas. Era óbvio qu'alguma coisa tinh'acontecido.

— Mas não chamou um médico? Enquanto esteve lá, alguém mandou chamar, foi buscar ou a levou a algum médico?

— Não, senhor...

O Juiz Taylor interrompeu.

— Ele já respondeu a esta pergunta três vezes, Atticus. Está claro que ele não chamou um médico.

— Só queria ter a certeza, Meritíssimo — respondeu o Atticus e o juiz sorriu.

A mão do Jem, pousada sobre o varandim do balcão, apertou-o com uma força inaudita. Subitamente, suspendeu a respiração.

Ao olhar para baixo não vi qualquer reação correspondente e me perguntei se o Jem não estaria tentando ser um pouco melodramático.

O Dill e o Reverendo Sykes observavam calmamente.

— O que foi? — sussurrei.

— Ch... Chiu — foi a resposta que tive.

— Xerife — dizia o Atticus —, disse que ela tinha apanhado uma surra daquelas. De que forma?

— Bem...

— Descreva apenas os seus ferimentos, Heck.

— Bem, ela tinha sido espancada na cabeça. Já estava começando a aparecer algumas manchas roxas nos braços e tudo tinha acontecido uns trinta minutos antes...

— Como é que sabe isso?

O Sr. Tate sorriu.

— Desculpe, mas foi o que eles disseram. De qualquer forma ela já estava bastante ferida quando cheguei lá e um dos olhos já começava a ficar preto.

— Qual dos olhos?

O Sr. Tate piscou os olhos e alisou o cabelo com as mãos.

— Ora deixe-me ver aqui... — começou calmamente e olhou para o Atticus como se considerasse a pergunta infantil.

— Não consegue se lembrar? — perguntou o Atticus.

O Sr. Tate apontou para uma pessoa invisível que estava vinte centímetros à sua frente e disse:

— O esquerdo.

— Só um minuto, Xerife — disse o Atticus. — Era o seu olho esquerdo ou o dela?

— Ah, então era o olho direito dela. Era o olho direito dela, Sr. Finch. Agora me lembro, ela estava toda roxa nesse lado da cara...

O Sr. Tate voltou a pestanejar, como se algo tivesse se tornado claro para ele. Então virou a cara e procurou Tom Robinson com o olhar. Como por instinto Tom Robinson levantou a cabeça.

Algo tinha ficado claro também para o Atticus e esse fato fê-lo levantar-se.

— Por favor, Xerife repita o que disse.

— Eu disse que era o seu olho direito.

— Não... — o Atticus foi até à mesa do escrivão e inclinou-se sobre a mão que escrevia furiosamente. A mão parou, virou o bloco de estenografia e o escrivão leu «Sr. Finch. Agora me lembro, ela estava toda roxa nesse lado da

cara».

O Atticus encarou o Sr. Tate.

— Qual foi então o lado, Heck?

— O lado direito, Sr. Finch, mas ela tinha mais equimoses... quer qu'fale delas?

Atticus parecia estar estudando uma outra pergunta, mas pensou melhor e disse:

— Sim, quais eram os outros ferimentos?

Enquanto o Sr. Tate respondia, o Atticus virou-se e trocou olhares com o Tom Robinson como se lhe quisesse dizer que isto era uma coisa pela qual não estavam à espera.

— ...os braços estavam roxos e mostrou-me o pescoço. Havia marcas de dedos na garganta...

— Em volta de toda a garganta? Até à parte de trás do pescoço?

— Diria que estavam em volta de todo o pescoço, Sr. Finch.

— Diria?

— Sim senhor, ela tinha um pescoço pequeno, qualquer pessoa podia apertá-lo com...

— Responda apenas sim ou não, Xerife — disse o Atticus, em tom seco, o Sr. Tate calou-se.

O Atticus sentou-se e acenou afirmativamente ao advogado de acusação, que abanou a cabeça para o juiz, que acenou afirmativamente para o Sr. Tate, que se levantou e saiu do banco das testemunhas.

Por baixo de nós, quase mecanicamente, viraram-se as cabeças, os pés começaram a raspar no chão, os bebês mudaram de posição no ombro das suas mães e algumas crianças começaram a correr para fora da sala do tribunal. Os negros sentados atrás de nós sussurravam entre si; o Dill perguntava ao Reverendo Sykes o que tinha acontecido, mas o Reverendo Sykes respondeu que também não sabia. Até agora tudo tinha sido extremamente enfadonho: ninguém tinha discutido, não havia argumentações acesas entre os advogados, não havia drama; algo que parecia ter desapontado os presentes. No seu contraditório, o Atticus procedia amigavelmente como se estivesse disputando um título. A sua infinita capacidade de acalmar a turbulência dos mares fazia com que um caso de violação parecesse tão árido como qualquer sermão da missa. Já não sentia o terror do uísque vagabundo, nem o cheiro a estábulo daqueles homens sulistas de olhos remelosos e daquela voz assustada que, no meio da noite, perguntava «Dr. Finch? Já foram embora?». O nosso pesadelo tinha desaparecido com o nascer do dia e eu sabia que tudo ia correr bem.

Toda a plateia estava tão descontraída como o Juiz Taylor, exceto o Jem. A

sua boca contorcia-se num meio sorriso, os olhos vageavam com um brilhozinho alegre e não parava de falar sobre a prova de corroboração, o que me deu a certeza de que estava se exibindo.

— ...Robert E. Lee Ewell!

Em resposta à voz sonante do funcionário do tribunal, um homenzinho, que parecia mais um galo de briga do que um homem, se levantou e dirigiu-se ao banco das testemunhas, corado como uma pimenta quando ouviu o seu nome em voz alta. Quando se voltou para prestar juramento vimos que a cara estava tão vermelha como a sua nuca. Também não notamos qualquer semelhança com o seu homônimo. Do alto da sua testa brotava uma oleosa madeixa de cabelo recém lavado; o nariz era fino, afilado e brilhante; mal tinha queixo... mais parecia fazer parte do seu pescoço esguio e enrugado.

— ...assim Deus me ajude — grunhiu.

Em todas as cidadezinhas do tamanho de Maycomb havia famílias como os Ewells. Nenhuma variação econômica conseguia alterar o seu estatuto... pessoas como os Ewells viviam como párias à custa do condado, tanto nos momentos de prosperidade, como nos de depressão. Não havia fiscais escolares que conseguissem manter os seus numerosos rebentos na escola; não havia delegado de saúde que os conseguisse livrar de defeitos congênitos, vários tipos de vermes e doenças que se propagavam naqueles lugares insalubres.

Os Ewells de Maycomb viviam atrás da lixeira municipal, no que um dia tinha sido uma senzala de negros. As paredes de madeira tinham sido reforçadas por chapas de ferro ondulado, o telhado era composto por latas achatadas a martelo, por isso só a própria forma da barraca permitia entender o seu aspecto original: quadrada, com quatro pequenos quartos que davam para um corredor central, a barraca assentava precariamente em quatro pedras calcárias irregulares. As janelas não eram mais do que meros buracos nas paredes, cobertos, durante a época do Verão, com pedaços de tecido gorduroso usado para cobrir queijo e para manter afastadas as moscas que se alimentavam do lixo de Maycomb.

As moscas é que não tinham lá muita sorte, pois todos os dias os Ewells passavam o pente fino na lixeira e os frutos do seu conteúdo (tudo o que não era comestível) faziam com que o pedaço de terra à volta da barraca parecesse mais um parque de diversões de uma criança louca: a cerca era constituída por ramos de árvores, vassouras e bocados de caixas de ferramentas, revestida de cabeças de martelo ferrugentas, ancinhos desdentados, pás, machados e enxadas, tudo amarrado com pedaços de arame farpado. Dentro desta verdadeira barricada havia um quintal sujo com os restos de um Ford Modelo T (assentado em blocos), uma cadeira de dentista, uma geladeira antiga e mais alguns itens: sapatos velhos, telefones antigos, molduras e frascos de compota, no meio dos

quais, umas poucas galinhas cor-de-laranja, magras e esfomeadas, ciscavam esperançosamente à cata de algumas migalhinhas.

Apesar disso havia um recanto naquele quintal que espantava toda a Maycomb. Encostadas na cerca viam-se seis jarras de esmalte lascado que comportavam belos gerânios vermelhos tão bem cuidados que até pareciam pertencer a Srta. Maudie Atkinson, caso ela permitisse que algum gerânio nascesse na sua propriedade. As pessoas diziam que pertenciam a Mayella Ewell.

Ninguém tinha a certeza de quantas crianças viviam lá. Havia quem dissesse seis, outras nove; quando alguém passava por lá surgiam sempre muitos rostos pequeninos imundos à espreita pelas janelas. Ninguém passava pelo local, exceto no Natal, altura em que as igrejas faziam a distribuição das cestas básicas, ou quando o Prefeito de Maycomb nos pedia para ajudar o homem responsável pela recolha do lixo e descartarmos nós mesmos as nossas árvores e o lixo na lixeira.

No último Natal, o Atticus levou-nos com ele para ajudar na recolha. Um caminho de terra ia desde a estrada até a lixeira, passando por um pequeno bairro de negros, aí uns oitocentos metros depois dos Ewells. Só podíamos voltar de marcha-ré até à estrada ou ir até ao fim do caminho e voltar para trás; a maior parte das pessoas preferiam mesmo dar a volta na frente dos quintais das barracas dos negros. Quando escurecia, nos gélidos meses de Dezembro, as suas barracas pareciam bem cuidadas e acolhedoras, rodeadas de uma fumaça azulada que saía das chaminés e as entradas revelavam o brilho âmbar do fogo que crepitava dentro delas. Os cheiros eram deliciosos: galinha e toucinho defumado fritando ao pôr do Sol.

O Jem e eu detectávamos o cheiro de esquilo cozinhado, mas só o Atticus, como velho habitante do campo, conseguia distinguir entre o odor do gambá e o do coelho, aromas que desapareciam mal passávamos pela casa dos Ewells.

A única coisa que fazia com que este homenzinho fosse melhor do que os seus vizinhos era que se o esfregássemos com água muito quente e sabão a sua pele era branca.

— Sr. Robert Ewell? — perguntou Sr. Gilmer.

— S’é meu nome, patrãozinho — respondeu a testemunha.

As costas do Sr. Gilmer retesaram-se um pouco e confesso que senti pena dele. Talvez seja melhor eu explicar uma coisa.

Sempre me disseram que os filhos dos advogados, quando viam os seus pais no tribunal, e no meio do calor da discussão, costumavam ficar com uma ideia errada: pensavam que o advogado da outra parte era um inimigo pessoal dos seus pais, sofriam agonias e depois ficavam surpreendidos por verem os pais saírem de braço dado com o inimigo no primeiro intervalo. Isto não se aplicava a

mim e ao Jem. Não tínhamos ficado traumatizados por ver o nosso pai perder ou ganhar. Sinto muito não poder dramatizar a esse respeito; se o fizesse estaria mentindo. No entanto, conseguíamos perceber quando o debate estava ficando mais pessoal do que profissional, mas este fato vinha mais da observação dos outros advogados e não tanto do nosso pai. Nunca na vida tinha ouvido o Atticus levantar a voz, exceto se estivesse interrogando uma testemunha surda.

O Sr. Gilmer estava fazendo o seu trabalho, tal como o Atticus fazia o seu. Além disso, o Sr. Ewell era testemunha do Sr. Gilmer e, por isso, não podia ser grosseiro.

— O senhor é o pai de Mayella Ewell? — foi a pergunta seguinte.

— Bem, se num sô, então num posso fazê nada, pois a mãnhe dela ’tá morta e enterrada — foi a resposta.

O Juiz Taylor deu sinais de agitação. Virou-se lentamente na cadeira e olhou com bondade para a testemunha.

— O senhor é o pai de Mayella Ewell? — perguntou, num tom que fez com que o riso que tinha despontado lá em baixo esmorecesse subitamente.

— Sim, senho — respondeu o Sr. Ewell docilmente.

O Juiz Taylor continuou com um tom bondoso e paternalista:

— É a primeira vez que está num tribunal? Não me lembro de alguma vez o ter visto aqui.

A testemunha acenou afirmativamente e ele continuou.

— Bem, vamos esclarecer uma coisa. Enquanto eu estiver aqui sentado não vou tolerar nenhuma especulação obscena sobre assunto algum e vinda de quem quer que seja presente neste tribunal.

Compreende o que eu acabei de dizer?

O Sr. Ewell acenou afirmativamente, mas acho que não entendeu.

O Juiz Taylor suspirou, então, e disse:

— Quer prosseguir, Sr. Gilmer?

— Obrigado, meritíssimo. O Sr. Ewell pode contar, com as suas próprias palavras, o que aconteceu na noite de vinte e um de Novembro?

O Jem sorriu e puxou o cabelo para trás. «Com-as-suas-próprias-palavras» era a marca do Sr. Gilmer. Às vezes nos perguntávamos com as palavras de quem é que o Sr. Gilmer tinha medo que a testemunha respondesse.

— A bem dizer, na noite de vint’um de Novembro eu vinha lá dos bosques c’um monte de toras e galhos e quando cheguei na cerca ouvi a minha Mayella gritando com’um porco dentro de casa...

Aqui o Juiz Taylor olhou gravemente para a testemunha, mas deve ter decidido que o seu comentário tinha sido feito sem intenção pois retomou a sua atitude ensonada.

— E a que horas é que isso aconteceu, Sr. Ewell?

— Me'mo antes do solzinho se pôr. Bem, 'tava eu dizendo que a minha Mayella 'tava gritando qu'ate parecia que arrancava Jesus da cruz...

Mais outro olhar silenciou o Sr. Ewell.

— Sim? Ela estava gritando? — perguntou o Sr. Gilmer.

Confuso, o Sr. Ewell olhou para o juiz.

— Bem, a Mayella 'tava armando um chinfrim do diacho pr'isso pousei o fardo e corri o mais qu'podia, mas aí esbarrei na vedação e ó despois quando me desprendi corri p'rá janela e vi... — a cara do Sr. Ewell começou a corar. Levantou-se e apontou o dedo a Tom Robinson. — Vi aquele preto d'uma figa lá montando na 'nha Mayella!

O tribunal do Juiz Taylor era sempre tão sereno que era raro ter de usar o martelo, mas verdade é que teve de bater com ele durante uns bons cinco minutos. O Atticus estava de pé dizendo-lhe qualquer coisa, enquanto o Sr. Heck Tate, como Xerife do condado, estava de pé no meio da sala tentando acalmar a audiência. Atrás de nós, as pessoas de cor soltaram um clamor abafado de fúria.

O Reverendo Sykes inclinou-se sobre mim e o Dill e puxou o cotovelo do Jem.

— Sr. Jem — disse — é melhor levar a Srta. Jean Louise para casa. Sr. Jem, está me ouvindo?

O Jem virou a cabeça.

— Scout vai para casa. Dill, vai p'ra casa com a Scout.

— Como assim *vai?* Vai ter de m'obrigar — disse, lembrando o pronunciamento oficial do Atticus.

Jem lançou-me um olhar furioso e disse ao Reverendo Sykes:

— Acho que não há problema, Reverendo, ela não entende.

Aquilo me ofendeu de morte.

— Claro que entendo. Consigo entender tudo o que 'ocê entende.

— Oh, Cale-se p'rai. Ela não entende, Reverendo, ainda não tem nove anos.

Os olhos pretos do Reverendo Sykes revelavam enorme ansiedade.

— O Dr. Finch sabe que estão aqui? Isto não é bom para a Srta. Jean Louise e também não é bom para os meninos.

O Jem abanou a cabeça.

— Ele não consegue nos ver aqui tão longe. Não tem problema, Reverendo.

Eu já sabia que o Jem iria vencer, pois imaginava que nada o faria arredar pé naquele momento. Por enquanto o Dill e eu estávamos safos: mas se olhasse para cima, o Atticus iria nos ver com certeza.

Enquanto o Juiz Taylor ia batendo com o seu martelo, o Sr. Ewell mostrava-se extremamente satisfeito, sentado na cadeira das testemunhas, observando o seu

trabalho. Com uma simples frase tinha transformado aquele alegre grupo de excursionistas numa multidão tensa e ululante, lentamente hipnotizada pelo bater do martelo que ia diminuindo de intensidade até que o único som que se ouvia no tribunal era um tênue toc-toc-toc: era como se o juiz estivesse batendo na mesa com um lápis.

Conquistado uma vez mais a atenção do seu tribunal, o Juiz Taylor recostou-se na cadeira. Parecia subitamente cansado; a idade pesava e pensei no que Atticus me tinha dito... ele e a Sra. Taylor não se beijavam muito... devia andar na casa dos setenta.

— Deu entrada um requerimento no sentido de que — disse o Juiz Taylor — este tribunal fosse evacuado ou pelo menos que saíssem todas as mulheres e crianças, pedido esse que desde já será indeferido. Geralmente as pessoas só veem e ouvem o que querem ver e ouvir, e têm o direito de sujeitar os seus filhos a isso, mas uma coisa vos asseguro: vão ter o que vieram à procura e vão ter de ouvir em silêncio ou então terão de abandonar este tribunal, mas não sem que cada um de vocês se apresente perante mim, acusado de desrespeito para com o tribunal. Sr. Ewell, o senhor vai continuar a depor usando, se possível, uma linguagem cristã... Pode continuar, Sr. Gilmer.

O Sr. Ewell lembrava-me um surdo-mudo. Tenho a certeza que não chegou a ouvir as palavras que o Juiz Taylor lhe dirigiu... a sua boca lutava contra elas em silêncio... mas a sua importância estava bem presente no seu rosto. O ar satisfeito tinha desaparecido, substituído por um olhar de obediência canina que não enganava o Juiz Taylor: os olhos do juiz estavam presos nele, como se à espera de um passo em falso.

O Sr. Gilmer e o Atticus trocaram olhares. Atticus estava novamente sentado, apoiando o rosto no seu punho. Não lhe conseguíamos ver a cara. O Sr. Gilmer parecia desesperado. Uma pergunta feita pelo Juiz Taylor fê-lo relaxar.

— Sr. Ewell, o senhor viu o arguido ter relações sexuais com a sua filha?

— Vi sim, senho.

Os espectadores estavam silenciosos, mas reparei que o réu tinha dito algo. Atticus sussurrou-lhe e o Tom Robinson ficou em silêncio.

— Disse que estava na janela? — perguntou o Sr. Gilmer.

— Sim, senho.

— A que distância fica do chão?

— P’rai cerca d’um metro.

— E tinha uma visão clara do quarto?

— Sim, senho.

— Como é que estava o quarto?

— Bem, ’tava tudo às avessas como se tivesse havido uma luta.

— O que fez quando viu o arguido?

— Bem, dei a volta na casa correndo p'rã entrar, mas ele fugiu p'la porta da frente antes d'eu chegar. Mas eu bem vi quem ele era.

'Tava pr'ocupado demais com Mayella p'ra ir atrás dele. Entrei em casa e prontos ela 'tava deitada no chão guinchando...

— O que fez a seguir?

— Despois corri o mais que pude pra buscar o Tate. Eu sabia quem era, e que vivia lá naquele ninho de pretos qu' tod'os dias passavam lá por casa. Ó juiz, há quinze anos que peço a este condado p'ra limpar aquele ninho, qu'inté é perigoso viver ao lado deles e p'ra'lem disso desvaloriza a minha propriedade...

— Obrigado, Sr. Ewell — disse o Sr. Gilmer apressadamente.

A testemunha desceu apressadamente o banco das testemunhas, esbarrando no Atticus que tinha se levantado para o interrogar. O Juiz Taylor permitiu que a assistência risse.

— Só um minuto, senhor — disse educadamente o Atticus. — Posso fazer-lhe uma ou duas perguntas?

O Sr. Ewell recuou até ao banco das testemunhas, instalou-se e olhou Atticus com suspeita, uma expressão aliás comum em Maycomb sempre que uma testemunha é confrontada pelo advogado contrário.

— Sr. Ewell — começou o Atticus — muito se correu naquela noite. Ora vejamos, diz que correu para casa, correu para a janela, correu para dentro, correu para a Mayella, correu para o Sr. Tate. Durante esta correria toda, não correu para chamar um médico?

— Num havia necessidade. Eu vi o qu'aconteceu.

— Mas há uma coisa que não entendo — insistiu o Atticus. — Não estava preocupado com o estado de saúde de Mayella?

— Claro qu'estava — respondeu Sr. Ewell. — Eu 'té vi quem o fez.

— Não, o que eu queria dizer era o seu estado de saúde física. Não pensou que os seus ferimentos exigiam atenção médica imediata?

— O quê?

— Não achou que ela precisava de um médico imediatamente?

A testemunha disse que nunca tinha pensado nisso, que nunca na vida tinha chamado um médico e se o tivesse feito lhe teria custado cinco dólares.

— 'Tão, já perguntô tudo? — perguntou.

— Não é por isso — disse o Atticus, de forma casual. — Sr. Ewell, ouviu o testemunho do xerife, não é verdade?

— Quê?

— Estava aqui no tribunal quando o Sr. Heck Tate se sentou aí, não estava? Ouviu o que ele disse, não ouviu?

O Sr. Ewell considerou cuidadosamente a questão e pareceu achar que era seguro responder.

— Sim — disse ele.

— Concorda com a descrição dos ferimentos de Mayella?

— Quê?

O Atticus olhou para o Sr. Gilmer e sorriu. O Sr. Ewell parecia determinado em não prestar atenção à defesa.

— O Sr. Tate testemunhou que o olho direito de Mayella estava negro e que tinha sido agredida na zona da...

— É isso tudo — disse a testemunha. — Mantenho tudo que o Tate disse.

— Você sabe? — perguntou Atticus. — Só quero ter a certeza.

Dirigiu-se ao escrivão, disse-lhe algo e o escrivão entreteve-nos por alguns minutos lendo o testemunho do Sr. Tate como se fossem cotações da bolsa: «...qual dos olhos; Ora, então seria o olho direito dela. Era o olho direito dela, Sr. Finch. Já me lembro, ela estava toda roxa nesse lado da cara». Virou a página. «Ela estava toda roxa nesse lado da cara; Por favor, Xerife repita o que disse. Eu disse que era o seu olho direito».

— Obrigado Bert — agradeceu o Atticus. — Ouviu novamente, Sr. Ewell. Tem alguma coisa a acrescentar? Concorda com o Xerife?

— Acho qu'o qu'o Tate disse está certo. Ela tinha o olho roxo e tinha levado uma coça.

Aquele homenzinho parecia ter esquecido a humilhação que tinha sofrido há pouco. Estava se tornando claro que achava que o Atticus era um adversário fácil. E parecia estar novamente confiante; o peito estava inchado e já parecia um frangote encrespado. Pensei que iria arrebentar dentro da camisa com a pergunta que o Atticus lhe colocou a seguir.

— Sr. Ewell, o senhor sabe ler e escrever?

O Sr. Gilmer interrompeu.

— Objeção — disse. — Não entendo o que é que a escolaridade da testemunha tem a ver com este caso. É irrelevante e imaterial.

O Juiz Taylor ia dizer qualquer coisa quando o Atticus explicou:

— Meritíssimo, se permitir esta pergunta e mais outra vai compreender rapidamente.

— Muito bem, veremos — disse o Juiz Taylor —, mas esperemos que esteja certo. Objeção indeferida.

O Sr. Gilmer pareceu estar tão curioso como todos nós para ver o que é que a escolaridade do Sr. Ewell tinha a ver com o caso.

— Vou repetir a pergunta — disse o Atticus. — Sabe ler e escrever?

— Claro que sei.

— Pode escrever o seu nome e nos mostrar?

— Claro que posso. Como é qu'acha qu'assino os meus cheques da segurança social?

O Sr. Ewell estava começando a se tornar cativante para com os seus vizinhos e concidadãos. Os sussurros e a galhofa que ouvíamos vindos de baixo tinham provavelmente a ver com o tipo estranho que ele era.

Eu já estava ficando nervosa. O Atticus parecia saber o que estava fazendo... mas pra mim parecia que estava dando um tiro no escuro. Nunca, nunca, mas mesmo nunca durante o contrainterrogatório devemos fazer uma pergunta à testemunha que já não saibamos de antemão qual vai ser a resposta. E esta era uma máxima que tinha absorvido desde que usava fraldas e tomava mamadeira.

Porque se o fizermos podemos correr o risco de receber uma resposta que não queremos, uma resposta que pode nos fazer perder o caso.

O Atticus meteu a mão no bolso do casaco. Tirou um envelope e, levando a mão ao colete, tirou a sua caneta de tinta permanente.

Movia-se lentamente, até que se virou para poder ver todo o júri.

Desenroscou a tampa da caneta de tinta permanente e colocou-a delicadamente sobre a sua mesa. balançou-a um pouco e entregou-a juntamente com o envelope pra testemunha.

— Pode escrever o seu nome para nós? — perguntou — Calmamente para que o júri o possa vê-lo fazer.

O Sr. Ewell escreveu na parte de trás do envelope e, quando levantou os olhos de forma complacente, reparou que o Juiz Taylor olhava para ele como se fosse uma gardênia totalmente aberta e perfumada no banco das testemunhas e ainda que o Sr. Gilmer estava meio de pé, meio sentado, debruçado sobre a sua mesa. O júri o observava, e um dos seus membros estava inclinado para a frente, apoiando-se no varão.

— Nunca viram é? — perguntou ele.

— O senhor é canhoto, Sr. Ewell — disse o Juiz Taylor.

Enfurecido, o Sr. Ewell virou-se para o juiz e disse que não via o que é que o fato de ser canhoto tinha a ver com o assunto, que ele era um homem temente a Deus e que o Atticus Finch estava se aproveitando dele. Os advogados traiçoeiros como o Atticus Finch passavam a vida se aproveitando dele com as suas maneiras traiçoeiras.

Ele já tinha contado o que tinha acontecido, e voltaria a dizer uma vez e outra... e ponto final. Que nada do que o Atticus lhe perguntaria a seguir conseguiria abalar a sua história, que ele tinha olhado pela janela, sim senhor, e que correra com o preto dali para fora e que depois correra para ir buscar o xerife. Por fim, Atticus o dispensou.

O Sr. Gilmer fez-lhe mais uma pergunta.

— A propósito de escrever com a mão esquerda, o senhor é ambidestro, Sr. Ewell?

— Claro que não. Não consigo usar tão bem uma mão com'a outra. Uma mão tão bem com'a outra — acrescentou, olhando para a mesa da defesa.

O Jem parecia estar tendo um ataque silencioso. Batia nervosa e levemente no varandim do balcão e sussurrou:

— Pegamos ele.

Eu não pensava assim: parecia que o Atticus estava tentando mostrar que o Sr. Ewell podia ter batido em Mayella. Isso eu consegui perceber. Se o seu olho direito estava negro e ela tinha sido agredida principalmente do lado direito da cara, então poderia bem demonstrar que tinha sido uma pessoa canhota que tinha lhe batido. Sherlock Holmes e Jem Finch iriam concordar certamente. Mas Tom Robinson podia ser igualmente canhoto. Tal como o Sr. Heck Tate, imaginei uma pessoa à minha frente, percorri toda a cena rapidamente e concluí que ele poderia tê-la segurado com a mão direita e batido com a esquerda. Olhei para ele. Estava virado de costas para nós, mas conseguia ver os seus ombros largos e pescoço grosso. Sim, podia tê-lo feito com facilidade. Achei que o Jem estava contando com o ovo dentro da galinha.

XVIII

MAS EIS QUE ALGUÉM gritava de novo.

— Mayella Violet Ewell...

Uma mocinha dirigiu-se para o banco das testemunhas.

Quando levantou a mão e jurou que o testemunho que iria prestar seria verdade, toda verdade, nada mais que verdade e que Deus a ajudasse, pareceu ter um aspecto frágil, mas quando se sentou no banco das testemunhas, virada para nós, transformou-se naquilo que realmente era, isto é, uma moça entroncada habituada a trabalhos pesados.

Em Maycomb era fácil perceber quando alguém tomava banho regularmente ou uma vez por ano: o Sr. Ewell tinha um ar literalmente escaldado; como se uma boa ensaboadela o tivesse privado das várias camadas de lixo que lhe protegiam a pele, deixando-a agora extremamente sensível aos elementos. Pelo contrário, a Mayella parecia esforçar-se por estar limpa e me lembrei, então, da fila de gerânios vermelhos que havia no quintal dos Ewells.

O Sr. Gilmer pediu a Mayella para contar, com as suas próprias palavras, o que tinha acontecido na noite de vinte e um de Novembro, com as suas próprias palavras, por favor.

Mayella sentou-se em silêncio.

— Onde estava naquele fim de tarde? — começou o Sr. Gilmer pacientemente.

— No alpendre.

— Qual deles?

— Só há um, o da frente.

— E o que estava fazendo no alpendre?

— Nada.

— Conte apenas aquilo que aconteceu. É capaz, não é? — perguntou o Juiz Taylor.

Mayella olhou para ele e desatou a chorar. Cobriu a boca com as mãos e começou aos soluços. O Juiz Taylor deixou-a chorar durante um tempo e depois disse:

— Pronto, já chega. Desde que diga verdade não há motivos para ter medo destas pessoas. Eu sei que tudo isto é estranho para você, mas não precisa de ter vergonha nem medo. De que é que tem medo?

Mayella disse algo por entre as mãos.

— O que disse? — perguntou o juiz.

— Dele — choramingou, apontando para o Atticus.

— Do Sr. Finch?

Ela assentiu vigorosamente, dizendo:

— Eu num quero qu'ele me trate c'umo tratou o pai, tentando fazer ele passar pro canhoto...

O Juiz Taylor coçou o seu espesso cabelo branco. Era óbvio que nunca tinha se deparado com um problema daquele tipo.

— Quantos anos tem? — perguntou.

— Dezenove e meio — respondeu Mayella.

O Juiz Taylor pigarreou e tentou, sem grande êxito, falar de forma a acalmá-la.

— O Sr. Finch não quer assustar você — resmungou —, e mesmo que ele queira, eu estou aqui para o impedir. É essa uma das razões por que estou aqui sentado. E a menina já é uma moça crescida, por isso sente-se direita e diga-me... diga-nos o que lhe aconteceu. É capaz disso, não é?

Sussurrei para o Jem:

— Será que ela bate bem da bola?

O Jem olhava fixamente para o banco das testemunhas.

— Olha, não sei — disse ele. — Ela tem inteligência suficiente para fazer com que o juiz tenha pena dela, mas pode ser apenas... Oh, sei lá.

Mais calma, Mayella lançou um olhar apavorado para o Atticus e respondeu ao Sr. Gilmer.

— Bem, eu 'tava lá no alpendre... e depois ele chegou e, sabe, havia um roupeiro velho no pátio que o pai trouxe p'ra fazer lenha... o pai disse p'ra eu o cortar enquanto ele ia pro bosque, mas como me sentia um bocado fraca e ele apareceu...

— Quem é esse «ele»?

Mayella apontou para o Tom Robinson.

— Tenho de lhe pedir para ser mais específica — disse o Sr. Gilmer.

— O escrivão não consegue transcrever muito bem os gestos.

— Aquele lá — disse ela. — O Robinson.

— E depois o que aconteceu?

— Bem, eu depois lhe disse, vem aqui preto e corta este roupeiro p'ra mim, qu'eu depois tenh'uma moeda p'ra ti. Aquilo era canja p'ra ele, ó se era. 'Tão vai daí ele entrou no pátio e eu entrei em casa p'ra buscar a moeda e me virei e antes de pegar ela ele já 'tava em cima de mim. Acho qu' veio 'trás de mim, foi o qu' foi. Despois, agarrou-me p'lo pescoço, disse muntas asneiras... e eu lutei e

gritei, mas ele me prendeu p'lo pescoço. E despois bateu-me uma vez e mais outra...

O Sr. Gilmer esperou que Mayella se recompusesse: ela aproveitou para torcer um lenço que trazia até se tornar numa corda encharcada em suor; quando voltou a abrir para limpar a cara, o lenço já era um monte de rugas nascidas das suas mãos quentes.

Depois, aguardou que o Sr. Gilmer fizesse outra pergunta, mas como ele não perguntava nada, disse:

— ...me 'tirou pr'o chão e me 'pretou e abusou d'mim.

— Gritou? — perguntou o Sr. Gilmer. — Gritou e tentou se defender?

— Acho qu' sim, gritei o mais qu' podia, bem, dei pontapés e gritei o mais qu' podia.

— E o que aconteceu depois?

— Num m'lembro munto bem, mas a seguir só m'lembro do pai 'tar no quarto em cima de mim a berrar quem me tinha feit' aquilo, quem me tinha feit'aquilo? Despois acho que desmaiei e só m'lembro do Sr. Tate me levantar do chão e me levar 'té ao balde d'agua.

Parecia que o recital de Mayella lhe tinha dado confiança, só que ela não era feita da mesma cepa do pai: tinha um olhar furtivo, tal como um gato observa a sua presa, olhos fixos no alvo, abanando a cauda.

— Disse que o tinha afastado com toda a força que tinha? Lutou com garras e dentes, foi? — perguntou o Sr. Gilmer.

— Claro que sim — Mayella respondeu como o seu pai.

— Tem a certeza que ele abusou totalmente de você?

O rosto de Mayella se contorceu outra vez e tive medo que ela voltasse a chorar. Em vez disso, disse:

— Ele fez aquilo qu' queria e tudo mais.

O Sr. Gilmer fez notar o dia quente que estava, ao limpar a cara com a mão.

— Por enquanto é tudo — disse, com amabilidade — mas não saia daí. Penso que o Sr. Finch, mau como é, lhe quer fazer umas perguntinhas.

— O Estado não deve influenciar a testemunha contra o advogado de defesa — murmurou o Juiz Taylor —, pelo menos, não neste momento.

O Atticus se levantou sorrindo, mas em vez de se dirigir ao banco das testemunhas, abriu o casaco, enfiou o polegar dentro do colete e começou a se dirigir calmamente até à janela. Olhou lá para fora, não parecendo estar especialmente interessado no que via, virou-se e encaminhou-se para o banco das testemunhas. Devido aos longos anos de experiência, percebi logo que estava tentando tomar uma decisão.

— Srta. Mayella — disse, sorrindo — longe de mim tentar assustá-la, pelo

menos por agora. Vamos nos conhecer um pouco melhor, está bem? Que idade tem?

— Já disse qu' tinha dezenove, disse ali p'ro juiz lá — Mayella parecia ressentida.

— Sim disse, tem toda a razão, menina. Só que vai ter de ter paciência comigo, Srta. Mayella. Já estou ficando velho e não me lembro das coisas tão bem como era costume. Possivelmente até vou perguntar coisas às quais já respondeu, mas vai me responder, não vai? Muito bem.

Não vi nada na expressão de Mayella que comprovasse a afirmação do Atticus quanto ao fato de ela estar disposta a colaborar.

Ela o olhava furiosa.

— Num vou responder nada se continuar a gozar c'migo — disse ela.

— Desculpe? — perguntou Atticus assustado.

— Se continuar a f'zer troça d'mim, ponto final.

O Juiz Taylor disse:

— Sr. Finch não está fazendo troça de ti. Mas o que é que lhe deu?

Mayella encarou o Atticus com os olhos semicerrados, mas disse ao juiz, cabisbaixa:

— S' ele continuar a me chamar m'nina Srta. Mayella. Num tenho d'aturar estas coisas, num sou 'brigada a isso.

O Atticus continuou o seu passeio até à janela e deixou que fosse o Juiz Taylor a resolver esta questão. O Juiz Taylor não era o tipo de pessoa que evocasse piedade, mas senti alguma coisa enquanto ele tentava explicar.

— É apenas a maneira de ser do Sr. Finch — explicou à Mayella.

— Há anos que tratamos de casos neste tribunal e o Sr. Finch foi sempre cortês com todas as pessoas. Ele não estava tentando fazer pouco de ti, só estava tentando ser educado. É apenas a sua maneira de ser.

Posto isto, o juiz recostou-se na cadeira.

— Atticus, vamos prosseguir e que conste no processo que a testemunha não foi insultada, muito pelo contrário.

Imaginei se alguma vez na vida ela teria sido tratada por «menina» ou «Srta. Mayella». Provavelmente não, pois verdade é que ela se tinha sentido insultada por uma cortesia de rotina. Como é que seria a sua vida? Muito em breve iria descobrir.

— Disse que tinha dezenove anos — retomou o Atticus. — Quantos irmãos e irmãs tem?

Ele voltou da janela para junto do banco.

— Set' — respondeu e perguntei-me se todos eles seriam como aquela criatura que eu tinha conhecido no meu primeiro dia de aulas.

— É a primogênita? A irmã mais velha?
— Sim.
— Há quanto tempo morreu a sua mãe?
— Num sei... há munto.
— Alguma vez foi à escola?
— Sei ler e escrever tão bem cumu o pai além.

Mayella parecia o Sr. Jingle[11] de um livro que eu estava lendo.

— Quanto tempo frequentou a escola?
— Dois anos... três anos... olhe, num sê.

Lentamente comecei a identificar um mesmo padrão nas perguntas do Atticus: partindo das perguntas que o Sr. Gilmer acharia irrelevantes ou pouco importantes, o Atticus estava calmamente a construir uma imagem da vida familiar dos Ewells para o júri. O júri ficava então sabendo que: os cheques da segurança social mal davam para alimentar todas aquelas bocas e havia fortes suspeitas de que o pai esbanjava aquele dinheiro até à última gota... às vezes se metia no pântano durante dias e voltava para casa doente; não fazia demasiado frio a ponto de usar sapatos, mas quando o frio apertava então podiam fazer uns sapatos bem formosos com tiras de pneus velhos; a família tirava água aos baldes de um riacho que corria num dos extremos da lixeira... limpavam a área circundante de todo o lixo existente... e era cada um por si no que respeitava à higiene pessoal: quem quisesse se lavar tinha de ir buscar a respectiva água; as crianças estavam sempre constipadas e viviam constantemente infestadas com urticária e outras perebas; havia uma senhora que ia lá de vez em quando e perguntava a Mayella por que é que ela não estava na escola... e ela escrevia-lhe a resposta; com dois membros da família sabendo ler e escrever não havia necessidade de os outros aprenderem... e o pai bem que precisava deles em casa.

— Srta. Mayella — disse o Atticus — uma moça de dezenove anos deve ter amigos. Quem são eles?

— Amigos? — a testemunha franziu a sobrancelha, parecendo confusa.

— Sim, não conhece ninguém da sua idade ou talvez mais velho, ou até mais novo? Rapazes e moças? Apenas amigos?

A hostilidade de Mayella, que até agora se tinha mantido neutra, veio novamente à tona.

— ’Tá outra vez a g’zar comigo, num é, Sr. Finch?

O Atticus deixou que a pergunta dela respondesse à dele.

— Ama o seu pai, Srta. Mayella? — foi a sua pergunta seguinte.
— Amá-lo, qu’quer dizer pr’eu com isso?
— Quero dizer se ele é bom para ti, se é de trato fácil?
— A gente se ag’enta, só quando...

— Só quando?

Mayella olhou para o pai que estava bem recostado no seu lugar, cadeira reclinada contra o varão. Depois, se sentou muito direito e esperou pela resposta dela.

— Quando nada — disse Mayella. — Disse que s'ag'entava.

O Sr. Ewell voltou a recostar-se.

— Exceto quando bebe? — perguntou o Atticus de uma forma tão gentil que a Mayella assentiu, de imediato.

— Ele a maltrata?

— Qu'quer dizer?

— Quando está... zangado, alguma vez lhe bateu?

Mayella olhou em volta, para o escrivão e para o juiz.

— Responda à pergunta, Srta. Mayella — disse o Juiz Taylor.

— O meu pá' nunca tocou n'm cabelo da minha cabeça — declarou com firmeza. — Nunca tocou em mim, ouviu.

Os óculos do Atticus tinham escorregado ligeiramente e ele empurrou-os novamente para o nariz.

— Confesso que foi uma boa conversa, Srta. Mayella, mas acho que é melhor passarmos diretamente ao assunto. Disse que pediu ao Tom Robinson para cortar um... o que é que era?

— Um roupeiro, uma cômoda velha cheia de gavetas num lado.

— E conhecia bem o Tom Robinson?

— Qu'e qu'quer dizer eu' isso?

— Quero dizer se sabia quem era, onde vivia?

Mayella acenou que sim com a cabeça.

— Eu sabia quem el'era, pois passava p'la minha casa todos'dias.

— Esta foi a primeira vez que lhe pediu para entrar?

Mayella sobressaltou-se ligeiramente ao ouvir a pergunta.

O Atticus continuava a sua lenta peregrinação até à janela, tal como desde o início: fazia uma pergunta e depois ficava olhando pela janela à espera da resposta. Certamente não viu o seu sobressalto involuntário, mas me pareceu ter se apercebido do seu movimento. Virou-se e ergueu as sobrancelhas.

— Foi... — começou a repetir a pergunta.

— Sim, foi.

— Nunca lhe tinha dito para entrar antes disso?

Agora ela já estava preparada.

— Num, num fiz nada disso.

— Esse «não» não é suficiente — disse o Atticus, com serenidade. — Nunca lhe tinha pedido para fazer outros trabalhinhos?

— Talvez — respondeu Mayella. — Havia muitos pretos ali à volta.

— Recorda alguma outra ocasião?

— Num.

— Muito bem, agora vamos ao que aconteceu. Afirmou que quando se virou o Tom Robinson estava atrás de ti no quarto, correto?

— Sim.

— Disse que ele «me agarrou pelo pescoço, disse muitas asneiras»... correto?

— Correto.

Subitamente a memória do Atticus estava ficando mais precisa.

— E disse «me atirou pr'ochão e me apertou e abusou de mim»... correto?

— Foi o qu'eu disse.

— Recorda-se de ele lhe ter batido na cara?

A testemunha hesitou.

— Parece ter a certeza que ele a apertou. Durante todo aquele tempo estava lutando com ele, está recordada? Disse «dei pontapés e gritei o mais que podia». Recorda-se de ele lhe ter batido na cara?

Mayella estava em silêncio. Parecia estar tentando esclarecer algo para si mesma. Por um momento pensei que estava imitando o Sr. Heck Tate e aquele seu truque de fingir que havia alguém na sua frente. Ela olhou para o Sr. Gilmer.

— É uma pergunta fácil, Srta. Mayella, por isso vou fazê-la novamente. Recorda-se de ele lhe ter batido na cara?

A voz do Atticus tinha perdido a sua brandura; falava agora na sua voz profissional, árida e distante.

— Recorda-se de ele lhe ter batido na cara?

— Num, num me lembro s'ele me bateu. Bem, quer dizer, sim, ele me bateu.

— A resposta foi a sua última frase?

— Hã? Sim, ele bateu... eu só num m' lembro, só num m' lembro... aconteceu tudo tão depressa.

O Juiz Taylor olhava Mayella com severidade.

— Não chore, menina — começou, mas o Atticus interrompeu:

— Deixe-a chorar se ela quiser, meritíssimo. Temos todo o tempo do mundo.

Mayella fungou furiosamente e encarou o Atticus.

— Diga lá, respondo a qualquer pergunta qu' tiver... me pôs aqui p'ra me gozar, num foi? Respondo a qualquer pergunta qu' tiver...

— Ótimo — disse o Atticus — Só tenho mais algumas. Srta. Mayella, eu não quero ser chato, mas afirmou que o réu lhe bateu, a agarrou pelo pescoço e abusou de ti. Só quero ter a certeza de que escolheu o homem certo. Pode identificar o homem que a violou?

— Posso, é 'quele lá.

O Atticus virou-se para o réu.

— Levante-se, Tom. Deixe que a Srta. Mayella olhe bem para si... É este o homem, Srta. Mayella?

Os ombros poderosos do Tom Robinson sobressaíam por baixo de uma camisa fina. Levantou-se e manteve a mão direita apoiada nas costas da cadeira. Parecia estranhamente desequilibrado, mas não era por estar de pé. O braço esquerdo era mais curto do que o direito aí uns bons trinta centímetros e pendia inerte ao lado do corpo.

O braço terminava numa mãozinha encarquilhada e desfigurada e lá de cima, do meu lugar, via claramente que estava inutilizada.

— Scout — sussurrou o Jem. — Scout, olha! Reverendo, ele é aleijado!

O Reverendo Sykes se debruçou sobre mim e sussurrou para o Jem:

— Ficou com o braço preso numa descaroçadeira de algodão, ficou com ele preso na máquina do Sr. Dolphus Raymond quando era ainda um rapaz... esvair-se quase até à morte... lhe esmagou todos os músculos até aos ossos...

O Atticus disse:

— Foi este o homem que a violou?

— Claro que foi.

A pergunta seguinte do Atticus tinha apenas uma palavra.

— Como?

Mayella estava furiosa.

— Num sei como ele fez, mas que fez, fez... e já disse que foi tão depressa qu'eu...

— Vamos considerar o assunto calmamente... — começou o Atticus, mas o Sr. Gilmer interrompeu-o logo com uma objeção: não era irrelevante, nem desprovido de interesse, mas o Atticus estava intimidando a testemunha.

O Juiz Taylor soltou uma sonora gargalhada.

— Oh, sente-se Horace. Ele não está fazendo nada disso. Se formos por aí a testemunha é que está intimidando o Atticus.

O Juiz Taylor foi a única pessoa dentro do tribunal que riu.

Até os bebês estavam quietos, mas perguntei-me subitamente se não estariam sossegados por estarem no peito.

— Vamos ver — disse o Atticus. — a Srta. Mayella testemunhou que o réu lhe tinha apertado o pescoço e lhe tinha batido... não disse que ele a surpreendeu por trás e lhe deu uma pancada e a fez perder os sentidos, mas sim que se virou e ali estava ele... — O Atticus estava novamente atrás da sua mesa e enfatizava cada palavra com o bater dos nós dos dedos na mesa.

— ...deseja rever o seu testemunho?

— Você quer qu'eu diga uma coisa qu' num aconteceu, é?

— Não, menina. Quero que diga o que aconteceu. Conte-nos novamente. O que aconteceu?

— Já lh'disse o qu'aconteceu, homem.

— Disse que se virou e ele estava ali na sua frente. Foi nessa altura que ele lhe apertou o pescoço?

— Sim.

— E depois libertou o pescoço e lhe bateu?

— Já disse que sim.

— Ele deixou seu olho esquerdo roxo com o punho direito?

— Eu me abaixei e... resvalou, foi isso qu'ele fez. Me abaixei e resvalou. — Mayella parecia ter visto finalmente a luz.

— Parece que, subitamente, este ponto está se tornando claro para ti. Há pouco não se lembrava muito bem, né?

— Eu disse qu' ele me bateu.

— Muito bem. Ele lhe apertou o pescoço, lhe bateu e violentou-a, certo?

— Claro que sim.

— É uma moça forte. O que fez durante todo esse tempo? Limitou-se a assistir?

— Já lh'a disse, gritei e des'pois dei pontapés e des'pois gritei...

O Atticus tirou os óculos, encarou a testemunha com o seu olho direito, o olho bom, e disparou uma chuva de perguntas. O Juiz Taylor disse:

— Uma pergunta de cada vez, Atticus. Dê à testemunha a possibilidade de responder.

— Muito bem, por que é que não fugiu?

— Eu tentei...

— Tentou? O que é que a impediu?

— Eu... ele me atirou p'ro chão. Foi o que fez, me atirou p'ro chão e subiu em cima de mim.

— E gritou durante todo esse tempo?

— Claro que sim.

— Então por que é que as outras crianças não ouviram? Onde estavam? Na lixeira?

Não houve resposta.

— Onde estavam?

— Por que é que elas não vieram correndo com os seus gritos?

A lixeira fica mais perto do que o bosque, não fica?

Não houve resposta.

— Ou será que só gritou quando viu o seu pai na janela? Não se lembra de ter gritado até essa altura, não foi?

Não houve resposta.

— Gritou primeiro para o seu pai e não para o Tom Robinson?

Foi isso, não foi?

Não houve resposta.

— Quem é que lhe bateu? O Tom Robinson ou o seu pai?

Não houve resposta.

— O que é que o seu pai viu da janela, o crime de estupro ou o seu álibi perfeito? Por que é que não diz a verdade, criança, foi Bob Ewell que lhe bateu, não foi?

Quando o Atticus se afastou de Mayella parecia estar cheio de dores de estômago, mas o rosto de Mayella era um misto de terror e fúria. O Atticus sentou-se cansado e começou a limpar os óculos com o lenço.

Subitamente Mayella ganhou vida.

— Tenho uma coisa p'ra dizer — começou ela. O Atticus levantou a cabeça.

— Quer então nos contar o que aconteceu?

Só que ela não percebeu o tom de compaixão contido no seu convite.

— Tenh'uma coisa p'ra dizer e depois num digo mai' nada.

'Quele preto lá abusou d'mim e se vocês que estão p'rai armados como s'nhores muito finos num querem fazer nada sobr'isso, então são todos uns covarde, vocês todos são uns gande covardes. P'ra mim esses ares emproados d'ocês num serve p'ra nada... essa coisa de «m'nina» e «Srta. Mayella» num serve p'ra nada, Sr. Finch...

Foi então que ela rompeu num choro convulsivo. Os seus ombros eram sacudidos por soluços furiosos. E, a seguir, fez exatamente o que ameaçara. Não respondeu a mais nenhuma pergunta, mesmo quando Sr. Gilmer tentou dar a volta no assunto. Acho que se ela não fosse tão pobre e ignorante o Juiz Taylor tinha mandado prendê-la por desrespeito ao tribunal. De alguma forma, o Atticus tinha-a atingido duramente de um modo que eu não conseguia compreender, embora isso não lhe trouxesse qualquer prazer. Por isso sentou-se, com a cabeça descaída para a frente, e eu confesso que nunca tinha visto ninguém olhar de forma tão odiosa para alguém como aquele olhar que a Mayella lançou para o Atticus quando abandonou o banco e passou pela sua mesa.

Quando o Sr. Gilmer disse ao Juiz Taylor que a acusação suspendia os trabalhos e não tinha mais testemunhas a apresentar perante o tribunal, o juiz disse:

— Está na hora de todos fazermos o mesmo. A audiência está suspensa por dez minutos.

O Atticus e o Sr. Gilmer se encontraram no meio da sala de audiências, frente à mesa do juiz, trocaram algumas impressões em voz baixa e depois saíram da

sala pela porta que ficava atrás do banco das testemunhas. Era sinal que nós podíamos nos esticar um pouco. Descobri que tinha ficado sentada numa das pontas do banco liso e estava meio dormente. O Jem se levantou e bocejou.

O Dill imitou-o e o Reverendo Sykes limpou o rosto com o chapéu. Afirmou que a temperatura deveria rondar os trinta e cinco graus.

O Sr. Braxton Underwood, que tinha estado sentado calmamente numa cadeira reservada à imprensa, absorvendo os testemunhos com a esponja que era o seu cérebro, lá deixou que os seus olhos de escárnio e maldizer percorressem o balcão dos negros, até que os nossos olhares se cruzaram. Soltou uma expressão de reprovação e desviou o olhar.

— Jem — disse eu. — o Sr. Underwood nos viu.

— Não faz mal. Descansa que ele não vai contar nada ao Atticus, vai apenas falar disso na coluna social do *Tribune*. — O Jem começou a explicar os pontos altos do julgamento ao Dill, se bem que para mim fosse difícil formular uma opinião. Não tinha havido grande argumentação entre o Atticus e o Sr. Gilmer; o Sr. Gilmer parecia estar desempenhando o seu papel com alguma relutância; as testemunhas estavam sendo literalmente conduzidas atrás de uma cenoura como os burros e com poucas objeções de ambas as partes. Mas o Atticus nos tinha dito uma vez que no tribunal do Juiz Taylor os advogados que conjecturavam demais sobre as provas acabavam sendo alvo de fortes reprimendas por parte do juiz. Tinha também nos explicado que, muito embora o Juiz Taylor parecesse algo preguiçoso e sonolento, era um homem reservado e dificilmente influenciável, e isso era a verdadeira prova dos nove. O Atticus disse que era um bom juiz.

Foi nessa altura que o Juiz Taylor regressou e subiu para a sua cadeira rotativa. Tirou um charuto do bolso do colete e examinou-o cuidadosamente. Dei uma cotovelada no Dill. Depois de passar pela inspeção do juiz, o charuto sofreu uma dentada violenta.

— Às vezes viemos aqui só para o ver fazer aquilo — expliquei.

— Aquilo vai lhe ocupar o resto da tarde. Repara.

Ignorando que estava sendo alvo da nossa atenção, o Juiz Taylor livrou-se da ponta cortada, metendo-a com perícia por entre os lábios, ao que se seguiu um sonoro «Ptiu». Acertou em cheio no escarrador de tal maneira que pudemos ouvir o barulho.

— Que pontaria — murmurou Dill.

Regra geral, o intervalo significava que todos saíam dos seus lugares, mas hoje ninguém se mexia. Até os Ociosos, que entretanto não tinham conseguido que os homens mais novos lhes cedessem o lugar, mantinham-se religiosamente de pé colados à parede.

Acho que o Sr. Heck Tate tinha reservado os banheiros só para os funcionários do tribunal.

O Atticus e o Sr. Gilmer retornaram e o Juiz Taylor olhou para o relógio.

— Já são quase quatro horas — disse ele. Era estranho pois o relógio da torre já tinha dado a hora, pelo menos duas vezes. Não tinha ouvido nada, nem sequer sentido as suas vibrações habituais.

— Vamos tentar acabar esta tarde? — perguntou o Juiz Taylor.

— Que lhe parece, Atticus?

— Acho que é possível — respondeu o Atticus.

— Quantas testemunhas tem?

— Uma.

— Então pode chamá-la.

XIX

THOMAS ROBINSON ERGUEU a mão direita, pôs os dedos sob o seu braço esquerdo e levantou-o. Depois, guiou o braço até a Bíblia e a sua mão esquerda, que parecia de borracha, tocou na encadernação preta. Quando levantou a mão direita, a sua mão aleijada escorregou da Bíblia, batendo na mesa do escrivão. Estava tentando de novo quando o Juiz Taylor resmungou:

— Está bem assim, Tom.

O Tom prestou o juramento e sentou-se na cadeira das testemunhas.

Com grande rapidez, o Atticus pediu-lhe para nos elucidar do seguinte:

Tom tinha vinte e cinco anos; era casado e tinha três filhos; já tinha tido problemas com a lei: tinha cumprido trinta dias de prisão por conduta desordeira.

— e sobre essa conduta desordeira — disse o Atticus. — E em que consistiu?

— Andei brigano no soco com outro home, tentou me acertá com uma faca.

— E conseguiu?

— Sim, sinhô, um pouquinho, ma' não o suficiente p'ra me magoar. Sabe, eu... — Tom mexeu o ombro esquerdo.

— Sim — disse o Atticus. — Ambos foram condenados?

— Sim, sinhô, tive de ir preso pois num podia pagar a multa.

O outro pagou a dele.

O Dill debruçou-se sobre mim e perguntou ao Jem o que o Atticus estava fazendo. O Jem disse que o Atticus estava mostrando ao júri que o Tom não tinha nada a esconder.

— Conhecia a Srta. Mayella Violet Ewell? — perguntou o Atticus.

— Sim, sinhô. Tinha de passar pela casa dela todos os dia, quando ia e vinha do campo.

— E de quem era o campo?

— Apanho algodão para o Sr. Link Deas.

— E estava apanhando algodão em Novembro?

— Não, sinhô, eu trabalho em seu quintal d'Outono e d'lnverno.

Eu trabalho todo ano p'ra ele, qu'ele tem umas nogueira assim.

— Disse que passava pela casa dos Ewells quando ia e vinha do trabalho. Há mais algum caminho?

— Não, sinhô, não qu'eu conheça.

— Tom, alguma vez ela falou contigo?

— Ora, sim sinhô. Eu levava a mão ao chapéu quando passava e um dia ela inté pediu pra mim p'ra entrar e desmontá um roupeiro.

— Quando é que ela lhe pediu para desmontar o... o roupeiro?

— Foi n'última Primavera, Sr. Finch. Lembro que estava n'hora de cortar a lenha e levava c'migo a 'nha enxada. Disse-lhe que só tinha c'migo a enxada, mas ela inté disse que tinha um machado. Ela deu o machado pra mim e eu desfiz o roupeiro. E ela 'ntão disse «'tou vendo tenho que te dar uma moeda, num é?». E eu disse «Não, sinhôra, não levo nada». Depois fui p'ra casa. Sr. Finch, isto foi na Primavera passada, já lá vai um ano.

— Voltou a entrar na casa dela?

— Sim, sinhô.

— Quando?

— Bem, um monte de vezes.

O Juiz Taylor agarrou instintivamente o seu martelo, mas depressa baixou a mão. O sururu que reinava debaixo de nós depressa esmoreceu sem precisar da sua intervenção.

— Em que circunstâncias?

— Desculpe, sinhô?

— Por que é que foi lá muitas vezes?

A testa do Tom Robinson mostrava sinais de descontração.

— Ela chamava a mim, sinhô. Parecia que toda a vez que passava ela tinha umas coisinha para eu fazê... cortar gravetos, trazer água para ela. Todos'dias ela botava água naquelas frôr vermelha...

— Era pago pelos seus serviços?

— Não, sinhô, não depois d'me ter 'frecido 'quela moeda da primeira vez. Eu ficava contente por ajuda'. O Sr. Ewell não parecia ajuda' ela e nem as c'ianca e sabia qu' ela não tinha muitas moeda p'ra dar por aí.

— Onde estavam as outras crianças?

— Andavam sempre por ali, por todo lado. Ficavam me vendo trabalhar, algumas delas, outras ficavam na janela.

— E a Srta. Mayella falava contigo?

— Sim, sinhô, ela falava p'ra mim.

À medida que o Tom Robinson depunha, ocorreu-me que Mayella Ewell devia ser a pessoa mais só na face da terra. Talvez fosse ainda mais só do que o Boo Radley, que não saía de casa há vinte e cinco anos. Quando o Atticus lhe perguntou se ela tinha amigos, parecia não saber o que isso significava e depois pensou que ele estava fazendo pouco dela. Era tão triste como os mestiços: os brancos não queriam nada com ela porque vivia no meio de porcos; os negros não queriam nada com ela porque era branca. Não podia viver como o Sr.

Dolphus Raymond, que preferia a companhia dos negros, porque ela não era dona de uma margem do rio nem vinha de boas famílias. Ninguém costumava dizer «É a maneira de ser deles» sobre os Ewells. Com uma mão Maycomb lhes dava cestas básicas de Natal e dinheiro da segurança social, enquanto que com a outra os enxotava. Provavelmente, Tom Robinson fora a única pessoa que tinha sido verdadeiramente decente com ela. Mas ela disse que ele tinha abusado dela e, quando ela se levantou, olhou para ele como se ele fosse o lixo que ela pisava.

— Alguma vez — o Atticus interrompeu a minha meditação — foi à propriedade dos Ewells... alguma vez pôs os pés na propriedade dos Ewells sem ser convidado por um deles?

— Não, sinhô, Sr. Finch, nunca. Eu não fazer isso, sinhô.

Às vezes, o Atticus dizia que para ver se uma testemunha estava mentindo, ou dizendo a verdade, era preciso ouvir em vez de olhar: tentei aplicar o teste... Tom negou três vezes de uma assentada, mas de forma calma, sem ponta de lamento ou hesitação na voz e dei por mim acreditando nele, apesar de ele protestar demais. Ele parecia ser um negro honrado e respeitador e um preto honrado e respeitador nunca entraria no pátio de ninguém por vontade própria.

— Tom, o que lhe aconteceu na noite de vinte e um de Novembro do ano passado?

Lá em baixo, o auditório pareceu inspirar em uníssono e se inclinou todo para frente. Atrás de nós, os pretos fizeram o mesmo.

Tom era de um negro aveludado, não brilhante, mas como um veludo negro e macio. O branco dos seus olhos iluminava-lhe o rosto e, quando falava, víamos o brilho dos seus dentes. Se não tivesse aquela deficiência, seria um belo pedaço de homem.

— Sr. Finch — recomeçou — ’tava indo p’ra casa com’e costume quando passei p’los Ewell e a Srta. Mayella ’tava lá no alpendre como já disse qu’estava. Tudo ’tava muito calmo e não sabia muito bem porquê. Tava eu a matutar porquê, só de passagem, quando vai daí e ela disse p’ra ir lá e ajudá-la um instantinho. Bem, eu passei a cerca e fiquei olhando à procura d’uns ramos p’ra cortar, mas não vi n’nhum e ela disse «Naum, hoje tenho uma coisa p’ra fazer dentro de casa. A porta velha ’tá solta nas dobradiças e o Outono ’tá chegando munto depressa». Eu disse «Tem uma chave de p’rafusos, Srta. Mayella?» Ela disse que tinha. Bem, subi os degrau e ela disse p’ra eu entrar e entrei no quarto da frente e olhei p’ra porta. Disse «Srta. Mayella esta porta parece num ter problema». Abri e fechei e as dobradiça ’tavam boa. Então ela fechou a porta na minha cara. Sr. Finch, e aí eu pensava porqu’e que ’tá tudo tão calmo e percebi que não havia uma c’ianca lá, nem uma e disse «Srta. Mayella, onde ’tão as c’ianca»?

A pele de veludo preto do Tom reluzia intensamente e ele passou a mão pela cara.

— E eu disse «Onde ’ta as c’ianca?» — continuou —, e ela disse... ela só ria, tipo... disse que ’tavam todos na cidade comendo sorvete. E vai daí e diz «Demorei um ano inteiro a juntar s’te moedas, mas consegui. ’Tão todos p’ra cidade».

O desconforto de Tom não era motivado pelo calor.

— O que disse então, Tom? — perguntou o Atticus.

— Disse-lhe alguma coisa tipo, «Pois Srta. Mayella, faz munto bem em dar um gosto a eles». E ela disse «Acha?», e acho qu’ela ’té não percebeu o que eu ’tava dizendo... eu queria era dizer qu’era bom poupar com’ela tinha feito e foi bonito o que fez p’las c’ianca.

— Eu entendi, Tom. Continue — pediu o Atticus.

— Bem, disse qu’era milhó ir indo, que não podia fazê nada por’ela e ela disse qu’eu podia si sinhô, e eu perguntei o quê e ela disse p’ra subir numa cadeira lá e pegar na caixa que ’tava em cima do roupeiro.

— Não era o roupeiro que tinha desmanchado? — perguntou o Atticus.

A testemunha sorriu.

— Não, sinhô, era outro. Quasi tão alto com’o quarto. Por isso, fiz o que ela pediu pra mim e quando ’tava pegano nele, bem, ela... ela me agarrou as perna, ela me agarrou as perna, Sr. Finch. Ela me assustô tanto qu’eu saltei abaixo da cadeira e tombei ela... era a única coisa, a única peça que ’tava virada naquele quarto quando saí, Sr. Finch. Juro por Deus.

— O que aconteceu quando a cadeira tombou?

O Tom Robinson tinha entrado num beco sem saída. Olhou para o Atticus, olhou para o juiz e olhou para Sr. Underwood, sentado do outro lado da sala.

— Tom, você jurou contar toda verdade. Vai contar?

Nervoso, o Tom passou a mão pela boca.

— O que aconteceu depois disso?

— Responda à pergunta — disse o Juiz Taylor. Naquela altura já tinha desaparecido um terço do seu charuto.

— Sr. Finch, eu cai da cadeira e tombei e ela despois agarrou-se a mim.

— Agarrou-se a ti? De forma violenta?

— Não, sinhô, ela... ela me abraçou. Ela me abraçou p’la cintura.

Desta vez o martelo do Juiz Taylor desferia golpes sonoros na mesa. Ato contínuo, de repente, as luzes da sala se acenderam. Ainda não tinha escurecido, mas o sol da tarde já tinha abandonado as janelas. Rapidamente, o Juiz Taylor restabeleceu a ordem.

— O que é que ela fez depois?

A testemunha engoliu em seco.

— Ela me puxou e me beijou n’ cara. Ela disse que nunca tinha beijado um homem adulto e que tanto lhe fazia beijar um preto. Despois disse qu’o pai dela lhe fazia num contava. Ela disse «Me beija, preto». E eu disse «Srta. Mayella deixa eu ir embora» e tentei fugir, mas ela encostou as costa na porta e tive d’afastá ela. Não queria machucá ela, Sr. Finch, e disse pra me deixar passar, mas foi então qu’ Sr. Ewell começou os grito p’la janela.

— O que é que ele disse?

Tom Robinson voltou a engolir em seco e os seus olhos aumentaram de tamanho.

— Coisas que num se pode dizê... que num se pode dizê na frente destas c’ianca...

— O que é que ele disse, Tom? Tem de dizer ao júri o que foi que ele disse.

Tom Robinson cerrou os olhos com toda a força.

— Ele disse «Minha grande vaca, qu’eu te mato».

— O que aconteceu depois?

— Sr. Finch, eu corria o mais qu’podia e não sei o qu’aconteceu.

— Tom, você violentou Mayella Ewell?

— Não, sinhô.

— Fez-lhe mal de alguma forma?

— Não, sinhô.

— Resistiu aos seus avanços?

— Sr. Finch, eu bem tentei. Eu tentei sem ser mau p’ra ela. Não queria ser mau, não queria empurrar ela ou coisa assim.

De alguma forma, ocorreu-me que as maneiras do Tom Robinson eram tão boas como as do Atticus. Não percebi a sutileza da situação do Tom até o meu pai ter me explicado tudo mais tarde: ele jamais se atreveria a bater numa mulher branca, fossem quais fossem as circunstâncias, esperando escapar com vida durante muito tempo, por isso aproveitou a oportunidade para fugir... um sinal indiscutível de culpa.

— Tom, recuemos novamente até o momento que o Sr. Ewell apareceu — pediu o Atticus. — Ele disse-lhe alguma coisa?

— Nada, sinhô. Ele pode ter dito alguma coisa, só qu’eu não ’tavalá...

— Isso chega — cortou o Atticus. — Lembra-se do que ouviu, com quem ele estava falando?

— Sr. Finch, ele falava e olhava p’ra a Srta. Mayella.

— E então você fugiu?

— Sim, sinhô.

— Por que fugiu?

— Estava com medo, sinhô.

— De que é que tinha medo?

— Sr. Finch, se o sinhô fosse preto com'eu tamém tinha medo.

O Atticus se sentou. O Sr. Gilmer percorria o seu caminho até ao banco das testemunhas quando, antes mesmo de lá chegar, o Sr. Link Deas se levantou do meio da assistência e anunciou em alto e bom som:

— Só quero que vocês todos saibam uma coisa. Esse rapaz trabalhou p'ra mim durante oito anos e nunca tive um único problema co'ele. Nada de nada.

— Cale já essa boca, senhor. — O Juiz Taylor estava bem desperto e rugia como um leão. Tinha também o rosto vermelho. Miraculosamente, o charuto não teve qualquer interferência no seu discurso. — Link Deas — gritou. — Se tem alguma coisa a dizer diga-o sob juramento e no momento devido, mas até lá saia desta sala, ouviu? Saia já desta sala, senhor, ouviu? Não me faltava mais nada do que ter de aturar esta cena outra vez!

O Juiz Taylor lançou um olhar furioso para o Atticus, como se o desafiasse a intervir, mas o Atticus já tinha baixado a cabeça e ria com os seus botões. Lembrei-me de uma coisa que ele me tinha contado sobre os comentários *ex cathedra* do Juiz Taylor. Por vezes ele excedia os limites do seu dever, mas havia muito poucos advogados que conseguissem rebater os seus argumentos. Olhei para o Jem, mas o Jem limitou-se a balançar a cabeça.

— Até parece que foi um dos jurados que se levantou e começou a falar — comentou ele. — Mas acho que nesse caso seria diferente.

O Sr. Link só estava perturbando a paz ou coisa do gênero.

O Juiz Taylor disse ao escrivão para não anotar nada que tivesse acontecido depois de «Sr. Finch, se o sinhô fosse preto com'eu tamém tinha medo» e deu instruções ao júri para ignorar a interrupção.

Olhou desconfiadamente para o corredor central e acho que ficou à espera que o Sr. Link Deas abandonasse a sala. Então disse:

— Continue, Sr. Gilmer.

— Esteve preso trinta dias por conduta desordeira, Robinson? — perguntou o Sr. Gilmer.

— Sim, sinhô.

— E como ficou o outro preto?

— Ele tinha batido em mim, Sr. Gilmer.

— Sim, mas você foi condenado, não foi?

O Atticus levantou a cabeça.

— Foi um delito menor e consta do processo, meritíssimo.

Achei que a voz dele demonstrava algum cansaço.

— A testemunha vai responder — disse o Juiz Taylor, mostrando-se

igualmente cansado.

— Sim, sinhô, eu peguei trinta dias.

Eu já sabia que o Sr. Gilmer ia dizer ao júri que uma pessoa que tinha sido condenada por conduta desordeira podia perfeitamente ter abusado de Mayella Ewell e isso era a única coisa que lhe interessava. Aquele tipo de argumentos servia aos seus propósitos.

— Robinson, é perfeitamente capaz de cortar armários e lenha só com uma mão, não é?

— Sim, sinhô, acho que sim.

— Suficientemente forte para estrangular uma mulher e atirá-la ao chão?

— Nunca fiz tal, sinhô.

— Mas é suficientemente forte para isso, não é?

— Acho qu' sim, sinhô.

— Já andava de olho nela há muito tempo, não andava, rapaz?

— Não, sinhô, nunca olhei p'ra ela.

— Então era muito simpático para cortar toda aquela lenha e ainda por cima ir buscar água, não era, rapaz?

— Só tentava ajuda' ela, sinhô.

— Convenhamos que estava sendo generoso generoso. Tinha tarefas para fazer em casa depois do trabalho, não tinha?

— Sim, sinhô.

— Então por que é que não as fazia em vez de fazer as tarefas da Srta. Ewell?

— Eu fazia as duas, sinhô.

— Devia andar muito ocupado. Porquê?

— Porquê quê, sinhô?

— Por que é que andava tão interessado em fazer as tarefas daquela mulher?

Tom Robinson hesitou enquanto procurava uma resposta.

— Par'cia qu' não havia mais ninguém p'ra ajudar ela, como disse...

— Com Sr. Ewell e mais sete crianças na propriedade, rapaz?

— Bem, eu disse qu' par'cia qu'eles nunca ajudavam ela...

— E cortava aquela lenha toda e fazia os outros trabalhos por pura bondade, rapaz?

— Tentava ajudar ela, já disse.

O Sr. Gilmer dirigiu um sorriso sombrio para o júri.

— Parece que é uma boa pessoa... e fazia tudo sem receber uma única moeda?

— Sim, sinhô. Eu tinha munta pena dela, qu'ela par'cia trabalha' mais que os outro...

— Teve pena dela, teve pena dela? — Sr. Gilmer parecia prestes a subir pelas

paredes.

A testemunha percebeu o erro que tinha cometido e mexeu-se desconfortavelmente na cadeira. Mas o mal estava feito. Por baixo de nós não havia ninguém que tivesse gostado da resposta do Tom Robinson. O Sr. Gilmer fez uma grande pausa para deixar que a resposta se entranhasse eficazmente no público.

— Bem, a vinte e um de Novembro último, dirigia-se para casa como habitualmente — disse ele — quando ela lhe pediu para entrar e desmontar um roupeiro?

— Não, sinhô.

— Nega ter entrado na casa?

— Não, sinhô... ela disse que tinha uma coisa p'ra eu fazer dentro da casa... .

— Ela disse que lhe pediu para desmontar o roupeiro, não é verdade?

— Não, sinhô, num é.

— Então diga-me que ela está mentindo, rapaz?

O Atticus já estava de pé, mas o Tom Robinson não precisava dele.

— Não lhe digo qu'ela mentiu, Sr. Gilmer. Digo é que 'tá com a cabeça confusa.

Nas dez perguntas seguintes, enquanto o Sr. Gilmer ia revendo a versão dos acontecimentos de Mayella, a resposta firme da testemunha era que ela estaria confusa.

— Não é então verdade que o Sr. Ewell o expulsou da casa, rapaz?

— Não, sinhô, acho que não.

— Acha que não? O que quer dizer?

— Não fiquei lá tempo que chegasse p'ra ele me expulsar.

— Parece ter sido muito ingênuo... Já agora, por que é que fugiu correndo?

— Já disse que 'tava com medo, sinhô.

— Se estava de consciência tranquila de que é que tinha medo?

— Como disse antes, não era seguro p'ra um preto 'tar metido... numa embrulhada daquelas.

— Mas você não estava metido numa confusão... até afirmou que estava resistindo a Srta. Ewell. Tinha assim tanto medo que ela lhe fizesse mal que teve de correr tanto, logo um tipo grande como você?

— Não, sinhô. Tinha medo d'ir parar num tribunal como 'tou agora.

— Medo de ser preso, medo de ter de responder pelo que fez?

— Não, sinhô. Medo de responder p'lo que não fiz.

— Está sendo insolente comigo, rapaz?

— Não, sinhô, não 'tou.

Foi tudo o que consegui ouvir do contra-interrogatório do Sr. Gilmer, pois o

Jem obrigou-me a levar o Dill lá para fora. O Dill tinha começado a chorar e não conseguia parar; a princípio silenciosamente, mas depois os seus soluços foram ouvidos por várias pessoas que estavam no balcão. O Jem disse que eu havia de ir por bem ou por mal e o Reverendo Sykes disse que era melhor que eu fosse, por isso fui. Durante todo o dia, o Dill pareceu-me estar perfeitamente bem, como se não houvesse nada de errado com ele, mas acho que ele ainda não tinha recuperado totalmente da história de ter fugido de casa.

— Não está se sentindo bem? — perguntei, quando chegamos ao fundo das escadas.

O Dill tentou recompor-se enquanto descíamos os degraus do setor sul. No topo da escadaria, o Sr. Link Deas parecia uma figura solitária.

— Está acontecendo alguma coisa, Scout? — perguntou, quando passamos por ele.

— Não, senhor — respondi por cima do ombro. — O Dill está maldisposto.

— Anda para debaixo das árvores — disse. — Deve ter sido o calor.

Escolhemos o maior carvalho e sentamos debaixo dele.

— Já não conseguia aguentar mais ele — confessou o Dill.

— A quem? Ao Tom?

— Aquele Sr. Gilmer que o tratava daquela maneira e que falava com tanto ódio...

— Dill, esse é o trabalho dele. Pensa comigo, se não tivéssemos advogados de acusação... bem, então também não podíamos ter advogados de defesa.

O Dill expirou pacientemente.

— Sei disso tudo, Scout. Era só a maneira como dizia aquilo, foi isso que me deixou doente, doente de verdade.

— É normal ele fazer aquilo, Dill, ele estava contra...

— Mas ele não agiu assim quando.

— Dill, eles eram testemunhas dele.

— Tudo bem, mas o Sr. Finch não agiu assim com a Mayella e com o velho Ewell quando os contra-interrogou. A maneira como aquele homem lhe chamava «rapaz», o encarava com desprezo e a forma como olhava para o júri cada vez que ele respondia...

— Bem, Dill, afinal de contas ele não passa de um negro.

— Isso não me interessa nada. Não está certo. Não está certo tratá-los daquela maneira. Ninguém devia falar assim... me deixa doente, agoniado.

— É só a maneira de ser do Sr. Gilmer, Dill. Ele trata todo mundo assim. Ainda não o viu a cair em cima de alguém à séria. Quando... bem, a mim pareceu que o Sr. Gilmer nem sequer estava passando dos limites. A maior parte dos advogados trata todos assim.

— O Sr. Finch não.

— Ele não é exemplo, Dill. Ele... — procurava na minha memória uma daquelas frases lapidares da Srta. Maudie Atkinson.

E encontrei-a: «Ele é uma e a mesma pessoa, dentro do tribunal ou na rua».

— Não era isso que eu queria dizer — disse o Dill.

— Eu sei o que queria dizer, criança — disse uma voz atrás de nós.

Pensamos que tinha vindo da árvore, mas na verdade a voz pertencia ao Sr. Dolphus Raymond. Mostrou-se do lado de lá do tronco, espreitando para nós.

— Ainda não tem calo e aquilo te deixa enojado, não é?

XX

— VEM AQUI, FILHO. Tenho aqui uma coisa que vai acalmar o teu estômago.

Como o Sr. Dolphus Raymond era um homem mau, aceitei o seu convite com alguma relutância, mas segui o Dill. Qualquer coisa me dizia que, lá no fundo, o Atticus não iria gostar muito se nos tornássemos amigos do Sr. Raymond, tal como algo me dizia que a tia Alexandra iria gostar ainda menos.

— Toma — disse ele, oferecendo ao Dill o tal saco de papel com os canudinhos salientes.

— Bebe um gole que isto vai te fazer bem ao estômago.

Dill chupou o líquido pelos canudos, sorriu e voltou a sorver.

— Eh, eh — disse o Sr. Raymond, rindo. Parecia estar sentindo um enorme prazer em corromper uma criança.

— Tem cuidado, Dill — avisei.

O Dill largou os canudos e sorriu.

— É só Coca-Cola, Scout.

O Sr. Raymond sentou-se encostado no tronco da árvore. Antes estivera deitado na relva.

— Vocês não vão contar a ninguém, hem? Isso ainda ia destruir a minha reputação.

— Quer dizer que o que bebe desse saco é Coca-Cola? Só Coca-Cola?

— Sim, senhora — assentiu o Sr. Raymond. Gostava daquele seu cheiro a cabedal, cavalos e sementes de algodão. Usava as únicas botas de montar, estilo inglês, que eu já tinha visto.

— Na maioria das vezes é tudo o que bebo.

— Então só finge estar meio...? Peço desculpa, senhor — comecei, parando a tempo. — Não queria ser...

Nada ofendido, o Sr. Raymond riu e eu tentei fazer uma pergunta mais discreta.

— Então por que é que faz isso?

— O qu... ah, sim, por que é que eu finjo? Bem, é muito simples — disse ele. — Há pessoas que... bem, que não gostam da maneira como eu vivo. Eu podia mandá-las para o diabo que as carregue, porque não me importa mesmo nada que eles gostem ou não.

Reparem, eu digo que não me importo mesmo nada que eles gostem ou não,

certo... mas não digo «vão p'ro diabo que vos carregue», estão vendo?

— Não, senhor — respondemos juntos.

— Eu tento dar-lhes um motivo, entendem? As pessoas entendem melhor as coisas se tiverem um motivo, certo? Quando venho à cidade, o que é raro, se cambalear um bocado e beber deste saco, as pessoas podem dizer que o Dolphus Raymond já está metido na cachaça... e é por isso que ele não muda. O pobre coitado nada pode fazer e é por isso que vive como vive.

— Mas isso não é honesto, Sr. Raymond. Fazer se passar por uma pessoa pior do que na realidade é...

— Não é honesto, eu sei, mas dá uma grande ajuda às pessoas. Srta. Finch, na realidade eu nem bebo muito, mas percebe que eles nunca, mas mesmo nunca, iriam compreender que eu vivo assim porque quero.

Tinha um pressentimento de que não devia estar ali ouvindo aquele pecador, que tinha uma enormidade de filhos mestiços e que não queria saber dos outros, mas verdade é que ele era fascinante. Nunca tinha conhecido um indivíduo que defraudava deliberadamente a si próprio. Mas por que é que ele nos tinha contado aquele segredo tão importante? Perguntei-lhe porquê.

— Porque vocês são crianças e podem entender isto — respondeu — e porque estava ouvindo este...

Virou a cabeça para o Dill.

— A vida ainda não lhe refreou os instintos. Deixem-no crescer mais um pouquinho e vão ver que ele já não se sente mal, nem vai chorar mais. Talvez sinta que as coisas são... que as coisas nem sempre estão lá muito certas, mas não irá chorar quando tiver mais uns aninhos em cima.

— Chorar porquê, Sr. Raymond? — a masculinidade do Dill começava agora a se revelar.

— Chorar pelo inferno absoluto que umas pessoas fazem passar outras... sem dó nem piedade. Chorar pelo inferno que os brancos fazem passar as pessoas de cor, sem sequer pararem para pensar que elas, afinal de contas, também são pessoas.

— O Atticus diz qu' enganar um homem de cor é dez vezes pior do qu' enganar um branco — murmurei. — Diz qu' é a pior coisa que se pode fazer.

O Sr. Raymond completou o pensamento:

— Não sei se é... Srta. Jean Louise, a menina não sabe que o seu pai está a léguas de distância de um homem vulgar e certamente ainda vai precisar de um bom par de anos até perceber isso... porque ainda não conhece o mundo em que vive. Nem sequer conhece esta cidade... Por tudo isto, sugiro que volte para aquele tribunal.

Aquilo fez-me lembrar que estávamos perdendo o contra-interrogatório do Sr.

Gilmer. Olhei para o Sol que estava descendo rapidamente sobre os telhados das lojas no lado poente da praça. Entre dois fogos, sentia-me incapaz de decidir a qual deles acudir: o Sr. Raymond ou o Quinto Tribunal Judicial da Comarca.

— Anda logo, Dill — disse. — Já ’tá bem, agora?

— Tou. Prazer em conhecê-lo, Sr. Raymond, e obrigado pela bebida. Me fez bem mesmo.

Corremos para o tribunal, subimos os dois lanços de escadas e abrimos caminho até ao varandim do balcão. O Reverendo Sykes tinha nos guardado os lugares.

O tribunal estava sossegado e voltei a perguntar-me onde estariam os bebês. O charuto do Juiz Taylor era agora um simples ponto castanho dentro da sua boca; o Sr. Gilmer escrevia num dos blocos amarelos pousados na mesa. Tentava ultrapassar a rapidez do escrivão, cuja mão redigia rapidamente.

— Porcaria — murmurei — não chegamos a tempo.

O Atticus já estava no meio das suas alegações finais. Tinha tirado uns papéis da pasta, atrás da cadeira, que estavam agora espalhados sobre a mesa. O Tom Robinson estava mexendo neles.

— ...ausência de provas corroborativas, este homem foi acusado de um crime capital e a sua vida está em julgamento...

Dei uma cotovelada no Jem.

— Há quanto tempo está nisto?

— Acabou de rever as provas — sussurrou o Jem — e vamos ganhar, Scout. Não vejo como podemos perder isto. Está nisto há uns cinco minutos. Tornou tudo tão claro e fácil que... bem, como eu acabei de te explicar. Até ’ocê podia entender.

— Será que o Sr. Gilmer...?

— C-Chiu. Nada de novo, apenas o habitual. Agora fica quieta.

Voltamos a olhar lá para baixo. O Atticus falava calmamente, com o mesmo tom distanciado que usava quando estava ditando uma carta. Ia caminhando lentamente na frente do júri e este parecia atento:

as cabeças estavam levantadas e seguiam os passos do Atticus com o que parecia ser um sinal de apreciação. Acho que era porque o Atticus não falava aos berros.

O Atticus parou e então fez algo que normalmente não era seu hábito. Tirou o relógio e a corrente, pousou-os sobre a mesa e disse:

— Com a licença do tribunal...

O Juiz Taylor assentiu e então o Atticus fez uma coisa que eu nunca o tinha visto fazer, tanto em público, como em privado: desabotoou o colete e o colarinho, aliviou a gravata e tirou o casaco.

Ele nunca tinha tirado uma única peça de roupa, exceto quando ia dormir, e para nós aquilo era o equivalente a estar completamente nu na nossa frente. Eu e o Jem trocamos olhares horrorizados.

O Atticus meteu as mãos nos bolsos e, ao voltar-se para o júri, vi o botão de ouro do colarinho e as pontas da caneta e do lápis reluzindo sob a luz.

— Meus senhores — disse ele. O Jem e eu nos entreolhamos: o Atticus podia muito bem ter dito «Scout». A sua voz tinha perdido a sua aridez e distanciamento e dirigia-se ao júri como se fossem pessoas que encontrara numa qualquer esquina dos correios.

— Meus senhores — insistiu — serei breve, mas primeiro gostaria de utilizar o tempo que me sobra para vos recordar que este não é um caso difícil, não requer uma avaliação cuidadosa dos fatos, mas exige que estejam absolutamente seguros da culpa do arguido. Para começar, este caso nunca deveria ter chegado à barra do tribunal.

Este caso é tão simples como distinguir o branco do preto.

«A acusação não conseguiu produzir prova médica que corrobore a afirmação de que o crime de que Tom Robinson foi acusado, tivesse, de fato, acontecido. Prova essa que dependia unicamente da palavra de duas testemunhas, cujas afirmações foram postas em causa durante o contra-interrogatório, sendo derrubadas por terra pelo testemunho do arguido. O arguido é, por isso, inocente, mas há uma pessoa presente neste tribunal que é culpada.

«No fundo do meu coração só há lugar para a pena que sinto pela testemunha principal de acusação, mas a minha pena não é suficiente para poder arriscar a vida de um homem inocente e foi isso mesmo que ela fez numa tentativa de se isentar da sua própria culpa.

«Falo de culpabilidade, pois foi a culpa que a motivou. Sim, porque ela não cometeu nenhum crime. Apenas violou o código rígido e honrado da nossa sociedade, código este, tão severo, que quem o violar acaba por ser expulso do seu meio. Ela é, assim, vítima de uma pobreza e ignorância atrozes, mas não posso ter pena dela: ela é branca. Ela sabia muito bem qual a extensão da sua ofensa, mas os seus desejos eram mais fortes do que o código que estava violando, por isso ela persistiu em infringir esse código. Ela persistiu e a sua reação foi aquela que todos já tivemos ocasião de conhecer. Fez algo que qualquer criança está habituada a fazer... tentou afastar de si a prova da sua culpa. Só que, neste caso, ela não é uma criança que tenta esconder contrabando furtado: ela se virou contra a vítima.

...porque tinha necessidade de o afastar dela... porque ele devia ser afastado da sua presença, do seu mundo. Ela tinha de destruir a prova da sua ofensa.

«E qual era a prova da sua ofensa? Tom Robinson, um ser humano.

Ela tinha de afastar Tom Robinson. Porque Tom Robinson iria lhe recordar o que tinha feito para o resto da sua vida. E o que é que ela fez? Ela seduziu um negro.

«Ela era branca e seduziu um negro. Fez uma coisa inominável para a nossa sociedade: beijou um homem preto. Não um qualquer Pai Tomás, mas antes um preto jovem e bem constituído. Não havia nenhum código que a preocupasse até ao momento em que o violou, até ao dia em que esse código desabou pesadamente sobre ela.

«O pai dela viu tudo e o arguido testemunhou os seus comentários.

E o que fez o pai dela? Não sabemos, mas existem provas circunstanciais que indicam que Mayella Ewell foi selvagemente agredida por alguém que usou quase exclusivamente a mão esquerda.

Conhecemos, em parte, as ações do Sr. Ewell: fez o que qualquer homem branco respeitável, firme e temente a Deus, faria nestas circunstâncias... fez uma queixa sob juramento, assinando-a, sem dúvida, com a mão esquerda e eis que agora, Tom Robinson está sentado perante vós, tendo prestado juramento com a única mão boa que possui... a mão direita.

«Assim, um negro pacato, respeitável e humilde, que teve a coragem imperdoável de «ter pena» de uma mulher branca, tem de pesar a sua palavra contra a palavra de dois brancos. Não preciso de vos recordar a sua aparência e a conduta que tiveram neste tribunal.

...os senhores tiveram oportunidade de ver com os vossos próprios olhos. As testemunhas de acusação, à exceção do Xerife de Maycomb, apareceram perante vós e perante este tribunal com a confiança cínica que os seus testemunhos não seriam colocados em dúvida e que os senhores concordariam com o pressuposto... o pressuposto malévolo... que todos os pretos mentem, todos os pretos são seres imorais e que todos os homens pretos são perigosos para as nossas mulheres, pressuposto este, aliás, associado a mentes deste tipo.

«E esse pressuposto, senhores, sabemos não passar de uma mentira tão negra como a cor da pele de Tom Robinson, uma mentira que não preciso de vos demonstrar. Os senhores sabem verdade e a verdade é só esta: alguns pretos mentem, alguns pretos são imorais e alguns homens pretos são perigosos para as mulheres... brancas ou pretas. Mas esta verdade aplica-se à raça humana e não a uma raça específica. Não existe uma única pessoa neste tribunal que já não tenha mentido, que nunca tenha feito algo imoral e não há nenhum homem vivo que nunca tenha olhado para uma mulher com desejo.

O Atticus parou e tirou o lenço do bolso. Aproveitou para tirar os óculos, limpou-os e assistimos a mais uma «estreia»: nunca o tínhamos visto transpirar... era um daqueles homens cujo rosto nunca exalava uma gota de suor, mas agora

até a sua tez morena reluzia.

— Antes de terminar, só mais uma coisa, meus senhores. Certo dia, Thomas Jefferson disse que todos os homens são criados iguais.

Esta é uma frase que os ianques e os altos executivos de Washington gostam de nos empurrar. Neste ano da graça de 1935, certas pessoas têm a tendência para usar esta frase fora do contexto de forma a satisfazer os seus propósitos pessoais. O exemplo mais ridículo de que me lembro é o fato de os grandes arautos do ensino público promoverem os estúpidos e ociosos juntamente com os mais capazes e trabalhadores... E porque todos os homens são criados iguais, depois estes pedagogos vos dirão com seriedade que as crianças que ficam para trás sofrem de graves complexos de inferioridade.

Ao contrário do que algumas pessoas nos querem fazer acreditar, nós sabemos que os homens não são criados iguais... uns são mais espertos do que outros, há pessoas que têm mais oportunidades porque nasceram com elas, alguns homens ganham mais dinheiro do que outros, algumas senhoras fazem bolos melhores do que outras... algumas pessoas nascem mais dotadas do que a maioria das restantes.

«Mas há um aspecto, neste país, em que os homens são criados iguais... há uma instituição humana para a qual um pobre é igual a um Rockefeller, um homem estúpido é igual ao Einstein e o ignorante é igual ao reitor de uma universidade. Meus senhores, esta instituição é um tribunal. Tanto pode ser o Supremo Tribunal dos Estados Unidos como o mais humilde dos tribunais do país, ou até mesmo este venerável tribunal que servimos. Tal como todas as instituições humanas, os nossos tribunais também têm as suas falhas, mas os tribunais deste país são os grandes niveladores e nos nossos tribunais todos os homens são criados iguais.

«Não sou um idealista que acredita firmemente na integridade dos nossos tribunais e no sistema de júri... isso para mim não é um ideal, mas sim uma realidade de vida e de trabalho. Meus senhores, este tribunal não é melhor nem pior do que cada um dos senhores aí sentados no lugar do júri. Um tribunal é tão são como o seu júri e um júri é tão são como os homens que o constituem. Tenho plena confiança que os senhores irão rever as provas apresentadas sem paixão, tomar uma decisão e devolver este arguido à sua família.

Em nome de Deus, façam o vosso dever.

A voz do Atticus sumiu-se e, enquanto se afastava do júri, disse algo que não consegui perceber. Disse-o mais para si mesmo do que para o tribunal. Dei uma cotovelada no Jem.

— O que é que ele disse?

— Em nome de Deus, acreditem nele. Acho que foi isso que ele disse.

Subitamente, o Dill se debruçou sobre mim e deu uma cotovelada no Jem.

— Olhem lá!

Seguimos o seu dedo e, de súbito, sentimos um baque nos nossos corações. Calpurnia caminhava pelo corredor central, na direção do Atticus.

XXI

ELA PAROU TIMIDAMENTE junto na divisória e esperou até obter a atenção do Juiz Taylor. Tinha vestido um avental lavado e trazia um envelope na mão.

O Juiz Taylor viu-a e disse:

— É a Calpurnia, certo?

— Sim, senhor — respondeu. — Por favor, posso entregar este bilhete ao Sr. Finch, senhor? Não tem nada a ver com... com o julgamento.

O Juiz Taylor consentiu e o Atticus pegou no envelope. Abriu-o, leu o seu conteúdo e disse:

— Juiz, eu... este bilhete é da minha irmã. Ela diz que os meus filhos desapareceram, que não aparecem desde o meio-dia... eu... poderia...

— Eu sei onde eles estão, Atticus — gritou o Sr. Underwood.

— Estão lá no balcão dos pretos... estão lá precisamente desde a uma hora e dezoito minutos.

O nosso pai se virou e olhou para cima.

— Desce já daí, Jem — chamou ele. Depois, disse qualquer coisa ao juiz que não conseguimos ouvir. Nos levantamos, quase passamos por cima do Reverendo Sykes e descemos as escadas.

O Atticus e a Calpurnia juntaram-se a nós na base das escadas.

Calpurnia parecia irritada, enquanto o Atticus aparentava uma extrema exaustão.

O Jem pulava de excitação.

— Ganhamos, não foi?

— Não faço ideia — respondeu o Atticus. — Então estiveram aqui a tarde toda? Vão para casa com a Calpurnia e jantem... E não saiam de lá.

— Oh, Atticus, deixe-nos voltar — implorou o Jem. — Deixe-nos ouvir o veredito, por favor, pai.

— O júri pode sair e voltar dentro de um minuto —, não sabemos... mas percebemos que o Atticus estava quase cedendo.

— Bem, assistiram a tudo, por isso mais vale ouvirem o resto.

Fazemos assim, podem voltar depois de jantar... mas comam devagar que não vão perder nada de importante... e se o júri ainda não tiver regressado podem esperar aqui conosco. Embora eu ache que tudo estará terminado antes de voltarem.

— Acha que vão libertá-lo assim tão depressa? — perguntou o Jem.

O Atticus ia abrir a boca para responder, mas voltou a fechá-la, afastando-se.

Rezei para que o Reverendo Sykes nos guardasse os lugares, mas parei de rezar quando me lembrei que as pessoas se levantavam e saíam, aos grupos, quando o júri recolhia... e certamente hoje à noite iriam encher a mercearia, o O.K. Café e o hotel, isto é, a menos que também tivessem trazido o jantar.

A Calpurnia levou-nos para casa:

— ...vou esfolá-los vivos, que ideia, crianças ouvindo aquilo! Sr. Jem, não podia ter levado a sua irmã àquele tribunal! A Srta. Alexandra ’inda vai ter um ataque quando descobrir! Aquilo não é coisa p’ras crianças ouvir...

As luzes da rua estavam acesas e, ao passar por baixo delas, vimos claramente o perfil indignado da Calpurnia.

— Sr. Jem, eu pensava qu’ tinha a cabeça em cima dos ombros... que ideia, ela é a sua irmãzinha! Qu’ raio de ideia, menino! Devia ter vergonha... não tem juízo nenhum nessa cabeça?

Eu estava feliz da vida. Tanta coisa tinha acontecido naquele dia que sentia que só dali a muitos anos seria capaz de organizar tudo e ainda por cima agora que a Calpurnia estava enxovalhando o seu queridinho Jem... que outras maravilhas me estariam reservadas naquela noite?

O Jem ria.

— Não quer ouvir o que aconteceu, Cal?

— O senhor fique aí, e bem caladinho! Devia era estar envergonhado e não rindo... — a Calpurnia reavivou uma sequência de ameaças que, por sinal, não causavam lá muitos remorsos ao Jem que começou a subir os degraus com um já clássico «Se o Sr. Finch não lhe amaciar o pelo, eu me encarrego disso... entre já imediatamente em casa, senhor!»

O Jem entrou todo sorridente e a Calpurnia deu a sua autorização tácita para que o Dill jantasse conosco.

— Vá p’ra casa da Srta. Rachel dizer onde estava — disse-lhe.

— Ela ‘tá desesperada à sua procura... ela vai te mandar de volta p’ra Meridian, amanhã de manhãzinha.

A tia Alexandra veio ao nosso encontro e quase desmaiou quando a Calpurnia lhe contou onde estávamos. Acho que ela ficou ainda mais magoada pelo Atticus ter dito que podíamos voltar para o tribunal, pois não disse uma palavra durante todo o jantar. Limitou-se a brincar tristemente com a comida no prato enquanto a Calpurnia servia o Jem, o Dill e eu com um toque de vingança. A Calpurnia colocou o leite e serviu a salada de batata e presunto, murmurando «deviam ter vergonha» com vários graus de intensidade.

— E agora comam devagar — foi a sua ordem final.

O Reverendo Sykes guardou-nos os lugares. Ficamos surpreendidos quando soubemos que estivemos fora quase uma hora e igualmente surpreendidos por ver que a sala do tribunal estava praticamente como a tínhamos deixado, com algumas alterações pouco significativas: as cadeiras dos jurados estavam vazias, o arguido não estava presente; o Juiz Taylor ausentara-se, mas reapareceu quando nos sentamos.

— Quase ninguém arredou pé — disse o Jem.

— Houve algum movimento quando o júri saiu — contou o Reverendo Sykes. — Os homens lá em baixo trouxeram o jantar para as mulheres e elas deram de mamar aos bebês.

— Há quanto tempo saíram? — perguntou o Jem.

— Uns trinta minutos. O Sr. Finch e o Sr. Gilmer ainda falaram mais um pouco e o Juiz Taylor dispensou o júri.

— Como é que ele estava? — perguntou o Jem.

— Quê? Oh, ele falou bem. Não posso me queixar... ele foi até bastante justo. Ele disse uma coisa tipo, se acreditam nisto devem trazer um veredito, mas se acreditam naquilo então devem trazer outro. Acho até que estava um pouquinho pendendo para o nosso lado... — o Reverendo Sykes coçou a cabeça.

O Jem sorriu.

— Um juiz não deve ser tendencioso, Reverendo, mas não se preocupe que nós ganhamos — disse ele, sabiamente. — Não vejo como o júri pode condená-lo depois do que ouvimos...

— Não esteja tão confiante, Sr. Jem, nunca vi um júri dar razão a um homem de cor contra um branco...

Mas o Jem disse ao Reverendo Sykes que não havia regra sem exceção e depois tivemos de ouvir uma extensa revisão das provas, juntamente com a própria opinião do Jem sobre a incidência da lei nos casos de violação: não se tratava de violação se ela consentisse, mas só que ela tinha de ter dezoito anos... isto é, no Alabama.

...e Mayella tinha dezenove. Ao que parece, a vítima tinha de dar pontapés e gritar, tinha de ser dominada e atirada ao chão e, de preferência, perder os sentidos. Mas se tivesse menos de dezoito anos, então não tinha de passar por tudo aquilo.

— Sr. Jem — murmurou o Reverendo Sykes —, estas coisas não são propriamente para os ouvidos de meninas...

— Oh, ela nem sabe do que estamos falando — disse o Jem. — Scout, esta conversa é crescida de mais para ti, não é?

— Claro que não. Entendo tudo o que estão dizendo.

É provável que tenha sido convincente demais, pois o Jem calou-se e não voltou a abordar o assunto.

— Que horas são, Reverendo? — perguntou ele.

— Perto das oito.

Olhei lá para baixo e descobri o Atticus, que andava de um lado para o outro com as mãos nos bolsos: foi até à janela e atravessou a divisória até às cadeiras vazias dos jurados. Fitou-as, uma a uma, inspeccionou o Juiz Taylor, sentado no seu trono e voltou para o seu lugar. Os nossos olhos encontraram-se e eu acenei-lhe. Ele correspondeu à minha saudação com um ligeiro aceno de cabeça e continuou a sua viagem.

O Sr. Gilmer estava de pé, à beira da janela, conversando com o Sr. Underwood, Bert, o escrivão, acendia um cigarro no outro: recostou-se e pôs os pés em cima da mesa.

No entanto, os funcionários do tribunal, pelo menos aqueles que estavam presentes... o Atticus, o Sr. Gilmer, o Juiz Taylor, que dormia profundamente, e o Bert eram os únicos cujo comportamento parecia normal. Nunca tinha visto um tribunal cheio tão silencioso. Às vezes ouvia-se o choro de um bebê ou uma criança saindo correndo, mas os adultos estavam sentados como na igreja.

No balcão, os negros estavam sentados e de pé, à nossa volta, com uma paciência bíblica.

O velho relógio da torre fez o seu esforço preliminar e bateu as horas, oito toques ensurdecedores que fizeram com que até os nossos ossos vibrassem.

Quando bateram as onze, eu não conseguia sentir mais nada: cansada por tentar contrariar o sono, permiti-me uma pequena soneca encostada ao ombro e braço confortáveis do Reverendo Sykes.

Acordei sobressaltada e esforcei-me o mais que pude por me manter assim, olhando lá para baixo e me concentrando nas cabeças que enchiam aquele setor: contei dezesseis carecas, catorze homens que passavam bem por ruivos, quarenta cabeças que iam desde o castanho até ao preto, e... recordei algo que o Jem tinha me explicado um dia, depois de uma das suas muitas fases em que decidiu se dedicar à chamada investigação psíquica: dizia que se um número suficiente de pessoas... talvez mesmo um estádio cheio... se concentrasse numa coisa, como por exemplo incendiar uma árvore no bosque, essa árvore queimava sozinha. Comecei então a brincar com a ideia de pedir a todo mundo que estava lá em baixo para se concentrar na libertação de Tom Robinson, mas pensei que se eles estivessem tão cansados como eu não iria funcionar.

O Dill dormia profundamente, com a cabeça pousada no ombro do Jem. O Jem estava quieto.

— Já se passou muito tempo? — perguntei ao Jem.

— Claro que sim, Scout — respondeu alegremente.

— Da maneira como ‘ocê falou parecia que não ia levar mais de cinco minutos.

O Jem ergueu a sobrancelha.

— Há coisas que ‘ocê não entende — disse ele, só que eu estava cansada demais para responder.

Mas acho que devia estar suficientemente acordada, caso contrário não teria percebido da estranha sensação que me assolava.

Era em tudo igual à que eu tinha sentido no Inverno passado, e agora eu também estremecia, isto apesar da noite quente. A sensação começou crescendo dentro de mim, até a atmosfera da sala de audiências estar tão fria como aquela manhã de Fevereiro, quando as cotovias estavam em silêncio e os carpinteiros pararam de martelar na casa nova da Srta. Maudie e todas as portas de madeira da vizinhança estavam tão fechadas como a porta dos Radleys. Uma rua deserta, vazia e expectante, enquanto ali o tribunal estava repleto de gente. Uma noite quente de Verão não era muito diferente de uma manhã de Inverno. O Sr. Heck Tate, que entretanto tinha entrado na sala e falava com o Atticus, bem que poderia usar as suas botas e o casaco grosso. O Atticus interrompeu a sua viagem tranquila e pôs o pé na travessa de uma cadeira; à medida que ouvia o que o Sr. Tate lhe dizia, passava lentamente a mão pela coxa. Era como se estivesse à espera de ouvir, a qualquer momento «Atire, Sr. Finch...»

Só que em vez disse o Sr. Tate disse «Silêncio no tribunal» num tom repleto de autoridade e as cabeças viraram-se, abaixo de nós.

O Sr. Tate abandonou a sala, regressando com o Tom Robinson.

Conduziu o Tom até ao seu lugar junto do Atticus e manteve-se ali ao lado. O Juiz Taylor estava agora alerta, sentado direito, com o olhar fixo nas cadeiras vazias dos jurados.

O que aconteceu depois parecia saído de um sonho: assisti ao regresso do júri, movendo-se como mergulhadores debaixo de água, enquanto a voz do Juiz Taylor era fraca, parecendo vir de muito longe. E vi uma coisa que só o filho de um advogado poderia ver ou saberia procurar. Foi tal e qual como ver o Atticus caminhando rua abaixo, levando a espingarda ao ombro e apertando o gatilho, embora sabendo, desde o primeiro instante, que a arma estava descarregada.

Um júri nunca olha para o réu que condenou e, quando aquele júri entrou na sala, nenhum deles olhou para o Tom Robinson. O presidente do Júri entregou um papel ao Sr. Tate que, por sua vez, o entregou ao funcionário que o entregou ao juiz...

Fechei os olhos. O Juiz Taylor estava contando os votos do júri:

«Culpado... culpado... culpado... culpado...». Olhei para o Jem: as suas mãos

estavam brancas de tanto se contraírem em volta do varão e os seus ombros estremeciam como se cada «culpado» fosse uma facada nas costas.

O Juiz Taylor estava dizendo qualquer coisa. Tinha o martelo na mão, mas não o estava usando. Vagamente, reparei que o Atticus começara a empurrar uns papéis da mesa para dentro da sua pasta.

Depois fechou-a, dirigiu-se ao escrivão dizendo-lhe qualquer coisa, cumprimentou o Sr. Gilmer e depois foi até junto do Tom Robinson e sussurrou algo. Enquanto lhe confidenciava algo, o Atticus tinha a mão no ombro do Tom. Em seguida, o Atticus tirou o casaco das costas da cadeira e colocou-o por cima do ombro. Finalmente saiu da sala, mas não pela porta habitual. Devia querer ir para casa pelo caminho mais curto, pois atravessou rapidamente o corredor central em direção à saída sul. Segui a sua cabeça à medida que ele se dirigia para a porta. Ele nem sequer olhou para cima.

Notei que alguém me tocava, só que eu não queria tirar os olhos das pessoas que estavam lá em baixo e da imagem da caminhada solitária do Atticus.

— Srta. Jean Louise?

Olhei em meu redor. Estavam todos de pé. À nossa volta e no balcão oposto, os negros começavam a levantar-se. A voz do Reverendo Sykes soava tão distante como a do Juiz Taylor.

— Levante-se, Srta. Jean Louise. O seu pai ‘stá indo embora.

XXII

AGORA ERA O JEM que estava chorando. Lágrimas de raiva corriam-lhe em sulcos pelo rosto enquanto tentávamos passar pela multidão exultante.

— Não é justo — murmurava, até chegarmos à esquina da praça onde Atticus estava à nossa espera. O Atticus estava parado debaixo de um candeeiro como se nada tivesse acontecido: tinha o colete abotoado, o colarinho e a gravata estavam impecavelmente no local, a corrente do relógio brilhava e mostrava-se, de novo, impassível.

— Não é justo, Atticus — disse o Jem.

— Não, filho, não é justo.

Estávamos indo para casa.

A tia Alexandra estava à nossa espera. Estava de roupão e eu podia jurar que ela tinha o espartilho vestido.

— Sinto muito, meu irmão — murmurou. Nunca tinha ouvido chamá-lo «irmão», por isso olhei para o Jem, mas reparei que ele não me ouvia. Olhava fixamente para o Atticus, depois para o chão e dei por mim pensando se ele achava que o Atticus era de alguma forma responsável pela condenação do Tom Robinson.

— Tem certeza que ele está bem? — perguntou a tia, apontando para o Jem.

— Vai ficar — disse o Atticus. — Foi um bocado forte para ele.

O nosso pai soltou um suspiro.

— Vou para a cama — disse ele. — Se não acordar de manhã, não me chamem.

— Devo te dizer que, desde o início, não achei sensato deixá-los...

— Mas esta é a terra deles, minha irmã — respondeu o Atticus. — Nós a fizemos assim e é melhor que aprendam a se adaptar.

— Só que eles não têm necessidade de ir ao tribunal e se sujeitar a isso...

— Faz tudo parte de Maycomb County, tal e qual como os chás de caridade.

— Atticus... — os olhos da tia Alexandra demonstravam grande ansiedade. — É a última pessoa do mundo que eu esperaria ver se tornar amarga por causa disto.

— Mas eu não estou amargurado, estou apenas cansado. Vou para a cama.

— Atticus — interrompeu o Jem friamente.

Ele chegou à porta e virou-se para trás.

— O que foi, filho?

— Como é que puderam fazer isto, como?

— Não sei, só sei que o fizeram. Já o fizeram antes, voltaram a fazê-lo hoje e vão voltar a fazer isto e quando isso acontece... parece que só as crianças é que choram. Boa-noite.

Só que, de fato, as coisas parecem sempre bem melhor de manhã. O Atticus levantou-se à sua assustadora hora habitual e já estava na sala atrás do *The Mobile Register* quando entramos. A cara matinal do Jem fez aquela pergunta que os seus lábios ensonados eram incapazes de fazer.

— Ainda não é hora para nos preocuparmos — assegurou o Atticus, enquanto nos dirigíamos para a sala de jantar. — Ainda não terminamos. Podemos contar com um recurso... Meu Deus, Cal. O que é isto?

O Atticus olhava com espanto para o seu prato de café da manhã.

A Calpurnia disse:

— Foi o pai do Tom Robinson que mandou esta galinha de manhãzinha. E eu a preparei.

— Diga-lhe que me sinto muito honrado com a oferta... aposto que nem na Casa Branca não comem galinha no café da manhã.

— E isto, o que é?

— Brioches — respondeu a Calpurnia. — Foi a Estelle lá do hotel qu' os mandou.

Confuso, Atticus olhou para ela e ela disse:

— O melhor é ir 'té à cozinha e ver co'os seus próprios olhos, Sr. Finch.

Fomos atrás dele. A mesa da cozinha estava transbordando de tanta comida que chegava para alimentar toda a família: carne de porco em salmoura, tomates, feijão e até uvas. O Atticus sorriu ao encontrar um frasco de pés de porco em conserva.

— Será que a tia nos deixa comer isto tudo na sala de jantar?

A Calpurnia respondeu:

— Quando cheguei de manhã, isto já 'tava nas escadas dos fundos. Eles... eles apreciaram bastante o qu'o senhor fez, Sr. Finch. Eles... eles não estão abusando, né?

De repente, os olhos do Atticus se encheram de lágrimas. Por momentos, perdeu a fala.

— Diga-lhes que estou muito, mas muito grato — disse ele. — E diga-lhes... diga-lhes para não voltarem a fazer isto. Estamos vivendo dias difíceis...

Depois saiu da cozinha, entrou na sala de jantar e se desculpou perante a tia Alexandra. Pôs o chapéu e partiu para a cidade.

Ouvimos os passos do Dill no átrio, por isso a Calpurnia optou por deixar na

mesa do café da manhã do Atticus intacta. Entre uma dentada e outra, o Dill nos contou a reação da Srta. Rachel aos acontecimentos da noite passada: se um homem como o Atticus quisesse bater com a cabeça contra uma parede, isso era lá com ele.

— Eu queria lhe contar tudo — resmungou o Dill, mordiscando uma perna de galinha — mas ela não estava nem dando bola. Disse qu' tinha passado metade da noite acordada pensando por onde é qu'eu andava e que só não pôs o Xerife atrás de mim porque ele estava no tribunal.

— Tem de deixar de sair sem dizer para onde vai, Dill — aconselhou o Jem. — Isso só faz com que ela fique ainda mais furiosa.

O Dill suspirou pacientemente.

— Mas eu lhe disse para onde ia até ficar roxinho... mas ela anda vendo coisas onde não existem. Vocês sabem que todas as manhãs aquela mulher bebe mais de meio litro de cerveja no café da manhã... eu sei que ela bebe dois copos cheios. Eu já isso, e outras mais.

— Não fale assim, Dill — disse a tia Alexandra. — Não é linguagem própria para uma criança. Está sendo... cínico.

— Não é cínico, Srta. Alexandra. É cínico dizer a verdade, hem?

— Da maneira como diz, é.

Os olhos do Jem brilharam na direção dela, mas depois virou-se para o Dill:

— Vamos lá. Pode levar essa perna contigo.

Quando chegamos à varanda da frente, a Srta. Stephanie Crawford estava entretida contando tudo a Srta. Maudie Atkinson e ao Sr. Avery. Olharam para nós e continuaram falando. Jem rosnou como um animal acossado. Eu só queria ter uma arma ali na mão.

— Detesto que os adultos olhem para nós — disse o Dill. — Parece que fizemos alguma coisa de errado.

O nariz da Srta. Stephanie tremia de tanta curiosidade. Ela queria saber quem é que tinha nos dado autorização para ir ao tribunal... ela não nos vira, mas toda a cidade já sabia que tínhamos ficado no balcão das pessoas de cor. Será que o Atticus tinha nos posto lá para...? Não ficava bem estarmos ao lado de todos aqueles...?

Será que a Scout tinha percebido todas as...? E será que não estaríamos furiosos por assistir à derrota do nosso pai?

— Cale-se, Stephanie — a dicção da Srta. Maudie era quase letal. — Tenho mais o que fazer do que passar a manhã toda aqui na varanda... Jem Finch, te chamei para saber se você e os teus amigos querem vir aqui comer bolo. Me levantei às cinco da manhã para o fazer, por isso é bom que diga que sim. Sem desculpas, Stephanie.

— Bom-dia, Sr. Avery.

Pousados sobre a mesa da cozinha da Srta. Maudie, estavam dois bolos pequenos e um grande. Onde deviam estar três bolos pequenos. Não era normal a Srta. Maudie se esquecer do Dill e acho que, pelas nossas caras, ela percebeu o lapso. Mas tudo ficou resolvido quando cortou o bolo em fatias e deu a mais fina ao Jem.

Enquanto comíamos, percebemos que esta era a forma da Srta. Maudie nos fazer perceber que, para ela, nada tinha mudado. Sentou-se, silenciosa, na cadeira da cozinha nos observando.

Subitamente, começou a falar:

— Não se preocupe, Jem. Nada é tão mau como parece.

Dentro de casa, quando a Srta. Maudie nos queria dizer alguma coisa mais demorada, colocava as mãos sobre os joelhos e ajeitava a saia. Decidimos esperar durante aquele ritual.

— Só quero lhes dizer que, neste mundo, há homens que nascem só para fazerem as tarefas desagradáveis por nós. E o vosso pai é uma dessas pessoas.

— Ah — disse o Jem —, entendi.

Não me venha com esse «Ah, entendi» — replicou a Srta. Maudie, reconhecendo os ruídos fatalistas do Jem —, não tem idade suficiente para entender o que eu disse.

O Jem olhava para a sua fatia meia comida.

— É como ser uma lagarta dentro de um casulo, é isso — disse ele. — Como uma coisa adormecida num local quente. Sempre pensei que as pessoas de Maycomb eram as melhores pessoas do mundo, pelo menos era o que parecia.

— Somos as pessoas mais seguras do mundo — disse a Srta. Maudie. — Raramente nos pedem para sermos bons cristãos, mas quando pedem, então temos pessoas como o Atticus que vão na nossa vez.

O Jem sorriu, tristonho.

— Quem me dera que todos pensassem assim.

— Ficaria surpreendido se soubesse quantos de nós pensam desta forma.

— Quem? — a voz do Jem subiu de tom. — Quem desta terra é que ajudou o Tom Robinson? Quem?

— Em primeiro lugar, os seus amigos de cor e, em segundo, pessoas como nós. Pessoas como o Juiz Taylor. Pessoas como o Sr. Heck Tate para de comer e começa a pensar, Jem. Alguma vez pensou que a nomeação do Atticus, para defender aquele rapaz, não foi um mero acidente? Que o Juiz Taylor poderia ter as suas razões para o escolher?

Era uma ideia plausível. As defesas oficiosas eram vulgarmente entregues a Maxwell Green, o mais novo elemento do tribunal de Maycomb, que precisava

de ganhar experiência. O Maxwell Green é que deveria ter ficado com o caso de Tom Robinson.

— Pensa nisso — pediu a Srta. Maudie. — Aquilo não foi um acidente. Ontem à noite, estava sentada na varanda, à espera. Esperei e esperei para vê-los descendo a rua e enquanto esperava, ia pensando... O Atticus Finch não vai ganhar, ele não pode ganhar, mas ele é o único homem das redondezas que pode fazer o júri demorar a tomar uma decisão, num caso como este. E pensei aqui comigo, é um passo... um passo de bebê, mas é um passo em frente.

— É muito fácil falar assim... mas não há juízes nem advogados cristãos que possam compensar a imoralidade daqueles malditos jurados — murmurou o Jem. — Assim que eu crescer...

— Isso é uma coisa que terá de ver com o teu pai — respondeu a Srta. Maudie.

Descemos os degraus novinhos em folha da casa da Srta. Maudie para o Sol e demos com o Sr. Avery e a Srta. Stephanie Crawford ainda naquilo. Tinham andado alguns passos e estavam agora na porta da casa da Srta. Stephanie. A Srta. Rachel preparava-se para se juntar a eles.

— Acho que, quando crescer, vou ser palhaço — afirmou o Dill. O Jem e eu paramos.

— Sim, senhor. Um palhaço — disse ele. — Não sei fazer mais nada a não ser rir das pessoas, por isso vou para o circo passar a vida inteira rindo.

— Entendeu tudo ao contrário, Dill — disse o Jem. — Os palhaços são tristes e as pessoas é que riem deles.

— Bem, então eu vou ser um novo tipo de palhaço. Vou ficar no meio da pista rindo das pessoas. Olhem pr’ lá — apontou.

— Todo mundo devia voar em vassouras. A tia Rachel já faz isso.

A Srta. Stephanie e a Srta. Rachel nos acenavam, com gestos largos e exuberantes, que em nada contradiziam o comentário do Dill.

— Oh não — suspirou o Jem. — Acho que pega mal fazer de conta que não as vimos.

Algo de grave tinha acontecido. O Sr. Avery estava vermelho como uma pimenta devido a um ataque de espirros, e quase nos soprou para fora da calçada quando nos aproximamos. A Srta. Stephanie tremia de excitação e a Srta. Rachel agarrou o Dill pelo ombro.

— Vai já para o quintal e não saia de lá — ordenou. — O perigo espreita.

— ’Que ’tá acontecendo? — perguntei.

— Ainda não sabe? Toda a cidade está comentando...

Naquele instante, a tia Alexandra apareceu na porta e nos chamou, só que já era tarde demais. A Srta. Stephanie teve o prazer de nos contar tudo: naquela

manhã, o Sr. Bob Ewell tinha parado o Atticus na esquina dos correios, cuspira na cara dele e jurara vingança, nem que isso demorasse a vida inteira.

XXIII

— Só gostaria que o Bob Ewell não mascasse tabaco — foi tudo o que o Atticus disse sobre o assunto.

No entanto, segundo a Srta. Stephanie Crawford, o Atticus estava saindo dos correios quando Sr. Ewell se aproximou dele, insultou-o, cuspiu nele e ameaçou matá-lo. A Srta. Stephanie (que, quando contou a história pela segunda vez, tinha estado lá e visto tudo... enquanto passava pelo *Jitney Jungle*, dizia ela)...

A Srta. Stephanie disse que o Atticus nem sequer tinha pestanejado, apenas pegou no lenço, limpou a cara e ficou ali, enquanto o Sr. Ewell lhe chamava nomes que nada no mundo a faria repetir. O Sr. Ewell já era veterano de uma guerra obscura qualquer; além disso, a reação pacífica do Atticus fê-lo perguntar «É orgulhoso demais p'ra lutar, seu amigo de pretos d'uma figa?». A Srta. Stephanie disse que o Atticus respondeu «Não, sou é velho demais», meteu as mãos aos bolsos e se afastou. A Srta. Stephanie disse que tínhamos de reconhecer que, quando queria, Atticus Finch sabia ser muito parco em palavras.

O Jem e eu não achamos o sucedido lá muito engraçado.

— Afinal de contas — lembrei eu — ele foi o melhor atirador do condado. Ele bem que podia...

— Sabe bem que ele não anda armado, Scout. Nem sequer tem uma... — disse o Jem. — Sabe bem qu' naquela noite na prisão ele não tinha uma arma com ele. E ele me disse qu'andar armado era um convite p'ra levar um tiro.

— Mas isto é diferente — respondi. — Podemos lhe dizer pra pedir uma emprestada.

Assim fizemos e a resposta dele foi «Que absurdo».

Dill achava que funcionaria melhor se apelássemos ao seu bom-senso: pois se o Sr. Ewell o matasse, nós morreríamos de fome e passaríamos a ser criados pela tia Alexandra. E nós sabíamos perfeitamente que a primeira coisa que ela faria, antes mesmo de o Atticus ter tempo de esfriar na cova, era despedir a Calpurnia.

O Jem disse que, seria melhor se eu chorasse e fingisse ter um ataque, por ser a mais nova e ser uma menina. Mas também não resultou.

Porém, quando finalmente percebeu que andávamos cabisbaixos pela vizinhança, não comíamos, nem nos interessávamos pelas atividades habituais, o Atticus descobriu que estávamos profundamente assustados. Uma noite estava ele e o Jem com uma revista de futebol nova, mas quando este a folheou e pôs de

lado, perguntou:

— O que é que está te preocupando, filho?

O Jem foi direito ao assunto.

— Sr. Ewell.

— O que é que aconteceu?

— Não aconteceu nada. Temos medo por ’ocê e achamos que deve fazer alguma coisa em relação a ele.

O Atticus sorriu secamente.

— Fazer o quê? Aplicar-lhe uma medida de caução.

— Quando um homem diz qu’ vai dar cabo de ’ocê, parece estar disposto a isso.

— Ele estava disposto a isso quando o disse — justificou o Atticus. — Jem, vê se consegue se colocar no lugar de Bob Ewell. Naquele tribunal eu destruí o que restava da sua credibilidade, se é que ele ainda tinha alguma. O homem tinha de se vingar de alguma forma.

Este tipo de gente é assim mesmo. Se o fato de ter cuspido na minha cara e ter me ameaçado de morte salvou Mayella de mais uma surra, então não me importo nada de repetir. Ele tinha de se vingar em alguém e prefiro que se vingue em mim do que naquelas crianças. Compreende agora?

O Jem acenou que sim com a cabeça.

A tia Alexandra entrou na sala quando o Atticus dizia:

— Não temos nada a temer do Bob Ewell. Naquela manhã, ele já colocou tudo o que queria aqui para fora.

— Eu não estaria tão certa disso, Atticus — disse ela. — Aquela gente é capaz de tudo para se vingar. Sei bem como são.

— O que é que o Ewell poderia me fazer, irmã?

— Algo pelas costas — disse a tia Alexandra. — Pode contar com isso.

— Ninguém tem muitas maneiras de fazer algo escondido em Maycomb — respondeu o Atticus.

Aquilo fez com que perdêssemos o medo. O Verão estava terminando e decidimos aproveitá-lo ao máximo. O Atticus tinha assegurado que nada iria acontecer ao Tom Robinson até o tribunal superior rever o caso e que o Tom tinha boas hipóteses de ser libertado, ou, pelo menos, de ser novamente julgado. Ele estava no Campo de Trabalhos Forçados de Enfield, a cento e dez quilômetros dali, em Chester County. Perguntei ao Atticus se a mulher e os filhos podiam visitá-lo, mas o Atticus disse que não.

— O que é que vai lhe acontecer — perguntei certa noite — se ele perder o recurso?

— Vai para a cadeira elétrica — respondeu o Atticus — a menos que o

Governador decida alterar a sua pena. Ainda não é o momento para preocupações, Scout. Temos boas chances.

O Jem estava esticado no sofá lendo a *Popular Mechanics.*

Levantou os olhos.

— Não é justo. Mesmo que fosse culpado, ele não matou ninguém.

Ele não tirou a vida a ninguém.

— Sabe bem que o estrupo é um crime capital no estado do Alabama — disse o Atticus.

— Sei, sim senhor, mas o júri não era obrigado a condená-lo à morte... podiam ter-lhe dado vinte anos, se quisessem.

— Poderia — disse o Atticus. — Mas o Tom Robinson é um homem de cor, Jem. Não há um único júri nesta parte do mundo que fosse capaz de dizer «Achamos que é culpado, mas não muito» face a uma acusação destas. Ou era absolvição direta ou nada.

O Jem abanava a cabeça.

— Eu sei que não é justo, mas não consigo perceber o que está errado... talvez o estrupo não devia ser um crime capital...

O Atticus pousou o jornal ao lado da sua cadeira. Depois disse que não tinha nada contra as penas previstas para o crime de violação, mas tinha sérias reservas quando a acusação pedia, ou o júri condenava, a pena de morte mediante provas meramente circunstanciais.

Em seguida olhou para mim, viu que eu estava ouvindo e traduziu tudo em detalhes.

— O que eu quero dizer é que, antes de um homem ser condenado à pena de morte, deveria haver uma ou duas testemunhas oculares. Existir alguém que possa dizer «Eu estava lá e o vi apertar o gatilho».

— Mas houve... houve muita gente enforcada só com base em provas circunstanciais — retorquiu o Jem.

— Eu sei e, provavelmente, muitos merecidamente... mas na falta de testemunhas oculares a dúvida persiste sempre, às vezes apenas a sombra de uma dúvida. A lei fala de «dúvida razoável», mas acho que o réu tem o direito à sombra de uma dúvida. Há sempre a possibilidade, por muito improvável que seja, de ele estar inocente.

— Então fica tudo nas mãos do júri. Talvez devíamos era nos livrar dos jurados — teimava o Jem.

O Atticus tentou disfarçar o sorriso, mas não conseguiu.

— Está sendo duro demais conosco, filho. Talvez haja uma forma melhor. Mudar a lei. Mudá-la para que só os juízes possam fixar as penas em casos de crime capital.

— Então vá a Montgomery e mude a lei.

— Ficaria espantado se soubesse como isso é difícil. Eu sei que não vou viver o tempo suficiente para ver a lei mudar e mesmo que você viva o suficiente para ver isso, nessa altura já será um homem velho.

Para Jem, aquele argumento não bastava.

— Não, senhor. Eles deviam se livrar dos júris. Ele não era culpado e eles disseram que era.

— Filho, se você, e mais outros onze rapazes como você, fizessem parte daquele júri, o Tom seria um homem livre — disse o Atticus.

— Até agora, ao longo da tua vida, nada interferiu com o teu processo de raciocínio. O júri que condenou o Tom era composto por doze homens razoáveis, mas houve algo que se interpôs entre eles e a razão. E houve a mesma coisa naquela noite em frente à prisão. Quando eles foram embora, não foi por serem homens razoáveis, mas sim porque nós estávamos lá. No mundo em que vivemos existem coisas que fazem com que os homens percam a cabeça... por muito que tentassem, aquela gente jamais conseguiria ser justa. Nos tribunais, quando a palavra de um branco vai contra a palavra de um homem negro, a vitória pertence sempre ao branco. Não é bonito, mas a vida é mesmo assim.

— Isso não faz com que seja justo — afirmou o Jem, com firmeza.

Bateu devagar com o punho sobre o joelho.

— Não se pode condenar um homem com provas destas... não se pode.

— Não se pode, mas eles puderam e fizeram. Quanto mais velho for, melhor verá tudo isto. O único local onde um homem deve ser tratado de forma justa é dentro de um tribunal, seja ele de que cor for, mas os homens acabam sempre por levar os seus ressentimentos para as cadeiras do júri. À medida que for crescendo, e durante todos os dias da tua vida, verá sempre homens brancos enganando homens negros, mas deixe eu te dizer uma coisa que nunca mais vai se esquecer... sempre que um homem branco fizer algo a um homem negro, independentemente da sua natureza, posição, riqueza ou linhagem familiar, esse homem branco nada mais é senão lixo.

O Atticus estava falando tão baixo que aquela última palavra ressoou nos nossos ouvidos. Olhei para cima e o seu rosto transparecia veemência.

— Para mim não há nada mais repugnante do que um branco de quinta categoria tirando partido da ignorância de um negro. E não se iludam... Tudo está se acumulando e, um dia, ainda vamos pagar essa fatura. Só espero que não seja enquanto forem crianças.

O Jem coçava a cabeça. De repente, arregalou os olhos.

— Atticus — disse. — Por que é que pessoas como nós e a Srta. Maudie nunca se sentam nas cadeiras do júri? Nunca se vê ninguém de Maycomb no

júri... vêm todos lá dos bosques.

O Atticus recostou-se na sua cadeira de balanço. Por alguma razão, ele parecia bastante satisfeito com o Jem.

— Estava mesmo pensando quando é que ia lembrar disso — comentou. — Há muitas razões. Primeiro, a Srta. Maudie não pode fazer parte de um júri porque é mulher...

— Quer dizer que as mulheres do Alabama não podem...? — perguntei, indignada.

— É isso mesmo. Acho que é para proteger as nossas frágeis senhoras de casos sórdidos como o do Tom. Além disso — e o Atticus sorriu — duvido que conseguíssemos levar o julgamento até ao fim... as mulheres passariam a vida nos interrompendo para fazer perguntas.

Rimos. Seria, de fato, impressionante ver Srta. Maudie no júri.

Pensei na velha Sra. Dubose, sentada na sua cadeira de rodas...

«Pare de martelar, John Taylor. Eu quero é fazer uma perguntinha a este homem». Os nossos antepassados é que deviam ter razão.

O Atticus estava dizendo:

— Com pessoas como nós... essa é a nossa quota da fatura. Normalmente temos o júri que merecemos. Em primeiro lugar, os firmes e decididos cidadãos de Maycomb não estão interessados. E em segundo lugar, têm medo. Depois, estão...

— Medo? Porquê? — perguntou o Jem.

— Bem, e se... digamos que o Sr. Link Deas tivesse de decidir o montante da indenização a pagar a, digamos, para a Srta. Maudie, quando esta foi atropelada pelo carro da Srta. Rachel. O Link não iria gostar da ideia de perder qualquer uma das clientes da loja, né? Por isso, ele diz ao Juiz Taylor que não pode ser um dos jurados porque não tem ninguém para tomar conta da loja na sua ausência. Daí o Juiz Taylor o dispensa. E às vezes já o tem dispensado mesmo a contragosto.

— O qu’o fez pensar qu’qualquer uma delas podia deixar de fazer negócio co’ele? — perguntei.

— A Srta. Rachel deixaria, quase de certeza, mas a Srta. Maudie não. Mas o voto de um jurado é secreto, Atticus. — Disse o Jem.

O nosso pai encolheu os ombros.

— Ainda tem muito caminho a percorrer, filho. Supostamente o voto é secreto. Mas fazer parte de um júri obriga um homem a pensar e decidir por si próprio sobre alguma coisa. E os homens não gostam de fazer isso. Às vezes é desagradável.

— O júri do Tom decidiu bem rápido — murmurou o Jem.

Os dedos do Atticus procuraram o seu relógio de bolso.

— Não, não decidiu. — Disse ele, mais para si próprio do que para nós. — Foi isso que me fez pensar, bem, que este podia ser o início de qualquer coisa nova. Aquele júri demorou umas horas a decidir. Talvez tenha sido um veredito inevitável, mas normalmente demora só uns minutos. E todo esse tempo... — parou e olhou para nós. — Bom, talvez gostassem de saber que houve um sujeito que se opôs consideravelmente... no início exigiu uma absolvição direta.

— Quem? — o Jem mostrava-se abismado.

Os olhos do Atticus brilharam.

— Eu não devia dizer isto, mas só digo uma coisa. Era um dos seus amigos de Old Sarum...

— Um dos Cunninghams? — gritou o Jem. — Um dos... não reconheci nenhum deles... ’tá brincando.

Olhou para o Atticus pelo canto do olho.

— Um dos seus parentes. Não o dispensei porque tinha um palpite... Um palpite. Podia dispensá-lo, mas não o fiz.

— Meu deus — disse o Jem, com reverência. — Tão depressa o queriam matar como logo a seguir já estavam tentando libertá-lo... Por mais que viva, nunca vou entender aquela gente.

O Atticus disse que era preciso conhecê-los para os compreender.

Ele disse que os Cunninghams nunca tinham tirado nem recebido nada de ninguém desde que tinham imigrado para o Novo Mundo. Também disse que, uma vez conquistado o seu respeito lutariam por nós com unhas e dentes. O Atticus confessou que tinha um pressentimento, não mais que uma suspeita, que, quando saíram da prisão naquela noite, tinham ganho um respeito considerável pelos Finchs. Além disso, disse ele, era preciso juntar um raio, um trovão e mais outro Cunningham para os fazer mudar de ideia.

— Se ao menos tivéssemos dois deles no meio do júri, tínhamos conseguido bloquear a decisão dos jurados.

O Jem disse lentamente:

— Quer dizer que incluiu propositadamente no júri um homem que tinha tentado te matar na noite anterior? Como pode correr esse risco, Atticus? Como?

— Quando analisei a opção, o risco era pequeno. Não há muita diferença entre um homem que sabe que vai condenar e outro homem que também sabe que vai condenar, né? Mas há uma pequena diferença entre um homem que sabe que vai condenar e outro homem que está um pouco confuso, não há? Ele era a minha única dúvida na lista toda.

— Que parentesco tinha esse homem com o Sr. Walter Cunningham? — perguntei.

O Atticus levantou-se, espreguiçou-se e bocejou. Ainda não estava na hora de irmos para a cama, mas sabíamos que ele queria uma oportunidade para ler o seu jornal. Pegou nele, dobrou-o e deu-me uma palmadinha na cabeça.

— Deixa-me ver — murmurou para si mesmo. — Já sei. Duas vezes primo em primeiro grau.

— E como é qu'isso pode ser?

— Duas irmãs casaram com dois irmãos. E não lhes conto mais nada... descubram vocês o resto.

Torturei-me pensando e deduzi que se eu casasse com o Jem e o Dill tivesse uma irmã e casasse com ela, os nossos filhos seriam duas vezes primos em primeiro grau.

— Deus me livre, Jem — disse, quando o Atticus saiu — que gente mais estranha. Ouviu isto, tia?

A tia Alexandra estava bordando um tapete. Embora não estivesse de olho em nós, sempre lhe chegava alguma coisa ao ouvido.

Estava sentada na sua cadeira, com o cesto de trabalho ao lado e o tapete no colo. Nunca consegui entender muito bem por que é que as senhoras bordavam tapetes de lã em noites tão quentes.

— Ouvi — respondeu ela.

Lembrei-me daquela ocasião, distante e desastrosa, quando corri em defesa do jovem Walter Cunningham. Agora estava feliz por tê-lo feito.

— Assim que começar a escola, vou convidar o Walter para vir almoçar aqui em casa — planejei, esquecendo a minha resolução privada de o encher de pancada da próxima vez que o visse.

— Agora também pode ficar às vezes aqui em casa depois da escola. O Atticus podia levá-lo até Old Sarum de carro. Talvez até podia dormir aqui de vez em quando, não acha, Jem?

— Vamos ver — disse a tia Alexandra, uma declaração que, vindo dela, soava sempre a ameaça e nunca a uma promessa. Surpreendida, virei-me para ela.

— Mas por que não, tia? Eles são boa gente.

Ela olhou para mim por cima dos seus óculos de costura.

— Jean Louise, não tenho dúvidas de que são boa gente. Mas eles não são o nosso gênero de pessoas.

— Ela quer dizer que são uns rústicos, Scout.

— O que é um rústico?

— Oh, camponês. Gostam de tocar rabecas e coisas assim.

— Eu também...

— Não seja tonta, Jean Louise — disse a tia Alexandra. — Podíamos esfregar o Walter Cunningham até brilhar, meter-lhe uns sapatos e um terno novo, mas

ele nunca seria como o Jem. Além disso, aquela família tem uma longa história de bebida. As moças Finch não se interessam por aquele tipo de gente.

— Tia — disse o Jem —, ela ainda nem tem nove anos.

— Mais vale aprender enquanto é tempo.

A tia Alexandra tinha dito a sua ordem. De repente, me recordei da última vez em que ela bateu o pé no chão. Nunca soube porquê.

Foi numa altura em que eu estava absorvida nos meus planos para visitar a casa da Calpurnia... estava bastante curiosa, interessada; queria ser sua «convidada», ver como vivia e quem eram os seus amigos. Era como se eu quisesse ver o outro lado da Lua. Desta vez a tática fora diferente, mas o objetivo da tia Alexandra era o mesmo. Provavelmente tinha sido por isso que ela tinha vindo viver conosco... para nos ajudar a escolher os amigos. Estava decidida a impedi-la custasse o que custasse.

— Mas se eles são boas pessoas, por que é que não posso ser simpática para o Walter?

— Eu não disse para não ser simpática com ele. Deve ser simpática e educada com ele. Deve ser gentil com todo mundo, querida. Mas não tem de o convidar aqui para casa.

— E se ele fosse nosso parente, tia?

— O fato é que ele não é nosso parente, mas se fosse, a minha resposta era a mesma.

— Tia — começou o Jem —, o Atticus diz qu'a gente pode escolher os nossos amigos, mas qu' não pode escolher a nossa família.

E que depois continuam a ser nossos parentes quer queiramos quer não, e qu' depois parecemos todos uns tolos se não os aceitarmos.

— É mesmo típico do teu pai — disse a tia Alexandra — mas continuo dizendo que a Jean Louise não pode convidar o Walter Cunningham para dentro desta casa. Mesmo que ele fosse duas vezes primo em primeiro grau, há muito afastado do seio da família, continuaria a não ser recebido nesta casa, a menos que viesse tratar de assuntos profissionais com o Atticus. E o assunto está encerrado.

Ela já tinha dito que não, mas desta vez teria de explicar os motivos.

— Mas eu quero brincar com o Walter, tia. Por que é que não posso?

Ela tirou os óculos e olhou fixamente para mim.

— Sabe porquê, sabe? Porque... ele... é... lixo, e é por isso que não pode brincar com ele. Não quero que ande com ele. Pode aprende os seus hábitos e sabe Deus que mais. Já dá demasiadas dores de cabeça ao teu pai.

Não sei o que me passou pela cabeça, mas o Jem impediu-me de agir. Agarrou-me pelos ombros, me abraçou e me levou até ao quarto, soluçando

furiosamente. O Atticus nos ouviu e meteu a cabeça por entre a porta.

— Está tudo bem, pai — disse o Jem em voz baixa. — Não é nada.

O Atticus foi-se embora.

— Toma um caramelo, Scout — Jem mexeu no bolso e tirou um *Tootsie Roll*. Demorei uns minutos dando uma forma confortável ao caramelo.

O Jem estava arrumando umas coisas na cômoda. O cabelo dele estava todo espetado na nuca e caía sobre a testa. Será que algum dia iria se parecer com um homem? Se rapasse o cabelo, este talvez voltasse a crescer em condições. As sobrancelhas estavam ficando mais grossas e reparei que o seu corpo estava ficando mais elegante.

Além disso, estava ficando mais alto.

Quando olhou para mim, deve ter pensado que eu ia voltar a chorar, pois disse:

— Vou te mostrar uma coisa se prometer não contar a ninguém.

— O quê? — perguntei

Desabotoou a camisa, sorrindo envergonhado.

— Então? — voltei a perguntar.

— Então, não consegue ver?

— Não.

— Bem, é um pelo.

— Aonde?

— Aqui. Aqui mesmo.

Uma vez que ele me tinha apoiado tanto, disse que era muito interessante, embora não tivesse visto nada.

— Que legal, Jem.

— Também tenho debaixo dos braços — prosseguiu. — p'oxmo ano vou p'ro futebol. Scout, não deixe qu'a tia t'enerve.

Parecia que tinha sido ontem que ele me dissera para não incomodar a tia.

— Sabe que ela não está habituada a moças — explicou o Jem — muito menos a moças como 'ocê. Ela está tentando fazer de ti uma senhora. Não pode aprender a bordar ou coisa assim?

— Nem pensar. Ela não gosta de mim. É tão simples quanto isso e eu não me importo mesmo nada. Só fiquei assim p'que ela chamou o Walter Cunningham de lixo, Jem. Não foi por ter dito qu' eu só dava dores de cabeça ao Atticus. Já esclareci isso tudo co' ele e ele disse qu' não, qu'eu até não lhe dou grandes dores de cabeça.

Melhor dizendo, que eu era uma dor de cabeça qu'ele conseguia resolver e depois disse p'ra eu não me preocupar mais co' isso. Na, foi pelo Walter... aquele menino não é lixo, Jem. Ele não é como os Ewells.

O Jem descalçou os sapatos e começou a balançar os pés em cima da cama. Encostou-se na almofada e ligou a luz de leitura.

— Sabe que mais, Scout? Eu agora percebi tudo. Tenho pensado muito nisso e já percebi tudo. No mundo há quatro tipos de pessoas. Há o tipo de pessoas normais como nós e os nossos vizinhos, o tipo de pessoas dos bosques, como os Cunninghams, o tipo de pessoas que vivem em lixeiras, como os Ewells e os negros.

— Então e os chineses e os índios Cajun, p'ra lá em Baldwin County?

— Eu quero dizer que em Maycomb. O que acontece é que as pessoas como nós não gostam dos Cunninghams, os Cunninghams não gostam dos Ewells e os Ewells odeiam e desprezam as pessoas de cor.

Disse ao Jem que, se era assim, então por que é que o júri do Tom, constituído por pessoas como os Cunninghams, não tinha absolvido o Tom em vez dos Ewells?

O Jem repeliu a minha pergunta como se fosse uma infantilidade.

— Sabe — disse ele —, já vi o Atticus batendo o pé ao som de violino no rádio e, mais do que qualquer homem que conheço, ele também gosta do seu licorzinho caseiro...

— E isso faz com qu'a gente seja igual aos Cunninghams — disse eu. — Não 'tô entendo por que é que a tia...

— Não, m' deixa acabar... ele faz, mas, de alguma maneira, continuamos a ser diferentes. O Atticus me disse uma vez que o motivo pelo qual a tia tem tanto orgulho na família é porque tudo o que temos é nome e antecedentes, só que não temos um tostão.

— Bem, Jem, eu não sei... O Atticus disse-me uma vez que esta história de família antiga era uma tolice sem tamanho, porque a família de todos é tão velha como a de qualquer um. Eu perguntei se isso incluía os negros e os ingleses e ele disse que sim.

— Nome e antecedentes não significa ter uma família antiga — contrapôs o Jem. — Acho qu' quer dizer há quanto tempo é qu'a família sabe ler e escrever. Scout, pensei muito nisto e esta é a única razão que encontrei. Em alguma parte no passado, quando os Finchs estavam no Egito, um deles deve ter aprendido um hieróglifo ou dois e ensinou-os ao seu filho — o Jem desatou a rir. — Imagina ocê... a tia toda orgulhosa do seu tetravô saber ler e escrever... as senhoras escolhem umas coisas engraçadas p'ra se orgulharem.

— Bem, fico feliz por ele saber, ou quem quer que tenha ensinado o Atticus a ler. Abem dizer, se o Atticus não soubesse ler, então é que estávamos metidos numa grande enrascada. Acho que os antecedentes não são isso, Jem.

— Então como é que se explica o fato de os Cunningham serem diferentes? O

Sr. Walter mal sabe assinar o nome. Isso eu já vi. Nós sabemos ler e escrever há mais tempo do que eles.

— Não, todos temos d’ aprender, ninguém nasce sabendo. Aquele Walter é bem esperto, reprova muitas vezes p’rque tem de ficar em casa pra ajudar o pai. Não há nada de errado com ele. Não, Jem. Acho que só há um tipo de gente. Pessoas.

O Jem virou-se e bateu na almofada. Quando se recostou apresentava uma expressão sombria. Tinha entrado numa das suas depressões habituais e eu fiquei logo alerta. Uniu as sobrancelhas e a boca tornou-se numa linha fina. Durante algum tempo manteve-se em silêncio.

— Eu também pensava assim — disse, por fim — quando tinha a tua idade. Se só existe um tipo de pessoas, por que é que não se dão bem? E se todos somos iguais, por que é que se esforçam tanto para se odiarem mutuamente? Scout, acho que estou começando a perceber uma coisa. Estou começando a perceber por que é que o Boo Radley se manteve fechado naquela casa durante todo este tempo... é porque ele quer estar lá dentro.

XXIV

A Calpurnia vestia o seu avental mais engomado. Levava uma bandeja com uma *charlotte*. Recuou com as costas voltadas para a porta basculante e empurrou-a ligeiramente. Sempre admirei a graça e a facilidade com que carregava grandes quantidades de doces. Acho que a tia Alexandra também admirava essa sua qualidade, pois tinha-a deixado servir hoje.

Agosto estava acabando e Setembro estava à porta. Amanhã o Dill estaria de volta a Meridian; hoje tinha ido com o Jem até o *Barker's Eddy*. O Jem tinha descoberto, com um misto de espanto e fúria, que nunca ninguém se tinha dado ao trabalho de ensinar o Dill a nadar, um conhecimento que, para o Jem, era tão importante como andar. Tinham passado duas tardes no riacho, dizendo que iam tomar banho nus, por isso eu não podia ir. Restava-me dividir as minhas horas de solidão entre a Calpurnia e a Srta. Maudie.

Hoje a tia Alexandra e o seu círculo de caridade andavam numa roda viva espalhando a boa nova e o espírito missionário por toda a casa. Da cozinha, ouvia a Sra. Grace Merriweather relatando, na sala, as precárias condições de vida dos Mrunas, segundo me foi dado a entender. Quando chegava aquela altura tão especial, fosse lá o que isso fosse, metiam as mulheres em cabanas; não tinham nenhum sentido de família... (eu já sabia que isto ia tirando as forças da tia)... sujeitavam as crianças a provações terríveis, mal atingiam os treze anos; rastejavam como minhocas, mastigavam cascas de árvore e depois cuspiam-nas para dentro da panela comunitária, embebedando-se com aquela mistela.

Imediatamente depois, as senhoras suspenderam os trabalhos para tomar um refresco.

Não sabia se devia ir para a sala ou manter-me afastada. A tia Alexandra disse para me juntar a elas e tomar um refresco; não era necessário que eu assistisse às sessões de trabalho, pois só iria me aborrecer. Envergava o meu vestido de domingo, cor-de-rosa, sapatos e corpete e pensei que se entornasse alguma coisa em cima do vestido, a Calpurnia tinha de o lavar outra vez para o vestir amanhã.

Tinha sido um dia muito ocupado para ela. Por isso, decidi ficar de fora.

— Posso te ajudar, Cal? — perguntei, desejando poder ser útil.

A Calpurnia parou na soleira da porta.

— Melhor se ficar quietinha aí nesse canto — respondeu — e depois pode me ajudar a encher as bandejas quando eu voltar.

O suave zumbido das vozes das senhoras aumentou de volume mal ela abriu a porta.

— Bem, Alexandra, nunca vi uma *charlotte* assim... uma verdadeira delícia... nunca consigo que a crosta fique assim, nunca... ora, e quem se iria lembrar de fazer pequenas tortas de amora... Calpurnia?... quem diria... já lhe contaram que a mulher do pastor... ai não, pois está e o outro que ainda nem sequer anda, imaginem...

Fez-se silêncio e eu percebi que todas tinham sido servidas.

A Calpurnia voltou e colocou numa bandeja a cafeteira pesada de prata que pertencera à minha mãe.

— Esta cafeteira é uma preciosidade — murmurou ela. — Já não se faz mais assim.

— Posso levá-la?

— Só s'a menina tiver cuidado e não a deixa' cair. Pouse-a na ponta da mesa, ao lado da Srta. Alexandra. 'Ó pé das xícaras e assim. Ela despois serve.

Tentei abrir a porta com o traseiro, tal como a Calpurnia fazia, mas a porta nem sequer se mexeu. Sorrindo, me abriu a porta.

— Tenha cuidado, qu'esta pesada. Não olhe p'ra ela, qu'a entorna.

A minha jornada foi coroada de êxito: o sorriso da tia Alexandra resplandecia de satisfação.

— Fica aqui conosco, Jean Louise — pediu-me. Aquilo fazia parte da sua tarefa de me transformar numa senhora.

Era costume a anfitriã do círculo convidar as vizinhas para um refresco, fossem elas Batistas ou Presbiterianas, o que explicava a presença da Srta. Rachel (sóbria como um juiz), da Srta. Maudie e da Srta. Stephanie Crawford. Bastante nervosa, sentei-me ao lado da Srta. Maudie e perguntei-me por que é que as senhoras punham chapéu só para atravessar a rua. Quando as senhoras se juntavam assim, em grupos, sentia-me sempre vagamente apreensiva e um desejo de estar noutro local, uma sensação que era apelidada pela tia Alexandra como de uma «menina mimada».

As senhoras estavam bastante frescas, com uns vestidos muito leves em tom pastel: a maior parte delas tinha posto bastante pó-de-arroz, mas nada de rouge; o único batom que se via era Tangee Natural. Nas unhas brilhava o Cutex Natural, mas algumas senhoras mais novas usavam cor-de-rosa. Cheiravam divinamente. Optei por ficar sentada em silêncio, voltando a assumir o controle das minhas mãos, bem agarradas aos braços da cadeira, à espera que alguém falasse comigo.

O ouro da dentadura da Srta. Maudie reluzia.

— Está muito bem vestida, Srta. Jean Louise — disse ela. — Mas onde é que

estão as tuas calças?

— Debaixo do vestido.

Confesso que não era minha intenção ser engraçada, mas a verdade é que as senhoras riram. Comecei, então, a sentir um calor intenso na face quando, finalmente, percebi o meu erro. Só a Srta. Maudie olhava para mim com gravidade. Ela nunca ria das minhas piadas, a menos que o comentário fosse para ter graça.

No silêncio súbito que se formou, a Srta. Stephanie Crawford perguntou, do outro lado da sala:

— Qu' quer ser quando crescer, Jean Louise? Advogada?

— Não, ainda não pensei nisso... — respondi eu, agradecida pela Srta. Stephanie ter mudado gentilmente de assunto. Comecei então a escolher rapidamente a minha vocação. Enfermeira? Aviadora?

— Bem...

— Ora, ora, e eu que pensava que queria ser advogada. Até já começou a ir ao tribunal.

As senhoras voltaram a rir.

— Esta Stephanie sempre nos saiu uma brincalhona — disse alguém. A Srta. Stephanie acabou sendo encorajada a prosseguir.

— Não quer ser advogada?

A mão da Srta. Maudie agarrou a minha e eu respondi com bons modos:

— Não, só quero ser uma senhora.

A Srta. Stephanie olhou-me, algo desconfiada, achou que eu não estava tentando ser impertinente e contentou-se com um:

— Bem, não vai muito longe se não usar vestidos mais vezes.

A mão da Srta. Maudie apertou a minha e eu não respondi.

O calor da sua mão era mais que suficiente.

A Sra. Grace Merriweather estava sentada à minha esquerda e achei que seria de bom-tom falar com ela. Ao que parece, o Sr. Merriweather, um Metodista inveterado à força, não via nada de errado em cantar «Ó misericordiosa graça como é doce o som que salvou a minha pobre desdita»[12]. Era opinião geral, em Maycomb, que a Sra. Merriweather o tinha feito deixar a bebida, tornando-o um cidadão respeitável. A Sra. Merriweather era, com toda a certeza, a senhora mais devota de Maycomb. Procurei um tópico do interesse dela.

— O que é que estiveram estudando, esta tarde? — perguntei.

— Oh, minha filha, aqueles pobres Mrunas — disse ela e pronto, tinha mordido a isca. Não foram necessárias muito mais perguntas.

Os grandes olhos castanhos da Sra. Merriweather enchiam-se de lágrimas sempre que falava nos oprimidos.

— Vivem naquela selva sem mais ninguém exceto J. Grimes Everett — disse ela. — Não há branco que se aproxime deles à exceção daquele santo J. Grimes Everett.

A Sra. Merriweather tocava a sua voz como um órgão; cada palavra que dizia tinha o seu verdadeiro peso:

— A pobreza... as trevas... a imoralidade... só o J. Grimes Everett sabe o que isso é. Sabe, quando a igreja me confiou a missão de ir até ao acampamento deles, J. Grimes Everett me disse...

— Mas ele não estava lá, s'nhora? Pensei...

— Estava de licença. O J. Grimes Everett me disse «Sra. Merriweather, não faz ideia, não faz a mínima ideia com o que estamos lutando aqui». Foi isso que ele me disse.

— Sim, s'nhora.

— E eu respondi-lhe «Sr. Everett, as senhoras da Igreja Metodista Episcopal do Alabama do Sul, Maycomb, apoiam-no cem por cento». Foi isto que lhe disse. E foi ali, ali mesmo, que eu fiz um juramento solene. Disse para mim mesma, que quando voltar a casa, vou dar um curso sobre os Mrunas e levar a mensagem de J. Grimes Everett a Maycomb e é isso que estou fazendo.

— Sim, s'nhora.

A Sra. Merriweather abanou a cabeça e os seus cachos pretos se agitaram.

— Jean Louise — retomou — você é uma moça afortunada. Vive num lar cristão, de pessoas cristãs e numa terra cristã. Lá na terra de J. Grimes Everett não há nada além de pecado e corrupção.

— Sim, s'nhora.

— Pecado e corrupção... o que disse, Gertrude? — A Sra. Merriweather voltou-se para a senhora que estava sentada ao seu lado. — Ah, isso. Bem, eu digo sempre, perdoar e esquecer, perdoar e esquecer. O que a igreja devia fazer era ajudar essas crianças a viver uma vida cristã. Os homens deviam ir até lá e dizer àquele pastor que devia ajudá-la.

— Desculpe, Sra. Merriweather — interrompi — Está falando da Mayella Ewell?

— May...? Não, filha. A mulher daquele preto. A mulher do Tom, Tom...

— Robinson, s'nhora.

A Sra. Merriweather deu-me outra vez as costas.

— Eu acredito numa coisa, Gertrude — continuou ela —, mas as pessoas não vêm isso da mesma maneira que eu. Se ao menos os fizéssemos ver que lhes perdoamos, que esquecemos tudo, então tudo estaria terminado.

— Ah... Sra. Merriweather — interrompi outra vez — o que é que estaria terminado?

Ela voltou-se de novo para mim. A Sra. Merriweather era um daqueles adultos sem filhos que achava necessário usar um tom de voz diferente para falar com as crianças.

— Nada, Jean Louise — disse ela, muito pausadamente — as cozinheiras e os trabalhadores rurais estavam descontentes, mas já estão se acalmando... resmungaram todo o dia que se seguiu ao julgamento.

A Sra. Merriweather virou-se para a Sra. Farrow:

— Gertrude, te digo que não há nada mais enervante do que um preto temperamental e amuado. Falam e reclamam pelos cotovelos. Ficamos logo com o dia todo estragado quando temos um deles na cozinha. ’Ocê sabe o que é que eu disse à minha Sophy, Gertrude?

Eu disse «Sophy, hoje você não está sendo uma boa cristã. Jesus Cristo nunca andou para aí resmungando e se queixando» e sabe o que mais, fez o bem. Ela levantou os olhos do chão e disse «Não, Sra. Merriweather, Jesus nu’ca ’ndou p’rai resmungando». E digo mais, Gertrude, não devemos perder uma oportunidade de sermos testemunhas do Senhor.

Recordei o pequeno órgão antigo que existia na capela da Fazenda Finch. Quando era pequenina, e se tinha me portado bem durante o dia, o Atticus me deixava tocar nos pedais, enquanto ele tocava uma música, só com um dedo. A última nota ficava pairando no ambiente durante o tempo em que houvesse ar dentro dos tubos. A Sra. Merriweather ficou sem ar, pensei eu, e estava obviamente se reabastecer quando a Sra. Farrow se preparou para tomar a palavra.

A Sra. Farrow era uma mulher com uma constituição esplêndida, olhos pálidos e pés estreitos. Tinha feito uma permanente há pouco tempo e o seu cabelo era uma massa de caracóis cinzentos. Era a segunda senhora mais devota de Maycomb. Tinha o hábito curioso de começar tudo o que dizia com um suave som sibilante.

— Sss Grace — disse ela — era como eu estava dizendo ao Irmão Hutson um dia destes. «Sss Irmão Hutson» dizia eu, «parece que estamos lutando por uma causa perdida, uma causa perdida». Eu disse «Sss até parece que nem se importam. Podemos tentar educá-los até ficarmos roxos, podemos tentar fazer deles bons cristãos até cairmos mortos, e lhe digo mais, nas noites que correm, não há uma senhora que esteja segura na sua cama». E daí ele me disse «Sra. Farrow, assim não sei aonde vamos parar». Sss e eu lhe disse que ele tinha toda a razão.

A Sra. Merriweather acenou sabiamente com a cabeça. A sua voz sobrepôs-se ao tilintar das xícaras de café e ao ruído bovino que saía da boca das senhoras, enquanto deglutiam aquelas iguarias.

— Gertrude — prosseguiu — há pessoas boas nesta cidade, só que desgarradas. Boas, mas desgarradas. Quero dizer, há pessoas nesta terra que acham que estão fazendo o que é certo. Longe de mim dizer quem são. Algumas delas achavam que estavam fazendo o bem, mas tudo que fizeram foi inflamar as coisas. Foi o que conseguiram fazer. Nessa altura, talvez podia parecer a coisa mais acertada a fazer, isso eu não sei, que não li nada sobre esse assunto, mas tão mal-encarados... descontentes... Pois se a minha Sophy continuasse mais um dia naquilo, eu a tinha mandado embora. Aquela cabeça oca nunca percebeu que eu só a conservo porque vivemos tempos difíceis com esta depressão e porque ela precisa daquele dólar e vinte e cinco centavos que recebe todas as semanas.

— Quando se é pobre e mal agradecido, cuspir no prato não custa nada, né?

A autora do comentário tinha sido a Srta. Maudie. Via-se duas pregas bem vincadas no canto da boca. Ela continuava sentada ao meu lado, com a xícara do café equilibrada em cima do joelho.

Há muito que eu já tinha perdido o fio da conversa, quando deixaram de falar sobre a mulher do Tom Robinson, e estava agora entretida pensando na Fazenda Finch e no rio. Mais uma vez a tia Alexandra tinha percebido tudo ao contrário: a parte dos trabalhos da reunião era de fazer gelar o sangue, mas a hora do social, então, era lúgubre.

— Maudie, não entendo o que quer dizer — disse a Sra. Merriweather.

— Tenho a certeza que entendeu — ripostou a Srta. Maudie.

E não disse mais nada. Quando a Srta. Maudie estava zangada a sua brevidade era gélida. Alguma coisa a tinha deixado furiosa e os seus olhos cinzentos eram tão frios como a sua voz. A Sra. Merriweather corou, olhou para mim e depois afastou o olhar. Não conseguia ver o rosto da Sra. Farrow.

A tia Alexandra levantou-se da mesa e, rapidamente, começou a servir mais refrescos, conversando amigavelmente com a Sra. Merriweather e a Sra. Farrow. Quando elas já estavam bem lançadas na conversa com a Sra. Perkins, a tia Alexandra se afastou.

Encarou a Srta. Maudie com um olhar de pura gratidão e pus-me a meditar sobre o mundo das mulheres. A Srta. Maudie e a tia Alexandra nunca tinham sido muito próximas, mas agora a tia Alexandra estava lhe agradecendo silenciosamente por algo. Não sabia era o quê. Fiquei contente por saber que a tia Alexandra sabia agradecer pelo auxílio prestado. Disso não tinha a menor dúvida. Em breve teria de entrar naquele mundo onde, na superfície, as senhoras perfumadas se balançavam lentamente, se abanavam gentilmente e bebiam água fresca.

Mas, de fato, sentia-me bem mais à vontade no mundo do meu pai. As pessoas como o Sr. Heck Tate não nos estendiam armadilhas, por trás de

perguntas inocentes, só para fazerem pouco de nós, e nem o Jem era assim tão crítico, a não ser que eu dissesse algo de muito estúpido. As senhoras pareciam viver a vida com um certo horror dos homens, como se não tivessem a mínima vontade em aprovar os seus Atos. Mas eu gostava deles. Havia algo de especial neles, excluindo a sua linguagem, a bebida, o jogo e o mascar de tabaco; embora fossem um pouco desagradáveis, havia algo neles que eu instintivamente apreciava... eles não eram...

— Hipócritas, Sra. Perkins, hipócritas natos — dizia a Sra. Merrik weather. — Ao menos aqui não temos de carregar esse pecado nas costas. As pessoas lá do Norte deram-lhes a liberdade, mas verdade é qu' não os vemos comer à mesa com eles. Ao menos nós não temos o descaramento de dizer, como eles, lá em cima, «sim, vocês são iguais a nós, mas o melhor é se manterem afastados de nós». Nós aqui em baixo nos limitamos a dizer «vivam as suas vidas que nós vivemos as nossas». Acho que aquela mulher... aquela Sra. Roosevelt perdeu a cabeça... perdeu completamente a cabeça quando veio para Birmingham e tentou sentar-se à mesa com eles. Se eu fosse o Prefeito de Birmingham eu...

Bem, nenhuma de nós era o Prefeito de Birmingham, mas só sei que naquele momento desejei ser o governador do Alabama por um dia: libertaria o Tom Robinson tão depressa que a Sociedade Missionária não ia ter tempo para perceber o que tinha acontecido.

Ainda no outro dia a Calpurnia contava na cozinheira da Srta. Rachel que o Tom estava suportando muito mal a situação e não parou de falar quando eu entrei na cozinha. Ela disse que não havia nada que o Atticus pudesse fazer para tornar mais fácil a prisão do Tom e que a última coisa que lhe disse antes de o levarem para os campos de trabalho foi «Adeus, Sr. Finch, não há nada que possa fazer por mim, por isso não vale a pena tentar». A Calpurnia contou que o Atticus lhe tinha dito que, no dia em que levaram o Tom para a prisão, ele tinha perdido a esperança. Ela disse que o Atticus tinha tentado lhe explicar as coisas, e que ele não devia perder a esperança, pois o Atticus estava fazendo tudo para o libertar. A cozinheira da Srta. Rachel perguntou à Calpurnia por que é que Atticus não lhe tinha dito que sim, que ele ia ser libertado, sem dar grandes explicações... porque isso seria um grande conforto para o Tom. A Calpurnia então respondeu «Porque 'ocê não conhece a lei. A primeira coisa que se aprende quando se vai trabalhar para uma família de homens da lei, é que não há respostas concretas e definitivas para nada. O Sr. Finch não podia dizer uma coisa sem ter a certeza absoluta que tal iria acontecer.»

A porta da frente bateu e ouvi os passos do Atticus no átrio.

Automaticamente pensei que horas seriam. Ainda era cedo para ele chegar em casa e nos dias da Sociedade Missionária era normal ele ficar na cidade até

escurecer completamente.

Parou na entrada da porta. Tinha o chapéu na mão e o rosto estava pálido.

— Perdoem-me, minhas senhoras — disse ele. — Continuem com a conversa, não deixem que a minha presença lhes perturbe.

Alexandra, pode me acompanhar até a cozinha, por um minuto? Quero te pedir a Calpurnia emprestada, por algum tempo.

Em vez de atravessar a sala de jantar, atravessou o corredor dos fundos e entrou na cozinha pela porta de trás. Eu e a tia Alexandra fomos falar com ele. A porta da sala voltou a se abrir e a Srta. Maudie juntou-se a nós. A Calpurnia estava se levantando da cadeira.

— Cal — disse o Atticus —, quero que vá comigo até à casa da Helen Robinson...

— O que aconteceu? — perguntou a tia Alexandra, alarmada pela expressão do meu pai.

— O Tom morreu.

A tia Alexandra levou as mãos à boca.

— Mataram-no a tiro — explicou o Atticus. — Ele estava fugindo. Foi durante o período de exercício. Eles disseram que ele se lançou numa corrida desesperada para a cerca e que começou a trepá-la. Na frente deles...

— E eles não tentaram detê-lo? Não deram tiros de aviso? — a voz da tia Alexandra estremeceu.

— Oh sim, acho que os guardas lhe disseram para parar. Deram alguns tiros para o ar e depois atiraram pra matar. Eles pegaram-no quando ele se preparava para saltar a cerca. Disseram que se ele tivesse dois braços bons teria conseguido fugir. Acho que ele foi muito rápido. Dezessete buracos de balas. Não era preciso disparar tanto. Cal, quero que venha comigo e me ajude a contar a Helen.

— Sim, senhor — murmurou ela, atarantada com o avental. A Srta. Maudie foi até a Calpurnia e ajudou-a a desfazer o nó.

— Esta foi a última gota de água, Atticus — disse a tia Alexandra.

— Depende da perspectiva — disse ele. — O que é um negro a mais ou a menos no meio de duzentos? Para eles, ele não era o Tom, era apenas um fugitivo.

O Atticus encostou-se no *freezer*, empurrou os óculos para cima e começou a esfregar os olhos.

— E nós que tínhamos uma hipótese tão boa — lamentou-se.

— Eu lhe disse isso, mas não podia lhe dizer, de consciência tranquila, que tínhamos mais do que uma boa hipótese. Acho que o Tom estava farto das hipóteses dos homens brancos e preferiu arriscar.

Está pronta, Cal?

— ’Tou sim, Sr. Finch.

— Então, vamos embora.

A tia Alexandra sentou-se na cadeira da Calpurnia e cobriu o rosto com as mãos. Ficou muito quieta; estava tão quieta que eu pensei que fosse desmaiar. Ouvi a respiração pesada da Srta. Maudie, como se tivesse acabado de subir um lanço de escadas, e a conversa animada das senhoras, na sala.

Pensei que a tia Alexandra estava chorando, mas, quando afastou as mãos do rosto, vi que não estava. Ela tinha era uma expressão cansada. Começou falando e, na sua voz, mostrava-se calma.

— Não posso dizer que aprovo tudo o que ele faz, Maudie, mas ele é meu irmão e só queria saber quando é que isto vai acabar — a sua voz aumentou de tom. — É que isto está despedaçando ele. Ele não é o tipo de pessoa que demonstra, mas isto está despedaçando ele.

Eu bem vi quando... que mais é que eles querem dele, Maudie? Que mais?

— Quem, Alexandra? — perguntou a Srta. Maudie.

— Refiro-me a esta cidade. Estão todos dispostos a deixá-lo fazer aquilo que todo mundo tem medo de fazer por conta própria... para não perder o seu rico dinheiro. Está todo mundo disposto a deixá-lo arruinar a sua saúde por aquilo que eles próprios têm medo de fazer, todos...

— Calma, elas ainda te ouvem — disse a Srta. Maudie. — Encara as coisas desta forma, Alexandra. Quer Maycomb saiba ou não, estamos todos prestando-lhe a maior homenagem que podemos prestar a um homem. Nós confiamos nele para fazer o que está certo. É tão simples quanto isso.

— Quem? — a tia Alexandra nem sequer percebeu que repetia a pergunta do seu sobrinho de doze anos.

— O punhado de gente desta cidade que acha que justiça não é só uma prerrogativa dos brancos; aquele punhado de gente que acha que um julgamento justo deve ser para todos; aquele punhado de gente que tem humildade suficiente para pensar, quando olha para um negro, «Aquele poderia ser eu, se não fosse a bondade do Senhor» — de repente, a velha ruga da Srta. Maudie estava reaparecendo. — Aquele punhado de pessoas desta cidade que tem uma família com um nome para zelar. Esses são o teu «quem».

Se eu tivesse estado atenta, teria mais uma nota a acrescentar à definição de nome e antecedentes do Jem, mas quando dei por mim estava tremendo sem parar. Já tinha estado no Campo de Trabalhos Forçados de Enfield e o Atticus tinha me mostrado o pátio de exercícios. Era do tamanho de um campo de futebol.

— Para de tremer — ordenou a Srta. Maudie e eu parei. — Vamos Alexandra, deixamos elas a sós tempo demais.

A tia Alexandra se levantou e alisou os vários babados que tinha à volta da cintura. Tirou o lenço do cinto e limpou o nariz.

Ajeitou o cabelo e disse:

— Tá aparecendo muito?

— Nem um vestígio — respondeu a Srta. Maudie. — Então, está recomposta, Jean Louise?

— Sim, s'nhora.

— Então, vamos nos juntar às senhoras — disse ela, sombriamente.

As vozes delas avolumaram-se quando a Srta. Maudie abriu a porta da sala de jantar. A tia Alexandra entrou na minha frente e vi a sua cabeça erguer-se à medida que atravessava aquela porta.

— Oh, Sra. Perkins — notou ela — Está precisando de mais café. Eu vou buscar já.

— A Calpurnia foi dar um recado, Grace — disse a Srta. Maudie.

— Deixa-me lhe servir de mais uma destas tortas de amora. Soube o que aquele meu primo fez? Aquele que gosta de pescarias?...

E assim continuaram, ao longo daquela fila de senhoras sorridentes, em volta da mesa de jantar, enchendo xícaras de café e distribuindo docinhos como se o único problema que existisse fosse o desastre temporário de terem ficado sem a Calpurnia.

O suave sussurro recomeçou novamente.

— Pois sim, Sra. Perkins, esse J. Grimes Everett é um mártir, um santo, ele... precisavam casar por isso fugiram... ao salão de beleza todas as tardes de sábado... até ao pôr do Sol. Vai para a cama com as... galinhas, uma caixa cheia de galinhas doentes. O Fred diz que tudo começou aí. O Fred diz...

Do outro lado da sala, a tia Alexandra olhou para mi e sorriu.

Olhou para uma bandeja de bolachas, pousada na mesa, e acenou afirmativamente. Peguei cuidadosamente na bandeja e quando dei por mim estava caminhando na direção da Sra. Merriweather. Recorrendo às minhas melhores maneiras, perguntei-lhe se ela não queria se servir. Afinal de contas, se a tia conseguia ser uma senhora numa altura destas, eu também conseguiria.

XXV

— Não faças isso, Scout. Coloque-o já nas escadas de trás.

— Jem, está doido?...

— Já te disse para colocá-lo nas escadas de trás.

Suspirando, peguei naquela pequena criatura, pousei-a no último degrau e voltei para a minha cama. Setembro tinha chegado sem qualquer vestígio de tempo frio e ainda continuávamos dormindo na varanda coberta dos fundos. Ainda havia pirilampos a cirandar e mesmo aqueles bichos os insetos noturnos que costumavam bater todo o santo Verão contra a porta de rede ainda não tinham partido com a chegada do Outono.

Um tatuzinho tinha conseguido entrar dentro de casa; achei que aquele pequeno verme tinha subido as escadas e entrado por debaixo da porta. Ia pousando o meu livro no chão, ao lado da cama, quando o vi. Estas criaturas não têm mais de um centímetro e quando lhes tocamos elas enrolam-se, transformando-se numa bolinha cinzenta.

Deitei-me de barriga para baixo e toquei-lhe. Ele enroscou-se.

Depois, sentindo-se talvez seguro, desenroscou-se lentamente. Com as suas cem pernas caminhou uns centímetros e eu voltei tocando-lhe.

Ele enroscou-se. Sentindo-me sonolenta decidi terminar com aquilo. A minha mão preparava-se para o agarrar quando o Jem me interrompeu.

O Jem estava de testa franzida com ar de poucos amigos. Talvez aquilo fazia parte da fase que ele estava atravessando e desejei que ele se tocasse e a ultrapassasse rapidamente. De fato, ele nunca tinha sido cruel para com os animais, mas também não sabia que a sua caridade abarcava agora o mundo dos insetos.

— Por que é que não o posso esmagar? — perguntei.

— Porque eles não te fazem mal nenhum — respondeu o Jem, na escuridão. Tinha apagado a sua luz de leitura.

— Acho que deve estar na fase de não matar moscas e mosquitos — disse eu. — Quando mudar de ideia avisa. Mas vou te dizer uma coisa, não vou ficar aqui parada sem matar uma pulga.

— Oh, Cale-se aí — respondeu, meio sonolento.

Era o Jem que, cada dia que passava, estava ficando cada vez mais parecido com uma moça. Sentindo-me confortável, deitei-me de costas e esperei pela

chegada do sono e, enquanto esperava, pensei no Dill. Ele tinha nos deixado no primeiro dia do mês, assegurando firmemente que voltaria, no minuto em que a escola terminasse.

...acho que os pais perceberam que ele gostava de passar o Verão em Maycomb. A Srta. Rachel levara-nos com ela no táxi até *Maycomb Junction* e o Dill ficou nos acenando da janela do comboio até deixarmos de o ver. Mas ele não estava longe do meu pensamento: eu tinha saudades dele. Nos últimos dois dias que ele passou conosco, o Jem ensinou-o a nadar...

Ensinou-o a nadar. Estava agora bem acordada, recordando o que o Dill tinha me dito.

Barker's Eddy fica no fim de uma estrada de terra batida, que parte da estrada de Meridian, a aproximadamente um quilômetro e meio da cidade.

Não é difícil pegar carona em uma carroça de algodão ou de qualquer automóvel que passa, e a caminhada até ao riacho é bem fácil, mas a perspectiva de voltar a pé para casa, ao cair do Sol, altura em que não há muito trânsito, é extremamente cansativa. É por esse motivo que os banhistas devem ter o cuidado de não ficar até muito tarde.

Segundo o Dill, ele e o Jem tinham acabado de chegar à estrada quando viram o Atticus dirigindo na sua direção. Ele parecia não os ter visto, por isso acenaram-lhe. Finalmente, o Atticus reduziu e parou; quando chegaram ao lado dele o Atticus anunciou:

— É melhor apanharem uma carona. Eu não vou tão cedo para casa.

A Calpurnia estava sentada no banco de trás.

O Jem protestou, implorou, até que o Atticus disse:

— Muito bem, podem vir conosco, mas têm de ficar no carro.

O Atticus contou-lhes o que tinha acontecido, enquanto dirigia até à casa do Tom Robinson.

Saíram da estrada, passaram lentamente pela lixeira e pela casa dos Ewells e seguiram por uma viela estreita até às barracas dos negros. O Dill disse que havia uma multidão de crianças negras jogando bolinha de gude no quintal de Tom. O Atticus estacionou o carro e saiu. Calpurnia seguiu-o, atravessando o portão da frente.

O Dill ouviu-o perguntar a uma das crianças:

— Onde está a tua mãe, Sam? — e ouviu Sam responder:

— Está lá na casa da Sis Stevens, Sr. Finch. Quer qu'eu vá buscar ela?

O Dill disse que o Atticus parecia hesitante, mas lá respondeu que sim e o Sam desatou a correr.

— Continuem a brincar, meninos — disse o Atticus para as crianças.

Uma menina pequenina apareceu na porta da barraca e ficou olhando para o

Atticus. O Dill disse que o cabelo dela estava cheio de totós espetados, cada um deles com uma fita colorida. Ela sorriu de orelha a orelha e foi para o lado do nosso pai, mas era pequena demais para descer os degraus. O Dill contou que o Atticus foi para o lado dela, tirou o chapéu e ofereceu-lhe o dedo. Ela agarrou-o e ele ajudou-a a descer os degraus. Depois, entregou-a à Calpurnia.

Quando chegaram, o Sam caminhava aos pulinhos atrás da sua mãe. Segundo o Dill, a Helen disse:

— B'noite, Sr. Finch, não quer se sentar?

E nada mais disse. Tal como o Atticus.

— Scout — disse o Dill — ela caiu dura no chão. Caiu dura no chão, como se um gigante com pés grandes tivesse aparecido e tivesse pisado nela. Bum... — O pé gordo do Dill bateu no chão. — Como se 'ocê pisasse uma formiga.

O Dill contou ainda que a Calpurnia e o Atticus levantaram a Helen e levaram-na, meio andando, meio arrastada, para dentro da barraca. Ficaram lá dentro muito tempo até que o Atticus saiu sozinho.

Quando voltamos a passar pela lixeira, alguns Ewells puseram-se a gritar qualquer coisa para eles, mas o Dill não entendeu o que diziam.

Maycomb interessou-se pela notícia da morte do Tom durante uns dois dias; dois dias eram suficientes para que a informação percorresse todo o condado. «Já souberam que?... Não? Bem, eles disseram que ele fugia como um relâmpago...». Para Maycomb, a morte do Tom era típica. Era típico um negro saltando e fugindo. Era típico da mentalidade de um negro não ter planos, não pensar no futuro e limitar-se a aproveitar a primeira hipótese que lhe aparecia pela frente. Engraçado, o Atticus Finch podia tê-lo conseguido pôr em liberdade, mas esperar...? Nem pensar. Sabem como eles são. Assim como vêm, assim vão. Tudo isto só prova que, apesar desse Robinson ser casado legalmente, de se manter limpo e asseado, segundo dizem, de ir à igreja e tudo isso, quando chega o momento da verdade o verniz é demasiado fino. O preto aparece sempre à tona.

Mais uns detalhes, que permitiam que o ouvinte repetisse a sua versão a alguém, e já não havia nada dizendo até o *The Maycomb Tribune* aparecer na quinta-feira seguinte. Não só havia um obituário breve na secção destinada aos negros, mas também um editorial.

O Sr. B. B. Underwood nunca tinha escrito de forma tão amarga e estava pouco se importando se lhe cancelassem alguma publicidade e algumas assinaturas. (Só que Maycomb não jogava segundo estas regras: O Sr. Underwood podia gritar até suar e escrever o que quisesse que não perdia a publicidade e as assinaturas. Se ele queria fazer figuras tristes no seu próprio jornal, isso era problema dele). O Sr. Underwood não escreveu sobre os erros

judiciários. Escreveu antes de uma maneira que até as crianças podiam perceber. O Sr. Underwood disse simplesmente que era pecado matar os aleijados, quer estivessem de pé, sentados ou fugindo. Ele comparava a morte do Tom à matança estúpida das aves canoras, perpetrada por caçadores e crianças, e Maycomb pensou que ele estava tentando escrever um editorial suficientemente poético para voltar a aparecer numa futura reimpressão do *The Montgomery Advertiser*.

Como poderia ser assim, pensava eu, ao ler o editorial do Sr. Underwood. Matança estúpida... Tom tinha sido alvo de um processo legal justo até ao dia da sua morte; ele tinha sido julgado e condenado por doze homens bons e honestos; o meu pai tinha lutado por ele até ao fim. Então, de súbito, a alegoria do Sr. Underwood tornou-se clara para mim: o Atticus tinha usado todos os instrumentos ao alcance dos homens livres para salvar Tom Robinson, mas, naquele secreto tribunal que mora no coração dos homens, o Atticus não tinha a mais pequena hipótese. O Tom era um homem morto a partir do momento em que Mayella Ewell abriu a boca e desatou a gritar.

O nome Ewell causava-me uma sensação desagradável. Maycomb não tinha perdido tempo em saber qual a opinião do Sr. Ewell em relação à morte do Tom e transmiti-la por aquele verdadeiro Canal da Mancha das fofocas chamado Srta. Stephanie Crawford.

A Srta. Stephanie contou à tia Alexandra, na presença do Jem «Oh, ele já tem idade suficiente para ouvir isto» que o Sr. Ewell tinha dito que «um já era» e que só faltavam dois. O Jem disse-me para não ter medo e que as ameaças do Sr. Ewell eram só fogo de palha. O Jem também me disse que se eu contasse uma palavra disto ao Atticus, se o Atticus soubesse que eu sabia, então o Jem nunca mais falava comigo.

XXVI

A ESCOLA COMEÇOU E, com ela, as nossas passagens diárias na frente da Casa dos Radley. O Jem já estava no sétimo ano e tinha ido estudar no colegial, que ficava depois da escola primária; eu estava no terceiro ano e os nossos horários eram tão diferentes, que só ia para a escola com o Jem, de manhã e só o voltava a ver ele na hora das refeições. Ele ingressou na equipe de futebol, mas era tão magro e tão novinho que só o deixavam carregar os baldes de água. Mas ele fazia-o com todo o entusiasmo; na maior parte das vezes, só regressava pra casa ao fim da tarde.

A Casa dos Radley tinha deixado de me aterrorizar, mas nem por isso era menos sombria, menos fria, sob aqueles enormes carvalhos, e muito menos convidativa. O Sr. Nathan Radley ainda era visto, de vez em quando, nas suas idas e vindas à cidade; e também sabíamos que o Boo estava lá pelo mesmo motivo de sempre... pelo menos, ninguém ainda o tinha visto sair dentro de um caixão. Quando por lá passava, às vezes sentia uma pontinha de remorso por ter participado de coisas que deveriam ter atormentado Arthur Radley... afinal de contas, que tipo de recluso é que gostaria de ter crianças espreitando pelas suas portadas, lhe enviando cartas na ponta de uma vara de pescar e vagando pela sua horta durante a noite?

E, no entanto, lembrava-me. As duas moedas com efígies de índios, o chiclete, os bonecos de sabão, uma medalha enferrujada e um relógio estragado com a corrente. O Jem devia ter guardado tudo em algum local. Uma tarde parei e olhei para a árvore: o tronco tinha inchado em volta da placa de cimento. A própria mancha começava agora a ficar amarela.

Por duas vezes que quase o tínhamos encontrado, o que, convenhamos, era um bom resultado fosse para quem fosse.

Mas eu continuava a procurá-lo com o olhar sempre que por passava lá. Quem sabe se um dia não o conseguiríamos finalmente ver. Imaginei então como seria esse momento: nesse dia ele estaria sentado no balanço quando eu passasse. «Com’ está, Sr. Arthur» diria eu, como se o tivesse repetido ao longo de todas as tardes da minha vida. «Boa-tarde, Jean Louise» responderia ele, como se o tivesse repetido ao longo de todas as tardes da minha vida, «está um tempo magnífico, não está?» «Sim, senhor. Está mesmo uma maravilha» diria eu e continuaria o meu caminho.

Mas era só pura fantasia. Nós nunca o veríamos. Talvez ele saísse quando a Lua estivesse baixa e iria espreitar a Srta. Stephanie Crawford.

Eu teria escolhido outra pessoa, mas isso era problema dele.

Aposto que ele nunca iria nos espreitar.

— Não vão começar com isso outra vez, né? — perguntou o Atticus, certa noite em que eu tinha expressado o meu desejo de olhar pelo menos uma vez para o Boo Radley antes de morrer.

— Pois se estiverem pensando nisso, é melhor tirarem o cavalinho da chuva. Já estou velho demais para ficar lhes tirando da propriedade dos Radleys. Além disso, é perigoso demais. Podem levar um tiro. Sei que o Sr. Nathan dispara sobre a mais pequena sombra que vê, inclusive sombras que deixam pegadas descalças número vinte e seis. Vocês tiveram imensa sorte em não serem mortos.

Calei-me naquele instante, mas, ao mesmo tempo, fiquei maravilhada com a reação do Atticus. Foi a primeira vez que ele deu a entender que sabia muito mais do que aquilo que nós pensávamos que ele sabia. E aquilo já tinha acontecido há anos. Não, tinha sido no Verão passado... não, foi no Verão antes desse, quando... bolas, o tempo já me começa a pregar peças. Não posso me esquecer de perguntar ao Jem.

Já nos tinham acontecido tantas coisas que o Boo Radley era a menor das nossas preocupações. O Atticus sossegou-nos, dizendo que não via hipóteses de vir a acontecer mais qualquer coisa, que estas questões tinham a sua maneira própria de acalmar e que, quando passasse tempo suficiente, as pessoas iam esquecer completamente que o Tom Robinson tinha existido.

É provável que o Atticus tinha razão, mas verdade é que os acontecimentos do Verão pairavam ainda sobre nós, como fumaça presa num quarto fechado. Os adultos de Maycomb nunca discutiam o assunto comigo nem com o Jem; a ideia que transparecia era que falavam disso com os seus filhos e a sua atitude parecia querer indicar que nós não tínhamos culpa de ter um pai como o Atticus, pelo que as suas crianças tinham necessariamente de ser simpáticas conosco. Aposto que as crianças nunca pensaram nisso sozinhas: isto é, se os nossos colegas tivessem agido de acordo com os seus próprios impulsos, eu e o Jem já teríamos acertado as contas na base do soco e o assunto estaria encerrado de vez, rápida e satisfatoriamente.

Sendo assim, tínhamos de levantar a cabeça e nos comportarmos, respectivamente, como um cavalheiro e como uma senhora. Era como se voltássemos a viver na era da Sra. Henry Lafayette Dubose, só que sem a sua gritaria. No entanto, ocorreu uma coisa estranha que nunca percebi muito bem: apesar dos revezes do Atticus como pai, as pessoas não tiveram qualquer escrúpulo em reelegê-lo para a comissão legislativa do estado, sem oposição,

como era, aliás, costume.

Cheguei à conclusão de que as pessoas eram estranhas, por isso, fui me afastando delas e só pensava nelas quando a isso era obrigada.

E, de fato, a isso fui obrigada, um dia, na escola. Uma vez por semana tínhamos uma atividade denominada de Atualidades.

Cada criança tinha de recortar um artigo de jornal, assimilar o seu conteúdo e apresentá-lo ao resto da turma. Supostamente esta prática servia para retificar certos problemas: o fato de estar de pé perante os colegas, dava à criança uma boa postura e melhorava a sua confiança e atitude; a obrigatoriedade de fazer uma pequena palestra, permitia-lhe tomar consciência da importância das palavras; a investigação e aprendizagem em torno do evento atual fortalecia a sua memória e, por último, o seu isolamento face à turma aumentava a sua vontade de regressar ao seio do grupo.

A ideia era profunda, mas, como sempre, este tipo de coisas não funcionava muito bem em Maycomb. Em primeiro lugar, havia poucas crianças, nos meios rurais, com acesso aos jornais, por isso o fardo das Atualidades acabava por ser sempre suportado pelas crianças da cidade, contribuindo para reforçar a convicção das crianças que tinham que se deslocar de ônibus de que os meninos e meninas da cidade eram sempre os favoritos. As crianças do campo que tinham essa oportunidade, normalmente traziam recortes do chamado *The Grit Paper*, visto como um jornaleco aos olhos da Srta. Gates, a nossa professora. Nunca cheguei a saber por que é que ela fazia má cara quando via uma criança lendo um artigo do *The Grit Paper*, mas desconfio que este fato estava associado ao gosto por tocar rabeca, comer biscoitos com melaço, ser um fundamentalista religioso, cantar «Era uma vez um cavalo», pronunciando cabalo, tudo coisas que o estado pagava para serem desencorajadas pelos nossos queridos professores.

Mas, mesmo assim, a maioria das crianças não sabia o que era uma Atualidade. O pequeno Chuck Little, já com cem anos de experiência sobre as vacas e os seus hábitos, estava no meio de uma história sobre a publicidade do Uncle Natchell[13] quando foi interrompido por Srta. Gates:

— Charles, isso não é um acontecimento da Atualidade. Isso é um anúncio.

Mas o Cecil Jacobs sabia o que era uma Atualidade. Quando chegou à sua vez, ele foi para a frente da sala de aula e começou:

— O velho do Hitler...

— Adolf Hitler, Cecil — corrigiu a Srta. Gates. — Não se começa uma frase com *O velho do... qualquer coisa.*

— Si', s'nhora — respondeu. — O velho do Adolf Hitler tem andado a *prosseguir* os...

— Perseguir, Cecil...

— Não, Srta. Gates. Aqui diz que... bem, o velho do Adolf Hitler tem andado atrás dos judeus e daí bota-os nas prisões e fica com tudo qu'é deles e despois num deixa eles saírem do país e anda p'rã a lavar os pobres de espírito...

— Lavar os pobres de espírito?

— Si', s'nhora, Srta. Gates. Acho qu'eles lá num sabem lavar-se sozinhos, pois 'té os idiotas num sabem cuidar de si. Bem, de qualquer maneira, o Hitler já começou um programa p'ra juntar também os meios-judeus e ele depois quer registá-los qu'é pró caso de lhe quererem fazer mal e acho qu'isso tudo é uma coisa má e assim, é esta a minha Atualidade.

— Muito bem, Cecil — elogiou a Srta. Gates. O Cecil voltou para o seu lugar, todo inchado de orgulho.

Do fundo da sala, levantou-se uma mão.

— Como é que ele pode fazer aquilo?

— Quem é que pode fazer o quê? — perguntou a Srta. Gates, pacientemente.

— Quer dizer, como é qu'o Hitler pode meter tanta gente numa prisão daquelas, o gove'no devia era pará-lo — disse o dono da mão.

— Hitler é o governo — disse a Srta. Gates e, aproveitando a oportunidade para imprimir uma maior dinâmica à educação, dirigiu-se até ao quadro. Escreveu DEMOCRACIA em letras grandes.

— Democracia — leu. — Alguém sabe uma definição?

— Nós... — respondeu alguém.

Eu levantei também a mão, recordando um velho slogan de campanha que o Atticus me tinha contado.

— O que acha que significa, Jean Louise?

— Direitos iguais para todos, nenhum privilégio especial para ninguém — citei de cor.

— Muito bem, Jean Louise. Muito bem — a Srta. Gates sorriu. Em seguida, antes da palavra DEMOCRACIA escreveu NÓS SOMOS UMA.

— Agora, turma, digam todos «Nós somos uma democracia».

E nós repetimos. Então, a Srta. Gates disse:

— É esta a diferença entre a América e a Alemanha. Nós somos uma democracia e a Alemanha é uma ditadura — explicou. — O nosso país não persegue ninguém. A perseguição vem de gente que é racista.

Ra-cis-mo — enunciou cuidadosamente. — No mundo, não há pessoas melhores do que os judeus, mas Hitler não pensa desta forma. E é isso que mais me confunde.

Uma alma curiosa perguntou:

— Por que é que acha que eles não gostam dos judeus, Srta. Gates?

— Não sei, Henry. Eles contribuem para o bem-estar das sociedades em que vivem e, acima de tudo, são um povo extremamente religioso. Hitler quer acabar com a religião e é provável que é por isso que não gosta deles.

Cecil tomou a palavra.

— Bem, eu não tenho bem certeza — começou — mas acho que eles trocam dinheiro ou coisa assim. Mas isso não é razão para os perseguir. Eles são brancos, não são?

A Srta. Gates respondeu:

— Quando for para o colégio, Cecil, vai descobrir que os judeus têm sido perseguidos desde os princípios da História e que até foram expulsos do seu próprio país. É uma das histórias mais terríveis da História. Bem, já está na hora da aula de Matemática, crianças.

Como nunca gostei de Matemática, passei a aula olhando pela janela. As únicas vezes que via o Atticus verdadeiramente enfurecido era quando o Elmer Davis[14] nos dava as últimas notícias sobre o Hitler. O Atticus desligava o rádio e só dizia «Hmp!». Um dia lhe perguntei porque era tão impaciente com Hitler e ele respondeu:

— Porque ele é um louco.

Não há meio de me entrar na cabeça, murmurava eu, enquanto a turma continuava embrenhada nas suas somas. Um louco e milhões de alemães. A mim me parecia que eles deviam era meter o Hitler numa prisão, em vez de deixar que fosse ele a colocá-los lá dentro. Havia qualquer coisa que não batia certo... teria de perguntar ao Atticus.

Assim fiz e ele disse que não podia responder, pois não tinha resposta para me dar.

— Então não faz mal odiar o Hitler?

— Claro que faz — disse ele. — Não se deve odiar ninguém.

— Atticus — continuei —, há uma coisa que não estou entendendo. A Srta. Gates disse que é horrível o que o Hitler está fazendo, até ficou toda vermelha...

— É compreensível.

— Mas...

— Sim?

— Não é nada, pai.

Me afastei, incapaz de conseguir explicar ao Atticus o que estava dentro da minha cabeça, incapaz de conseguir explicar o que era apenas um sentimento. Talvez o Jem podia me dar uma resposta.

O Jem entendia melhor as coisas da escola do que o Atticus.

O Jem estava esgotado depois de um dia inteiro carregando baldes de água. Devia haver uma boa dúzia de cascas de banana, jogadas no chão, ao lado da

cama, e em volta de uma garrafa de leite vazia.

— Está se empanturrando p'ra quê? — perguntei.

— O treinador disse que se eu conseguir engordar uns dez quilos, daqui a dois anos já posso jogar — disse ele. — E esta é a maneira mais rápida.

— Isso é se não vomitar tudo, Jem — disse eu. — Quero te perguntar uma coisa.

— Manda.

Ele pousou o livro e esticou as pernas.

— A Srta. Gates é uma senhora muito simpática, não é?

— Claro que é — respondeu o Jem. — Eu gostava dela quando andava na sua série.

— É que ela odeia muito o Hitler...

— E o que há de errado com isso?

— Bem, hoje ela falou qu'era errado ele tratar os judeus daquela maneira. Jem, não está certo andar perseguindo as pessoas, né? Ou melhor, ter maus pensamentos sobre alguém, não é?

— Claro que não, Scout. O que é que está acontecendo contigo?

— Bem, quando naquela noite, no tribunal, a Srta. Gates... ela estava descendo os degraus na nossa frente, 'ocê não a deve ter visto... qu'ela estava falando com a Srta. Stephanie Crawford. Eu ouvi-a dizer que já era hora de alguém lhes dar uma lição, que estavam se excedendo e que a seguir já iam começar a pensar que podiam casar conosco. Jem, como é possível odiar tanto o Hitler e, assim que viram as costas, ser tão mau para as pessoas da nossa terra...

De repente, o Jem ficou possesso de raiva. Saltou da cama, me agarrou pela gola e começou a me balançar.

— Nunca mais quero ouvir falar daquele tribunal, ouviu? Nunca mais, nunca mais! Ouviu bem? Nunca mais fale disso, ouviu? Agora, vai embora daqui!

Fiquei surpresa demais para chorar. Saí do quarto do Jem e fechei a porta com cuidado, para o barulho não irritá-lo outra vez.

Senti-me subitamente cansada. Só queria o Atticus. Ele estava na sala. Fui até onde ele estava e tentei subir-lhe para o colo.

O Atticus sorriu.

— Já está crescida demais para isto. Eu só consigo segurar uma parte de ti — e apertou-me contra ele.

— Scout — disse, com a maior suavidade do mundo —, não deixe que o Jem te desanime. Ele está passando por tempos difíceis. Eu ouvi os dois.

O Atticus explicou-me que o Jem estava tentando esquecer alguma coisa, mas o que ele estava fazendo, na realidade, era guardar tudo dentro dele até que passasse tempo suficiente. Quando chegasse esse momento seria capaz de pensar

sobre o assunto e entender melhor as coisas que tinham acontecido. O Jem voltaria a ser o nosso velho Jem de sempre, assim que conseguisse pensar nas coisas com mais clareza.

XXVII

TAL COMO O ATTICUS tinha dito, passado algum tempo, as coisas se acalmaram. Até meados de Outubro só tinham acontecido duas pequenas coisas a dois cidadãos de Maycomb. Não, melhor dizendo, tinham acontecido três coisas que não nos diziam... aos Finch, digo eu... diretamente respeito, mas que, de certa forma, até diziam.

A primeira coisa foi que o Sr. Bob Ewell conseguiu, simultaneamente, obter e perder um emprego em coisa de poucos dias, fato único nos anais da história dos anos trinta: na verdade, ele tinha sido o único homem que fora despedido da WPA por ser preguiçoso. Acho que a sua súbita e breve fama lhe acabou por proporcionar uma ainda mais breve explosão de atividade, embora o emprego tenha durado tanto como a sua notoriedade: o Sr. Ewell deu por si tão esquecido como o Tom Robinson. Posto isto, lá voltou ele a aparecer semanalmente na segurança social para levantar o seu cheque que recebia, sem qualquer glória, murmurando mal-humorado, entredentes, que os sacanas dos mandões que governavam aquela cidade não deixavam que um homem honesto pudesse ganhar a sua vida. Ruth Jones, a senhora da segurança social, referiu mesmo que o Sr. Ewell acusara abertamente o Atticus de lhe ter feito perder o emprego. E que estava suficientemente chateado para ir até ao escritório do Atticus e dizer-lhe isso na cara. O Atticus explicou a Srta. Ruth que não se preocupasse com o assunto e que se o Bob Ewell queria falar com ele sobre o fato de «lhe ter feito perder o emprego» ele conhecia muito bem o caminho para o seu escritório.

A segunda coisa passou-se com o Juiz Taylor. O Juiz Taylor não costumava ir à igreja aos domingos à noite, ao contrário da Sra. Taylor. O Juiz Taylor gostava de saborear aquela hora de domingo sozinho na sua enorme casa, então aquela hora da missa era sagrada para se fechar no seu escritório, embrenhado na leitura dos escritos de Bob Taylor (não havia qualquer parentesco, mas penso que o juiz teria orgulho se assim fosse). Certo domingo à noite, perdido nas suas metáforas frutuosas e estilo floreado, a atenção do Juiz Taylor foi desviada por um irritante ruído de alguém arranhando. «Chiu» disse para Ann Taylor, para sua gorda cadela vira-lata.

Depois percebeu que estava falando para uma sala vazia; o arranhar vinha dos fundos da casa. O Juiz Taylor foi até à varanda dos fundos para deixar sair Ann e deu com a porta de rede aberta. Os seus olhos viram uma sombra escapulindo

pela esquina da casa e foi tudo o que pode ver daquele estranho visitante. Quando a Sra. Taylor voltou da igreja deu com o marido sentado na cadeira, perdido nos escritos de Bob Taylor, com uma espingarda pousada no colo.

A terceira coisa aconteceu a Helen Robinson, a viúva do Tom.

Se o Sr. Ewell tinha caído no esquecimento como o Tom Robinson, o Tom Robinson caíra no esquecimento como o Boo Radley. Mas o Tom Robinson não tinha sido esquecido pelo seu ex-patrão, o Sr. Link Deas. Por isso, o Sr. Link Deas criou um emprego para a Helen.

Na realidade, ele não precisava dos serviços dela, mas dizia que se sentia mal pelo fato de as coisas terem acabado daquela maneira.

Nunca soube quem tomava conta daquelas crianças enquanto a Helen ia trabalhar. A Calpurnia dizia que era bastante duro para a Helen, porque ela tinha de percorrer um quilômetro e meio a mais, só para evitar a casa dos Ewells, que, segundo Helen «tinham lhe falado uns palavões» a primeira vez que ela tentou passar pelo caminho público. O Sr. Link Deas começou então a perceber que, todas as manhãs, quando chegava ao emprego, ela vinha sempre da direção errada e arrancou-lhe verdade.

— Deix’ estar, o Sr. Link. Por favor, sinhô — implorou a Helen.

— Era só o que faltava! — respondeu o Sr. Link.

Nessa mesma tarde, ele lhe pediu que passasse pela sua loja antes de ir para casa. Assim fez. O Sr. Link fechou a loja, pôs o chapéu com firmeza na cabeça e levou Helen pra casa. Levou-a pelo caminho mais curto que passava pela porta dos Ewells. Ao regressar, o Sr. Link parou frente àquela bizarra cerca.

— Ewell? — chamou ele. — Vem aqui, Ewell!

As janelas, normalmente repletas de crianças, estavam vazias.

— Sei que estão todos aí dentro deitados no chão. Agora me escute com atenção, Bob Ewell: se eu ouvir mais alguma palavra da Helen a respeito de não poder seguir por este caminho, te coloco na cadeia antes do pôr do Sol.

O Sr. Link cuspiu para o chão e foi para casa.

No dia seguinte, Helen foi trabalhar e utilizou o caminho público.

Ninguém lhe disse nada, mas quando já estava a alguns metros além da casa dos Ewells, virou-se e viu o Sr. Ewell caminhando atrás dela. Voltou-se, continuou a caminhar e o Sr. Ewell foi se mantendo à distância até ela chegar na casa do Sr. Link Deas. A Helen disse que, durante todo o caminho, só ouvia a voz dele atrás dela sussurrando palavrões. Aterrorizada, telefonou para a loja do Sr. Link, que não era muito longe da casa. Quando o Sr. Link saiu da loja, viu o Sr. Ewell encostado na cerca. O Sr. Ewell disse:

— Num m’ olhe assim, Link Deas. Num m’ olhe como s’ eu fosse lixo. Eu não assaltei a tua...

— A primeira coisa que tem de fazer, Ewell, é tirar essa carcaça fétida da minha propriedade. Está encostado na cerca e eu não tenho dinheiro para a mandar pintar outra vez. A segunda coisa é fique longe da minha cozinheira ou ainda te meto na cadeia por agressão...

— Eu nem lhe toquei, Link Deas, e não ando atrás de pretas!

— Não precisa lhe tocar, basta só assustá-la e se agressão não é suficiente para te manter atrás das grades por um bom tempo, meto-te dentro ao abrigo da lei de proteção às mulheres, por isso desaparece da minha vista! Se acha que eu não estou falando sério, experimenta incomodar a moça mais uma vez!

O Sr. Ewell deve ter pensado que ele falava a sério, pois a Helen nunca mais voltou a tocar no assunto.

— Não gosto nada disto, Atticus, mas de nada mesmo — foi o comentário da tia Alexandra sobre àqueles acontecimentos. — Aquele homem parece ter uma permanente obsessão de vingança contra todos os envolvidos naquele caso. Eu sei que aquela gente é rancorosa, mas não vejo a necessidade disso... ele conseguiu levar a dele avante no tribunal, não foi?

— Eu até acho que entendo — disse o Atticus. — Pode muito bem ser porque houve muito poucas pessoas em Maycomb que acreditaram na história que ele e a Mayella contaram. Ele pensou que iria ser um herói, e tudo o que recebeu foi... foi, bem, nós condenamos este preto, mas ’ocê volta lá para a tua lixeira. Ele já se meteu com todo mundo, por isso já devia estar satisfeito. Verá que ele acalma. quando o tempo mudar.

— Mas por que é que ele iria tentar assaltar a casa do John Taylor? Está claro que não sabia que o John estava em casa, caso contrário nem sequer teria tentado. As únicas luzes que ficam acesas ao domingo são as da varanda da frente e as do escritório do John...

— Você não sabe se foi o Bob Ewell quem cortou aquela porta de rede, ninguém sabe quem foi — disse o Atticus. — Mas eu calculo.

Consegui provar que ele era um mentiroso, mas o John fê-lo fazer papel de estúpido. Durante todo o tempo em que ele esteve no banco das testemunhas, eu não conseguia olhar para o John e manter um semblante sério. O John olhava para ele como se ele fosse uma galinha com três pernas ou um ovo quadrado. E não me diga que, os juízes não tentam influenciar os jurados — disse o Atticus rindo.

No final de Outubro, as nossas vidas tinham assumido aquela rotina tão familiar de ir à escola, brincar e estudar. O Jem parecia ter tirado da cabeça o que quer que fosse que tentava esquecer e, por compaixão, os nossos colegas tinham nos deixado esquecer as excentricidades do nosso pai. Um dia, Cecil Jacobs perguntou-me se o meu pai era um Radical. Quando fiz a pergunta ao Atticus,

este achou-a tão divertida que até fiquei um pouquinho aborrecida, mas ele disse que não estava rindo de mim. Depois disse:

— Diz ao Cecil que eu sou tão radical quanto o Cotton Tom Heflin[15].

A tia Alexandra ia de vento em popa. A Srta. Maudie devia ter silenciado toda a sociedade missionária com um só golpe, porque a tia voltou a ter o domínio do galinheiro. Os seus lanchezinhos tornavam-se cada vez mais deliciosos. Consegui aprender mais alguma coisa sobre a vida social dos pobres Mrunas através da Sra. Merriweather: tinham tão pouca noção de família, que toda a tribo era uma enorme família. Uma criança tinha tantos pais quantos os homens que existissem na comunidade e tantas mães quantas as mulheres que lá viviam. J. Grimes Everett estava fazendo o seu melhor para mudar isso e precisava, desesperadamente, das nossas orações.

Maycomb voltou a ser o que era. Exatamente igual ao ano passado e ao ano anterior a esse, mas só com duas ligeiras alterações.

Em primeiro lugar, as pessoas retiraram das vitrines das lojas e dos carros os adesivos que diziam NRA — NÓS FAZEMOS A NOSSA PARTE. Perguntei ao Atticus por que é que eles tinham feito isso e ele respondeu que era porque a National Recovery Act[16] estava morta e enterrada. Perguntei quem é que a tinha morto; ele disse nove velhos.

A segunda mudança ocorrida em Maycomb, desde o ano passado, não tinha importância nacional. Até essa altura, o Dia das Bruxas era um evento completamente desorganizado. Cada criança fazia o que lhe dava na veneta, com a ajuda de outras crianças, se fosse para mudar alguma coisa de local, como por exemplo, colocar uma carroça leve em cima do telhado da cocheira municipal.

Mas os pais tinham achado que no ano anterior as coisas tinham ido longe demais, altura em que a paz da Srta. Tutti e a Srta. Frutti fora estilhaçada.

A Srta. Tutti e a Srta. Frutti Barber eram duas irmãs solteironas que viviam juntas na única casa de Maycomb com porão. Dizia-se que as senhoras Barber eram republicanas, tendo emigrado de Clanton, Alabama, em 1911. Os seus costumes eram para nós um pouco estranhos e ninguém sabia para que é que elas queriam um porão. Mas verdade é que como desejavam um porão, acabaram por construí-lo, tendo, desde então, passado o resto das suas vidas escorraçando gerações e gerações de crianças.

Além dos seus modos ianques, a Srta. Tutti e a Srta. Frutti (os seus nomes verdadeiros eram Sarah e Frances) eram surdas como uma porta. A Srta. Tutti negava-o e vivia num mundo silencioso, mas Srta. Frutti, como não queria perder nem uma pequena porção, usava uma corneta acústica tão grande que o Jem dizia ser igual ao alto-falante de uma daquelas vitrolas com o cão[17].

Tendo estes fatos presentes, e o Dia das Bruxas à porta, algumas crianças bem danadinhas esperaram até que as irmãs Barber estivessem dormindo profundamente, entraram na sala de estar (só os Radleys é que trancavam as portas à noite), levando, furtivamente, todos os móveis e escondendo-os no porão. Devo dizer que nego ter tomado parte em semelhante coisa.

— Eu ouvi eles! — foi este o grito que acordou os vizinhos das irmãs Barber, no dia seguinte. — Ouvi eles trazendo um caminhão até à porta! Pareciam cavalos. A esta hora, já devem estar em Nova Orleans.

A Srta. Tutti achava que tinham sido aqueles vendedores ambulantes de peles, que tinham estado na cidade há dois dias, que lhes tinham roubado a mobília.

— Escu...ros, eram escuros — descreveu. — Sírios.

O Sr. Heck Tate foi chamado. Examinou o local e disse que tinha sido um trabalho de gente da terra. A Srta. Frutti disse que reconheceria uma voz de Maycomb em qualquer parte do mundo e que não tinham sido vozes de Maycomb as que ela tinha ouvido na noite passada... estes enrolavam os erres por toda a parte, ora como enrolavam.

A Srta. Tutti insistiu que deviam chamar os cães para encontrar a mobília. O Sr. Tate viu-se então obrigado a percorrer dezesseis quilômetros para ir buscar os cães policiais e colocá-los para farejar.

O Sr. Tate soltou-os dos degraus da casa das irmãs Barber, mas a única coisa que fizeram foi dar a volta, até aos fundos da casa, e começaram a uivar na porta do porão. Quando o Sr. Tate os soltou pela terceira vez, adivinhou finalmente verdade. Ao meio-dia daquele dia não havia uma única criança descalça em Maycomb e só voltaram a tirar os sapatos quando os cães se foram embora.

Por isso, as senhoras de Maycomb disseram que este ano seria bem diferente. O auditório do colégio ia estar aberto, ia haver uma representação dramática para os adultos e jogos tradicionais para as crianças, entre os quais a caça à maçã, estender massa, corrida de colher, o jogo da corda e da cauda do burro. Além disso, também ia haver um prêmio de vinte e cinco centavos para a melhor fantasia original usada pelo seu criador.

Jem e eu reclamamos. Não porque quiséssemos fazer propriamente alguma coisa, mas mais por uma questão de princípio.

O Jem já se considerava demasiado velho para o Dia das Bruxas; a ele ninguém o apanhava à beira do colégio, numa ocasião como aquela. Bem, pensei eu, o Atticus é que teria de me levar.

No entanto, não tardou que eu soubesse que iriam precisar dos meus serviços no palco nessa noite. A Sra. Grace Merriweather tinha composto um desfile original chamado Maycomb County: *Ad Astra Per Aspera* e eu deveria me fazer de presunto. Ela achou que seria amoroso se algumas crianças se vestissem de

forma a representar os produtos agrícolas do condado: Cecil Jacobs ia vestido de vaca; Agnes Boone ia ser um lindo feijão-manteiga, uma outra criança ia se fazer de amendoim e por aí adiante, até esgotar a imaginação da Sra. Merriweather e o fornecimento de crianças.

A nossa única função, tanto quanto pude perceber pelos dois ensaios, era entrar pela esquerda do palco, enquanto a Sra. Merriweather (não apenas a autora, mas também a narradora) nos identificava um a um. A minha deixa era ouvi-la gritando «Porco». Depois, o grupo todo reunido devia cantar o tema «Condado de Maycomb, Condado de Maycomb, te seremos sempre fiéis» em jeito de *grand finale*, altura em que Sra. Merriweather subiria ao palco exibindo a bandeira do estado.

a minha fantasia não foi grande problema. A Sra. Crenshaw, a costureira local, tinha tanta imaginação como a Sra. Merriweather.

A Sra. Crenshaw pegou no arame e dobrou-o, dando-lhe a forma de um presunto defumado. Depois, cobriu o arame com tecido castanho e pintou-o de forma a parecer-se com o original. A única coisa que eu tinha de fazer era meter-me por baixo da fantasia e esperar que alguém me enfiasse aquela engenhoca pela cabeça abaixo. Chegava-me quase aos joelhos. A Sra. Crenshaw teve a excelente ideia de me deixar dois buracos para os olhos. Fez um excelente trabalho, confesso; o Jem disse que eu parecia mesmo um presunto, mas com pernas. Apesar disso, o desconforto era grande: era quente; era justo; e se tivesse coceira no nariz não conseguia coçar, não o conseguiria tirar sozinha.

Quando chegou o Dia das Bruxas, pensei que toda a família estaria presente para me ver atuar, mas fiquei desapontada. O Atticus usou de todo o seu tato para me dizer que não sabia se ia aguentar o desfile de hoje e que queria ficar por casa. Tinha estado uma semana em Montgomery e hoje tinha regressado bastante tarde. Ele pensou que o Jem me acompanharia se eu lhe pedisse.

A tia Alexandra disse que tinha de ir cedo para a cama. Tinha ficado a tarde toda decorando o palco e estava esgotada... e parou no meio da frase. Fechou a boca, voltou a abri-la, mas as palavras não saíam.

— Qu’ foi, tia? — perguntei.

— Oh, não foi nada — disse ela. — Alguém acabou de passar por cima da minha sepultura.

Com um gesto, afastou o que quer que fosse que lhe tinha feito sentir aquele arrepio de apreensão e sugeriu que eu fizesse, ali na sala, uma antestreia para toda a família. O Jem enfiou-me dentro da fantasia, ficou na porta da sala e gritou «Po-orco» exatamente como a Sra. Merriweather teria dito e eu entrei. O Atticus e a tia Alexandra ficaram encantados.

Repeti a atuação na cozinha para a Calpurnia e ela disse que eu estava uma

maravilha. A minha vontade era atravessar a rua para mostrar a Srta. Maudie, mas o Jem disse que era provável que ela fosse ao desfile.

Depois disto, já não me importava que eles não fossem. O Jem disse que me levava. E assim teve início a nossa mais longa jornada juntos.

XXVIII

NAQUELE ÚLTIMO DIA de Outubro, o tempo estava estranhamente quente. Nem sequer precisávamos de casaco. O vento começava a soprar mais forte e o Jem disse que ia começar a chover antes de voltarmos para casa. Não havia luar.

Na esquina, o candeeiro da rua desenhava sombras afiadas sobre a casa dos Radleys. Reparei que o Jem ria baixinho.

— Aposto que ninguém os vai incomodar esta noite — disse ele.

O Jem carregava a minha fantasia de presunto, um tanto ou quanto desajeitadamente, como se fosse difícil de segurar. Pensei que era galante da parte dele levá-lo.

— Mas é um local que mete medo, não mete? — comentei. — Hoje o Boo não quer fazer mal a ninguém, mas olha que estou bem contente por vir comigo.

— Sabe bem que o Atticus não te deixaria ir sozinha até à escola — disse o Jem.

— Não entendo porquê. É só virar a esquina e atravessar o pátio.

— Ora, mas esse pátio é comprido demais para as moças atravessarem à noite — disse o Jem, tirando sarro. — Não tem medo de alma penada?

Desatamos os dois a rir. Almas penadas, suga-vidas, encantamentos e sinais secretos, tudo tinha desaparecido com o passar dos anos como a neblina com o nascer do Sol.

— Como é que era aquela velha canção? — perguntou o Jem — «Anjo-Luz, vida na morte, sai do meu caminho, não leve embora minha sorte.»

— Vai pra lá com isso — pedi-lhe. Estávamos na porta da Casa dos Radley.

— O Boo não deve estar em casa. Ouve só — disse o Jem.

Na escuridão da noite, sobre as nossas cabeças, uma cotovia ia derramando o seu repertório numa abençoada ignorância, feliz por não saber em que árvore pousava, passando do agudo kee, kee do pássaro-girassol até ao irado quák, quák dos gaios ou ainda o triste lamento Pobre de mim, Pobre de mim, Pobre de mim.

Viramos a esquina e tropeçamos numa raiz que crescia no caminho. O Jem tentou me ajudar, mas acabou deixando cair a minha fantasia na poeira do caminho. Apesar de tudo, eu não caí e rapidamente retomamos o nosso caminho.

Saímos finalmente da estrada e entramos no pátio da escola.

Estava escuro como breu.

— Como é que sabe onde estamos, Jem? — perguntei, quando já tínhamos

dado alguns passos.

— Sei que estamos por baixo do grande carvalho porque acabamos de passar por uma zona mais fria. Agora vê lá se tem cuidado e não volte a cair.

Seguíamos agora a passo lento, tateando para não irmos de encontro à árvore. A árvore era um carvalho antigo e solitário, tão grande que duas crianças não conseguiam abarcá-lo com os braços.

Estava longe dos professores, dos seus espiões e dos vizinhos curiosos. Mas ficava perto da propriedade dos Radleys, só que eles não eram curiosos. Debaixo dos seus ramos a terra era mais firme e dura devido às inúmeras lutas e jogos de dados aí feitos às escondidas.

As luzes do auditório do colégio brilhavam à distância, mas, em vez de nos ajudar, cegavam-nos.

— Não olhe pra frente, Scout — disse o Jem. — Olha pro chão pra não cair.

— Devia ter trazido uma lanterna, Jem.

— Não sabia que ia estar assim tão escuro. Quando anoiteceu não dava para perceber que ia ficar assim. Está tão encoberto, é por isso. Mas Verá que daqui a pouco já passa.

Alguém saltou à nossa frente.

— Santo Deus! — gritou o Jem.

Um círculo de luz surgiu em cheio na nossa cara e, atrás dele, apareceu o Cecil Jacobs.

— Ah, ah! Peguei ’ocês! — gritou ele. — Calculei que viessem por este caminho.

— O que é que anda fazendo sozinho por estas bandas, rapaz? Não tem medo do Boo Radley?

Cecil tinha ido em segurança com os pais até ao auditório e, como não nos tinha visto, se aventurou a vir até aqui, pois sabia que nós acabaríamos aparecendo. Mas achara que o Sr. Finch viria conosco.

— Ora, é só virar a esquina — disse o Jem. — Quem é que tem medo de virar uma esquina?

Porém, tivemos de dar o braço a torcer e admitir que o Cecil tinha feito bem. Ele tinha nos pregado um susto e já podia ir contar à toda a escola. Tinha esse privilégio.

— Ei — disse eu — ’Ocê não devia ser uma vaca? Onde é que está a tua fantasia?

— Está atrás do palco — disse ele. — A Sra. Merriweather disse que ainda falta um monte até ao desfile. Scout, pode colocar a tua fantasia ao lado da minha, atrás do palco, e depois podemos ir ficar com os outros.

O Jem pensou que era uma bela ideia. Também pensou que era bom eu e

Cecil estarmos juntos. Dessa forma, o Jem podia juntar-se as crianças da sua idade.

Quando chegamos ao auditório, vimos que a cidade inteira estava lá à exceção do Atticus, das senhoras que tinham ficado demasiado cansadas por terem decorado o palco e os habituais insociáveis e deslocados. Ao que parecia, estava lá a maior parte do condado em peso: a entrada estava repleta de camponeses com os seus trajes de domingo. O prédio do colégio tinha uma entrada bastante ampla no topo das escadas. Havia grupos de pessoas em volta das barraquinhas, montadas de ambos os lados.

— Oh, não. Jem, me esqueci de trazer o dinheiro — suspirei, mal as vi.

— Mas o Atticus não se esqueceu — disse o Jem. — Toma aqui trinta centavos. Já dá para fazer seis coisas. Nos vemos depois.

— OK — disse-lhe, bastante contente com os meus trinta centavos e a companhia do Cecil. Desci com o Cecil até à parte da frente do auditório, Atravessamos a porta lateral e fomos ver aos bastidores. Livrei-me da minha fantasia de presunto e desatei a correr dali para fora porque a Sra. Merriweather estava atrás de uma mesa, logo na primeira fila, fazendo frenéticas alterações de última hora no roteiro.

— Quanto dinheiro tem? — perguntei ao Cecil. O Cecil também tinha trinta centavos, o que nos punha em pé de igualdade. Gastamos as nossas primeiras moedas na Casa dos Horrores, que não nos assustou. Depois, entramos na sala escura do sétimo ano, fomos guiados pelo fantasma de serviço que nos fizeram tocar em vários objetos que diziam ser partes de um corpo humano. «Aqui estão os olhos» disseram, quando tocamos em duas uvas descascadas pousadas num pires. «Aqui está o seu coração» que mais parecia fígado cru. «E estas são as entranhas» e as nossas mãos eram empurradas para um prato cheio de espaguete frio.

O Cecil e eu visitamos muitas barraquinhas. Cada um de nós comprou um saco de suspiros caseiros feitos pela Sra. Taylor. Eu ainda queria ir pegar as maçãs com a boca, mas o Cecil disse que não era lá muito higiênico. A mãe dele disse que podia pegar alguma doença ao meter a cabeça numa tigela onde todo mundo já tinha colocado a boca.

— Oh, aqui na cidade já não há nada que se pegue — protestei.

Mas o Cecil disse que a mãe o tinha avisado que não era higiênico comer depois das outras pessoas. Mais tarde, fiz a mesma pergunta à tia Alexandra e ela me respondeu que as pessoas que pensavam assim normalmente eram novos-ricos.

Estávamos prestes a comprar um saco de caramelos quando apareceram os estafetas da Sra. Merriweather dizendo que tínhamos de ir para os bastidores,

pois estava na hora de nos prepararmos.

O auditório começava a encher de gente; a banda do Colégio de Maycomb County estava montada por baixo do palco; as luzes estavam acesas e a cortina de veludo vermelho ondulava e agitava-se devido à confusão que reinava por trás dela.

Nos bastidores, o Cecil e eu encontramos um estreito corredor atolado de gente: adultos com chapéis de *Bobo da Corte* feitos em casa, bonés de soldados confederados, chapéus da Guerra Hispano-Americana e capacetes da Primeira Grande Guerra. As crianças, vestidas de vários produtos agrícolas, enchiam uma pequena janela.

— Alguém amassou a minha fantasia — queixei-me, desconsolada.

A Sra. Merriweather veio correndo em meu socorro, endireitou o arame e me empurrou lá para dentro.

— Está bem aí dentro, Scout? — perguntou o Cecil. — A tua voz parece vir de tão longe... até parece que está do outro lado da montanha.

— Olha que ’ocê também não parece estar muito perto — respondi.

A banda tocava o hino nacional e ouvimos a audiência levantar-se.

Depois soou o bombo. A Sra. Merriweather, sentada na sua mesa, ao lado da banda, declamou:

— Maycomb County: *Ad Astra Per Aspera*.

O bombo voltou a rufar.

— Significa — disse Sra. Merriweather, traduzindo para o público rústico — da lama até às estrelas.

E acrescentou, a meu ver desnecessariamente:

— Um desfile.

— Até parece não saberiam o que era se ela não dissesse — sussurrou o Cecil e foi imediatamente silenciado.

— Toda a cidade sabe isso — suspirei.

— Mas a gente do campo também veio — contrapôs o Cecil.

— Fiquem calados aí atrás — ordenou uma voz de homem e ficamos calados.

O bombo rugia a cada frase da Sra. Merriweather. Num tom triste e cinzento ela ia explicando que Maycomb County era mais antigo do que o próprio estado, que fazia parte dos territórios do Mississipi e do Alabama, que o primeiro homem branco a pôr os pés naquelas florestas virgens tinha sido um antepassado do juiz de paz há cinco gerações atrás, e de quem, aliás, mais ninguém tinha ouvido falar. Depois veio o corajoso coronel Maycomb, que dera o nome ao condado.

Andrew Jackson nomeara-o, então, para um cargo de autoridade, mas a excessiva auto-confiança do coronel Maycomb, juntamente com a sua falta de

sentido de orientação, tinham sido o desastre de todos quantos cavalgaram ao seu lado na guerra contra os índios Creek. O coronel Maycomb continuou a perseverar nos seus esforços para tornar aquela região segura para a instauração de uma democracia, mas a primeira campanha havia sido a sua última. As suas ordens, que entretanto lhe tinham sido transmitidas por um correio índio amigo de brancos, foram para avançar para o sul. Depois de ter consultado o musgo de uma árvore, para se certificar para que lado era o sul, e não permitindo que os seus subordinados dissessem uma só palavra para o corrigir do erro que estava prestes a cometer, o coronel Maycomb partiu numa jornada resoluta contra o inimigo, embrenhando de tal forma as suas tropas dentro das florestas ancestrais a noroeste, que tiveram de ser socorridos por aventureiros que estavam indo para o interior.

A Sra. Merriweather deu uma descrição de trinta minutos sobre as proezas do coronel Maycomb. Descobri então que, se dobrasse os joelhos, podia metê-los dentro da fantasia e sentar-me, mais ou menos. Sentei-me, ouvindo a ladainha da Sra. Merriweather e do bombo, lá ao longe, e adormeci rapidamente.

Mais tarde me contaram que a Sra. Merriweather estava guardando para a grande apoteose final e quando chamou «Po-orco», disse-o com a confiança resultante das entradas a tempo dos pinheiros e do feijão-manteiga. Esperou uns segundos e voltou a chamar «Po-orco?». Como nada acontecia, gritou «Porco!»

Acho que a ouvi algo no meu sono, ou então foi a banda tocando o Dixie que me acordou. Porém, só quando a Sra. Merriweather subia triunfantemente ao palco, carregando a bandeira do estado, é que eu decidi fazer a minha entrada. Decidir não é o termo mais apropriado: pensei que era melhor juntar-me aos outros.

Mais tarde me disseram que o Juiz Taylor foi para trás do auditório e ficou lá rindo e batendo nos joelhos com tanta força que a Sra. Taylor lhe levou um copo de água e um dos seus comprimidos.

A Sra. Merriweather parecia ter feito um enorme sucesso pois todo mundo aplaudiu muito, mas quando ela me pegou nos bastidores disse que eu tinha lhe arruinado o desfile. Ela fez eu me sentir muito mal, mas quando o Jem veio me buscar mostrou-se bastante compreensivo. Disse que, de onde ele estava sentado, não tinha conseguido ver muito bem a minha fantasia. Não sei como ele conseguiu imaginar o meu estado de espírito dentro daquela fantasia, mas disse que eu me tinha portado muito bem e que só tinha entrado um pouquinho tarde. O Jem estava se tornando tão bom como o Atticus reconfortando as pessoas quando as coisas corriam mal. Quase... nem mesmo o Jem me faria conseguir enfrentar aquela multidão, por isso aceitou esperar nos bastidores até a audiência sair.

— Quer tirar isso, Scout? — perguntou.

— Não, deixa qu'eu fico assim — disse eu. Assim podia esconder a minha vergonha debaixo dele.

— Querem carona para casa? — perguntou alguém.

— Não, senhor. Obrigado — ouvi o Jem responder. — É uma caminhada curta.

— Tenham cuidado com as almas penadas — disse a voz. — Melhor dizendo, avisa as almas penadas para terem cuidado com a Scout.

— Já não há muita gente — disse-me. — Vamos.

Atravessamos o auditório em direção à entrada e descemos os degraus. Ainda estava escuro como breu. Ainda havia carros estacionados do outro lado do edifício, mas os faróis não serviam de grande ajuda.

— Víamos melhor se alguns deles fossem na nossa direção disse o Jem. — Vem aqui, Scout. Deixe-me agarrar na tua... na tua pata. Pode se desequilibrar.

— Eu consigo ver.

— Ora, mas pode perder o equilíbrio.

Senti uma ligeira pressão na minha cabeça e assumi que o Jem tinha agarrado na pata do presunto.

— Agarrou?

— Ahm, ham.

Começamos a atravessar o pátio escuro, fazendo esforço para enxergar os nossos próprios pés.

— Jem — disse eu —, esqueci dos sapatos. Ficaram nos bastidores.

— Então vamos buscá-los.

Mas quando nos viramos, as luzes do auditório se apagaram de vez.

— Bom, pode ir buscá-los amanhã — disse ele.

— Mas amanhã é domingo — protestei, enquanto o Jem me virava no sentido de casa.

— Pode pedir ao porteiro para te deixar... Scout?

— Hum?

— Nada.

Já há muito tempo que o Jem não fazia aquilo. Em que estaria pensando? Bem, o mais certo era me dizer quando muito bem entendesse, provavelmente quando chegássemos em casa. Senti que os seus dedos apertavam com uma força incomum o cocuruto da minha fantasia.

Abanei a cabeça.

— Jem, não precisa de...

— Cale-se por um minuto, Scout — disse ele, me beliscando.

Continuamos a caminhar em silêncio.

— O minuto já acabou — interrompi. — Em qu’ ’tá pensando?

Me virei para ele, mas a sua silhueta era praticamente invisível.

— Acho que ouvi qualquer coisa — disse-me. — para um minuto.

Paramos.

— Está ouvindo alguma coisa? — perguntou.

— Não.

Mal tínhamos dado cinco passos quando ele me fez parar outra vez.

— Jem, está tentando me assustar? Sabe que já tenho idade suficiente para...

— Fica quieta — disse ele e vi logo que ele não estava brincando.

A noite estava calma. Conseguia ouvir a respiração dele ao meu lado. De vez em quando, sentia-se uma brisa súbita batendo levemente contra as minhas pernas nuas, mas era tudo o que restava de uma noite que prometia ser ventosa. Dizia-se que era a calmaria antes da tempestade. Ficamos escutando.

— Ouvi um cão velho agora mesmo — disse eu.

— Não é nada disso — respondeu o Jem. — Ouvi algo enquanto caminhávamos, mas deixei de ouvir quando paramos.

— ’Ocê tá ouvindo é o roçar da minha fantasia. Está é ficando pirado por hoje ser Dia das Bruxas...

Disse isso mais para convencer a mim própria do que ao Jem.

Quando recomeçamos a andar, ouvi o tal barulho que ele tinha falado. E não vinha da minha fantasia.

— É só aquele palerma do Cecil — disse o Jem. — Mas não nos vai assustar outra vez. E não vamos deixar que ele pense que estamos nos apressando por causa dele.

Reduzimos o passo. Perguntei ao Jem como é que o Cecil conseguia nos seguir naquela escuridão. O mais provável era que ele esbarrasse conosco vindo de trás.

— Eu consigo te ver, Scout — disse o Jem.

— Mas como? Eu não consigo ver ’ocê.

— Estou vendo a banha. A Sra. Crenshaw pintou a gordura do presunto com uma daquelas coisas brilhantes para se ver bem com as luzes do palco. Por sinal te vejo muito bem, e acho que o Cecil também consegue te ver suficientemente bem para manter a distância.

Decidi mostrar ao Cecil que nós sabíamos que ele nos estava nos seguindo e que estávamos prontos para o enfrentar.

— O Cecil Jacobs é um grandessíssimo cagão! — virando-me, gritei subitamente.

Paramos. Não houve resposta além do eco distante de «cagão» na parede da escola.

— Eu te pego já — disse o Jem. — Ei!

«Ei, Eii, Eiii» respondeu de novo a parede da escola.

Normalmente, o Cecil não costumava se aguentar tanto tempo; quando inventava uma brincadeira, repetia-a vezes sem conta. Já devia ter aparecido. O Jem me fez sinal para parar outra vez.

E depois disse baixinho:

— Scout, consegue tirar isso?

— Acho que sim, mas olha que não tenho grande coisa por baixo.

— Eu tenho o teu vestido comigo.

— Não o consigo vestir nas escuras.

— Está bem — disse ele — esquece.

— Está com medo, Jem?

— Não. Acho que estamos quase chegando na árvore. Mais alguns metros e chegamos na estrada. Aí já conseguimos ver as luzes dos candeeiros — o Jem falava num tom lento e monótono. Perguntei-me por quanto tempo iria ser capaz de manter o mito do Cecil.

— Acha que devíamos cantar, Jem?

— Não. Fica quieta outra vez, Scout.

Decidimos não apressar o passo. O Jem sabia tão bem como eu que era difícil caminhar depressa sem machucar um pé, nem tropeçar numa pedra e outros inconvenientes e, além disso, eu estava descalça. Poderia ter sido o vento abanado as árvores. Só que não havia vento e também não havia árvores à exceção do grande carvalho.

A pessoa que nos seguia arrastava os pés como se usasse botas pesadas. Quem quer que fosse devia usar calças grossas de algodão; aquilo que eu pensava ser o abanar das árvores, era afinal o roçar suave de algodão em algodão, vic, vic, a cada passo.

Senti a areia a refrescar debaixo dos meus pés e soube que estávamos próximos do grande carvalho. O Jem apertou-me a cabeça. Paramos e escutamos.

Desta vez aquele arrastar de pés não parou. As calças continuavam a roçar com suavidade e firmeza. Até que por fim pararam.

Ele corria, corria na nossa direção e aqueles pés não eram certamente os de uma criança.

— Corre, Scout! Corre! Corre! — gritou o Jem.

Dei um passo gigantesco e comecei a cambalear: os meus braços eram inúteis e não conseguia manter o equilíbrio no escuro.

— Jem, Jem, me ajuda, Jem!

Algo esmagou o arame da fantasia em volta do meu corpo. Ouvi o barulho de

metal roçando em metal, caí ao chão e rolei o mais longe possível, tentando escapar da minha prisão de arame. Dali bem próximo vinha um som de luta, um barulho de pontapés e ruídos de sapatos e carne esfregando sobre a terra e as raízes. Alguém rolou sobre mim e eu senti que era o Jem. Levantou-se como um relâmpago puxando-me para ele, mas, embora a minha cabeça e ombros estivessem livres, eu estava tão emaranhada que não conseguimos ir muito longe.

Estávamos quase chegando na estrada quando senti a mão do Jem se libertar e notei que tinha caído para trás no chão. Mais sons de luta, depois um som mais abafado, como se algo tivesse partido e o Jem gritou.

Corri na direção do grito do Jem e afundei-me no estômago flácido de um homem. O seu dono fez «Uff!» e tentou me agarrar pelos braços, só que eles estavam presos debaixo do arame. O estômago era mole, mas os seus braços eram como aço. Lentamente, estava me cortando a respiração. Não conseguia me mexer. Subitamente ele foi atirado para trás e caiu no chão, quase me levando com ele. Achei que o Jem tinha se levantado.

Às vezes a mente humana trabalha devagar demais. Permaneci ali, meia atordoada. O som da luta diminuía; alguém respirou fundo e a noite voltou a mergulhar no silêncio.

No silêncio, excetuando a respiração pesada de um homem... respiração pesada e andar cambaleante. Achei que ele se dirigira até à árvore e tinha se encostado a ela. Tossiu violentamente, uma tosse soluçante, uma tosse que lhe abanava toda a sua estrutura óssea.

— Jem?

Não houve resposta, exceto a respiração pesada do homem.

— Jem?

O Jem não respondia.

O homem começou a andar em círculos, como se à procura de algo.

Ouvi-o grunhir e a arrastar uma coisa pesada pelo chão. Lentamente comecei a perceber que éramos agora quatro pessoas debaixo da árvore.

— Atticus...?

O homem caminhava de modo pesado e titubeante na direção da estrada.

Dirigi-me para o local onde pensava que ele tinha estado e tateei o chão freneticamente com os dedos dos pés. Toquei em alguém.

— Jem?

Os meus pés tocaram numas calças, depois a fivela de um cinto, botões, algo que não conseguia identificar, um colarinho e, por fim, um rosto. Uma barba áspera me disse que não era o Jem.

Senti o cheiro a uísque ordinário.

Caminhei na direção em que achava ficar a estrada. Não tinha a certeza, porque já tinha dado muitas voltas sobre mim mesma.

Mas acabei por encontrá-la e olhei para o candeeiro ao longe.

Um homem passava por baixo dele. O homem caminhava com o passo incerto de quem carregava um fardo pesado demais para as suas costas. Depois virou a esquina. Ele carregava o Jem. E o braço do Jem balançava de forma estranha à sua frente.

Quando cheguei à esquina, o homem atravessava o nosso pátio.

Por um instante, o Atticus ficou enquadrado sob as luzes da nossa porta; desceu os degraus correndo e, juntamente com o homem, levou o Jem para dentro.

Quando cheguei na porta eles já atravessavam o átrio. A tia Alexandra correu ao meu encontro.

— Chama o Dr. Reynolds!

A voz do Atticus saiu cortante do quarto do Jem.

— Onde está a Scout?

— Ela está aqui — gritou a tia Alexandra, me arrastando com ela até ao telefone. Ela puxava-me ansiosamente.

— Eu estou bem, tia — expliquei —, é melhor ligar.

Tirou o telefone do gancho e disse:

— Eula May, ligue-me já com o Dr. Reynolds, rápido!

— Agnes, o teu pai está? Oh, meu Deus. Onde é que ele está? Diga-lhe, por favor, que venha para cá assim que chegar. Por favor, é urgente!

Não havia necessidade da tia se identificar; em Maycomb as pessoas conheciam as vozes umas das outras.

O Atticus saiu do quarto do Jem. Assim que a tia desligou, o Atticus tirou-lhe o telefone das mãos. Bateu no gancho e disse:

— Eula May, ligue-me com o xerife, por favor.

— Heck? É Atticus Finch. Alguém atacou os meus filhos. O Jem está ferido. Entre a casa e a escola. Eu não posso deixar o meu filho. Vá até lá por mim, por favor, e veja se ele ainda anda por lá. Duvido que o vá encontrar agora, mas se o encontrar gostaria de ver a sua cara. Agora tenho de ir. Obrigado, Heck.

— Atticus, o Jem está morto?

— Não, Scout. Cuida dela, irmã — disse, enquanto descia o corredor.

Os dedos da tia Alexandra tremiam enquanto tentava tirar o tecido e os arames esmagados e enrolados à minha volta.

— Está bem, querida? — não parava de perguntar, enquanto tentava me libertar.

Foi um alívio sair daquilo. Já começava a sentir os braços dormentes e reparei

que estavam cheios de pequenas marcas hexagonais.

Esfreguei-os e ficaram melhores.

— Tia, o Jem está morto?

— Não... não, querida, ele está inconsciente. Só saberemos a gravidade dos seus ferimentos quando o Dr. Reynolds chegar. Jean Louise, o que aconteceu?

— Não sei.

Ela não insistiu. Depois trouxe-me alguma coisa para vestir e, se nessa altura eu tivesse pensado com alguma clarividência, nunca a teria deixado se esquecer do seu gesto: atabalhoada, tinha me trazido o meu macacão.

— Veste isto, querida — disse ela, entregando-me a roupa que mais detestava.

Correu de volta para o quarto do Jem e depois veio até onde eu estava, no átrio. Acariciou-me de leve e voltou para o quarto de Jem.

Um carro parou em frente da casa. Conhecia o som dos passos do Dr. Reynolds quase tão bem como os do meu pai. Fora ele que nos trouxera, a mim e ao Jem, ao mundo, que tinha nos tratado de todas as doenças infantis conhecidas pelo homem, incluindo aquela vez em que o Jem caiu da casa da árvore, de maneira que era considerado um grande amigo da família. O Dr. Reynolds disse que se tivéssemos sido crianças mais difíceis as coisas teriam sido diferentes, mas nós duvidávamos disso.

Atravessou a porta e disse:

— Meu Deus — veio direito a mim e disse:

— Você ainda está de pé — e mudou de rumo. Ele conhecia todos os cantos à casa. Também sabia que, se eu estava em mau estado, então o Jem com certeza também estaria.

Depois de dez longas eternidades, o Dr. Reynolds voltou.

— O Jem está morto? — perguntei.

— Longe disso — disse ele, pondo-se de cócoras na minha frente.

— Tem um galo na cabeça igual ao teu e um braço quebrado. Scout, olha para aquele lado... não, não vire a cabeça, só os olhos. Agora olha para o além. Me parece tem uma fratura num local complicado, no cotovelo. Como se alguém tivesse tentado arrancar-lhe o braço... agora, olha para mim.

— Então não está morto?

— Não-oo!

O Dr. Reynolds se levantou.

— Esta noite não posso fazer muito mais — disse ele — exceto tentar pô-lo o mais confortável possível. Vamos ter de tirar uma radiografia do braço... parece-me que vai andar com o braço ao lado e afastado do corpo por uns tempos. Mas não se preocupe que ele vai ficar como novo. Os rapazes curam-se depressa na idade dele.

Enquanto falava, o Dr. Reynolds observava-me, tocando ligeiramente com o dedo no galo que se formava na minha testa.

— Não se sente quebrada, né?

Aquela pequena piada do Dr. Reynolds me fez sorrir.

— Então acha mesmo que ele não está morto?

Ele pôs o chapéu.

— Posso estar errado, mas acho que ele está bem vivo. Apresenta todos os sintomas. Vai lá dar uma olhadela e, quando eu voltar, decidimos juntos.

Os passos do Dr. Reynolds eram vivos e joviais. Os do Sr. Heck Tate não. As suas pesadas botas castigavam o estrado da varanda.

Abriu a porta de forma estranha e disse o mesmo que o Dr. Reynolds tinha dito quando entrou.

— Está bem, Scout? — acrescentou.

— Estou sim, s'nhor. Mas vou é ver o Jem. O Atticus está com ele lá dentro.

— Eu vou contigo — disso o Sr. Tate.

A tia Alexandra tinha tapado a luz de leitura do Jem com uma toalha e o seu quarto estava sombrio. O Jem encontrava-se deitado de barriga para cima. Tinha uma marca bastante feia num dos lados do rosto. O braço esquerdo estava estendido, afastado do corpo; o cotovelo estava ligeiramente dobrado, embora para o lado errado.

O Jem tinha a testa franzida.

— Jem...?

— Foi o Atticus que falou.

— Ele não consegue te ouvir, Scout. Está tão apagado como uma luz. Ele estava acordado, mas o Dr. Reynolds colocou-o para dormir.

— Sim, pai — afastei-me.

O quarto do Jem era grande e quadrado. A tia Alexandra estava sentada numa cadeira de balanço ao lado da lareira. O homem que trouxera o Jem estava de pé em um canto, encostado na parede. Devia ser algum homem do campo que eu não conhecia. Provavelmente devia ter estado no desfile e estaria ainda pelas redondezas quando tudo aconteceu. Deve ter ouvido os nossos gritos e foi correndo.

O Atticus estava ao lado da cama do Jem.

O Sr. Heck Tate ficou parado na soleira da porta. Tinha o chapéu nas mãos e uma lanterna saindo do seu bolso das calças. Estava com a sua roupa de trabalho.

— Entre, Heck — disse o Atticus. — Então, descobriu alguma coisa? Não consigo imaginar alguém suficientemente baixo para fazer uma coisa destas, mas espero que o tenha encontrado.

O Sr. Tate fungou. Olhou gravemente para o homem que estava no canto,

cumprimentou-o, olhou em volta... para o Jem, para a tia Alexandra e depois para o Atticus.

— Sente-se, Sr. Finch — disse, em tom afável.

— Vamos todos nos sentar. Sente-se naquela cadeira, Heck. Eu vou buscar uma na sala.

O Sr. Tate sentou-se na cadeira da escrivaninha do Jem. Esperou que o Atticus voltasse e se acomodasse. Perguntei-me por que é que o Atticus não tinha trazido uma cadeira para o homem do canto, mas o Atticus conhecia melhor as maneiras das pessoas do campo do que eu. Alguns dos seus clientes do campo amarravam os seus cavalos de orelhas compridas nas cerejeiras, no quintal dos fundos, e era normal o Atticus realizar as suas reuniões nos degraus dos fundos. É possível que este devia sentir-se mais confortável assim.

— Sr. Finch — começou o Sr. Tate — Vou lhe dizer o que encontrei. Encontrei um vestido de menina... Está no meu carro. É teu, o vestido, Scout?

— É sim, senhor, se for cor-de-rosa e plissado — disse eu. O Sr. Tate comportava-se como se estivesse no banco das testemunhas.

Ele gostava de dizer as coisas à sua maneira, sem ser interrompido pela acusação ou pela defesa e, às vezes, demorava um bom bocado.

— Encontrei uns pedaços muito estranhos de tecido colorido cor de lama...

— É da minha fantasia, Sr. Tate.

O Sr. Tate percorreu lentamente as coxas com as mãos. Coçou o braço esquerdo e pôs-se a investigar a pedra da lareira do quarto.

Depois pareceu mais interessado na própria lareira em si. Passou os dedos pelo seu nariz comprido.

— O que é que se passa, Heck? — perguntou o Atticus.

O Sr. Tate levou a mão ao pescoço e esfregou-o.

— O Bob Ewell jaz estendido no chão, debaixo daquela árvore lá, com uma faca de cozinha espetada nas costelas. Ele está morto, Sr. Finch.

XXIX

A TIA ALEXANDRA SE LEVANTOU e se agarrou à pedra da lareira.

O Sr. Tate levantou-se, mas ela declinou a sua ajuda. Pela primeira vez na sua vida, a cortesia instintiva do Atticus tinha falhado: ele ficou sentado onde estava.

Por algum motivo, só conseguia pensar no Sr. Bob Ewell dizendo que ia se vingar do Atticus, nem que isso lhe demorasse a vida inteira. O Sr. Ewell quase tinha conseguido e, de fato, isso foi a última coisa que ele fez em vida.

— Tem certeza? — perguntou o Atticus, num tom cada vez mais apagado.

— Está morto — esclareceu o Sr. Tate. — Está mortinho da silva. Não volta a fazer mal a estas crianças.

— Não foi isso que eu quis dizer — o Atticus parecia um sonâmbulo. A idade estava começando a pesar e aquele era o seu único sinal de confusão interior: a linha do seu maxilar, outrora forte, estava começando a perder um pouco do seu vigor, uma fina rede de rugas ia se formando sob as orelhas e o cabelo preto de carvão apresentava já umas manchas grisalhas que se alastravam até às têmporas.

— Não seria melhor irmos para a sala de estar? — disse a tia Alexandra por fim.

— Se não se importa — disse o Sr. Tate — é melhor ficarmos aqui, isto é, se não fizer mal ao Jem. Quero olhar para os seus ferimentos enquanto a Scout... nos conta o que aconteceu.

— Importam-se que eu saia? — perguntou ela. — Há uma pessoa a mais aqui e essa pessoa sou eu. Se precisarem de mim, estarei no meu quarto, Atticus.

A tia Alexandra dirigiu-se para a porta, mas parou a meio e virou-se.

— Atticus, eu tinha um pressentimento sobre esta noite... eu... isto é tudo culpa minha — começou —, eu devia...

O Sr. Tate levantou a mão.

— Pode ir, Srta. Alexandra. Eu sei que foi um choque para senhora. E não se preocupe com nada... bem, se fôssemos sempre atrás dos nossos sentimentos andaríamos como os gatos, correndo atrás das caudas... Agora Scout, vê se consegue nos dizer o que aconteceu enquanto está tudo fresco na tua cabeça. Acha que consegue? Viu ele seguindo vocês?

Fui para junto do Atticus e senti os seus braços me rodearem. Enterrei a cabeça no seu colo.

— Nós vínhamos para casa. E eu disse, Jem, esqueci os meus sapatos. Assim qu’ nos viramos p’ra os ir buscar, as luzes se apagaram. O Jem disse que os podia ir buscar amanhã...

— Scout, fale mais alto para o Sr. Tate poder te ouvir — disse o Atticus. Depois, subi para o seu colo.

— Então o Jem disse «Cale-se um minuto». Achei que ele estava pensando... ele quer sempre que eu m’ cale p’ra ele poder pensar... depois disse que ouviu qualquer coisa. Pensamos que era o Cecil.

— Cecil?

— O Cecil Jacobs. Já tinha nos assustado uma vez esta noite e pensávamos que era ele outra vez. Ele tinha um lençol. Eles ofereciam um quarto de dólar pela melhor fantasia e eu não sei quem ganhou...

— Onde estavam quando pensaram que era o Cecil?

— Logo depois da escola. Eu gritei alguma coisa para ele...

— Gritou pra ele? O quê?

— O Cecil Jacobs é um grandessíssimo cagão, acho eu. Não ouvimos nada... então o Jem gritou olá, ou uma coisa assim, tão alto que dava para acordar os mortos...

— Só um minuto, Scout — disse o Sr. Tate. — Sr. Finch, o senhor ouviu-os?

O Atticus disse que não. Tinha estado com o rádio ligado. A tia Alexandra tinha também o rádio do seu quarto ligado. Ele lembrava-se bem porque ela lhe tinha pedido para baixar o volume do dele para que ela pudesse ouvir o dela. O Atticus sorriu.

— Eu uso sempre o volume do rádio demasiado alto.

— Será que os vizinhos ouviram alguma coisa... — questionou o Sr. Tate.

— Duvido, Heck. A maioria estava ouvindo rádio ou então deitam-se com as galinhas. Maudie Atkinson podia estar acordada, mas duvido.

— Continua, Scout — pediu o Sr. Tate.

— Bem, depois do Jem ter gritado continuamos a andar. Sr. Tate, eu estava presa dentro da minha fantasia, mas, nessa altura, consegui ouvir alguma coisa. Quer dizer, ouvi passos. Andava quando andávamos e parava quando parávamos. O Jem disse que ele conseguia me ver porque a Sra. Crenshaw tinha posto uma tinta brilhante na minha fantasia. Eu era um presunto.

— Como? — perguntou Sr. Tate, espantado.

O Atticus descreveu ao Sr. Tate o meu papel e a construção da minha fantasia.

— Devia tê-la visto quando entrou em casa — disse ele. — A fantasia estava completamente desfeita.

O Sr. Tate esfregou o queixo.

— Agora entendo por que é que ele tinha aquelas marcas. As mangas estavam

perfuradas com buracos pequenos. Havia uma ou duas pequenas marcas de picadas nos braços que condiziam com os buracos das mangas. Deixe-me ver essa fantasia, senhor.

O Atticus foi buscar os restos da minha fantasia. O Sr. Tate virou-o e torceu-o para ter uma ideia de como era antes.

— Provavelmente foi esta coisa que te salvou a vida — disse ele. — Olha.

Ele apontou com o seu longo indicador. Uma clara linha brilhante estava se destacando no fio chato.

— Bob Ewell sabia o que estava fazendo — murmurou o Sr. Tate.

— Estava louco — disse o Atticus.

— Não gosto de o contradizer, Sr. Finch... ele não estava doido... como no inferno. Era um patife da pior espécie encharcado em álcool e suficientemente covarde para matar crianças. Ele não tinha era coragem para o enfrentar olhos nos olhos.

O Atticus abanou a cabeça.

— Não posso conceber que haja homens capazes de...

— Sr. Finch, há homens que temos de derrubar a tiro antes de dizer-lhes bom-dia. Mesmo assim, não valem a bala que gastamos. E o Ewell era um desses homens.

O Atticus completou o raciocínio:

— Eu pensava que ele tinha colocado tudo para fora quando me ameaçou. Mesmo se não o tivesse feito, sempre pensei que acabaria por vir atrás de mim.

— Ele tinha coragem suficiente para incomodar uma pobre mulher de cor, tinha coragem suficiente para incomodar o Juiz Taylor quando pensava que a casa estava vazia, então acha que ele iria enfrentá-lo em plena luz do dia? — o Sr. Tate suspirou.

— É melhor continuar. Scout, ouviu-o, então, atrás de você...

— Sim, senhor. Quando chegamos à árvore...

— Como é que sabia que tinham chegado à árvore? Vocês não viam um palmo à frente dos olhos.

— Eu estava descalça e o Jem diz que o chão é sempre mais frio debaixo de uma árvore.

— Se continuar assim ainda vou te nomear para ser minha ajudante. Continua.

— E vai daí, de repente, alguma coisa agarrou em mim e esmagou a minha fantasia... e depois acho que me atirei p’ro chão... ouvi uma confusão danada perto da árvore tipo... parecia que estavam brigando contra o tronco. E depois o Jem me encontrou e começou a me arrastar p’rá estrada. Alguém... acho que o Sr. Ewell atirou ele no chão. Brigaram mais um pouco e depois ouvi um barulho

estranho... O Jem gritou e... — parei. Aquele barulho tinha sido o braço de Jem.

— Bem, o Jem gritou e depois não o voltei mais a ouvir e a seguir... acho qu' o Sr. Ewell tentou me apertar o pescoço até à morte. Acho que o Jem deve ter se levantado. E é tudo o que sei...

— E depois? — o Sr. Tate olhava-me atentamente.

— Alguém andava aos tombos e aos tropeções e... com uma tosse de morrer. No princípio pensei qu'era o Jem, mas não parecia ele, por isso procurei do Jem p'lo chão. Achei que o Atticus tinha vindo nos ajudar e que estava cansado...

— E quem era essa pessoa?

— Ora, ele está ali, Sr. Tate. Ele é que pode lhe dizer o nome.

Enquanto dizia isto, apontei para o homem que estava no canto, mas baixei rapidamente o braço para o Atticus não me dar uma descompostura por apontar. Era falta de educação apontar para as pessoas.

O homem continuava encostado na parede. Ele já estava encostado na parede quando entrei, com os braços cruzados sobre o peito.

Quando apontei, ele baixou os braços e encostou as palmas das mãos na parede. Eram mãos brancas, aliás, de um branco demasiado doentio, que nunca tinham visto o Sol, tão brancas que brilhavam contra a parede creme, sob a luz fraca do quarto do Jem.

Desviei o olhar das mãos para as suas calças de caqui manchadas de areia; os meus olhos viajaram desde o seu tronco fino até à camisa de ganga rasgada. O seu rosto era tão branco como as mãos, excetuando uma sombra no queixo afilado. O seu rosto era tão magro que parecia ter sido talhado a canivete; a boca era grande; tinha umas leves depressões, quase delicadas, nas têmporas e os seus olhos cinzentos eram tão pálidos que pensei que era cego. O cabelo era fino e sem vida, apresentando uma ligeira penugem no alto da cabeça.

Quando apontei para ele, as palmas das mãos escorregaram ligeiramente, deixando marcas de gordura e suor na parede, e enfiou os polegares no cinto. Foi balançado por um pequeno e estranho espasmo, como se tivesse ouvido o ruído de unhas contra um quadro de ardósia, mas quando o encarei com espanto, a tensão começou lentamente a desaparecer do seu rosto. Os seus lábios separaram-se num sorriso tímido e a imagem do nosso vizinho ficou subitamente turbada pelas lágrimas que, de repente, me encheram os olhos.

— Olá, Boo — disse eu...

XXX

— Sr. Arthur, querida — interrompeu o Atticus, corrigindo-me delicadamente. — Jean Louise, lhe apresento o Sr. Arthur Radley. Acho que ele já te conhece.

Só o Atticus para, numa altura como aquela, conseguir me apresentar com tamanha candura ao Boo Radley. Mas o Atticus era assim mesmo.

O Boo testemunhou a forma como, instintivamente, me esgueirei para a cama onde o Jem estava dormindo, pois o mesmo sorriso tímido inundou-lhe o rosto. Corada, tentei disfarçar o meu embaraço, aproveitando para cobrir o Jem.

— Não lhe toque — disse o Atticus.

O Sr. Heck Tate estava sentado olhando atentamente para o Boo através dos seus grossos óculos de tartaruga. Preparava-se para dizer qualquer coisa quando o Dr. Reynolds irrompeu pelo corredor.

— Todos lá para fora — ordenou, mal entrou no quarto. — Boa-noite, Arthur, desculpa, mas não reparei em ti da primeira vez que estive aqui.

A voz do Dr. Reynolds era tão viva e natural como os seus passos.

Era como se, de fato, sempre tivesse dito aquilo na vida, descoberta que, aliás, me espantava muito mais do que propriamente estar no mesmo local que o Boo Radley. Mas é claro... até o Boo Radley tinha direito a ficar doente às vezes. Por outro lado, essa ainda era uma das minhas grandes dúvidas.

O Dr. Reynolds carregava um grande pacote embrulhado em papel de jornal. Pousou-o sobre a escrivaninha do Jem e despiu o casaco.

— Então, já está convencida que ele está vivo? Eu te digo como tirei a prova dos nove. Quando tentei examiná-lo ele me deu um pontapés daqueles. Tive de pôr ele pra dormir para conseguir lhe tocar... Agora, se mexa — disse-me.

— Hum... — disse o Atticus, olhando para o Boo. — Heck, vamos lá para fora para a varanda. Há muitas cadeiras lá fora e a noite ainda está suficientemente quente.

Perguntei-me por que é que o Atticus estava nos convidando para a varanda em vez da sala, mas depois compreendi. As luzes da sala eram demasiado fortes.

Saímos em fila, primeiro o Sr. Tate... O Atticus ficou à porta, esperando que saíssemos à sua frente. Depois, mudou de ideias e seguiu o Sr. Tate.

As pessoas têm o hábito de cumprir as suas rotinas diárias, mesmo nas condições mais estranhas. E eu não era exceção.

— Vem, Sr. Arthur — ouvi-me dizer — sei que não conhece bem a casa.

Deixe que eu levo Sr. até à varanda.

Ele olhou para mim e acenou com a cabeça.

Conduzi-o através do corredor, passando pela sala.

— Não quer se sentar, Sr. Arthur? Esta cadeira de balanço é muito confortável.

De repente, a minha pequena fantasia sobre ele adquiria de novo vida: ele ia sentar-se na varanda... «Estamos tendo sorte com o tempo, não é verdade, Sr. Arthur?»

Sim, imensa sorte com o tempo. Sentindo-me um tanto ou quanto irreal, guiei-o até à cadeira mais afastada do Atticus e do Sr. Tate. Estava numa zona bastante escura. O Boo se sentia mais confortável no escuro.

O Atticus estava sentado na rede e o Sr. Tate estava acomodado numa cadeira ao seu lado. A luz forte que vinha da janela da sala incidia neles diretamente. Sentei-me ao lado do Boo.

— Bem, Heck — dizia o Atticus — acho que o melhor a fazer... Meu Deus, estou perdendo a memória...

O Atticus levantou os óculos e pôs-se a esfregar os olhos com os dedos.

— O Jem ainda não tem treze anos... não, já tem treze... não consigo me lembrar. De qualquer forma, o caso vai ter de ser presente no tribunal...

— Que caso, Sr. Finch? — O Sr. Tate descruzou as pernas e inclinou-se para a frente.

— Claro que foi em legítima defesa, disso não há a mínima dúvida, mas vou ter de ir ao escritório e procurar...

— Sr. Finch, acha que foi o Jem que matou Bob Ewell? É isso que pensa?

— Mas você ouviu o que a Scout acabou de dizer. Não há dúvida nenhuma. Ela disse que o Jem se levantou e o afastou dela... provavelmente conseguiu tirar a faca do Ewell no escuro... amanhã saberemos.

— Sr. Finch, Sr. Finch... espere um momento — interrompeu o Sr. Tate. — Não foi o Jem que esfaqueou Bob Ewell.

Por momentos, o Atticus permaneceu em silêncio. Olhou para o Sr. Tate como se estivesse agradecido pelo que este tinha dito.

Mas depois o Atticus abanou a cabeça.

— Heck, é muito simpático da sua parte e sei que o faz por ter um grande coração, mas não faça isso.

O Sr. Tate levantou-se e foi até à extremidade da varanda. Cuspiu para os arbustos, meteu as mãos nos bolsos e encarou o Atticus.

— Mas fazer o quê? — perguntou.

— Peço desculpa se lhe falei bruscamente, Heck — disse o Atticus —, mas ninguém vai abafar isto. Eu não funciono assim.

— Ninguém vai abafar nada, Sr. Finch.

A voz do Sr. Tate era calma, mas as suas botas estavam de tal forma plantadas nas tábuas da varanda que até pareciam ter germinado ali. Eu não compreendia a natureza da discussão que se estava se desenvolvendo entre o meu pai e o xerife.

Foi a vez do Atticus se levantar e ir até ao extremo da varanda.

Pigarreou, fez «H'rm» e cuspiu para o pátio. Levou as mãos aos bolsos e encarou o Sr. Tate.

— Heck, você não o disse abertamente, mas sei o que está pensando. Obrigado. Jean Louise... — e virou-se para mim. — Disse que o Jem tirou o Sr. Ewell de cima de ti, não foi?

— Sim, senhor. Foi o que eu pensei... eu...

— Vê, Heck? Agradeço-lhe do fundo do coração, mas não quero que o meu filho comece a sua vida com este espectro sobre a sua cabeça. A melhor maneira é trazer tudo isto à luz do dia. E é melhor que todo o condado venha em peso para assistir e traga a merenda também. Não quero que ele cresça ouvindo cochichos atrás das costas e não quero que ninguém ande para aí com contos e histórias do gênero «Jem Finch... o pai dele mexeu todos os pauzinho para o safar daquilo». Quanto mais depressa acabarmos com isto, melhor.

— Sr. Finch — repetiu o Sr. Tate com firmeza — O Bob Ewell caiu em cima da sua própria faca. Ele se matou.

O Atticus dirigiu-se para um dos cantos da varanda. Pôs-se a olhar para a videira. Pensei que cada um deles era mais teimoso do que o outro. E me perguntei qual deles iria ceder primeiro. A teimosia do Atticus era calma e contida, mas havia momentos em que era tão obstinado quanto os Cunninghams. O Sr. Tate era menos culto e mais direto, mas igualzinho ao meu pai.

— Heck — o Atticus estava de costas. — Se isto for abafado será a mais pura negação da forma como eduquei o Jem. Às vezes penso que sou um fracasso como pai, mas, no fundo, eu sou tudo o que eles têm. O Jem olha para mim antes de olhar para qualquer outra pessoa e eu tenho tentado viver de modo a poder retribuir-lhe esse olhar... se eu for conivente com algo assim nunca mais vou conseguir olhar nos olhos dele. E quando esse dia chegar vou saber que o perdi. E eu não quero perder nem o Jem, nem a Scout, pois eles são tudo o que tenho na vida.

— Sr. Finch — o Sr. Tate continuava pregado ao chão. — Bob Ewell caiu sobre a faca. Eu posso provar isso.

O Atticus virou-se. As mãos enterraram-se ainda mais nos bolsos.

— Heck, será que nem sequer consegue ver as coisas pelo meu lado? Você também tem filhos, mas eu sou mais velho. Quando os meus filhos crescerem já eu serei um homem velho, isto é, se eu ainda andar por aqui. Mas agora eu... se

eles não confiarem em mim, não vão confiar em ninguém. O Jem e a Scout sabem o que aconteceu.

Se eles me ouvirem contar, na cidade, uma coisa diferente daquilo que realmente aconteceu... Heck, eles deixarão de ser meus.

Eu não posso ter duas caras diferentes, uma para a cidade e a outra para a minha casa.

O Sr. Tate girou sobre os seus calcanhares e disse, pacientemente:

— Ele atirou o Jem ao chão, tropeçou numa raiz daquela árvore e... veja, eu lhe mostro.

O Sr. Tate meteu a mão ao bolso e retirou uma navalha de ponta e mola. Nesse preciso momento, o Dr. Reynolds apareceu na porta.

— O filho da... o morto está debaixo daquela árvore lá, doutor, dentro do pátio da escola. Tem uma lanterna? É melhor ficar com esta.

— Eu posso ir de carro até lá e virar os faróis — disse o Dr. Reynolds, mas por precaução levou a lanterna do Sr. Tate. — O Jem está bem. Ele não vai acordar esta noite, assim o espero, por isso não se preocupem. É essa a faca que o matou, Heck?

— Não, senhor. Ainda está espetada no corpo. Pelo cabo parece ser uma faca de cozinha. O Ken já deve estar com a carroça, doutor. B’a noite.

O Sr. Tate abriu a navalha.

— Foi assim — começou. Agarrou na navalha e fingiu tropeçar; quando se inclinou para a frente, levou o braço esquerdo à frente, como se se estivesse se apoiando em desequilíbrio.

— Vê? Apunhalou-se a si mesmo naquela parte mole entre as costelas. Foi o peso dele que a enterrou.

O Sr. Tate fechou a navalha e enfiou-a no bolso.

— A Scout tem oito anos — disse ele. — Estava assustada demais para perceber o que aconteceu exatamente.

— Olhe que ainda era capaz de ter uma surpresa — disse o Atticus entredentes.

— Eu não estou dizendo que ela inventou tudo aquilo. Só estou dizendo que ela estava assustada demais para perceber o que aconteceu exatamente. Ali estava muito escuro, escuro como breu.

E era preciso haver alguém muito habituado ao escuro para poder ser uma testemunha competente...

— Desculpe, mas não me convence — disse o Atticus, calmamente.

— *Diabos o levem, eu não estou pensando no Jem!*

A bota do Sr. Tate bateu no soalho com tanta força que as luzes do quarto da Srta. Maudie se acenderam. As luzes da Srta. Stephanie Crawford se acenderam

também. O Atticus eo o Sr. Tate olharam para o outro lado da rua e, depois, trocaram olhares. Esperaram um pouco.

Quando o Sr. Tate voltou a falar, a sua voz era quase inaudível.

— Sr. Finch, detesto ter de o contradizer quando está assim.

Esta noite foi sujeito a uma pressão enorme que nenhum homem devia ser obrigado a suportar. Eu não sei como ainda não está deitado numa cama por causa disto. Mas uma coisa eu sei. Pela primeira vez não está conseguindo juntar dois mais dois e isto tem de ficar resolvido hoje. Amanhã será tarde demais. O Bob Ewell tem uma faca de cozinha espetada no bucho.

O Sr. Tate acrescentou que o Atticus não podia continuar dizendo que um rapaz do tamanho do Jem, e ainda mais com um braço partido, tinha força suficiente para lutar e matar um homem adulto no meio do escuro.

— Heck — disse o Atticus, abruptamente —, você estava com uma navalha de ponta e mola na mão. Onde a arranjou?

— Tirei-a de um bêbado — respondeu friamente o Sr. Tate.

Eu tentava me recordar. O Sr. Ewell estava em cima de mim... depois caiu... O Jem devia ter se levantado. Pelo menos era o que eu pensava...

— Heck?

— Já disse que a tirei, esta noite, de um bêbado na cidade. Provavelmente, o Ewell deve ter encontrado aquela faca na lixeira. Afiou-a e esperou a sua oportunidade... só ficou à espera.

O Atticus encaminhou-se para o balanço e sentou-se. As suas mãos balançavam entre os joelhos. Olhava para o chão. Tinha-se deslocado com a mesma lentidão daquela noite na prisão, quando eu pensei que ia demorar uma eternidade para dobrar o jornal e o pousar na sua cadeira.

O Sr. Tate andava dando voltas pela varanda, devagar.

— A decisão é toda minha, Sr. Finch. Não sua. É a minha decisão e fica à minha responsabilidade. Se não vê as coisas como eu, pela primeira vez, não vai poder fazer nada sobre isso. E se quiser tentar, então eu terei de lhe chamar de mentiroso na cara. O seu menino nunca apunhalou o Bob Ewell — disse lentamente. — Nem de perto, nem de longe e agora já sabe. A única coisa que ele queria fazer era levá-los, a ele e à irmã para casa, sãos e salvos.

O Sr. Tate parou. Parou em frente do Atticus de costas voltadas para nós.

— Posso não ser o melhor dos homens, senhor, mas sou o Xerife de Maycomb County. Vivi nesta cidade a vida inteira e já vou a caminho dos quarenta e três anos de idade. Sei tudo o que aconteceu aqui desde antes de ter nascido. Há um rapaz negro morto sem razão nenhuma e o homem responsável por isso está morto. Sr. Finch, ao menos desta vez, deixe que os mortos enterrem os mortos. Deixe os mortos enterrarem os mortos.

O Sr. Tate foi até ao balanço e pegou no chapéu. Estava pousado ao lado do Atticus. Depois, o Sr. Tate puxou o cabelo para trás e enfiou o chapéu.

— Nunca ouvi dizer que é contra a lei um cidadão fazer o máximo para prevenir um crime. Pois bem, foi exatamente isso que ele fez. Mas talvez você vai dizer que é meu dever contar isso à cidade inteira e não abafar nada. Sabe o que acontecia depois? Todas as senhoras de Maycomb, incluindo a minha mulher, iriam bater-lhe à porta e trazendo tortas merengadas. Na minha maneira de pensar, Sr. Finch, pegar o homem que fez um grande favor a si e à cidade e arrastá-lo para a luz da ribalta com a sua timidez... para mim isso é que é um pecado. É um pecado e não estou disposto a carregá-lo na minha consciência. Se fosse qualquer outra pessoa, seria diferente. Mas não este homem, Sr. Finch.

O Sr. Tate estava tentando escavar um buraco no chão com a ponta da bota. Puxou pelo nariz e depois coçou o braço esquerdo.

— Posso não ser lá grande coisa, Sr. Finch, mas ainda sou o Xerife de Maycomb County e o Bob Ewell caiu em cima da faca... Boa-noite, senhor.

O Sr. Tate desceu da varanda e atravessou o pátio. A porta do carro bateu e ele partiu.

O Atticus permaneceu sentado olhando para o chão durante muito tempo. Finalmente ergueu a cabeça.

— Scout — disse ele —, o Sr. Ewell caiu em cima da sua faca, você consegue compreender isto?

Parecia mesmo que o Atticus precisava ser animado. Corri para ele e abracei-o e beijei-o com toda a força do meu ser.

— Sim, pai. Eu compreendo — assegurei. — o Sr. Tate tinha razão.

O Atticus libertou-se e olhou para mim.

— O que quer dizer?

— Bem, era mais ou menos como matar uma cotovia, não era?

O Atticus mergulhou o rosto no meu cabelo e acariciou-o.

Quando se levantou e atravessou a varanda em direção às sombras, o seu passo juvenil tinha regressado. Antes de entrar em casa parou frente ao Boo Radley.

— Obrigado pelos meus filhos, Arthur — disse ele.

XXXI

QUANDO O BOO RADLEY se levantou, as luzes da sala brilharam sobre a sua testa. Cada movimento que fazia era incerto, como se não tivesse a certeza que as suas mãos e os seus pés podiam estabelecer um contato adequado com as coisas que tocava. Tossiu, com aquela sua horrível tosse seca, e ficou tão abalado que teve de voltar a sentar-se. A sua mão procurou no bolso e tirou um lenço.

Em seguida, tossiu no lenço e limpou a testa.

Estava tão habituada à sua ausência que achava incrível que ele estivesse sentado ao meu lado durante todo aquele tempo. Ele não tinha feito um único ruído.

Levantou-se mais uma vez. Virou-se para mim e apontou com a cabeça na direção da porta da frente.

— Gostaria de dizer boa-noite ao Jem, Sr. Arthur? Faça o favor de entrar.

Encaminhei-o pelo corredor. A tia Alexandra estava sentada ao lado da cama do Jem.

— Entre, Arthur — disse ela. — Ele ainda está dormindo. O Dr. Reynolds deu-lhe um forte sedativo. Jean Louise, o teu pai está na sala?

— Sim, senhora. Acho que sim.

— Vou falar com ele. O Dr. Reynolds deixou a... — e a sua voz foi sumindo.

O Boo tinha ido para um dos cantos do quarto, onde ficou com o queixo levantado, olhando o Jem à distância. Peguei-lhe pela mão. Era uma mão surpreendentemente quente para a sua brancura.

Dei-lhe um ligeiro puxão e ele deixou-me guiá-lo até à cama do Jem.

O Dr. Reynolds tinha montado uma espécie de tenda de campanha sobre o braço de Jem, para manter as cobertas afastadas, acho eu. O Boo inclinou-se e espreitou por cima. O seu rosto mostrava uma expressão de curiosidade tímida, como se nunca tivesse visto um rapaz. A sua boca estava ligeiramente aberta e fitava o Jem da cabeça aos pés. Depois levantou a mão, mas deixou-a cair logo ao longo do corpo.

— Pode fazer-lhe um carinho, Sr. Arthur. Ele está dormindo. Não podia era fazer isso se ele estivesse acordado, que ele não ia deixar... — dei por mim explicando. — Vai lá.

A mão do Boo pairava sobre a cabeça do Jem.

— Vá em frente, senhor. Ele está dormindo.

A sua mão desceu então lentamente sobre o cabelo do Jem.

Estava começando a entender a sua linguagem corporal. Depois, a sua mão apertou a minha, indicando que queria ir embora.

Levei-o até à varanda, onde os seus passos inseguros pararam.

Ainda segurava na minha mão e não mostrava sinais de querer largá-la.

— Você vai me levar pra casa?

Era quase um sussurro, como se fosse a voz de uma criança com medo do escuro.

Pus o meu pé no primeiro degrau e parei. Tinha-o guiado pela minha casa, mas nunca o poderia guiar até à casa dele.

— Sr. Arthur, dobre o seu braço, assim. Assim está bem, senhor.

Meti a mão na curva do seu braço.

Ele teve de se abaixar um pouquinho para me dar o braço, mas se a Srta. Stephanie Crawford estivesse assistindo a tudo da janela, então certamente que veria Arthur Radley me acompanhando pela calçada, como qualquer cavalheiro.

Chegamos ao candeeiro da esquina e perguntei-me quantas vezes o Dill tinha ficado ali, abraçando o poste, olhar perdido, esperando e desejando. Perguntei-me quantas vezes eu e Jem fizéramos aquela viagem, mas aquela era a segunda vez na minha vida em que entrava pelo portão dos Radleys. O Boo e eu subimos os degraus da varanda. Os seus dedos encontraram a maçaneta da porta.

Gentilmente libertou a minha mão, abriu a porta, entrou e fechou a porta atrás dele. Nunca mais o vi.

Os vizinhos trazem sempre comida quando há um falecimento, flores quando há uma doença e pequenas coisas nas outras ocasiões.

E o Boo era nosso vizinho. Ele nos dera duas bonecas feitas em sabão, um relógio quebrado e a respectiva corrente, duas moedas da sorte e as nossas vidas. Mas os vizinhos retribuem também. Nós nunca devolvemos o que tiramos da árvore: de fato, nós não lhe tínhamos dado nada e isso me entristecia.

Virei-me para regressar pra casa. Trémulos, os candeeiros iluminavam a rua até à cidade. Nunca tinha visto o nosso bairro daquela perspectiva. Ali estava a casa da Srta. Maudie, a da Srta. Stephanie...

ali era a nossa casa, conseguia ver o balanço na varanda... a casa da Srta. Rachel logo depois da nossa, perfeitamente visível. Até conseguia ver a da Sra. Dubose.

Voltei a olhar para trás. À esquerda da porta castanha havia uma grande janela fechada. Fui até lá, parei em frente da janela e dei meia volta. À luz do dia, pensei eu, deve dar para ver até à esquina dos correios.

A luz do dia... na minha mente a noite desaparecera. Era dia e a vizinhança agitava-se. A Srta. Stephanie Crawford atravessava a rua para contar as últimas

para a Srta. Rachel. A Srta. Maudie inclinava-se sobre as suas azaleias. Era Verão e duas crianças corriam na direção de um homem que se aproximava à distância. O homem acenava e as crianças faziam uma corrida para ver quem chegava primeiro.

Ainda era Verão e as crianças aproximavam-se. Um rapaz caminhava lentamente pela calçada, arrastando, atrás dele, uma vara de pescar. Um homem esperava por ele com as mãos na cintura. Era Verão e os seus filhos brincavam no pátio da frente com o amigo deles, encenando um bizarro dramalhão inventado por eles próprios.

Era Outono e os seus filhos lutavam na calçada, em frente à casa da Sra. Dubose. O rapaz ajudou a sua irmã a se levantar e foram para casa. Era Outono e os seus filhos andavam para lá e para cá pelas esquinas, mostrando nos rostos as derrotas e as vitórias do dia. Paravam junto de um carvalho, deliciadas, confusas e apreensivas.

Era Inverno e os seus filhos tremiam ao portão, silhuetas recortadas contra o braseiro de uma casa em chamas. Era Inverno e um homem caminhava pela rua, deixava cair os óculos e abatia um cão.

Era Verão e ele via os seus filhos de coração partido. Outra vez o Outono e as crianças do Boo precisavam dele.

O Atticus tinha razão. Certo dia disse que só conheceríamos realmente um homem quando calçássemos os seus sapatos e caminhássemos dentro deles. Para mim, estar na varanda dos Radleys foi o suficiente.

A luz dos candeeiros era difusa e turva devido à garoa que caía. No meu caminho para casa, sentia-me muito crescida, mas quando olhei para a ponta do meu nariz vi algumas gotas pequeninas, só que troquei os olhos, fiquei tonta e deixei de olhar. No meu caminho para casa pensei nas coisas que tinha de contar ao Jem amanhã. Ele ia ficar tão chateado com o que tinha perdido que, com certeza, não ia falar comigo durante uns dias. No meu caminho para casa pensei que o Jem e eu iríamos crescer, mas que não haveria muito mais coisas para aprender, exceto, talvez, álgebra.

Subi os degraus correndo e entrei em casa. A tia Alexandra tinha ido para a cama e o quarto do Atticus estava escuro. Fui ver se o Jem já estava acordando. Vi que o Atticus estava no quarto do Jem, sentado ao lado da cama. Estava lendo um livro.

— O Jem já acordou?

— Está dormindo tranquilamente. Só vai acordar de manhã.

— Oh. E ’ocê vai ficar aqui sentado?

— Só por aproximadamente uma hora. Vai para a cama, Scout. Teve um longo dia.

— Bem, acho que vou ficar um pouquinho aqui contigo.

— Como quiser — disse o Atticus. Já devia passar da meia-noite e fiquei espantada com a sua concordância tão amável. No entanto, era mais esperto do que eu: mal me sentei comecei a sentir sonolência.

— O que é que está lendo? — perguntei.

Atticus virou o livro.

— Um livro do Jem, chamado *The Gray Ghost*.

De repente, fiquei acordada.

— Por que é que pegou esse?

— Não sei, querida. Só peguei ele e pronto. É um dos poucos que ainda não li — referiu.

— Lê alto, Atticus. Por favor. Esse é mesmo assustador.

— Não — disse ele. — Já teve sustos que cheguem. Este é demais...

— Atticus, eu não estava assustada.

Ele levantou a sobrancelha e eu protestei:

— E não estava nada, pelo menos até ter começado a contar ao Sr. Tate o que tinha acontecido. O Jem não estava assustado. Pergunte-lhe e ele te dizer logo que não estava. Além disso, não há nada realmente assustador, exceto nos livros.

O Atticus abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas voltou a fechá-la. Tirou o polegar do meio do livro e voltou à primeira página. Cheguei-me para ele e deitei a cabeça nos seus joelhos.

— H'rm — fez ele. — *The Gray Ghost*, por Seckatary Hawkins.

Capítulo Um...

Esforcei-me por ficar acordada, mas a chuva era tão suave, o quarto estava tão quente, a sua voz era tão profunda e o seu joelho era tão confortável que acabei adormecendo.

Segundos depois, pelo menos assim me pareceu, o seu pé tocou-me suavemente nas costas. Me pegou no colo e me levou até ao meu quarto.

— Ouvi tudo o qu' disse — murmurei. — ...não estava dormindo, é sobre um barco e o Fred Três Dedos e o *Stoner's Boy*...

Ele desabotoou-me o macacão, puxou-me para perto dele e despiu-me. Depois segurou-me com uma mão enquanto pegava no pijama com a outra.

— E depois eles pensavam qu'era o *Stoner's Boy* quem estragava tudo no clube e espalhava tinta por toda parte...

Levou-me para a cama e sentou-me nela. A seguir, levantou-me as pernas e meteu-me debaixo das cobertas.

— E daí eles perseguiram-no, só qu' nunca o apanhavam porque não sabiam como ele era, e depois Atticus, quando eles o encontraram, afinal não tinha sido ele qu' tinha feito aquelas coisas...

Atticus, ele era mesmo bom...

As suas mãos estavam por baixo do meu queixo, puxando as cobertas e aconchegando-as à minha volta.

— A maior parte das pessoas são assim, Scout, quando finalmente as conhecemos.

Desligou a luz e foi para o quarto de Jem. Sabia que ele ia ficar lá a noite toda e lá estaria ainda quando o Jem acordasse de manhã.



NOTAS

1 No original «swept yard», espécie de pátio interior ou varanda fechada em certas zonas do Sul dos EUA que, pela sua limpeza, é sinônimo de uma casa limpa e asseada.

2 Pregador metodista conhecido pelas suas inúmeras viagens ao longo do país, incluindo o estado do Alabama (1777-1834).

3 O Sistema de Classificação Decimal de Dewey (Dewey Decimal System) trata-se de um método desenvolvido por Melvil Dewey para catalogação de livros em bibliotecas;

Jem está confundindo este sistema com as novas teorias progressistas no domínio da pedagogia dita pragmática ou educação experiencial preconizadas por John Dewey.

4 Stôra é uma abreviação de “senhora doutora”, que é usada principalmente pelos alunos do ensino secundário, para se referirem aos professores (stôr/stôra).

5 Works Progress Administration (WPA) — Programa de reintegração / reinserção profissional concebido em 1939, durante a Grande Depressão, para auxílio ao desemprego. Parte do New Deal, consistia num programa de apoio maciço ao emprego lançado na Primavera de 1935.

6 Durante a Grande Depressão as chamadas «sit-down strikes» ou greves de ocupação tornaram-se uma importante força de reivindicação social dos direitos dos trabalhadores no EUA, por oposição ao conceito de greve tradicional.

7 Um dos três homens a quem o rei Nabucodonosor mandou lançar para uma fornalha ardente, conforme Daniel 3. Devido à sua fé em Deus, os três homens resistiram incólumes às chamas.

8 Terça-feira de Carnaval. Termo francês que é usado lexicalmente no Sul dos EUA.

9 «Rice Christians», cristãos convertidos oriundos dos países do Terceiro Mundo, sobretudo da Ásia, daí a alusão ao arroz (rice), oferecido gratuitamente como forma de persuasão religiosa.

10 Planta cujo o uso da raiz da planta é muito antigo, seus frutos são semelhantes a uma pequena maçã, exalam um odor forte e fétido. A ela são atribuídas propriedades medicinais: afrodisíaca, alucinógena, analgésica e narcótica. Uma lenda refere que a mandrágora tinha como semente o Sêmen de um homem enforcado e assim podendo inseminar uma mulher.

11 Jingle: Personagem do romance The Pickwick Papers, de Charles Dickens, o

Sr. Jingle expressava-se normalmente através de frases curtas e lacônicas.

12 Excerto do poema de John Newton «Amazing Grace, how sweet the sound, that saved a wretch like me» (no original).

13 Uncle Natchell era a personagem de um cartoon utilizado para publicitar um fertilizante chamado Natural Chilean Nitrate of Soda. Muitos dos anúncios para este produto eram em banda desenhada.

14 Elmer Davis, jornalista e comentarista radiofônico da CBS que passou a dirigir o Office of War Information (Gabinete de Informação de Guerra).

15 Cotton Tom Heflin: antigo Senador do Alabama, Senator James Thomas Heflin, também conhecido como «Cotton Tom» devido à sua dedicação para com o principal produto agrícola do Alabama.

16 NRA (National Recovery Act) — Plano de Recuperação Nacional; decreto constitucional do Congresso que autorizava o Presidente e a National Recovery Administration a formularem e implementarem medidas no sentido de reduzir o desemprego no setor da indústria.

17 Referência à etiqueta de uma das principais editoras discográficas da época

nos EUA, His Master’s Voice (A voz do dono).